

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

Solano de Souza Braga

**A REGIÃO DA SERRA DO CIPÓ: COMPLEXIDADE, TEMPO E TURISMO**

Minas Gerais - Brasil

Março - 2011

Solano de Souza Braga

**A REGIÃO DA SERRA DO CIPÓ: COMPLEXIDADE, TEMPO E TURISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Área de Concentração:** Análise Ambiental  
**Orientador:** Dr. Bernardo Machado Gontijo

Belo Horizonte  
Departamento de Geografia da UFMG  
2011

B813s Braga, Solano de Souza.  
2011 Serra do Cipó [manuscrito] : a complexidade de uma região moldada pelo tempo, turismo e geografia. / Solano de Souza Braga. – 2011.

154 f.: il., fots., gráfs., mapas, tabs. (alguns color.)

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2011.

Orientador: Bernardo Machado Gontijo.

Área de concentração: Análise ambiental

Bibliografia: f. 149-155.

Inclui anexos.

1. Serra do Cipó (MG) – Teses. 2. Turismo – Serra do Cipó (MG) – Teses. I. Gontijo, Bernardo Machado.II. Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências. III. Título.

CDU: 338.48(815.1)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A REGIÃO DA SERRA DO CIPÓ: COMPLEXIDADE, TEMPO E TURISMO**

Autor:

Solano de Souza Braga

Aprovado por:

---

Dr. Bernardo Machado Gontijo (IGC/ UFMG)  
Orientador

---

Dra. Marly Nogueira (IGC/ UFMG)  
Examinadora interna

---

Dra. Cláudia Freitas Lamounier (IGC/ UFMG)  
Examinadora externa

Belo Horizonte, março de 2011

# SUMÁRIO

---

<b>PRÓLOGO</b> .....	11
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	14
<b>RESUMO</b> .....	15
<b>ABSTRACT</b> .....	16
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	17
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E BASE TEÓRICA</b> .....	20
<b>2.1 - A impossibilidade lógica (círculo vicioso)</b> .....	21
<b>2.2 - A impossibilidade do saber enciclopédico</b> .....	24
2.2.1 - Revisão bibliográfica sobre a área de estudo / principais fontes de informação .....	28
2.2.2 - Pesquisas de campo e análise dos dados .....	29
<b>2.3 - A presença todo-poderosa do princípio de disjunção e a ausência de um novo princípio de organização do saber</b> .....	32
<b>3. ORDEM</b> .....	34
<b>3.1 - As origens históricas da Região da Serra do Cipó: períodos, lugares e acontecimentos</b> .....	35
<b>3.2 - A geografia da Serra: os rios, fauna, flora e serras</b> .....	47
<b>3.3 - Unidades de Conservação</b> .....	55
<b>3.4 - Caminhos (Eixos de penetração)</b> .....	63
<b>3.5 - O turismo na Serra do Cipó</b> .....	67
<b>3.6 - A área delimitada para o estudo da Serra do Cipó</b> .....	71

<b>4. DESORDEM</b> .....	73
<b>4.1 - Elementos determinantes para a fragmentação e agregação nas quatro sub-regiões identificadas na Serra</b> .....	77
4.1.1 – Santana do Riacho .....	79
4.1.2 – Jaboticatubas .....	82
4.1.3 – Nova União .....	85
4.1.4 – Taquaraçu de Minas .....	88
4.1.5 – Itabira .....	90
4.1.6 – Itambé do Mato Dentro .....	93
4.1.7 – Morro do Pilar .....	95
4.1.8 – Conceição do Mato Dentro .....	97
4.1.9 – Congonhas do Norte .....	100
4.1.10 – Santana de Pirapama .....	102
<b>4.2 - Municípios em posição periférica dentro da Região da Serra do Cipó: áreas de transição</b> .....	105
4.2.1 – Borda Oeste .....	105
4.2.2 – Borda Norte .....	106
4.2.3 – Borda Leste .....	107
4.2.4 – Borda Sul .....	108
<b>4.3 - O turismo nos municípios: analisando os atrativos e a infraestrutura</b> .....	109
<b>5. ORGANIZAÇÃO</b> .....	118
<b>5.1 - As sub-regiões da Serra do Cipó: hoje, amanhã e depois</b> .....	120
5.1.1 - Sub-região de Cardeal Mota .....	121

5.1.2 - Sub-região de Itabira .....	126
5.1.3 - Sub-região de Conceição do Mato Dentro .....	130
5.1.4 - Sub-região de Fechados .....	133
<b>5.2 - Unidades de conservação, espaço rural e políticas públicas: desafios para o desenvolvimento, gestão e integração territorial da Serra do Cipó .....</b>	<b>137</b>
5.2.1 – Sobre o espaço rural e o urbano .....	137
5.2.2 – O turismo que acontece na Serra .....	140
5.2.3 – Sobre a ação do Poder público .....	143
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>146</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>149</b>
<b>8. ANEXOS .....</b>	<b>156</b>
<b>Anexo 8.1 - Reportagem sobre a mineração em Conceição do Mato Dentro</b>	
<b>Anexo 8.2 - Histórico político administrativo dos municípios: principais decretos.</b>	
<b>Anexo 8.3 - Mosaico Cipó - Intendente</b>	
<b>Anexo 8.4 - Itens levantados no INVTUR que foram citados</b>	
<b>Anexo 8.5 - Ampliação do PARNASC</b>	
<b>Anexo 8.6 - Reportagem sobre o turismo em Itambé do Mato Dentro</b>	
<b>Anexo 8.7 - Projetos imobiliários na Serra do Cipó</b>	
<b>Anexo 8.8 - Folder de divulgação dos atrativos turísticos de Presidente Kubistchek</b>	

# LISTA DE FIGURAS

---

Figura 1: Circuito tetralógico.....	20
Figura 2: Territorialidades provocadas pelo turismo .....	22
Figura 3: Critérios utilizados para delinear a Serra do Cipó .....	24
Figura 4: Diálogos e interfaces entre os temas abordados .....	27
Figura 5: Representação sistêmica dos princípios adotados .....	30
Figura 6: Localização da área de estudo .....	42
Figura 7: Árvore genealógica dos municípios da Serra do Cipó .....	45
Figura 8: Domínio Oeste – Cerrados .....	49
Figura 9: Cachoeira da fumaça, em Nova União, na Serra da Mutuca .....	51
Figura 10: Campos rupestres ao norte do PARNA Cipó .....	53
Figura 11: Vista do Travessão para o leste (divisa de Santana do Riacho e Morro do Pilar) .....	54
Figura 12: Ação da Desordem no tetrálogo .....	74
Figura 13: Placa na entrada do povoado de São José da Serra, em Jaboticatubas .....	84
Figura 14: Cachoeira da Fumaça, no povoado de Altamira de Cima .....	87
Figura 15: Cachaçaria Germana .....	87
Figura 16: Cachoeira do Rio Preto .....	104
Figura 17: Cachoeira em Fechados .....	104
Figura 18: Engarrafamento em Lagoa Santa, sentido BH - Serra do Cipó .....	123
Figura 19: Modificações na paisagem trazidas pelo turismo .....	124
Figura 20: Exemplo do processo de especulação imobiliária que se propaga pela Serra do Cipó .....	125
Figura 21: Sinalização encontrada em atrativos naturais em Nova União e Taquaraçu de Minas .....	128
Figura 22: Atrativos de Nova União. O primeiro não possui nome oficial e o segundo, a Cachoeira da Colônia, está poluído pelo esgoto de residências .....	129
Figura 23: Paisagem no povoado de Santo Antonio do Cruzeiro, divisa entre as sub-regiões de Conceição do Mato Dentro e Fechados .....	131

Figura 24: Área utilizada para acampamento em Fechados .....	134
Figura 25: Cachoeira dos Inhames .....	135
Figura 26: Exemplo territorial das definições de área rural e urbana utilizada pelo IBGE e adotada pelo MinTur .....	138
Figura 27: Prática de <i>bolder</i> no Salão de Pedras .....	141
Figura 28: Curso oferecido durante o Festival de Verão da UFMG de 2009 .....	142

## LISTA DE MAPAS

---

Mapa 1: Bacias hidrográficas da Região da Serra do Cipó .....	48
Mapa 2: Mapa altimétrico da Região da Serra do Cipó .....	50
Mapa 3: Mapa de vegetação da Serra do Cipó .....	52
Mapa 4: Área de zoneamento da RBSE .....	57
Mapa 5: UC's localizadas na região da Serra do Cipó atualmente .....	61
Mapa 6: Mosaico Cipó-Intendente e UC's previstas .....	62
Mapa 7: Mapas de acessos atual .....	65
Mapa 8: Mapas de acessos previstos .....	66
Mapa 9: Eixo da Estrada Real sobreposto a RBSE .....	69
Mapa 10: Municípios integrantes do Circuito Turístico do PARNA da Serra do Cipó ..	70
Mapa 11: Área de estudo: Região da Serra do Cipó .....	72
Mapa 12: Atrativos e serviços turísticos de Santana do Riacho .....	79
Mapa 13: Atrativos e serviços turísticos de Jaboticatubas .....	82
Mapa 14: Atrativos e serviços turísticos de Nova União .....	80
Mapa 15: Atrativos e serviços turísticos de Taquaraçu de Minas .....	88
Mapa 16: Atrativos e serviços turísticos de Itabira .....	90
Mapa 17: Mosaico Itabira .....	92

Mapa 18: Atrativos e serviços turísticos de Itambé do Mato Dentro .....	93
Mapa 19: Atrativos e serviços turísticos de Morro do Pilar .....	95
Mapa 20: Atrativos e serviços turísticos de Conceição do Mato Dentro .....	97
Mapa 21: Atrativos e serviços turísticos de Congonhas do Norte .....	100
Mapa 22: Atrativos e serviços turísticos de Santana de Pirapama .....	102
Mapa 23: Áreas de uso turístico da Região da Serra do Cipó .....	110
Mapa 24: Distribuição de Atrativos na Região da Serra do Cipó .....	109
Mapa 25: Sub-regiões da Serra do Cipó .....	117
Mapa 26: Três sub-regiões da Serra do Cipó em 2008 .....	119
Mapa 27: Sub-região de Cardeal Mota	121
Mapa 28: Sub-região de Itabira	126
Mapa 29: Sub-região de Conceição do Mato Dentro	130
Mapa 30: Sub-região de Fechados	133

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

---

Quadro 1: Naturalistas que visitaram a Serra do Cipó .....	41
Quadro 2: Genealogia da Serra do Cipó .....	44
Quadro 3: Aspectos morfológicos e climáticos regionais .....	54
Quadro 4: Atrativos x área de uso turístico.....	115
Quadro 5: Infra-estrutura turística regional.....	116

# LISTA DE SIGLAS

---

ACM: Associação Cristã de Moços

ANPEGE: Associação Nacional de Pós Graduação em Geografia

APA: Área de Proteção Ambiental

APAMP: Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira

ER: Estrada Real

ICMBio: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IEF: Instituto Estadual de Florestas

IGC: Instituto de Geociências

INVTUR: Inventário turístico

PNM: Parque Natural Municipal

PARNA: Parque Nacional

PARNASC: Parque Nacional da Serra do Cipó

PUC: Pontifícia Universidade Católica

RBSE: Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço

RMBH: Região Metropolitana de Belo Horizonte

RPPN: Reserva Particular do Patrimônio Natural

SNUC: Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

UC: Unidade de Conservação

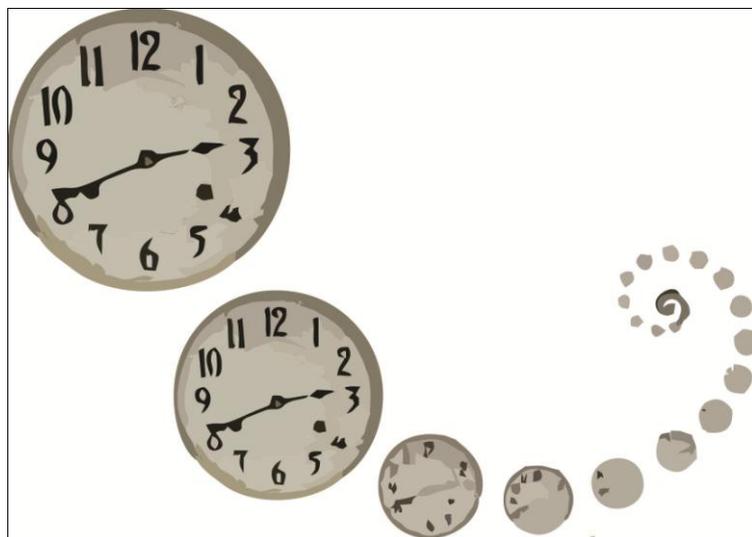
UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO: *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

USP: Universidade de São Paulo

# PRÓLOGO: a escola da investigação é uma escola do luto

---



Começo com algumas palavras de Edgard Morin que, no sentimento que elas expressam, as tomo como minhas: *Todo o neófito que começa a pesquisar é obrigado a renunciar ao saber. Ele é convencido de que a época dos homens como Pico Della Mirandola<sup>1</sup> terminou há três séculos e que agora é impossível de se construir uma visão do homem e do mundo.*

*Demonstram-lhe que o aumento das informações e a heterogeneidade do saber ultrapassam toda a possibilidade de gravação e tratamento pelo cérebro humano. Asseguram-lhe que ele não deve lamentar, mas ficar feliz com este fato. Ele deverá, portanto, consagrar toda a sua inteligência a um saber específico. Integram-no numa equipe de especialistas, e nesta expressão “especialista”, e não “equipe” é o termo predominante.*

*Agora especialista, o pesquisador vê-se em posse exclusiva do fragmento de um quebra-cabeça, cuja visão global escapa a todos. E então ele vira um verdadeiro pesquisador científico, que trabalha em função desta idéia motriz: o saber não é um produto a ser articulado e pensado, mas a ser capitalizado e utilizado de maneira anônima*

*As questões fundamentais são recolocadas como questões gerais, ou seja, vagas, abstratas, não operacionais. A questão original que a ciência extraiu da religião e da filosofia, para endossá-la, a questão enfim que justifica a ambição de ciência: “O que é o homem, que é o mundo, que é o homem no mundo?”, a ciência repassa hoje à filosofia,*

---

<sup>1</sup> Importante pensador renascentista.

*ainda incompetente aos seus olhos devido ao etilismo especulativo, ela [a ciência]<sup>2</sup> repassa à religião, ainda ilusória a seus olhos devido à mitomania inveterada. Ela deixa qualquer questão fundamental aos não sábios, a priori desqualificados. Ela tolera apenas que na idade da aposentadoria, seus grandes dignatários obtenham alguma projeção, da qual zombarão, atrás de um alambique, os jovens de avental branco. Não é possível articular as ciências humanas com as ciências da natureza. Não é possível uma comunicação entre nossos conhecimentos e nossa vida. É esta a grande lição, que desce do Collège de France aos colégios da França.*

*O luto é necessário? A instituição afirma-o, proclama-o. É graças ao método que isola, separa, dissocia, reduz à unidade, mede, que a ciência descobriu a célula, a molécula, o átomo, a partícula, as galáxias, os quasars, os pulsars, a gravitação, o electromagnetismo, o quantum de energia; que aprendeu a interpretar as pedras, os sedimentos, os fósseis, os ossos, as escritas desconhecidas, incluindo a escrita inscrita no DNA. Entretanto, as estruturas desses conhecimentos estão dissociadas uma das outras. Física e biologia só se comunicam hoje por um istmo. Atualmente, a física e a biologia só comunicam através de alguns istmos. A física já nem sequer consegue comunicar consigo mesma: a ciência-rainha está dividida entre a microfísica, a cosmofísica, e o meio termo encontra-se ainda aparentemente submetido à física clássica. O continente antropológico anda à deriva, como a Austrália. No seu seio a própria tríade constitutiva do conceito de homem x indivíduo x sociedade está totalmente dilacerada, como vimos (Morin, 1973) e veremos. O homem se esfarela: aqui fica uma mão-ferramenta aqui, uma língua-que-fala ali, um sexo acolá e um pouco de cérebro em algum outro lugar. Quanto mais miserável a idéia de homem, mais eliminável ela é: o homem das ciências humanas é um espectro suprafísico e suprabiológico. Como o homem, o mundo é desmembrado entre as ciências, esfarelado entre as disciplinas, pulverizado em informações.*

*Hoje não se pode escapar à questão: deve-se pagar a necessária decomposição analítica com a decomposição dos seres e das coisas numa atomização generalizada? O necessário isolamento do objeto deve ser pago com o desmembramento e a incomunicabilidade entre o que está separado? A especialização funcional deve ser paga com um parcelamento absurdo? É necessário que o saber se divida em mil conhecimentos ignorantes?*

*Ora, o que significa esta questão, senão que a ciência deve perder seu respeito pela ciência e que a ciência deve interrogar a ciência? Há ainda um problema que, aparentemente, se*

---

<sup>2</sup> Nota minha.

*soma à enormidade de problemas que somos obrigados a renunciar. Mas é precisamente este problema que nos impede de renunciar ao nosso problema. (Morin, 2008:25-27)*

Na geografia, praticada e estudada no Brasil, esse luto se instalou e fez com que os estudos mais complexos, mais relacionais, se tornassem a minoria: quem no Brasil estuda os Continentes? Os blocos econômicos? Alguma das nossas 5 regiões definidas pelo IBGE? Quantas monografias ou dissertações existem sobre Minas Gerais no Instituto de Geociências da UFMG? O reconhecimento da impossibilidade de obter dados irrefutáveis, de atingir o completo afastou os geógrafos da macro escala e da compreensão do todo que deveria ser o ponto inicial da pesquisa. Segundo dados da ANPEGE<sup>3</sup> as investigações em micro escala (sobre uma rua, um bairro, povoado, distritos) já responde por quase 80% das monografias e dissertação na geografia brasileira.

Como a busca por diagnósticos, prognósticos e descrições se esvaziou das conexões temporais, espaciais e sociais? Como desconsiderar os ciclos de vida, geográficos, naturais, dos ciclos construtivos ou dos destrutivos? O fim de algo sempre abre espaço para o novo. Nas minhas pesquisas também foi assim: no final da monografia, as poucas respostas que eu havia encontrado abriram espaço para outra série de questionamentos que estão aqui nesta pesquisa. Fato que recomeça agora quando novas idéias e dúvidas já estão me levando a pensar em novas pesquisas.

Esclareço isso já no começo desta dissertação, pois sei das impossibilidades existentes à pesquisa em uma área tão ampla, com tantos municípios, biomas, suas faixas de transição, duas das maiores bacias hidrográficas do Estado, entre tantas outras peculiaridades que ainda serão apresentadas. Mas continuar a ignorar a existência de um todo complexo que represente a Serra do Cipó tornou-se ainda mais impossível.

---

<sup>3</sup> Dado obtido na palestra de abertura da reunião anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Geografia do ano de 2009, Curitiba, Paraná.

# AGRADECIMENTOS

---

Agradeço a minha mãe pelo apoio incondicional por minha escolha de estudar. E ao meu pai que, mesmo ausente, sempre me trouxe força.

Ao meu amigo e orientador Bernardo, pela paciência e fé.

Aos amigos do GIPE, que fizeram com que essa caminhada fosse menos solitária. Em especial ao Léo, pela grande ajuda na produção dos mapas.

A minha namorada Marina, por entender as ausências e pela força na formatação e revisão final do trabalho.

E aos meus tantos amigos, que também são colegas, professores e companheiros de vida. Eles estão presentes nesse estudo em citações, memórias, momentos e ensinamentos compartilhados.

Agradeço também os órgãos de fomento à pesquisa, CAPES e FAPEMIG, pelo auxílio financeiro tão importante para a realização dos campos.

Não posso esquecer-me de todos os moradores da Serra do Cipó, do céu, das águas, carrapatos e da estrada que sempre me receberam de braços abertos.

# RESUMO

---

Na dissertação “A região da Serra do Cipó: complexidade, tempo e turismo”, tive como objetivos principais analisar as formas como o turismo acontece e é percebido na Serra do Cipó, através da perspectiva da complexidade e sua ação no processo de regionalização.

A região foi definida a partir de uma soma de fatores sociais, espaciais e territoriais, abordados em três escalas analíticas: primeiramente em macro escala, onde se buscou alcançar a visão da Serra do Cipó como uma região; posteriormente, no que aqui podemos chamar de micro escala, tivemos como unidade de análise os municípios e, por fim, na meso escala, foram enfocados grupos de municípios levando em conta fatores de semelhança nas transformações territoriais provocadas, de forma destacada, pelo turismo.

Palavras-chave: região, turismo, território, complexidade.

# ABSTRACT

---

This study aims to investigate the ways in which tourism takes place and is perceived in the Serra do Cipó. By adopting the complexity as a method of analysis, we set ourselves a number of challenges and the first of them was the context and delimiting the object of study: the Serra do Cipó.

The region was defined as a sum of social, spatial and territorial factors covered in three analytical scales: firstly on the macro scale where we achieve the vision on the Serra do Cipó as a region and, later, as we call here micro scale, we had the municipality as the unit of analysis and, finally, at the meso scale were focused groups of municipalities based in factors like the territorial changes brought prominently by tourism.

Keywords: region, tourism, territory, complexity.

# APRESENTAÇÃO

---

Viajar durante esses últimos oito anos até a Serra do Cipó fez com que nascessem vários questionamentos e, mais do que qualquer outra coisa, um grande afeto pelas pessoas e paisagens ali encontradas. Só me dei conta disso quando, ao procurar fotos para ilustrar algumas passagens desse estudo, percebi que havia passado lá boa parte dos meus últimos aniversários, finais de semana, réveillons e feriados prolongados. Antes e durante a pesquisa acabei convivendo e me misturando com meu objeto de pesquisa, fato que me proporcionou ter outro olhar, diferente daquele para quem a Serra é apenas uma passagem, ou um cenário para suas férias.

E alguns fatos passaram a me inquietar muito: Por que a Serra do Cipó tem a presença da atividade turística em alguns locais e em outros não? O que fazia certas cachoeiras serem visitadas e outras não? Qual fator era decisivo para que o fluxo de turistas fosse para certas áreas em detrimento de outras? Essas perguntas, tão freqüentes nas conversas sobre a Serra do Cipó, foram o ponto de partida para definir os primeiros passos desta pesquisa.

Era visível que havia algum nexos nas formas e tempos com que o turismo agia na Serra, mas só em 2007, ao ler o artigo “As portas abertas da serra do Cipó<sup>1</sup>”, foi possível começar a pensar em um contexto regional para a Serra. Pois, acredito que só depois de construir, mesmo que só para mim, os limites e a área de influência da Serra, poderia partir para o entendimento de como o turismo atua ao longo de seu território.

No artigo citado, Gontijo delimitou uma área composta por dez municípios, dispostos em três sub-regiões: *Porta de entrada*, *Porta dos fundos* e *Porta do futuro*. Atualmente, as transformações ocorridas nos levam a enxergar uma área maior, com treze municípios e uma área de influência que atinge outros sete. Estando organizados em quatro sub-regiões, sendo agora, introduzida a “Porta entreaberta”, nos deparamos com um outro futuro, já que aquele de alguns anos atrás entreabriu-se.

É sobre essas quatro portas que falaremos, dos caminhos que nos levam a cada uma delas e do que elas nos deixam antever.

---

<sup>1</sup> GONTIJO, B.M. (2007)

# 1. INTRODUÇÃO

---

Pretendemos nesta dissertação abordar, a partir da perspectiva da complexidade, a questão das transformações sócio-espaciais provocadas pelas formas de se praticar e gerir a atividade turística e processos de regionalização em curso na Serra do Cipó. Nas cidades, povoados e vilas situadas na Serra do Cipó, localizada na porção central do estado de Minas Gerais, a sobreposição de tempos - o contraste das atividades econômicas antigas e as modernas - produz um rico campo de análise. Observamos a modernidade imprimindo uma dinâmica de vida totalmente diferente do que essas localidades experimentaram ao longo de sua história e o turismo aparece como ícone maior deste movimento. Isso vem ocorrendo sem que a população, os turistas, o poder público e o setor privado tenham consciência da velocidade e profundidade com que a atividade turística altera as dinâmicas sociais e territoriais nos espaços nos quais ela se estabelece como uma nova e significativa atividade econômica.

Considerando, no entender de Gontijo (2003:169), que *não podemos impedir o avanço da tecnologia, da informação, das economias globalizadas; mas podemos preparar e construir um homem mais consciente, mais integrado ao mundo, para que ele mesmo possa ser o construtor de seu desenvolvimento e, principalmente, de sua condição política*, direcionaremos nossos esforços em entender a dinâmica do fenômeno turístico, frente ao processo inexorável de transformações pelas quais as comunidades da Serra do Cipó atravessam. Esperamos demonstrar, por meio de levantamentos documentais e empíricos, como as dinâmicas provocadas pelo turismo atuam na criação de diferentes territorialidades na Serra do Cipó.

Para analisar a Serra do Cipó, optamos em utilizar a complexidade por considerar o método mais adequado para o estudo do vasto, diverso e dinâmico universo que é a Serra. As etapas de coleta de dados empíricos e em fontes secundárias foram realizadas e inspiradas nos volumes de “O método”<sup>2</sup> de Edgard Morin. As informações e reflexões serão expostas por meio de uma linha de raciocínio que segue alguns dos princípios do referido autor.

---

<sup>2</sup> Coleção de seis volumes, com as principais idéias do autor: 1 – “A natureza da natureza”; 2 – “A vida da vida”; 3 – “O conhecimento do conhecimento”; 4 – “As idéias”; 5 – “A humanidade da humanidade” e 6 – “Ética”, edição de 2008.

O objetivo geral é realizar um diagnóstico prospectivo da Serra do Cipó para posteriormente subsidiar a hipótese de que nela coexistem quatro sub-regiões, tal como exposto na apresentação desta dissertação. Para tal, será necessário alcançar alguns objetivos mais específicos:

- Definir limites e conceituar a Serra do Cipó como uma região;
- Obter dados sobre a evolução da atividade turística nos municípios que compõem a área *Core* da região;
- Traçar um panorama do grau de evolução e/ou estagnação da atividade turística nas quatro sub-regiões que formam a região considerada como a Serra do Cipó.

Os caminhos percorridos na busca por esses objetivos serão expostos no capítulo seguinte, no qual são explicados os procedimentos metodológicos e base teórica adotada. Apesar de citadas no prólogo, retomarei e explicarei na metodologia algumas das impossibilidades das quais nasceu a pesquisa possível.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E BASE TEÓRICA

---

Na origem, a palavra “método” significa caminho. Aqui temos de aceitar caminhar sem caminho, fazer o caminho no caminhar. O que dizia Machado: *Caminante no hay camino, se hace camino al andar*. O método só pode formar-se durante a investigação; só pode desprender-se e formular-se depois, no momento em que o termo se torna um novo ponto de partida, desta vez, dotado de método. MORIN (2008:36)

Os procedimentos metodológicos para este trabalho se formaram ao redor do reconhecimento e aceitação das impossibilidades maiores que ameaçam meus objetivos: a impossibilidade lógica, a impossibilidade do saber enciclopédico e a presença do princípio de disjunção<sup>3</sup>. Concordando com MORIN, considero que essas impossibilidades (que serão descritas abaixo) *estão imbricadas umas sobre as outras e sua junção resulta no absurdo: um círculo vicioso de amplitude enciclopédica e que não dispõe nem de princípio, nem de método para se organizar* (2008:31). Morin apresenta um tetrálogo, no qual verificamos a existência de um círculo virtuoso, através do qual se operam transformações irreversíveis, gêneses e produções. Este ciclo pode ser representado no esquema abaixo:

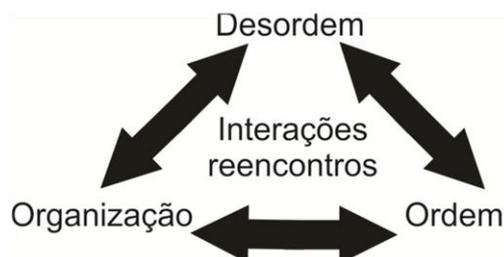


Figura 1: Circuito tetralógico  
Fonte: MORIN (2008:78)

Falar do circuito tetralógico é ter a representação de um circuito, de uma espiral, ora temporal, ora organizacional. Vejamos, seguindo a linha explicativa de Morin, que:

- A desordem produz ordem e organização. (a partir das imposições iniciais e interações);
- A ordem e a organização produzem desordem (a partir de transformações);
- Tudo que produz ordem e organização produz *também* irreversivelmente desordem. MORIN (2008: 97)

---

<sup>3</sup> Tratar separadamente de temas que deveriam ser inter-relacionados.

No circuito tetralógico as interações são inconcebíveis sem desordem, pois é ela que produz os encontros. Ao mesmo tempo, a ordem e a organização são inconcebíveis sem interações: *um objeto não pode ser concebido fora das interações que lhe constituíram e das interações das quais ele participa* MORIN (2008:78). E a ordem e a organização se estabelecem uma em função da outra: a ordem só se desenvolve e fica perceptível quando a organização cria seu próprio determinismo e faz reinar em seu ambiente uma certa previsibilidade.

É preciso, segundo Morin, ao adotar a visão do tetrólogo, entender que não haverá isolamento dos termos, pois a ordem, desordem e organização só adquirem sentido na sua relação que existem entre si: *é preciso concebê-los juntos, ou seja, como termos ao mesmo tempo complementares, concorrentes e antagônicos* MORIN (2008:79).

O ciclo representado mostra as passagens da ordem para a desordem, ou da desordem para a ordem, que geram novas formas de organização no sistema. Esse processo é acompanhado a todo o momento por vários tipos e níveis de interação entre as velhas e novas estruturas que, ora ordenam, ora desordenam o sistema. Mas, sobretudo, veremos o que Morin destacou sobre a organização e a ordem:

Veremos cada vez melhor, que quanto mais a organização e a ordem se desenvolvem, mais elas tornam-se complexas, mais elas toleram, utilizam e até necessitam da desordem. Dito de outra forma, esses termos ordem/organização/desordem e, sem dúvida, interação se desenvolvem mutuamente uns nos outros. MORIN (2008:79)

Para melhor exemplificar as fases deste ciclo que o tetrólogo representa, partiremos para a descrição dos demais marcos teóricos utilizados para refletir e organizar as informações sobre a Serra do Cipó.

## **2.1 - A impossibilidade lógica (círculo vicioso)**

Isto significa que romper a circularidade, eliminar as contradições é justamente recair no império do princípio de disjunção/simplificação ao qual pretendemos escapar. Em contrapartida, conservar a circularidade é recusar a redução de um dado complexo a um princípio mutilante; é recusar a hipóstase dum conceito-mestre (a matéria, o espírito, a energia, a informação, a luta de classes, etc.). É recusar o discurso linear como ponto de partida e de chegada. É recusar a simplificação abstrata. Quebrar a circularidade parece restabelecer a possibilidade de um saber absolutamente objetivo. Mas é isto que é ilusório: conservar a circularidade é, ao contrário, respeitar as condições objetivas do conhecimento humano,

que comporta sempre, em algum lugar, um paradoxo lógico e uma incerteza MORIN (2008:32).

Ao colocar como pano de fundo o questionamento que já havíamos abordado em trabalho anterior<sup>4</sup> na medida em que nos perguntávamos: até que ponto o turismo condicionava o espaço da Serra do Cipó e até que ponto ele é condicionado por este mesmo espaço, é possível encontrar a impossibilidade lógica citada por Morin. Se o turismo condiciona o espaço, ele é o conceito chave. Se o espaço é que condiciona o turismo, o espaço é o conceito chave. Esses dois caminhos são possíveis, são muito utilizados, mas não nos revelam a grande teia relacional e causal que existe entre os dois conceitos chave.

Assim como a mesma Serra é lugar de passeio, é também lugar de moradia. Um não exclui o outro, mas é possível que essa convivência nem sempre seja pacífica ou benéfica para as partes ao se utilizar este mesmo território. Convém aqui recorrer a Haesbaert, para reapresentamos tal definição por parecer-nos condizente com a realidade estudada quando, ao falar sobre território, ele afirma que:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação). HAESBAERT (1997:42).

A identidade territorial a qual Haesbaert se refere passa a ser formada por um conjunto de organizações que atuam ora para atender aos turistas, ora os anfitriões. Apesar de entrelaçados, pode-se separar, para efeitos ilustrativos, os seguintes agentes da territorialização provocada pelo turismo (figura 2):

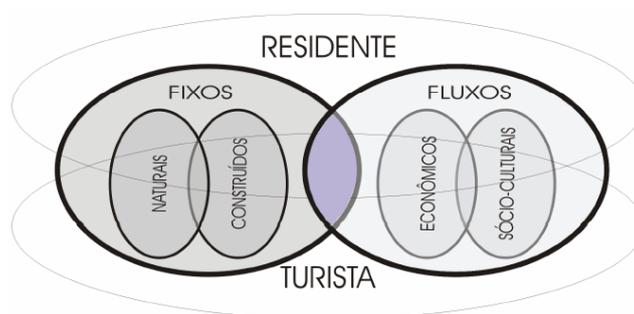


Figura 2: Territorialidades provocadas pelo turismo  
Fonte: ANJOS (2008:155)

<sup>4</sup> BRAGA, GONTIJO, et al, 2004.

Nesses lugares é que presenciamos conflitos de territorialidades entre os turistas e os anfitriões: *há diferentes tipos de territorialidades que se confrontam nos lugares turísticos: a territorialidade sedentária dos que aí vivem freqüentemente, e a territorialidade nômade dos que só passam, mas que não têm menos necessidade de se apropriar, mesmo fugidamente, dos territórios que freqüentam* ANJOS (2008:64). Esse tema será abordado mais detalhadamente no capítulo Desordem.

Conforme Vasconcellos (2002:111), para uma perspectiva complexa de análise *precisamos mudar crenças muito básicas: em vez de acreditar que vamos ter como objeto de estudo o elemento, ou o indivíduo, e que teremos de delimitá-lo muito bem, precisamos passar a acreditar que estudaremos ou trabalharemos sempre com o objeto em contexto*. Portanto não existe a preocupação apenas em definir o que é a Serra do Cipó, mas sim a preocupação com a relação da Serra e seu contexto, já que ela faz parte de sistemas mais amplos como, por exemplo, a Reserva da Biosfera do Espinhaço e o Eixo da Estrada Real.

Essa visão de sistema foi a forma encontrada para organizar as informações e reflexões sobre os impactos provocados pelo turismo e a relação dos municípios dentro de diferentes escalas de análise: com o todo que é a Serra e as suas partes que são as sub-regiões; as dinâmicas em cursos nos distritos dentro dos municípios; os municípios dentro das sub-regiões e como esse todo forma e dialoga com a região da Serra do Cipó.

Na busca por entender a Serra como um grande e complexo sistema, a complexidade se apresenta, segundo BOFF (2000:47), *como uma forma de captar a interdependência de todos os elementos, sua funcionalidade global, fazendo com que o todo seja mais que a soma das partes e que nas partes se concretiza o todo*. Pretendemos primeiramente construir a visão da Serra como uma região e, posteriormente, analisar como ela influencia e é influenciada pelas quatro sub-regiões que, somadas, formam a região da Serra do Cipó, fazendo assim diferentes abordagens de escalas, contextos e as formas de interação. Concordamos com BEDIM (2008), quando delimitarmos nossa região e partimos para as demais impossibilidades lógicas, que:

Quais parâmetros orientam o recorte espacial de pesquisa? Parece um exercício de arbitrariedade dizer onde a Serra “começa” e onde ela “termina”, já que o espaço vivido transcende à geomorfologia; a realidade física da paisagem sucumbe ao imaginário humano; o símbolo não necessariamente requer fronteiras fixas. Temos, enquanto pressuposto, que pelo menos duas representações possíveis sobre um dados espaço (físico e simbólico) estão presentes no espírito da pesquisa. Todo e qualquer recorte

estudado, embora necessário, ficará aquém da complexidade do fenômeno estudado. Mas delimitar é preciso. BEDIM (2008:133)<sup>5</sup>

E é dessa necessidade de definir que parte esse estudo.

## 2.2 - A impossibilidade do saber enciclopédico

O em-ciclo-pedismo aqui requerido visa a articular o que é *fundamentalmente separado e o que devia ser fundamental junto*. O esforço recairá, então, não sobre a totalidade do saber de cada esfera, mas sobre os conhecimentos cruciais, aos pontos estratégicos, aos nós de comunicação, as articulações organizacionais entre as esferas separadas. Neste sentido, a idéia de organização ao se desenvolver vai se constituir como que o ramo de Salzburg em torno do qual poderão se constelar e se cristalizar os conceitos científicos-chave. MORIN (2008: 33)

Nessa etapa do trabalho procuraremos sintetizar e agrupar as informações existentes sobre a organização sócio-espacial na Serra do Cipó. Aqui encontramos uma das maiores dificuldades deste trabalho: fugir da tentação de falar dos parâmetros de análise mais do que o necessário e desviar o foco do principal que são as inter-relações existentes entre eles. De maneira esquemática podemos representar o capítulo relativo à Ordem, através da figura 3, que é um esquema onde estão expostos os parâmetros de análise utilizados para se referir a área de influencia da Serra do Cipó:

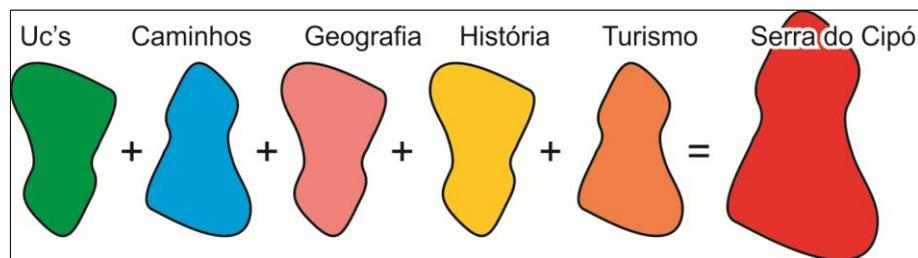


Figura 3: Critérios utilizados para delinear a Serra do Cipó

Dentro da soma de critérios adotados e representados acima, destacamos a descrição dos elementos utilizados como parâmetros de análise, mas ressaltamos, em concordância com GONDOLO (1999), o fato de que um elemento não é consequência do outro. Não há relação de causalidade explícita, são elementos avulsos, o que não elimina certas conexões, pois existem vínculos entre eles. Partindo desse pressuposto, os elementos são:

- As UC's<sup>6</sup> têm grande importância regional, além de ter o PARNA Cipó como um dos principais ícones regionais, a existência de outras UC's, a criação do Mosaico Cipó-

<sup>5</sup> O estudo citado se refere a Serra do Ibitipoca.

Intendente e a expectativa de ampliação do PARNA indicam que a relação população x poder público e áreas protegidas ditarão o ritmo do desenvolvimento local.

- Os “caminhos” abordarão a importância dos eixos de penetração que levaram para a região os primeiros ameríndios, os bandeirantes, os quilombolas, sesmeiros, e várias personalidades e cientistas que nos caminhos da serra construíram grande parte do conhecimento sobre o Brasil e Minas Gerais no período Imperial.
- A “geografia” destacará desde a formação física da Serra do Espinhaço, até a posição privilegiada que faz com que encontremos diversidades que vão de biomas, bacias hidrográficas à formação política. Lá também é onde espacialmente as “Minas” se encontram com os “Geraes”.
- Na história veremos a grande importância que esta região de passagem do período colonial e imperial teve quando ligava duas das mais (senão as mais) ricas cidades das Américas.
- O turismo vem como último e grande fator de transformação e descobrimento da Serra do Cipó. Veremos como Circuitos, Eixos Turísticos, estão se desenvolvendo e convivendo com a realidade regional. A partir do capítulo sobre a Desordem, o turismo e seus diálogos com os outros parâmetros de regionalização serão o foco de pesquisa.

Esses elementos citados foram elencados para a definição da região da Serra do Cipó com base nos estudos de campo, bibliografia sobre a área e estudos regionais. Destacamos que a proposta de região leva em consideração vários fatores, pois assim como POZENATO, consideramos que:

Uma determinada região é constituída, portanto, de acordo com o tipo, o número e a extensão das relações adotadas para defini-la. Assim, em última instância, não existe uma região da Serra ou uma região da Campanha a não ser em sentido simbólico, na medida em que seja construído (pela práxis ou pelo conhecimento) um conjunto de relações que apontem para esse significado. POZENATO (2003:4)

Mais que falar sobre estes elementos, as ações solidárias entre eles é que serão o enfoque principal, pois considero originarem-se delas os contornos sugeridos para a região da Serra do Cipó, em concordância com o que considera Morin:

---

<sup>6</sup> Unidades de Conservação: espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. SNUC (2000)

Sendo assim, eu não escapo de dificuldade enciclopédica, mas esta não se coloca mais em termos de acumulação, em termos de sistema, em termos de totalidade, ela se coloca em termos de organização e de articulação no seio de um processo circular ativo ou ciclo. MORIN (2008:33-34)

Outros aspectos que guiaram a visão da serra do Cipó como uma região foram as considerações de Haesbaert, um dos principais autores brasileiros sobre estudos de regionalização. Ao fazer uma síntese sobre os três autores clássicos aos estudos regionais, ou como ele mesmo se referiu a eles, os *responsáveis por uma “paternidade” da região em geografia*, Haesbaert destacou e sintetizou os principais aspectos das obras de Vidal de La Blache, Carl Sauer e Richard Hartshorne:

- a importância dada ao específico, ao singular - aquilo que La Blache vai denominar de “personalidade geográfica” e Hartshorne de *diferenciação de áreas*.
- apesar de não serem partidários de um empirismo baseado na descrição simplista de características únicas, como muitos alegam, os três autores muito menos são defensores irrestritos de um racionalismo lógico-analítico.
- o estudo integrador ou de “síntese” que permite perceber uma coesão/coerência interna à região, envolvendo as múltiplas dimensões do espaço geográfico, a começar pelas “humanas” e “naturais”.
- a continuidade espacial - nenhum deles trabalha com regiões fragmentadas ou descontínuas, embora Hartshorne admita (criticamente) esta proposição.
- a estabilidade regional - embora mais visível na obra de La Blache, esta estabilidade - sempre relativa - fica implícita nas propostas de Sauer e Hartshorne (que na revisão de seu *The Nature of Geography* discute de modo mais incisivo os fluxos e as regiões funcionais).
- a relação entre região e uma “meso-escala” de análise, aspecto este não exatamente proveniente da abordagem desses três autores, mas de uma tradição mais ampla em Geografia Regional; esta meso-escala estaria geralmente situada num nível sub ou infra-nacional, imediatamente referida ao Estado-nação. HAESBAERT (1999:18/19)

Seguindo esses princípios teremos três capítulos analíticos, onde serão contemplados aspectos da meso-escala e de estabilidade regional no capítulo Ordem; singularidades dos municípios, pesquisas de gabinete e dados empíricos no capítulo Desordem e, por fim, uma síntese e um quadro das (des) continuidades e diferenças entre as áreas que compõem a região.

Veremos ao longo do trabalho como essas questões, sintetizadas por Haesbaert, ao servirem de pano de fundo, nos ajudaram na concepção de região para a Serra do Cipó. Foi

pensando nessas questões que, no capítulo referente à Ordem, serão delineados os contornos do objeto de estudo. Ao realizar uma *em-ciclo-pédia* sobre a Serra, ela será pensada e contextualizada dentro da Cadeia do Espinhaço e no âmbito da atividade turística.

Apesar de vários fatores serem determinantes para a conformação da Serra em uma região, serão destacados, a partir do capítulo referente à Desordem, a influência do fenômeno turístico e os aspectos que facilitam e dificultam sua ocorrência na Serra do Cipó. Sobretudo, serão enfocados os diálogos entre cada esfera apresentada, conforme representado no quadro da figura abaixo (figura 4):

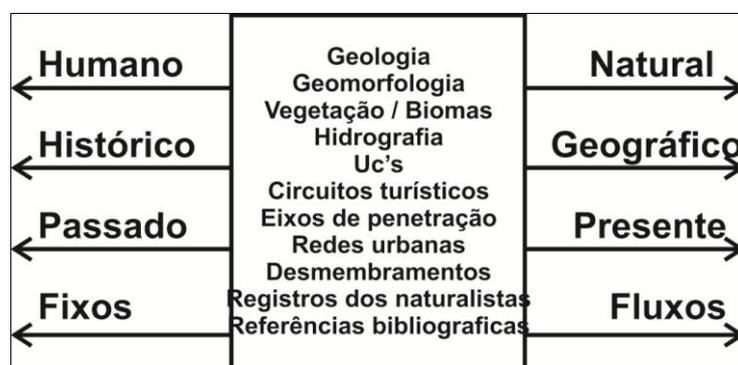


Figura 4: Diálogos e interfaces entre os temas abordados

Ao abandonarmos a visão do antagonismo e olharmos para os diálogos, consideramos que esses fatores todos: humano x natural; geográfico x histórico; passado x presente; fixos x fluxos são solidários, como afirma Morin:

Tudo é solidário: a transformação do círculo vicioso em um circuito produtivo, a da enciclopédia impossível em movimento em ciclos são inseparáveis da constituição de um *princípio organizador do conhecimento que associa à descrição do objeto, a descrição da descrição (e a decifração de quem escreve), e que dá tanta força à articulação e à integração como à distinção e à oposição.* (Pois é preciso suprimir não as distinções e oposições, mas inverter a ditadura da simplificação disjuntiva e redutora. MORIN (2008:34)

Reforçarmos, com as palavras de Bordieu, o método de regionalização adotado para Serra do Cipó, pois também consideramos que:

...a região é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos, é claro, que, por terem que ver com o espaço, aspiram ao monopólio da definição legítima, mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe uma política de 'regionalização' e movimentos 'regionalistas', economistas e sociólogos (BOURDIEU, 1989:118).

Com base em estudos de campo e fontes secundárias, será possível apresentar uma diferenciação em como o turismo se desenvolve, transforma e aparece na paisagem e no cotidiano da Serra do Cipó. Segundo Boff, a complexidade (op.cit.: 51) nos “impõe um estilo de pensar e de agir: obriga a articular os vários saberes relativos às várias dimensões do real; importa jamais enrijecer as representações, mas compreender a multidimensionalidade de tudo;” vendo os aspectos positivos e negativos para se pensar no todo e nos levando “a conjugar o local com o global, o ecossistema com a história, o contrário e até o contraditório com a totalidade mais abrangente”.

### **2.2.1 - Revisão bibliográfica sobre a área de estudo / principais fontes de informação**

O primeiro momento do *em-ciclo-pedismo*<sup>7</sup> proposto é a pesquisa preliminar de gabinete, que se baseia na visão de que o todo se concretiza nas partes, conforme BOFF, e que é descrita por Edgard Morin em seus estudos sobre análise complexa para contemplar as dinâmicas existentes, por exemplo, em sistemas. A base consistiu nos estudos das seguintes publicações sobre a região: Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra do Cipó e Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira, ICMBio (2009); a tese “A Ilusão do Ecoturismo na Serra do Cipó/MG: O Caso de Lapinha”, GONTIJO (2003); no “Diagnóstico de Turismo de Natureza - Destino Serra do Cipó - Estrada Real, Minas Gerais, Brasil”, EPLERWOOD (2007); dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE; “Desafios em um sistema complexo à gestão ambiental - Bacia do Guarapiranga”, região metropolitana de São Paulo, GONDOLO (1999); e inspirada nos artigos “As portas abertas da serra do Cipó”, GONTIJO (2007); “O Turismo como vetor de transformações sócio-espaciais: Uma análise complexa das três sub-regiões da Serra do Cipó - MG de BRAGA e GONTIJO (2009); PEREIRA (2002) *La participation publique dans les unités de conservation, région de la Serra do Cipó au Minas Gerais, Brésil*; FERREIRA (2010) Serra do Cipó e seus Vetores de Penetração Turística – Um olhar sobre as transformações socioambientais; “Serra do Cipó”, NAZARETH (2005); “Serra do Cipó”, SOARES (1995); “Serra do Cipó - Sempre Viva”, OTTONI (2008).

---

<sup>7</sup> O termo enciclopédia não deve mais ser entendido no sentido acumulativo e *alfabesta* no qual ele se degradou. Ele deve ser entendido no sentido originário *agkuklios paidea*, aprendizagem que transforma o saber em ciclo; efetivamente, trata-se de em-ciclo-pediar, ou seja, aprender a articular os pontos de vista separados de saber em um ciclo ativo. (MORIN, 2008:33)

Outros trabalhos já realizados, tendo a Serra do Cipó como cenário de análises sobre o turismo, as transformações sócio-espaciais e as Unidades de Conservação contribuíram para a caracterização dos municípios e foram fundamentais para a construção da idéia de região apresentada. Dentre os trabalhos já realizados, destacamos: GONTIJO, B. M.; FERREIRA, R. A. (2007) Trekking: da aventura à possibilidade de desenvolvimento do Ecoturismo: Um olhar sobre duas travessias na Serra do Cipó/ MG; GONTIJO, B. M.; CASTRO, J. F. (2007) Turismo na Serra do Cipó/MG: Uma análise das relações condicionantes entre turismo e meio ambiente; GONTIJO, B. M.; LOPES, C. G. F. (2007) A dinâmica sócio-espacial do povoado de Lapinha: Uma análise espaço-temporal; GONTIJO, B. M.; BAHIA, M. L. (2007) Valorização turística e transformação do espaço: Estudo de caso do distrito de Ipoema Itabira/ MG; LABRUNA, M. B.; GONTIJO, B. M. O espaço turístico do distrito de Ipoema/Itabira – MG e suas transformações (2005); GONTIJO, B. M.; BARBOSA, M. F. P.; COELHO, M. F. (2007) A transformação ambiental na vertente oriental da Serra do Cipó/MG: Análise comparativa da pressão do turismo em Serra dos Alves e Cabeça de Boi.

Os dados dos inventários turísticos, realizados em 2006 e 2009, em alguns dos municípios abordados são amplos e analisam praticamente toda a estrutura dos municípios. Para este trabalho, no entanto, foram considerados para as análises nos capítulos “Ordem” e “Desordem” as informações que contemplam: Bares e Restaurantes; Meios de Hospedagem; Atrativos históricos e culturais, sendo que para o último, para efeito de espacialização dos dados, foram representados apenas os edificadados ou que tenham localização permanente.

Mesmo considerando a possibilidade dos critérios para levantamento de dados terem variado de pesquisador para pesquisador (os dados foram levantados por duplas de pesquisadores que permaneceram em média cinco dias em cada município, no caso do INVTUR 2009), o fato da equipe de campo ter recebido o mesmo treinamento e ter utilizado o mesmo formulário, fornece confiabilidade necessária para a padronização das informações.

### **2.2.2 - Pesquisas de campo e análise dos dados**

O segundo momento corresponde à pesquisa de campo, dos quais foram realizados seis expedições: quatro dias em Nova União (julho de 2009), cinco em Jaboticatubas (julho de 2009), cinco em Conceição do Mato Dentro (julho de 2009), quatro dias no PARNA Cipó

(agosto de 2009); três dias em Santana do Pirapama (maio de 2010) e expedição final passando por municípios ao norte da região (dezembro de 2010).

A base metodológica para coleta de informações foi tanto qualitativa como quantitativa. A parte qualitativa consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas com funcionários das prefeituras, empresários e lideranças locais envolvidos com o turismo. A avaliação dos meios de acesso, serviços e atrativos fecham o conjunto de dados abordados de forma qualitativa. A etapa quantitativa se baseou na coleta de dados sobre o número de atrativos e infra-estrutura turística. E, por fim, a espacialização e representação dos dados quantitativos e qualitativos resultaram na geração de mapas temáticos e textos descritivos para a região, os municípios e as sub-regiões da Serra do Cipó.

O terceiro momento se refere à análise dos dados a partir de uma releitura dos princípios estabelecidos por Morin. Neste sentido, os dados coletados serão discutidos considerando-se essas três instâncias analíticas (Ordem, Desordem e Organização) enquanto momentos da evolução histórica dos municípios. De forma resumida, podemos explicitar, na figura 5, a seguinte organização das informações/análises em três eixos:



Figura 5: Representação sistêmica dos princípios adotados, Fonte: Adaptado de Morin (2008:72)

Essas instâncias analíticas concordam com o estudo de GONDOLO que, mesmo não utilizando a representação do tetrálogo, adotou a complexidade para o estudo regional e considerou que:

Regiões geográficas, ecossistemas, áreas urbanas, são exemplos de sistemas em permanente renovação e transformação, mas que se caracterizam por sua estabilidade durante certo período de tempo. Sofrem processos dissipativos, produzem entropia, mas permanecem com certas características, mantendo uma determinada ordem, ou seja, sua identidade. No entanto, a partir de certa intensidade dos processos dissipativos, o sistema ultrapassa um limite crítico, ficando instável, ou seja, a partir de uma determinada intensidade de perturbação, pode-se alterar o regime de todo o sistema. GONDOLO (2008:71)

No capítulo “Desordem”, uma vez definida a região, analisaremos como se originaram e consolidaram os processos dissipativos provocados pelo turismo na área *core* regional e que levaram ao surgimento de quatro sub-regiões da Serra do Cipó. Esta etapa foi desenvolvida através de levantamentos de campo e síntese sobre a bibliografia citada anteriormente. Ela está relacionada com dois dos questionamentos de “pano de fundo” para da pesquisa: existe um padrão nas transformações sócio-espaciais provocadas pelo turismo na Serra do Cipó? Quais elementos foram determinantes para que hoje possamos identificar fatores de fragmentação e unidade das quatro sub-regiões identificadas dentro da Serra?

Na Organização, devido às diferentes formas que o processo dissipativo, citado anteriormente no que se refere ao desenvolvimento do turismo, foi possível analisar a Serra do Cipó tendo em vista as quatro sub-regiões baseadas na resposta que cada uma apresenta atualmente em relação ao fenômeno turístico:

- Sub-região de Cardeal Mota: onde a visitação, fluxo de turistas e as transformações são mais intensas e perceptíveis que nas demais sub-regiões. É formada pelos municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas, Baldim, Lagoa Santa e Santa Luzia;
- Sub-região de Itabira: área que já sofre pressão da visitação turística, mas com sua paisagem ainda pouco alterada pelo fenômeno turístico, com os municípios de Taquaraçu de Minas, Nova União, Itabira, Bom Jesus do Amparo e Itambé do Mato Dentro;
- Sub-região de Conceição do Mato Dentro: com os municípios de Morro do Pilar e Conceição do Mato Dentro, uma área que começou recentemente a sofrer pressão da atividade turística;
- Sub-região de Fechados: formada pelos municípios de Congonhas do Norte, Presidente Juscelino, Presidente Kubitschek, Jequitibá e Santana de Pirapama, com áreas ainda pouco visitadas e mais distantes da MG10, de Cardeal Mota e da sede do Parque Nacional da Serra do Cipó.

Apesar da separação proposta para os capítulos, o método proposto tem a intrínseca necessidade de diálogo entre ordem x desorganização x interação em todos os momentos.

### **2.3 - A presença todo-poderosa do princípio de disjunção e a ausência de um novo princípio de organização do saber**

A simplificação é a disjunção em entidades separadas e fechadas, a redução a um elemento simples, a expulsão do que não entra em um esquema linear. Eu parto com a vontade de não ceder a estes modos fundamentais do pensamento simplificador:

- Idealizar (acreditar que a realidade possa se reabsorver pela idéia, que o real é inteligível);
  - Racionalizar (querer encerrar a realidade na ordem e na coerência de um sistema, proibir qualquer transbordamento deste, ter a necessidade de justificar a existência do mundo conferindo-lhe um certificado de racionalidade);
  - Normalizar (quer dizer, eliminar o estranho, o irreduzível, o mistério)
- MORIN (2008:36)

Levando em consideração a volatilidade das várias territorialidades com as quais estou trabalhando é que não serão propostos contornos fixos ou rígidos para a região da Serra do Cipó e cada uma das sub-regiões apenas áreas de influência e/ou áreas com maior ou menor grau de identidade com a Serra do Cipó. No capítulo Organização poderemos ver alguns conceitos sobre turismo, espaço rural e como o princípio de disjunção afetaria esta pesquisa se estivéssemos vendo o fenômeno do turismo na Serra apenas sobre esta ótica, da qual nasceram o primeiros questionamentos desta dissertação.

Para organizar as informações adotaremos elementos oriundos da teoria dos sistemas. Conforme Bertalanffy (1977) apud Anjos (2009), a abordagem sistêmica consiste no estudo das interações mantidas entre unidades elementares e dependentes, que produzem fenômenos e dinâmicas observáveis em diversos segmentos, servindo de base para a formulação de princípios válidos aos “sistemas” de modo geral. Conforme a mesma teoria, na natureza se podem encontrar sistemas abertos, que mantêm fluxo contínuo de entradas e saídas com o ambiente, e fechados, isolados de seu ambiente. A visão sistêmica proposta vai ao encontro com o que afirma GONDOLO, já que podemos considerar um sistema, no caso da Serra do Cipó, como:

Um conjunto de elementos que mantêm relações entre si ou com elementos que, relacionados funcionalmente entre si, formam um todo unitário complexo. Diferentes elementos possuem relações entre si quando o estado de um depende ou condiciona o estado de outro. GONDOLO (1999: 62)

A Serra pode, no âmbito desse ponto de vista, ser considerada um sistema complexo aberto, pois ela sofre influência de fatores externos à região. Podemos afirmar também que muitos dos fatos marcantes para a formação deste mesmo sistema tiveram origem em processos irreversíveis decorrentes da evolução temporal. Nesse sistema, não havendo

perturbações, consideraremos isso como os períodos de Ordem. Quando existir entropia<sup>8</sup>, chegada de algum fator novo, observamos os períodos de Desordem.

A definição dos períodos (Ordem e Desordem) proposta se apóia no que afirma NICOLIS & PRIGNOGINE apud GONDOLO (1999:42) *os sistemas dissipativos permanecem em situação de equilíbrio, mas se alguma perturbação é imposta ao sistema, esse evolui na direção de certo atrator, ou seja, tudo se passa como se o sistema tendesse para uma determinada direção preferencial*. Por isso começamos pelos fatores de estabilidade (Ordem), depois para a instabilidade (Desordem) trazida pelo turismo para posteriormente chegarmos à Organização e interação existentes no sistema frente à “perturbação”, qual seja, o turismo.

O contrário da generalização também poderia trazer ruídos para a pesquisa, mas uma visão extremamente local e específica também tem suas limitações, pois geralmente desconsidera o contexto e os sistemas onde um fenômeno se encontra e desconsidera que devemos *fazer distinção, mas não separação, entre o objeto e seu ambiente*. Este princípio, presente nos fundamentos estabelecidos por Morin, deixa claro porque serão utilizadas várias unidades e escalas de análise em busca do entendimento do todo regional que corresponde à Serra do Cipó.

---

<sup>8</sup> Em termos organizacionais, o conceito de entropia designa uma tendência irreversível para a desorganização, própria a todos os sistemas e seres organizados. Ela representa uma tendência universal, ou seja, não limitada aos abstratos “sistemas fechados”, mas diz respeito aos “sistemas abertos”, inclusive os seres vivos. Mas, para concebê-la, é preciso complexificar o quadro de observação da entropia e a própria noção de entropia. (MORIN, 2008: 94)

### 3. ORDEM

---

Em seu território, Minas ajunta de tudo, os extremos, delimita, aproxima, propõe transição, une ou mistura: no clima, na flora, na fauna, nos costumes, na geografia, lá se dão encontro, concordemente, as diferentes partes do Brasil. Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada; pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas. (ROSA, Grande Sertão: Veredas)

Com base nos princípios estabelecidos por Morin, a ordem apresenta vários níveis de abordagem. Em um primeiro nível, ela pode se manifestar sob a forma de constância, de estabilidade, de regularidade e de repetição. Em um segundo nível a ordem pode ser vista como a determinação, a coação, as causalidades e a necessidade que fazem os fenômenos obedecerem às leis que os governam. E em nível mais profundo ela significa coerência, lógica, possibilidade de deduzir ou de induzir, e, portanto prever. É por considerar a importância dos aspectos históricos e físicos de formação da região que este princípio será o primeiro a ser abordado.

Por meio deste recorte, considerou-se para a análise que a ordem se estabeleceu nos municípios da Serra do Cipó no período que vai, em alguns casos, do surgimento dos primeiros povoados até a criação do Parque Nacional da Serra do Cipó (PARNASC) e da Área de Proteção Morro da Pedreira (APAMP) fator este, a implantação de UC's, que será abordado como um dos elementos determinadores da desordem para o espaço estudado. Outros períodos em que os municípios sofreram transformações sócio-espaciais marcantes serão abordados, mas o enfoque do trabalho será voltado para as transformações relacionadas à atividade turística.

Primeiramente será apresentada a região de estudo e o primeiro conceito do tetrálogo: a ordem. Percebe-se, portanto, que não trabalharemos com a idéia de que o turismo acontece na Serra do Cipó isolado ou independente de outras atividades econômicas, pensaremos em ciclos.

É na perspectiva temporal, começando no passado, atravessando pelo presente e traçando projeções para o futuro que a visão sobre a Serra se fará. De acordo com o que afirma Weizächer (1964 apud GONTIJO, 2003), *todos os fenômenos estão sob o arco da temporalidade, isto é, da irreversibilidade. Tudo está em evolução, veio do passado, se concretiza no presente e se abre para o futuro.* Neste sentido, a ordem e a desordem são

variáveis de análise determinadas e que serão descritas tendo como marco o Tempo. O tempo será um elemento importante para mensurar a velocidade que certos processos na Serra têm e tiveram. Isso se justifica, em parte, por considerar, assim como Cabral, que:

Por esse viés, é possível perceber que o processo sócio-espacial que reúne objetos e ações está fundado, ao mesmo tempo, na lógica da história passada (sua datação, sua realidade material, sua causação original) e na lógica da atualidade (seu funcionamento e sua significação presente). CABRAL (2007:147)

É por meio dessa escala que abordaremos de forma sistêmica a história da Serra do Cipó ao longo dos períodos: pré-colonial, colonial/imperial, de estagnação e o turístico. Neste capítulo abordaremos esses períodos juntamente com os aspectos físicos da Serra do Cipó, por considerá-los elementos que marcaram sua paisagem e o modo de vida de seus moradores. Considerando que o surgimento da região e das suas quatro sub-regiões, se dará frente aos processos que aconteceram e que ainda estão em curso, compartilha-se a visão de BRECIANI apud GONDOLO, pois:

O conceito de processo pressupõe a passagem do tempo. Pode-se dizer que a essência da noção de processo é fluxo, caracterizado por uma sucessão de estados ou de mudanças de um sistema em permanente transformação e evolução. A sucessão de estados e mudanças constitui a história do sistema, que tem implícito o caráter de irreversibilidade. Para que ocorra um processo dentro do sistema, deve estar presente um campo de forças de influência, de motivação ou de catalisação. Esse campo de influência pode gerar mudanças funcionais e estruturais, ou seja, mudanças organizacionais. GONDOLO (1999:88)

Tendo em vista os fluxos e a sucessão de estados dentro do sistema que chamamos aqui de Serra do Cipó, apresentaremos elementos formadores da região da Serra do Cipó ao longo do tempo.

### **3.1 - As origens históricas da Região da Serra do Cipó: períodos, lugares e acontecimentos**

É difícil a tarefa de falar sobre a Serra do Cipó: as histórias, lendas e estórias sobre ela são tão diversas e ricas como as suas paisagens e personagens. Seus muitos caminhos fazem com que diversas sejam também suas dimensões. Alguns exemplos sobre as várias visões que existem sobre a Serra justificam a importância de primeiramente definir a área aqui chamada de Serra do Cipó.

Alcançados esses objetivos será possível ter uma visão do que é a Serra do Cipó. Apesar de inúmeras monografias, dissertações e teses que tratam sobre a Serra, ainda existem poucos estudos sobre as áreas/municípios periféricos dessa região e sobre sua real área de influência. Esse fato chega a produzir problemas conceituais, já que em alguns estudos não fica claro sobre a que “Serra do Cipó” está se referindo: a um distrito, a um Parque Nacional, a uma Área de Proteção Ambiental, uma cabeceira de drenagem, um dos nomes regionais recebidos pela Serra do Espinhaço, a um Circuito Turístico, uma micro-bacia etc. A busca neste trabalho foi por uma visão que somasse esses fatores para chegar ao conceito de região que fosse condizente com todo complexo que é a Serra do Cipó e, a partir daí, entender como o turismo atua nessa região e se materializa nas quatro sub-regiões.

Podemos exemplificar isso ao vermos algumas definições sobre a Serra do Cipó. A revista Sagarana, voltada para a divulgação do turismo mineiro, ao fazer em considerações sobre à Serra do Cipó, afirmou que:

Durante muito tempo, convencionou-se chamar de Serra do Cipó uma pequena área, mais movimentada, então cortada por uma estrada de terra no antigo distrito de Cardeal Mota, pertencente ao município de Santana do Riacho. Em menos de 15 anos, a paisagem e o cotidiano se modificaram. Nas imediações foi aberto o Parque Nacional da Serra do Cipó e, com ele, chegaram novas pousadas e restaurantes. A estrada de chão virou asfalto. A região ganhou um novo nome, Distrito da Serra do Cipó. REVISTA SAGARANA, apud ARAÚJO (2010:30).

Nesse caso, além de reduzir a região ao distrito da Serra do Cipó, a revista considera como “Serra do Cipó” o distrito de Santana do Riacho, chamado Cardeal Mota, que é o núcleo urbano mais próximo à entrada do PARNA da Serra do Cipó. O mesmo recorte para a Serra foi considerado em “Marketing Ecológico: uma nova Perspectiva para a Serra do Cipó”, de PAULA (1996). Outro exemplo comum é associar a Serra do Cipó ao circuito turístico que leva o mesmo nome, como podemos ver na opinião de Araújo que, mesmo considerando outros fatores, destacou o circuito turístico:

Em 2003 o Governo do Estado de Minas Gerais estabeleceu uma política de incentivo à criação de circuitos turísticos no estado. A partir dessa política, foi criado o Circuito Turístico do Parque Nacional da Serra do Cipó, oficializado em 28/06/2004, englobando os sete municípios – Jaboticatubas, Santana do Riacho, Nova União, Itabira, Itambé do Mato Dentro, Morro do Pilar e Taquaraçu de Minas – do entorno do parque inclusos na APA, mais os municípios de Conceição do Mato Dentro e Congonhas do Norte, este último recentemente incluído. O reconhecimento do Circuito Serra do Cipó contribuiu para formalização oficial da região no mercado turístico e demonstrar que a Serra do Cipó se estende a estes nove municípios, abrangendo uma extensa área de Cerrado, Mata Atlântica e Campos Rupestres. FERREIRA (2010:29)

Apesar de pertinente, associar a idéia da Serra do Cipó à volúvel formação que os circuitos possuem não corresponderia, em certos momentos, a uma série de questões físicas e culturais da região. Outra possibilidade é associar onde seria a Serra do Cipó aos limites da sub-bacia hidrográfica do Rio Cipó que, provavelmente, deu nome à região. Sobre as razões para o nome “Serra do Cipó”, Araújo afirma que:

Em relação à explicação para mudança do nome de Serra da Vacaria para Serra do Cipó, existem duas versões mais difundidas entre os moradores da região. A primeira, e a mais divulgada na mídia e em livros didáticos, diz que o nome Serra do Cipó deve-se ao rio Cipó, principal rio da região, caracterizado por seu curso d’água bastante sinuoso, que quando observado das encostas da Serra lembra um grande cipó. A segunda versão, e menos difundida, deve-se à grande quantidade de cipós existentes nas matas da região em tempos antigos. FERREIRA (2010:31)

Um exemplo dessa visão foi que até um artigo sobre a Serra do Cipó, publicado pelo Projeto Manuelzão, que destacava a necessidade da criação de um comitê de gestão para a sub-bacia do Rio Cipó, desconsiderou a própria hidrografia e se referiu à região da seguinte forma:

A Serra fica na região central de Minas e envolve quatro municípios: Santana do Riacho, Jaboticatubas, Conceição do Mato Dentro e Morro do Pilar. [...] Se no Parque, que abrange duas das seis cidades da Bacia Cipó, o rio ainda respira tranqüilo, ao sair dele, as ameaças não são poucas. MARQUES E COUTINHO (2010:9)

Ao ler o referido texto, fica a falsa impressão que Morro do Pilar e Conceição do Mato Dentro fazem parte da Bacia do Rio Cipó e que seriam tributários do Rio das Velhas, mas estes últimos municípios fazem parte da bacia do Rio Doce.

E o mais comum de todos os equívocos é associar a Serra do Cipó ao entorno do PARNA Cipó, como os trabalhos de SOARES (1995), PEREIRA (2002), NAZARETH (2005), EPLERWOOD (2007), ICMBio (2009) e diversas outras publicações.

O certo é que as idéias sobre o que é a Serra parecem se dividir em dois grupos: a Serra que é um cenário para aqueles que só a vêem de passagem e a Serra que abriga uma população composta por descendentes de quilombolas, índios, bandeirantes e colonos.

Os caminhos que cortam a Serra começaram a ser traçados por volta de 12.000 a 8.000 a.C. pelos primeiros moradores da região, povos negróides, que foram seguidos por ameríndios. Segundo GOULART:

Achados arqueológicos mostram que ocorreram duas levas migratórias no relativamente curto período de três milênios. A primeira possuía traços negróides e foi exterminada pela segunda leva, que sobreviveu até os nossos dias, com traços tipicamente asiáticos. As duas civilizações deixaram suas marcas nas grutas ao longo da Serra do Espinhaço, descobriram recentemente os paleontólogos, através de estudos genéticos, tendo coabitado por algum período aquelas paragens. GOULART (2001:43)

Os ameríndios que tiveram grande presença na Serra constituíram uma segunda leva de povoamento iniciada por volta 8.000 a.C., e também deixaram inúmeros sítios arqueológicos e pinturas rupestres espalhadas em praticamente toda a Serra do Cipó, dos quais podemos destacar o “Grande Abrigo” e as Lapas dos Gentios e Sucupira<sup>9</sup>, em Santana do Riacho. Mas a população indígena foi praticamente exterminada e desapareceu da região após o decreto de 1808, quando Dom João VI declarou guerra aos “Botocudos” para abrir uma frente de ocupação e de povoamento em direção ao Vale do Rio Doce na vertente leste da Serra. A oeste da Serra, não se observava mais a presença de indígenas já no século XIX.

Destino de viajantes desde o século XVIII, quando se consolidou como caminho e entreposto entre Ouro Preto e Diamantina, a Serra guarda nas suas paisagens fortes marcas desde processo de povoamento e de descobrimento em curso até os dias atuais não só nela, mas na Cadeia do Espinhaço como um todo:

A Serra do Espinhaço serviu de marco de orientação para o desbravamento e a colonização dos gerais. É a serra divisora do sertão e do mato-a-dentro, ou seja, do cerrado e da mata atlântica. À oeste, o sertão, com imensos tabuleiros dos gerais, com suas árvores retorcidas e clima mais seco. A leste, a floresta atlântica, os grandes vazios demográficos, ocupados então apenas por esparsas tribos de índios. GOULART (2001: 40).

Na borda leste, pertencente ao Bioma da Mata Atlântica e à Bacia do Rio Doce, formou-se o “Caminho do Mato Dentro”, parte da extensa Estrada Real. Por este trecho passou a maioria dos viajantes e naturalistas do período Pós-Joanino e, nos relatos, era comum a alusão a beleza da Serra do Cipó, ou Serra da Vacaria e Serra da Lapa, como foi chamada a princípio. Os traços da arquitetura portuguesa marcam a paisagem das cidades históricas desta vertente da Serra sendo, o próprio caminho, também de grande representatividade.

Na porção oeste, marcada pelo Cerrado, traços de relevo mais suaves e por alguns cursos d’água da Bacia do Rio São Francisco, a Serra era cortada por dois caminhos, sendo eles

---

<sup>9</sup> Existem várias publicações e pesquisas sobre a ocupação paleoíndia na Serra do Cipó, destacando-se as desenvolvidas pelo departamento de Arqueologia da UFMG e lideradas em grande parte pelo prof. Dr. André Prous.

“O caminho dos Curraes” e o “Caminho de dentro pelas macaúbas”. Os índios praticamente já não eram vistos e os negros se espalharam em diversos quilombos. Os quilombos eram formados por escravos vindos da porção norte onde estava a Vila do Príncipe (atual Serro), e do sul, da região das vilas de Sabará e Vila Rica. Enquanto os índios desapareceram, os descendentes de quilombolas continuam presentes em vários povoados, tanto na porção leste quanto na oeste, sendo possível destacar os povoados do Açude, Mato do Tição, Três Barras<sup>10</sup>, Buraco, Bongue, Capão do Berto, Xirú entre outros. Sobre a presença de quilombolas da Serra do Espinhaço, GOULART afirma que:

Na Serra do Espinhaço ficou também famoso o quilombo de Bandeira Grande, no município de Chapada, e um duradouro quilombo nas nascentes do Rio Gorutuba. Por toda região do garimpo existem referências vagas a outros quilombos, como por exemplo, nas proximidades do Pico do Breu, em Santana do Riacho, onde ficou o nome de Córrego do Quilombo para um riacho que vem de um local próximo a uma antiga mina de ouro. GOULART (2001:56)

Em relação ao povoamento de origem portuguesa, os primeiros registros, conforme o ICMBio (2009), são do século XVI quando, em busca de alternativas de gerar recursos na Colônia frente a crise da cana-de-açúcar, Portugal incentivou várias expedições ao interior do Brasil em busca de metais e pedras preciosas. O primeiro registro é de 1572, quando a bandeira de Sebastião Fernandes Tourinho teria passado pela borda leste da Serra do Cipó, com cerca de 400 homens, ao fazer o trajeto entre as capitanias da Bahia e de São Paulo.

Segundo o ICMBio (2009), as primeiras bandeiras a atuarem na região foram as de Fernão Dias Paes, entre 1673 e 1681, e a de Antônio Soares Ferreira, iniciada em 1701. A primeira, de Fernão Dias, passou pela região do cerrado, na face oeste da Serra, e a segunda pelas faces leste e novamente a oeste. A bandeira de Antonio Soares, através da concessão de sesmarias<sup>11</sup>, fundou os povoados que deram origem a Conceição do Mato Dentro, na borda nordeste da Serra do Cipó, e Morro do Pilar, um pouco mais ao sul de Conceição, sendo assim a frente pioneira de colonização da região da Serra. Ao se descobrirem ouro e diamante no Serro e em Diamantina (na época Vila do Príncipe e Tejuco), muitos outros viajantes e exploradores passaram pelos caminhos da Serra, sendo

---

<sup>10</sup> Tive a oportunidade, como instrutor no curso “Turismo Quilombola”, (promovido pelo NESTH - UFMG / SEDESE – MG entre 2008 e 2009), de permanecer cerca de 20 dias em Três Barras (Conceição do Mato Dentro) e outros 20 no Capão do Berto (Jaboticatubas).

<sup>11</sup> O instrumento basilar que norteou a política agrária durante o período colonial brasileiro foi a concessão de sesmarias, um regime de doações régias utilizado pela coroa portuguesa, cujo objetivo seria estimular a ocupação do território e estender o alcance da ação civilizatória estatal. ALVES e ALVES (2008).

que os roteiros já estavam lançados. Dessa forma, esses caminhos se consolidaram e a região lentamente se colonizou.

Fato marcante, e uma das principais fontes de informação sobre o século XIX na Serra, foram os relatos dos naturalistas que visitaram a região. Muitos viajaram por várias partes do Brasil, incentivados por Dom João VI, que patrocinou diversas expedições científicas a fim de mapear e conhecer os recursos naturais que existiam no Brasil e que ainda não haviam sido estudados e catalogados. Como exemplo, podemos citar dois breves trechos dos diários do naturalista Langsdorff, quando de suas impressões sobre o cerrado, que avistou na borda oeste da serra, e os campos rupestres dos altos de morros.

Praticamente todas as árvores são atrofiadas devido às queimadas, ventos ou outros fatores eventuais; são pequenas, tortuosas e cheias de galhos retorcidos. É estranho como todas as árvores de campos tem córtex grosso e com várias fissuras, como se a natureza quisesse protegê-las das chamas das queimadas anuais, que atingem apenas as gramíneas secas e alguns arbustos e plantas áridas de verão. (1825: 231)

[...] Subi o morro mais alto ao sul, em frente à casa. Segundo o barômetro, ela fica a 4.700 pés; com mais 500 pés que subi, cheguei a 5.200 pés de altura. A vegetação fica cada vez mais baixa e de uma variedade sem precedentes. A natureza se mantém fiel às suas leis, ao seu regime e tendências. Aqui ela assume novas formas, com novas e raras espécies e gêneros. LANGSDORFF (1825:244)

A seguir, é apresentado um quadro síntese sobre os naturalistas e suas obras que citam a Serra do Cipó no quadro 1.

Quem	Pais Origem	Período	Detalhes	Registro
J.B von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius	Alemanha	1817-1820	Zoólogo, médico, botânico e antropólogo. Viagem épica por grande parte do Brasil é referência para botânica nacional e mundial.	<i>Reise in Brasilien in den Jahren 1817 bis 1820;</i> <i>Flora Brasiliensis (1840)</i>
Johann Jakob von Tschudi	Alemanha	1857-1858	Médico, diplomata e zoólogo.	<i>Viagens através da América do Sul</i>
Auguste Saint Hilaire	França	1822	Naturalista (Botânico), com especial interesse para utilidades das plantas.	<i>Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes</i>
Peter Lund	Dinamarca	1835 -1880	Zoólogo e paleontólogo. Descobriu muitos fósseis de megafauna e esqueletos humanos pré-colombianos.	<i>“Memórias Paleontológicas” e muitas anotações em seus diários. “Lagoa Santa”</i>
Wilhelm Ludwig von Eschwege	Alemanha	1810 -1840	Naturalista, militar com formação em Direito, Ciências Naturais, Arquitectura, Ciência e Economia Política, Economia Florestal, Mineralogia e Paisagismo.	<i>Pluto brasiliensis</i>
Eugenius Warming	Dinamarca	1863	Botânico, um dos pais da ecologia. Primeiro a descrever em detalhe a vegetação do Cerrado.	<i>Tratado sobre ecologia do Cerrado</i>
Louis Agassiz	Suíça - America	1865	Zoólogo (peixes) e paleontólogo (períodos glaciais) contribuiu muito para biologia da evolução.	<i>A Journey to Brazil</i>
Richard Burton	Inglaterra	1867	Explorador, lingüista e etnógrafo. Traduziu Camões, as 1001 Noites e o KamaSutra.	<i>Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico</i>
Georg Heinrich von Langsdorff	Alemanha	1824	Explorador, diplomata e Naturalista.	<i>Diários de Langsdorff</i>
John Malwe	Inglaterra	1807-1810	Mineralogista, químico e petrografia.	<i>Viagens no interior do Brasil</i>
Johann Baptist Emanuel Pohl	Áustria	1817-1822	Médico, geólogo e botânico.	<i>Viagem no Interior do Brasil</i>

Quadro 1: Naturalistas que visitaram a Serra do Cipó.

Adaptado e baseado na tabela “4.c – Alguns naturalistas e suas conexões”. EPLERWOOD (2007:16)

Com o declínio da mineração do ouro e diamante a região foi, aos poucos, caindo no esquecimento no final do século XIX. A falta de estradas transitáveis e a dificuldade em se

deslocar nos terrenos acidentados da Serra funcionaram como atrativo apenas para alguns grupos de ex-escravos que, após a abolição da escravidão, migraram para a borda oeste da serra onde formaram alguns povoados. Como o povoamento nessa vertente foi mais tardio, nela são encontrados a maioria dos povoados de origem quilombola, se comparada com a vertente leste. Podemos visualizar a referida região na figura 6, na qual a Serra do Cipó está inserida nos seu contexto estadual e regional dentro da RBSE.

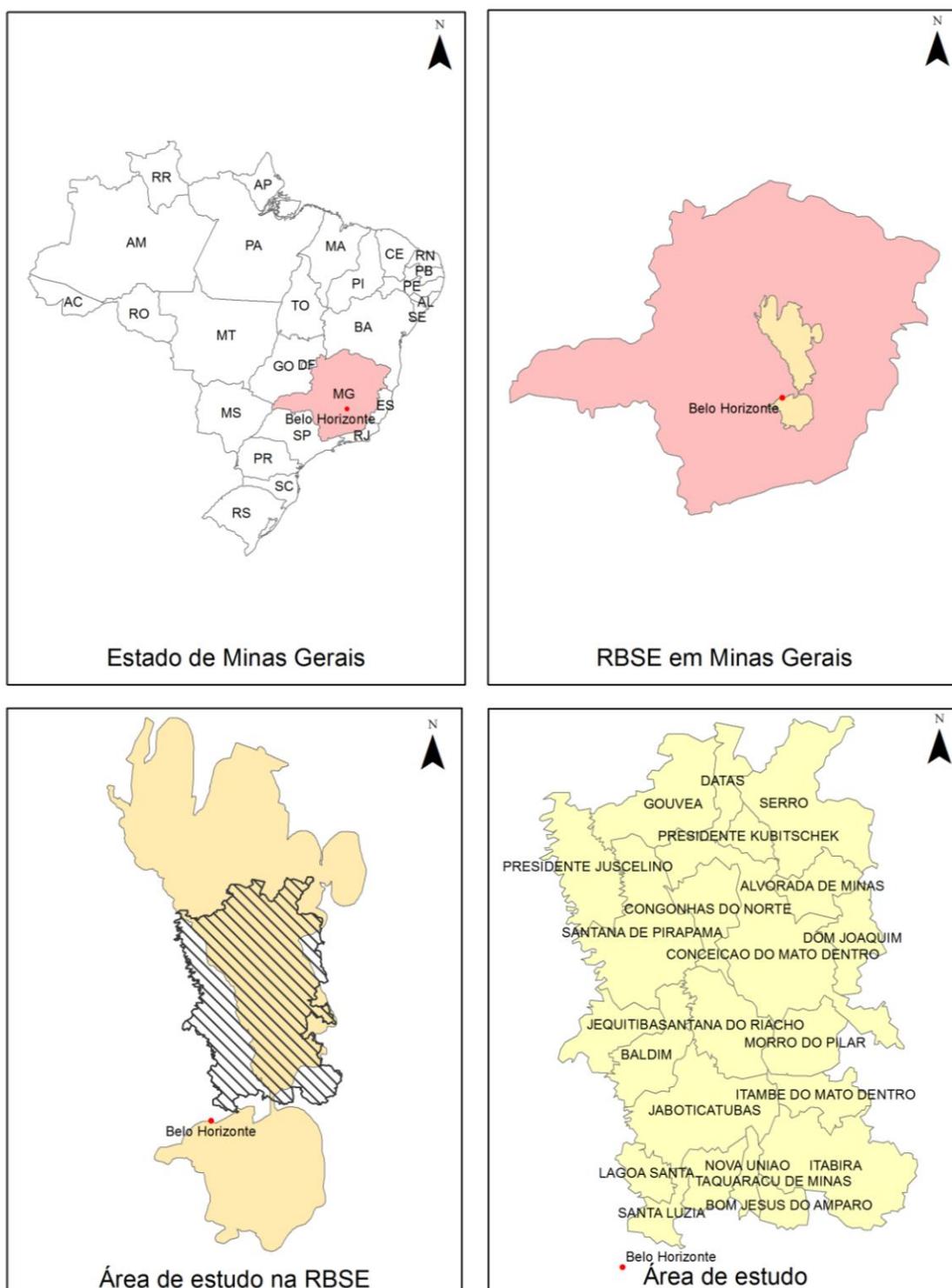


Figura 6: Localização da área de estudo. Fonte: (BRAGA e KNEGT)

O período entre os séculos XIX e XX foi marcado não só pela estagnação econômica, mas também por constantes rearranjos territoriais entre os municípios que formam a região da Serra do Cipó. A estagnação foi mais marcante na borda oeste, onde o isolamento geográfico por falta de acessos marcou a estagnação econômica. Esse é um fato visível na paisagem até hoje.

Os históricos dos municípios estão detalhados individualmente nos anexos. Para efeito ilustrativo, e para expor parte da grande dinâmica territorial pela qual a região passou, será descrita brevemente a formação administrativa do município de Santana do Riacho. Situado geograficamente no centro da região, a sede de Santana do Riacho já fez parte dos territórios dos (hoje) municípios de Conceição do Mato Dentro, Serro, Morro do Pilar, Santa Luzia, Caeté e Jaboticatubas. Como base em informações coletadas nas prefeituras, na Enciclopédia dos Municípios Mineiros e no Plano de Manejo do PARNA Cipó, foi possível perceber como Santa Luzia / Caeté e Conceição do Mato Dentro / Serro eram os municípios que abrangiam a área da Serra e foram se fragmentando.

Antes dos quatro municípios citados, o início do povoamento se deu a partir do Serro e de Sabará. O último se fragmentou dando origem a boa parte dos municípios da vertente leste e porção sul. O Serro, por sua vez, deu origem aos municípios ao norte e leste da região. Veremos, através do quadro 2 e dos mapas que a seguem (figura 7), o processo “cartográfico-genealógico”<sup>12</sup> que resultou na atual composição dos municípios da Serra do Cipó.

Os movimentos emancipatórios acompanharam o que acontecia no resto país, como podemos observar em MAGALHÃES:

O início do processo de emancipação municipal no Brasil ocorreu por volta da década de 1930. Esse processo se intensificou nas décadas de 1950 e 1960 e foi restringido pelos governos militares entre 1970 e 1980. Após o término do regime militar, as emancipações se intensificaram novamente. MAGALHÃES, (s/d:13).

---

<sup>12</sup> Método utilizado por GUSSO, 1996, na monografia “Minas Novas de Velhas Histórias: contextualização geográfica e socioeconômica”.

### Formação política, tendo como referência o ano 1800

- Serro

Conceição do Mato Dentro, Itambé do Mato Dentro, Congonhas do Norte, Morro do Pilar, Dom Joaquim, Alvorada de Minas, Presidente Kubitscheck

- Sabará

Jaboticatubas, Santana do Riacho, Curvelo, Presidente Juscelino, Santana de Pirapama, Caeté, Itabira, Taquaraçu de Minas, Nova União, Santa Luzia, Baldim, Lagoa Santa

### Formação política, tendo como referência o ano de 1900

Santa Luzia

- Lagoa Santa
- Jaboticatubas
  - Baldim
  - Santana do Riacho

Conceição do Mato Dentro

- Itambé do Mato Dentro
- Congonhas do Norte
- Morro do Pilar
- Dom Joaquim

Itabira

- Santa Maria de Itabira

Serro

- Alvorada de Minas
- Presidente Kubitscheck

Caeté

- Taquaraçu
- Nova União

Curvelo

- Presidente Juscelino
- Santana de Pirapama

Jequitibá (pertence ao município de Sete Lagoas)

Bom Jesus do Amparo (pertence ao município de Barão de Cocais)

### Formação política, tendo como referência as décadas de 1960-70

Serro (emancipado de Sabará em 1714)

Itabira (emancipado de Caeté em 1833)

Caeté (emancipado de Sabará em 1814)

Curvelo (emancipado de Sabará em 1831)

Conceição do Mato Dentro (emancipado do Serro em 1840)

Santa Luzia (emancipado de Conceição do Mato Dentro em 1858)

Lagoa Santa (emancipado de Santa Luzia em 1938)

Jaboticatubas (emancipado de Santa Luzia em 1938)

Dom Joaquim (emancipado de Conceição do Mato Dentro em 1938)

Santa Maira de Itabira (emancipado de Itabira em 1947)

Baldim (emancipado de Jaboticatubas em 1948)

Santana de Pirapama (emancipado de Cordisburgo em 1948)

Jequitibá (emancipado de Sete Lagoas em 1948)

Morro do Pilar (emancipado de Conceição do Mato Dentro em 1953)

Bom Jesus do Amparo (emancipado de Barão de Cocais em 1954)

Itambé do Mato Dentro (emancipado de Santa Maria de Itabira em 1962)

Congonhas do Norte (emancipado de Conceição do Mato Dentro em 1962)

Santana do Riacho (emancipado de Jaboticatubas em 1962)

Presidente Juscelino (emancipado de Curvelo em 1962)

Presidente Kubitscheck (emancipado de Diamantina em 1962)

Taquaraçu de Minas (emancipado de Caeté em 1962)

Nova União (emancipado de Caeté em 1962)

Alvorada de Minas (emancipado do Serro em 1962)

Quadro 2: Genealogia municipal da Serra do Cipó

Outro aspecto sobre as emancipações<sup>13</sup> municipais abordado por Magalhães, e que é pertinente para entender essa dinâmica na Serra do Cipó, são os motivos citados por esse autor para os desmembramentos.

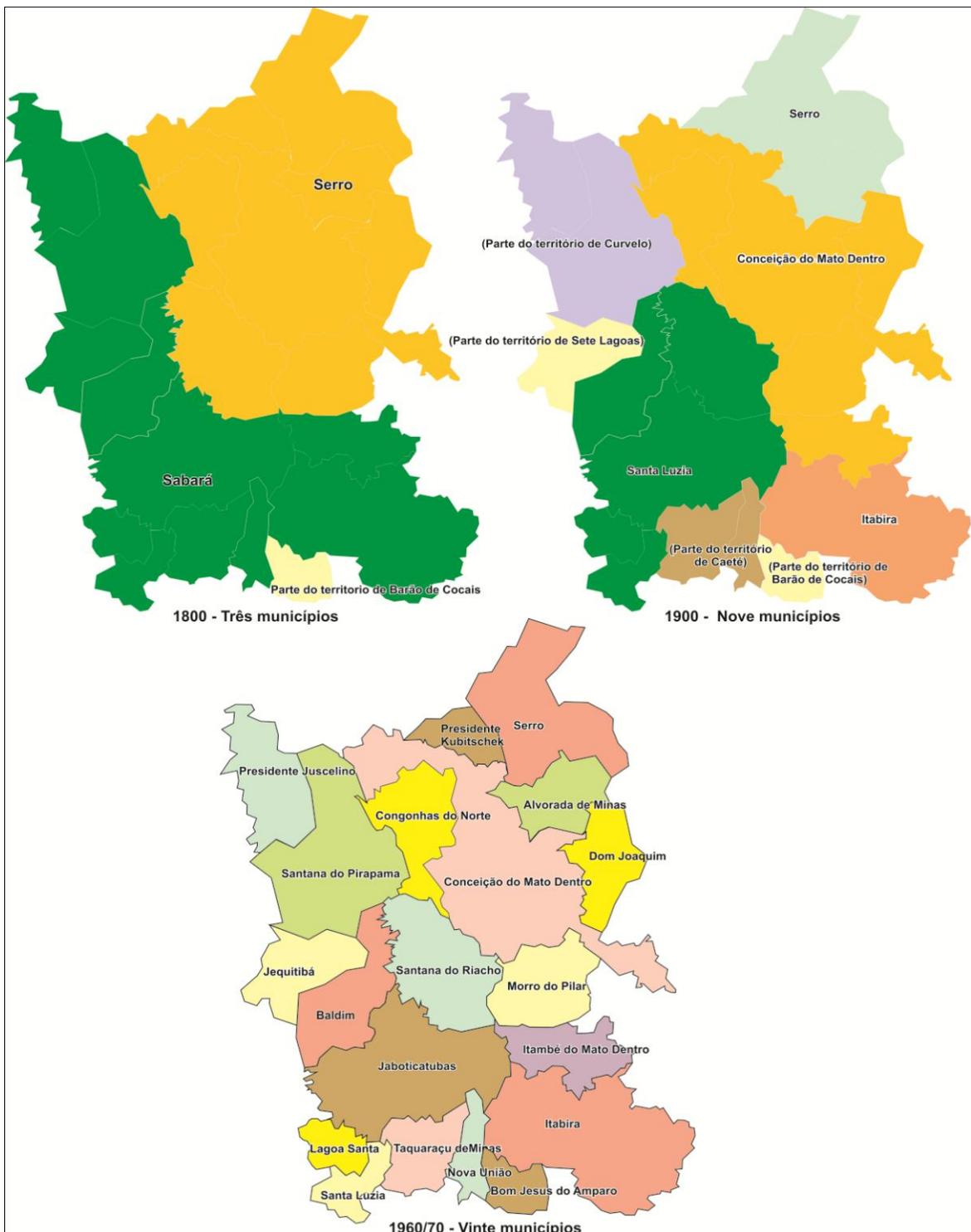


Figura 7: Árvore genealógica dos municípios da Serra do Cipó

<sup>13</sup> Poder-se-ia falar de "emancipação de distritos", pois os mesmos é que se separam de seus municípios originais e, juntando-se ou não a outros distritos do mesmo (ou de outro município contíguo), é que se transformam em um novo município. Outra hipótese é que partes dos municípios se emancipem. SHIKIDA (s/d: 2)

Mesmo que esse estudo tenha sido realizado para municípios criados na década de 1990, os motivos parecem compatíveis com os que teriam motivado as emancipações nas décadas de 1930, 1950 e 1960:

Listaram-se a seguir as principais alegações dos novos prefeitos [para a criação do município]<sup>14</sup>, com seus respectivos percentuais:  
54,2%: descaso por parte da administração do município de origem;  
23,6%: existência de forte atividade econômica local; 20,8%: grande extensão territorial do município de origem; e 1,4%: aumento da população local. MAGALHÃES (s/d:14).

Sobre o grande número de emancipações ocorridas em 1960 e 1962 é apontado como provável explicação por Carvalho (1995) apud Shikida:

O ano de 1962 representou um aumento substancial no número de municípios - 237 novos municípios - no estado de Minas Gerais, criados sem plebiscito, com o único objetivo de aumentar a participação do estado nas receitas de impostos federais. SHIKIDA (s/d:12)

O imposto referido é o Fundo de Participação de Municípios, repassado pelo governo federal. É provável que este, somado aos motivos citados anteriormente, tenham formado o quadro favorável para a reconfiguração sofrida pelos municípios da Serra do Cipó. Em especial na vertente leste, onde o aumento do fluxo de pessoas, crescimento provocado pela mudança do eixo de circulação (da vertente leste para a oeste) desde a fundação de Belo Horizonte aumentou. Fato que deixou o município de Conceição do Mato Dentro isolado, pois o acesso ao Serro e Diamantina passou a ser feito pela outra vertente da Serra.

Outro fator foram as políticas desenvolvimentistas de Juscelino Kubitschek como governador de Minas Gerais e presidente de república, que geraram algum investimento na região e possibilitou que distritos de emancipassem. E, por fim, outra questão política: em alguns casos prefeitos incentivam a emancipação de distritos onde eles possuem maioria dos votos, criando assim condições para o grupo político que representa permanecer no poder. Atualmente existem boatos sobre movimentos emancipatórios em Santana do Riacho, no Distrito de Cardeal Mota, que respondem por grande parte das divisas municipais. Há uma expectativa, quanto a Conceição do Mato Dentro, que seus distritos mais distantes e onde começa a haver a inserção de novas e grandes atividades econômicas (ação de mineradoras), se fortaleçam política e economicamente e busquem a emancipação.

---

<sup>14</sup> Nota minha.

### 3.2 - A geografia da Serra: os rios, picos, flora e serras

Considerando os aspectos físicos, a Serra do Cipó é um dos vários nomes locais recebidos pela Serra do Espinhaço (também conhecida como Serra Geral) ao longo dos seus 1.200 km entre o Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais, até a Chapada Diamantina, na Bahia. Podemos identificar três grandes unidades paisagísticas na Serra do Cipó, segundo estudos realizados pelo LABGEO/UFV, que estão de acordo com as informações do Plano de manejo do PARNA Cipó e outros estudos de referência sobre a Serra do Cipó e a Serra do Espinhaço como os de SAADI (1991 e 1995) e GONTIJO (2010).

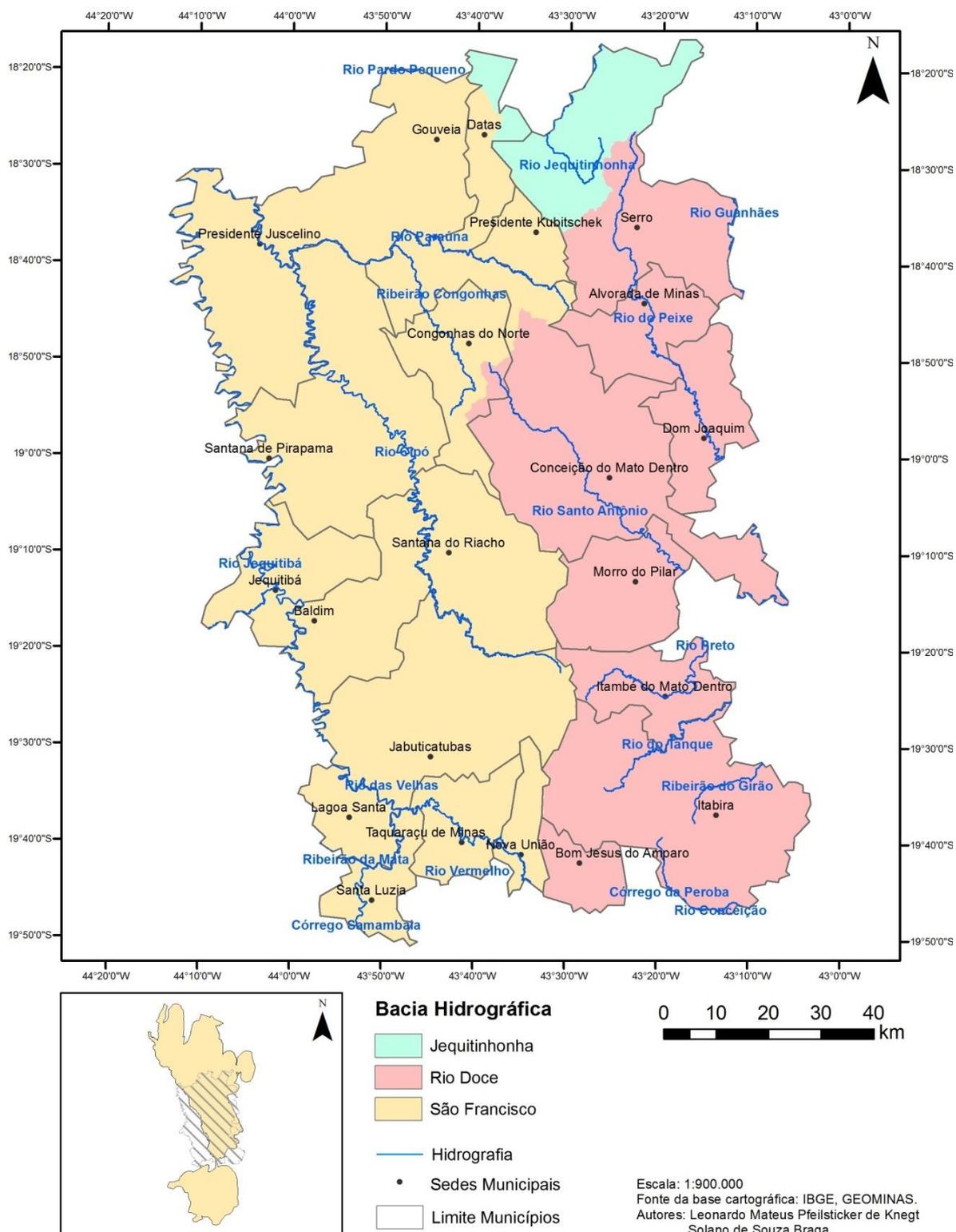
No primeiro domínio, historicamente coincidente com o “Caminho dos Curraes” e o “Caminho de Dentro pelas Macaúbas”, na borda oeste, nasce o Rio Cipó, integrante da bacia do Rio das Velhas. Sobre a sub-bacia do Rio Cipó, ICMBio (2009) destaca que as águas têm papel central no potencial turístico não só do PARNASC, como de toda a região. A maioria dos visitantes que procura a Serra do Cipó vão atraídos por paisagens ou diversão relacionadas às águas. A sub-bacia do Rio Cipó se estende até o município de Presidente Kubitschek, considerado aqui como um dos extremos da região da Serra do Cipó. São justamente as águas que colocam, hoje, um município que ocupa posição periférica no cenário turístico e ainda sem áreas protegidas como Presidente Kubitschek no foco para a criação da UC das “Águas Indecisas”<sup>15</sup>, pois no território deste município encontramos águas que drenam para as bacias do São Francisco, rio Doce e rio Jequitinhonha (ver mapa 1).

Mas é o encontro das águas com a geologia da Serra que nos explica a existência de cachoeiras, poços e rios com beleza e atratividade para turistas que buscam paisagens e aventura ao longo dos seus cursos d'águas. Nos terrenos mais planos e ondulados da vertente oeste (ver quadro 3), encontramos rios mais meândricos e tranquilos, com exceção do forte desnível que existe nessa borda da Serra e onde estão as maiores cachoeiras. Na porção leste, de topografia mais acidentada (mapa 2), encontramos a maioria dos cânions e cachoeiras que, ao contrário da vertente oeste, se encontram bem distribuídos nos municípios.

---

<sup>15</sup> Segundo informações do Dr. Eugenio Goullat, em palestra no dia 20/11/2010.

# HIDROGRAFIA



Mapa 1: Bacias hidrográficas da Região da Serra do Cipó (BRAGA e KNEGT)

O **(1) Domínio Oeste - Cerrados**, apresenta planícies fluviais da depressão do Rio das Velhas; colinas da depressão periférica do Rio das Velhas com cerrados e matas secas; cristas e morrotes da depressão periférica do rio das Velhas com matas secas e cerradões e

encostas dissecadas da borda oeste em rochas metapelíticas e diamictitos, como podemos ver na figura 8 e nos mapas 2 e 3.

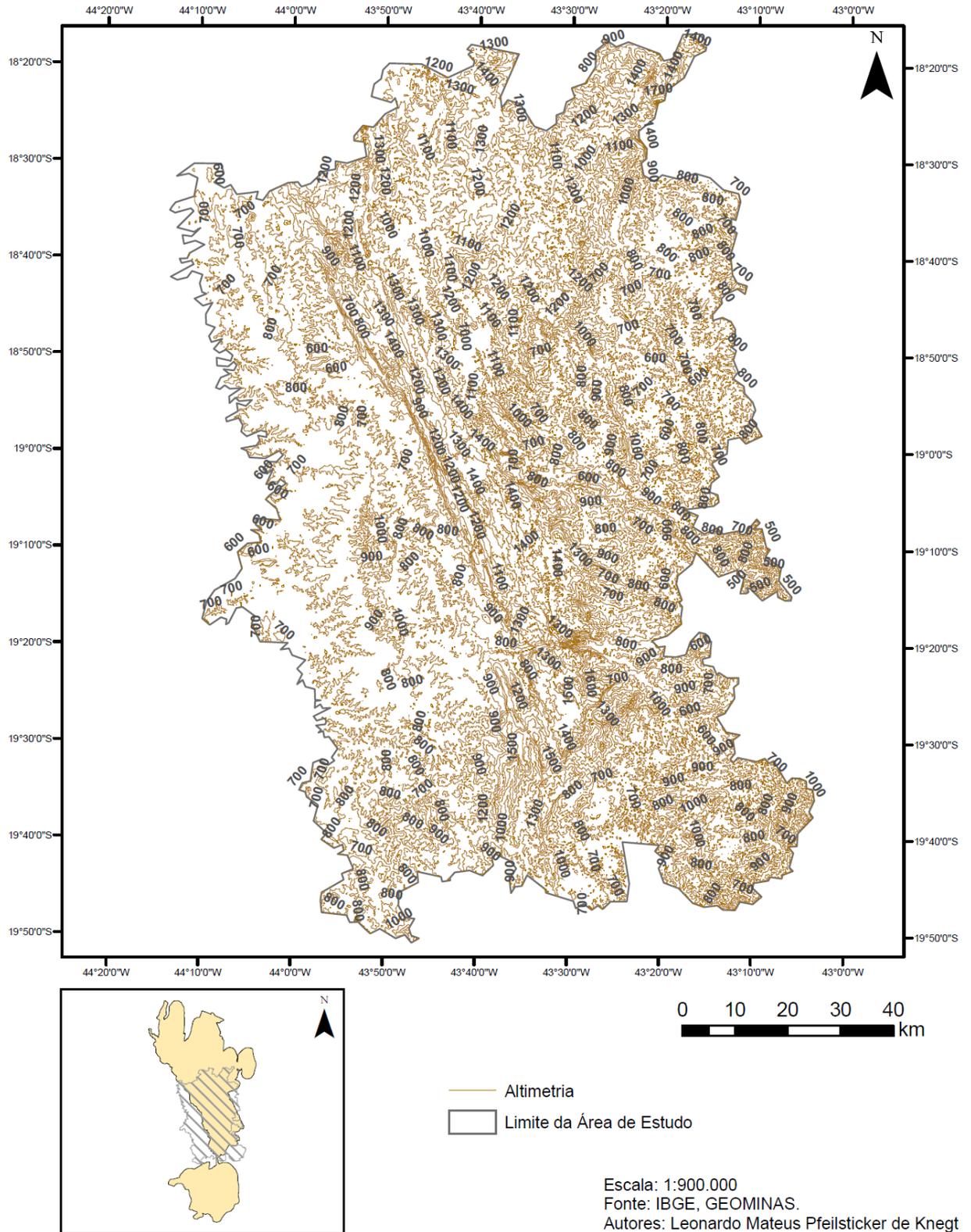


Figura 8: Domínio Oeste - Cerrados

Para alguns, como GONTIJO (2003), a Serra do Cipó corresponderia não ao tamanho do PARNA Cipó ou da APA Morro da Pedreira e sim ao alinhamento montanhoso que margeia o Rio Cipó até sua foz. Logo, essa vertente pode ser considerada como uma das imagens existentes sobre o que é a Serra do Cipó.

Também caracterizado historicamente como “Caminho do Mato Dentro”, o segundo domínio, o **(2) Domínio Leste e Sul com Mata Atlântica**, (figura 9) tem como características principais as encostas dissecadas e vales encaixados da fachada atlântica, com formações de transição; o planalto dissecado e vales encaixados de Taquaraçu-Nova União com matas semi-decíduais de transição e os planaltos dissecados da borda leste em mar-de-morros com mata atlântica.

# ALTIMETRIA



Mapa 2: Mapa altimétrico da Região da Serra do Cipó



Figura 9: Cachoeira da fumaça, em Nova União, na Serra da Mutuca.

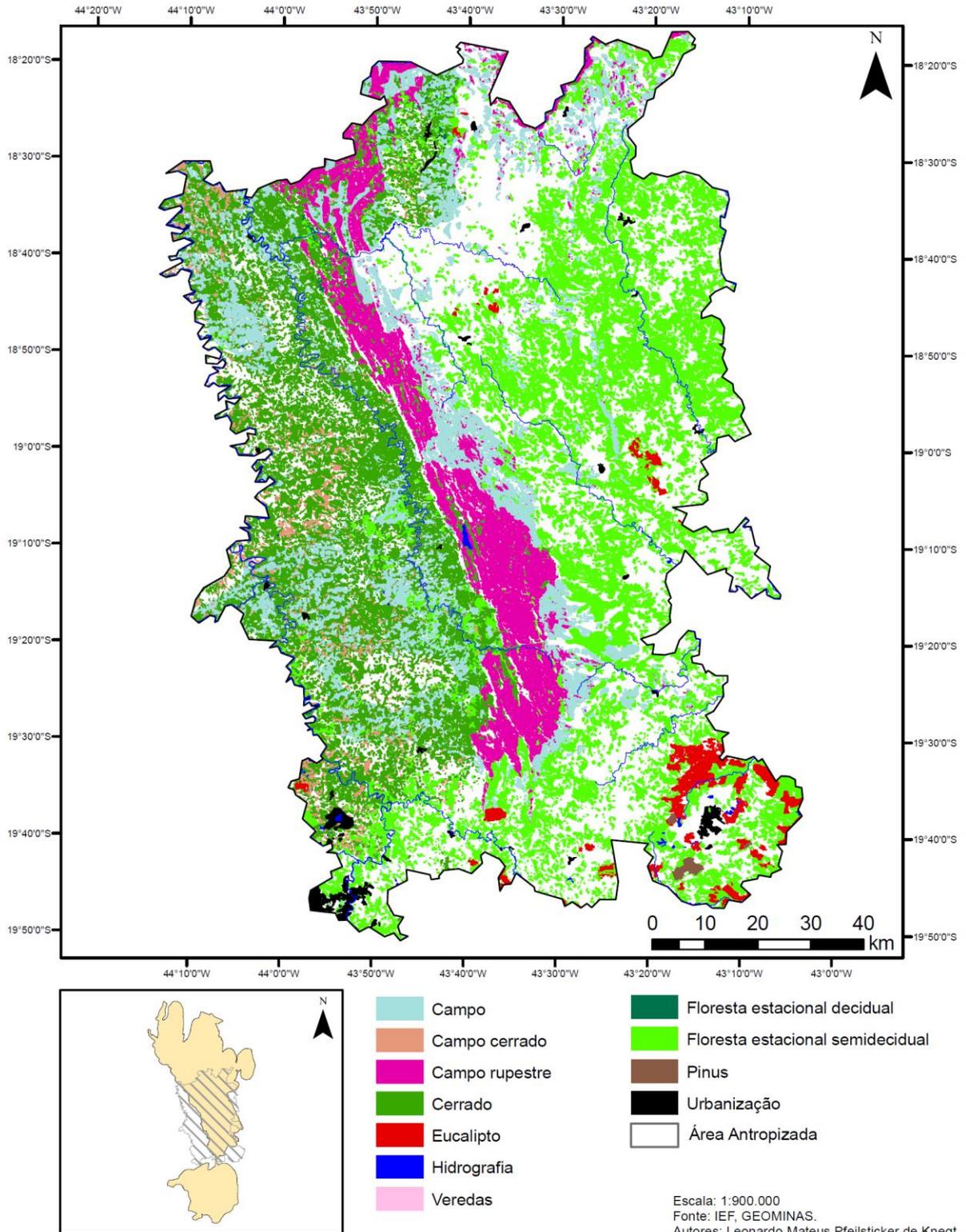
Nessa borda, que foi até o século XIX parte da grande fronteira de povoamento do estado, encontram-se também importantes rios da Bacia do Rio Doce, uma das maiores de Minas Gerais. Segundo o ICMBio (2009):

Nas vertentes orientais, que drenam para o rio Doce, o rio mais importante é o Santo Antônio. Nestas vertentes, os rios têm nascentes e cursos iniciais bastante encaixados, e é comum a formação de cacimbas, como sugerem os nomes rio Tanque, e rio Entancado. Em seguida, drenam por terrenos ondulados suaves, formando, em diversos pontos, profundos pacotes aluvionais. Os rios que nascem na porção norte do Parque, com destaque para o rio do Peixe, que nasce no Travessão e o rio Preto, que nasce no Salitreiro, com diversos tributários menores, drenam para o Santo Antônio. ICMBio, encarte 2 (2009:19)

Já o terceiro domínio corresponde os topos de Serra, as áreas mais elevadas da região. Podemos dizer que este domínio é o mais visível e mais homogêneo, pois é visto em ambas as vertentes, tem características próprias e funciona como área de transição e de agregação dos dois domínios já citados. O **(3) Domínio Central com Campos Rupestres do Espinhaço** é formado por serras, encostas íngremes e escarpas do Espinhaço com campos rupestres; patamares com campos gramíneos e rupestres; planícies, vales

estruturais montanos e altimontanos; colinas montanhosas embutidas com rochas pelíticas e campos; e platôs quartzíticos de cimeira (ver figura 10 e mapa 3).

## Vegetação



Mapa 3: Vegetação da Serra do Cipó



Figura 10: Campos rupestres ao norte do PARNA Cipó, próximo as Velósias gigantes.

Apesar da caracterização apresentada sugerir que existe uma divisão bem marcada entre leste e oeste na Serra, isso só é observado, na prática, por questões físicas. É possível perceber que diferenças das datas de povoamento estão mais relacionadas com a concessão de sesmarias e outros aspectos políticos. As condições geográficas não eram limitantes se comparadas uma vertente com a outra, uma vez que a ocupação de deu por questões políticas na região, as quais incentivavam a ocupação e a exploração de determinados recursos.

Uma feição bastante emblemática para a questão física é o Travessão, um local na Serra onde é possível visualizar os três biomas e as duas bacias hidrográficas citadas, como podemos ver na figura 11: estando nos campos rupestres, temos a vista para a Floresta estacional semi-decidual e a bacia do Rio Doce a leste. Em resumo, segue um quadro com alguns aspectos marcantes do clima e morfologia regional:

Municípios	Temperatura (min / max em °c)		Relevo em % (plano, ondulado e montanhoso)			Bioma
Baldim	20,9	28,2	10	30	60	Cerrado
Caeté	16,7	27,1	-	2	98	Mata Atlântica
Conceição do Mato Dentro	14,9	28,1	3	17	80	Mata Atlântica
Congonhas do Norte	14,9	28,1	15	55	30	Cerrado / campos
Itabira	15,9	26,5	10	20	70	Mata Atlântica / campos
Itambé do Mato Dentro	15,9	26,5	10	15	75	Mata Atlântica
Jaboticatubas	15,9	28,2	5	65	30	Cerrado / campos
Morro do Pilar	14,9	28,1	5	60	35	Mata Atlântica
Nova União	15,9	26,5	5	65	30	Mata Atlântica
Presidente Juscelino	16,6	30,2	25	40	35	Cerrado
Presidente Kubitschek	14,1	23,8	20	30	50	Cerrado
Santa Luzia	13,8	27,1	10	45	45	Cerrado
Santana de Pirapama	16,6	30,2	20	65	15	Cerrado / campos
Santana do Riacho	14,9	28,1	20	20	60	Cerrado / campos
Serro	14,1	23,8	10	20	70	Mata Atlântica / campos
Taquaraçu de Minas	16,7	27,1	20	30	50	Mata Atlântica

Quadro 3: Aspectos morfológicos, vegetacionais e climáticos regionais.

Fonte: IBGE (2011)



Figura 11: Vista do Travessão para o leste (divisa de Santana do Riacho e Morro do Pilar)

### 3.3 - Unidades de Conservação

A Serra do Cipó faz parte da área englobada pela RBSE, que é um grande mosaico de Unidades de Conservação das quais destacamos o PARNA Cipó e a APA Morro da Pedreira. A Serra do Cipó, seja lá qual for sua abordagem, sempre estará ligada à Serra do Espinhaço, pois “Serra do Cipó” é um dos nomes regionais recebidos pela Serra (ou Cordilheira) do Espinhaço.

A Serra do Espinhaço tem seus limites imersos em algumas polêmicas, alguns acreditam que ela corresponde ao grande mosaico de serras que vai da Serra do Mar até a Chapada Diamantina (GOULART, 2001), outros que se limita ao conjunto serrano situado entre o Quadrilátero Ferrífero e a Chapada Diamantina. Para este estudo, consideramos assim como GONTIJO (2008) a área da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, que foi declarada oficialmente pela UNESCO em 2006, a qual está completamente inserida no estado de Minas Gerais. A RBSE compreende uma área de 3.070.000 hectares. Sua área de abrangência, conforme dados da Fundação Biodiversitas (2009), começa pelas serras de Ouro Preto e Ouro Branco, alcançando também as serras do Caraça, Catas Altas e Barão de Cocais, na região de Santa Bárbara. Próximas a Belo Horizonte estão as Serras da Piedade, Moeda, Curral e Cipó. A Serra do Cabral encontra-se na região do Alto São Francisco, assim como Diamantina, Serro e Itambé, sendo esta última na região do Alto Jequitinhonha.

Segundo informações disponibilizadas pela PUC-MINAS<sup>16</sup>, o tombamento da RBSE se justifica por esta porção da Serra do Espinhaço abrigar 67% das espécies de plantas ameaçadas de extinção em Minas Gerais, com destaque para a região da Serra do Cipó, que por ser a mais estudada, abriga o maior número de espécies endêmicas da flora brasileira e um grande endemismo da fauna associada a essas plantas. Outro motivador foi ao fato de já existir onze unidades de conservação, dentre Uc's estaduais, federais e municipais, como podemos ver no mapa 4 (as RPPN's não estão incluídas nesta primeira ilustração): Parque Nacional da Serra do Cipó, Parque Nacional das Sempre Vivas, Parque Estadual do Itacolomy, Parque Estadual da Serra do Rola Moça, Parque Estadual do Rio Preto, Parque Estadual do Biribiri, Parque Estadual do Pico do Itambé, Estação Ecológica Estadual de Tripuí, Estação Ecológica Estadual de Fechos, Parque Natural Municipal do

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www1.pucminas.br/jornal/materia.php?codigo=181&lateral=1&cabecalho=5&menu=929>

Ribeirão do Campo<sup>17</sup> e Parque Natural Municipal do Salão de Pedras. No “Zoneamento síntese da RBSE” temos como área total 3.076.457,8 há., sendo a área das zonas núcleo de 204.522,14 ha; a área da zona de amortecimento de 1.979.996,65 ha e a área da zona de transição de 991.939,01 ha.

Essas UC's tendem a ser agrupadas em mosaicos<sup>18</sup>, sendo que já existe movimentação para a criação do mosaico Cipó – Intendente, pois como foi lembrado por Henri Collet (PARNA Serra do Cipó) e Miguel Andrade (RBSE-MG)<sup>19</sup>, a criação, ou a existência da intenção de criar o mosaico, já é um sinal de como as UC's são importantes para a identidade da Serra do Cipó, havendo um senso comum de que ela é um ambiente que deve ser preservado. Juntamente com essa idéia de preservação, somamos facilmente outras duas: a de beleza e a de patrimônio. Nos anexos (ver anexo 8.3) é possível ver trechos da apresentação feita por COLLET e ANDRADE, no encontro sobre mosaicos. É explícita como a visão regional já existe e influencia na visão dos gestores das UC's, e quais motivos estão sendo levados em consideração para a criação do Mosaico. Como podemos ver nos mapas seguintes, a região da Serra do Cipó apresenta várias UC's das quais faremos algumas considerações.

O Parque Nacional<sup>20</sup> da Serra do Cipó; gestor: ICMBio - A primeira UC criada na área foi PARNA Cipó, na época como Parque Estadual (1975), com 27.600 hectares e abrangendo partes dos municípios de Santana do Riacho, Jaboticatubas e Itambé do Mato Dentro. Em 1984 foi criado o PARNA que hoje tem uma área de 31.670 há e que estão distribuídos entre os municípios de: Jaboticatubas (65% da área total do PARNA), Morro do Pilar (19%

---

<sup>17</sup> UC que foi abarcada pelo Parque Estadual Serra do Intendente e está em fase de ser unificada como apenas uma UC estadual.

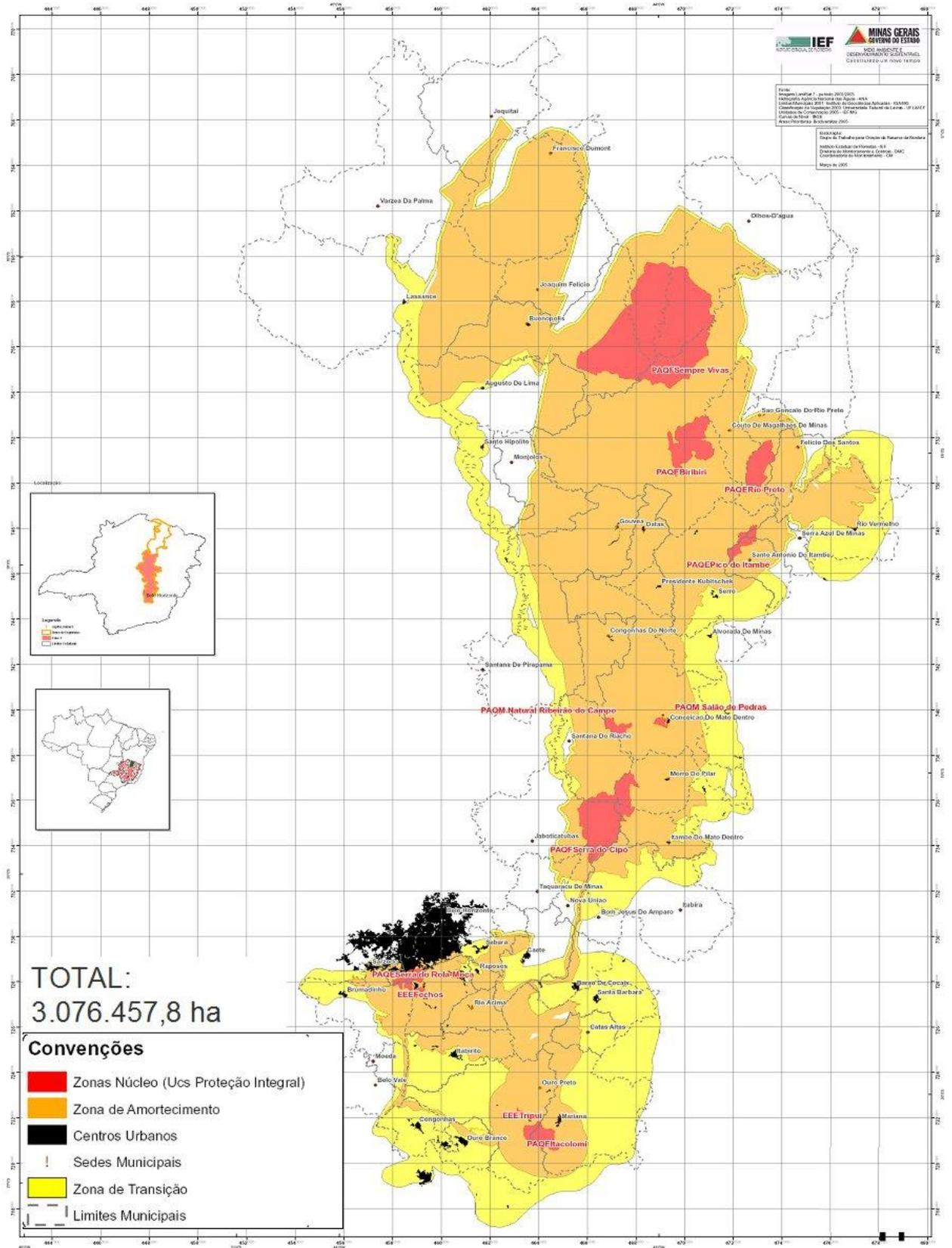
<sup>18</sup> **SNUC – MOSAICOS - LEI FEDERAL Nº 9.985-00: Art. 26.** Quando existir um conjunto de unidades de conservação de categorias diferentes ou não, próximas, justapostas ou sobrepostas, e outras áreas protegidas públicas ou privadas, constituindo um mosaico, a gestão do conjunto deverá ser feita de forma integrada e participativa, considerando-se os seus distintos objetivos de conservação, de forma a compatibilizar a presença da biodiversidade, a valorização da sociodiversidade e o desenvolvimento sustentável no contexto regional.

**Parágrafo único:** O regulamento desta Lei disporá sobre a forma de gestão integrada do conjunto das unidades. Fonte: ICMBio

<sup>19</sup> *Seminário Internacional sobre Reservas de Biosfera, Serviços e Indicadores de Sustentabilidade* (Ouro Preto, 2010): Assinatura do protocolo de intenções para a criação do Mosaico “Cipó - Intendente”: campos rupestres e ecossistemas associados da Serra do Espinhaço. Fonte: ICMBio

<sup>20</sup> Parque Nacional / Estadual / Municipal: Tem como objetivo básico à preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. Fonte: ICMBio

da área total do PARNA), Santana do Riacho (9% da área total do PARNA) e Itambé do Mato Dentro (7% da área total do PARNA). ICMBio (2009:5)



Mapa 4: Área e zoneamento da RBSE  
Fonte: PUC-MG

A Área de Proteção Ambiental<sup>21</sup> Federal Morro da Pedreira; gestor: ICMBio - A APAMP foi criada em 1990 com aproximadamente de 130 mil ha. Abrangendo sete municípios: Itabira (12,91% da área total da APA); Itambé do Mato Dentro (12,14% da área total da APA); Jaboticatubas (14,38% da área total da APA); Morro do Pilar (8,13% da área total da APA); Nova União (5,64% da área total da APA); Santana do Riacho (42,57% da área total da APA) e Taquaraçu de Minas (4,28% da área total da APA). ICMBio (2009:7)

O Parque Estadual Serra do Intendente; gerido pela Secretaria Meio Ambiente de Conceição do Mato Dentro e IEF: Criado em 2007, com área de 13.508,83 hectares, o parque está inserido nos Distritos de Tabuleiro e Itacolomi, no município de Conceição do Mato Dentro. Vários fatores contribuíram para a necessidade de implantação de um parque nesta área do município de Conceição do Mato Dentro. O principal deles foi a demanda da comunidade local junto à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e ao IEF, através de suas autoridades representativas e das manifestações da opinião pública, em abaixo-assinados enviados aos órgãos de Estado. Fonte: IEF-MG (2011)

O Parque Natural<sup>22</sup> Municipal Salão de Pedras; gerido pela Secretaria Meio Ambiente de Conceição do Mato Dentro: O Salão de Pedras foi protegido, primeiramente, pela Lei Orgânica Municipal, no seu capítulo VII, artigo 185, item I, de 11/08/1990. Segundo dados fornecidos pela prefeitura municipal de Conceição do Mato Dentro, durante entrevista realizada em trabalho de campo, a região do Salão de Pedras foi elevada à categoria de Parque Natural Municipal, em dezembro de 1999, com uma área aproximada de 700 hectares. Fonte: IEF-MG (2011)

APA Rio Picão, administrada pela Secretaria Meio Ambiente de Morro do Pilar, criada através da Lei nº 402, de 23/08/99. Ocupa uma área de 7.002,95 ha, representando 14,7% do território total do município. Fonte: IEF-MG (2011)

APA Itacuru, administrada pela Secretaria Meio Ambiente de Itambé do Mato Dentro, foi criada através da Lei nº429, de 28/09/2001, ocupa uma área total de 24.591,64 ha,

---

<sup>21</sup> Área de Proteção Ambiental (APA): É uma área em geral extensa, com certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. Fonte: ICMBio

<sup>22</sup> Monumento Natural: Tem como objetivo básico preservar sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica. Fonte: ICMBio

equivalente a 64,5% do território municipal de Itambé e faz divisa com outra uma pequena APA na porção sul de Morro do Pilar. Fonte: IEF-MG (2011)

A RPPN<sup>23</sup> Ermo dos Gerais, administrada pelo Condomínio Ermo dos Gerais, com área de 146 ha. Localizada no Bioma Cerrado - Campo de altitude, no município de Santana do Riacho. Instituída sob portaria do IEF nº123 de 28/01/2003. Fonte: IEF-MG (2011)

A RPPN Brumas do Espinhaço, administrada pelo Condomínio Ermo dos Gerais, com área de 670 ha. Localizada no Bioma Cerrado, no município de Santana do Riacho. Instituída sob portaria do IEF nº17 de 04/02/2005. Fonte: IEF-MG (2011)

A RPPN Alto do Palácio, administrada por Luiz Daviz / Josette C. Davis, com área de 243,99 ha. Localizada no Bioma Cerrado, no município de Santana do Riacho. Instituída sob portaria do IEF nº098 de 18/07/2006. Fonte: IEF-MG (2011)

A RPPN Vale do Parauninha, administrada por Jaguar Mineradora Ltda, com área de 166,00 ha. Localizada no Bioma Cerrado, no município de Santana do Riacho. Instituída sob portaria do IEF nº186 de 13/12/2008. Fonte: IEF-MG (2011)

A RPPN Sítio dos Borges, administrada por Paulo Henrique Duarte Pessoa, com área de 282,83 ha. Localizada no Bioma Cerrado, no município de Itabira. Instituída sob portaria do IEF nº185 de 17/12/2004. Fonte: IEF-MG (2011)

A RPPN Itabiruçu, administrada por CVRD / Sergio Correa Botelho, com área de 221,36 ha. Localizada no Bioma Mata Atlântica, no município de Itabira. Instituída sob portaria do IEF nº254 de 27/12/2006. Fonte: IEF-MG (2011)

A RPPN Mata São José, administrada por CVRD / Sergio Correa Botelho, com área de 522,4 ha. Localizada no Bioma Mata Atlântica, no município de Itabira. Instituída sob as portarias do IEF nº252 de 27/12/20 e Nº304 de 26/03/2007. Fonte: IEF-MG (2011)

As outras UC's encontradas na região são: a RPPN Reserva da Cachoeira, administrada por Zareia Emp. LTDA, em Santana do Riacho. Nesse local fica a Cachoeira Grande, um dos

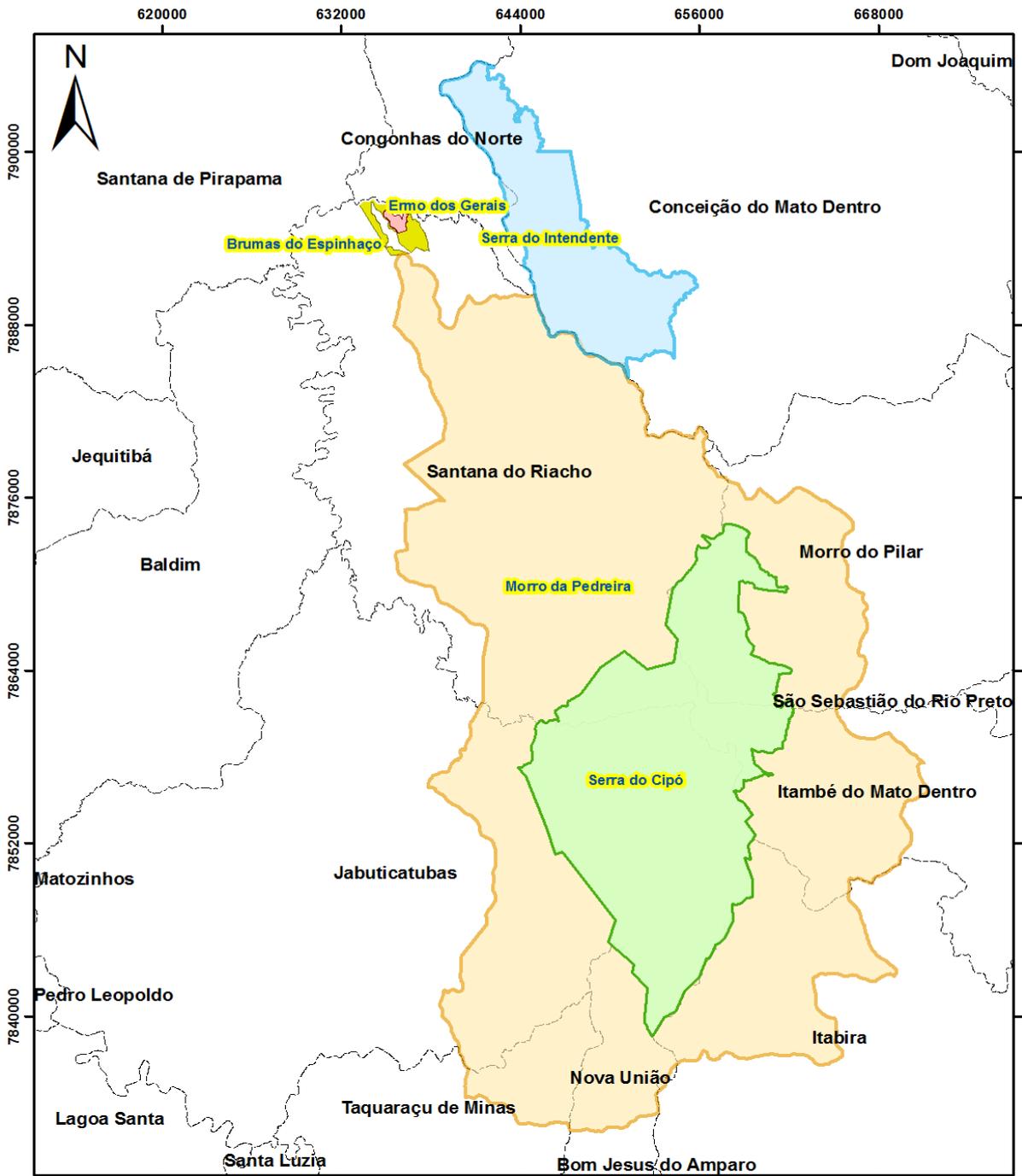
---

<sup>23</sup> Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN): É uma área privada, gravada com perpetuidade, com o objetivo de conservar a diversidade biológica. Fonte: ICMBio

atrativos mais visitados da Serra do Cipó. E o Mosaico Itabira, ainda em fase de implantação (ver mais informações e mapa sobre o Mosaico Itabira no tópico 4.1.5, página 86).

Praticamente toda a região considerada como Serra do Cipó está inserida em uma grade UC, a RBSE. Dessa totalidade, cerca de 40% da área da Serra é composta por outros tipos de UC's e que possui uma série de restrições para uso do solo, conforme o SNUC (ver mapa 5). Essa porcentagem talvez chegue a 50% com a possível ampliação do PARNASC e a criação de outros dois Parques Estaduais no Mosaico Cipó-Intendente (ver mapa 6).

Podemos ver, através dos mapas, que a criação de UC's pelo ICMBio fortalece a proposta de região apresentada nesse estudo, pois abrange uma área coincidente com vários outros fatores de identidade territorial.



Execução: IEF - DIAP  
 Elaboração: Fellipe P. Chagas  
 Edição: abril de 2010  
 Fonte: base de dados de UCs em MG,  
 IGA, IBGE e IBAMA

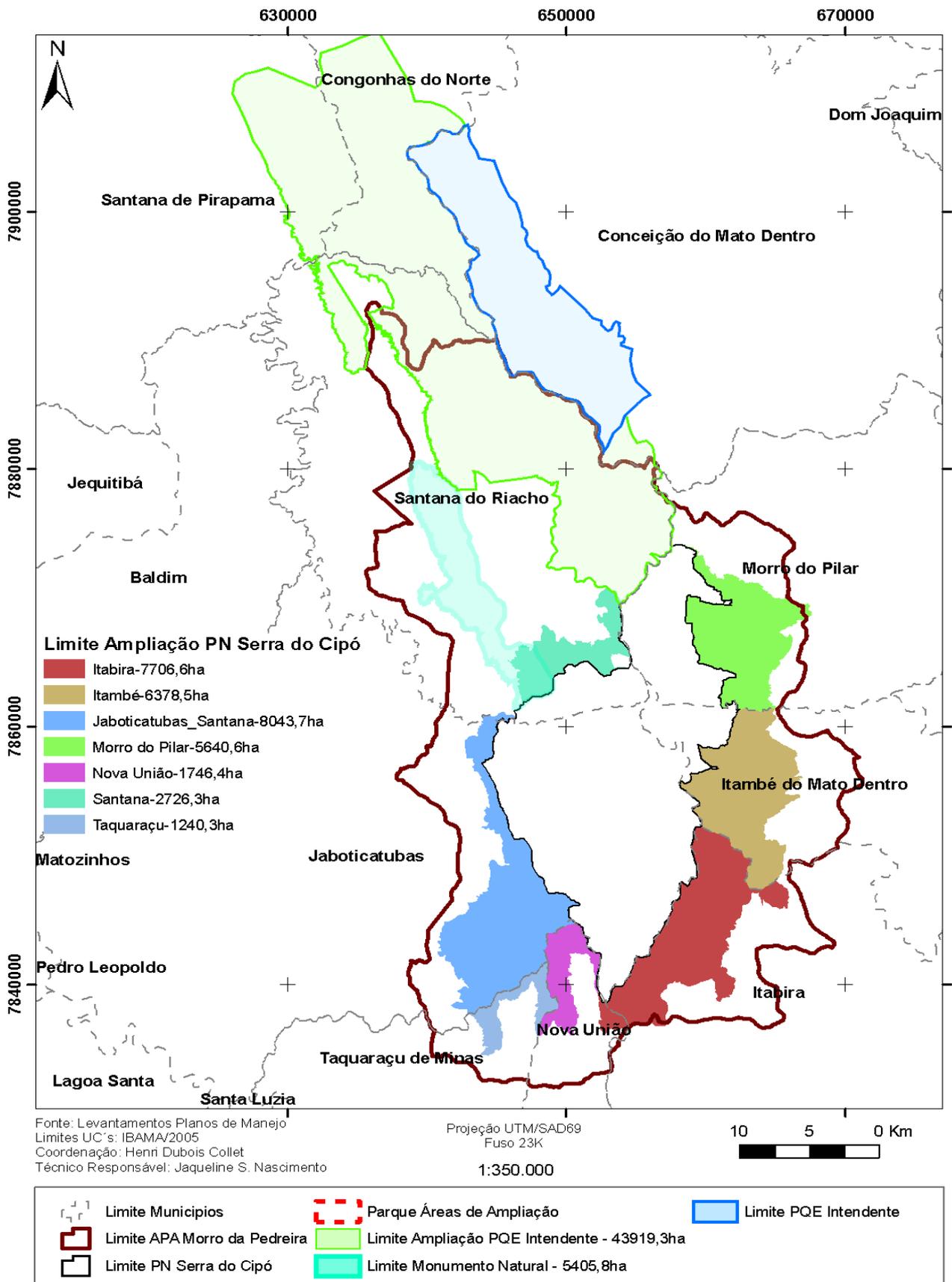
**Mosaico atual de Unidades  
 de Conservação na Região  
 da Serra do Cipó**

10 5 0 km  
 Projeção SAD69  
 Fuso 23K  
 1:350.000

**Legenda**

- Limites municípios
- Limite PQE Intendente: 13.410 ha
- Limite PQE Serra do Cipó: 31.010 ha
- Limite APA Morro da Pedreira: 35.117 ha
- RPPN Ermo dos Gerais: 213 ha
- RPPN Brumas do Espinhaço: 950 ha

Mapa 5: UC's na região da Serra do Cipó atualmente  
 Fonte: COLLET (2010)



Mapa 6: Mosaico Cipó-Intendente e UC's previstas  
 Fonte: COLLET (2010)

### 3.4 - Caminhos (eixos de penetração)

*Eu atravesso as coisas e no meio da travessia não vejo! Só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Todavia, a coisa não está nem na partida nem na chegada, mas na travessia. (Adaptado de Grande Sertão: Veredas, ROSA)*

Este tópico terá como base os estudos de FERREIRA (2010) e GOULART (2009), sendo que o primeiro autor propôs que a maioria das transformações ocorridas na Serra do Cipó foram causadas, ou estariam fortemente influenciadas, pelos acessos viários. Para Ferreira, a Serra poderia ser vista através de dois vetores: o Vetor Leste, onde o turismo começou primeiro (1970 / 1980) e foi cadenciado pelo asfaltamento da MG10; e o Vetor Oeste, antiga Estrada Real, onde o turismo começou mais tarde (décadas de 1990 e 2000), ainda tem pouca influência e onde a maioria dos acessos ainda não foi pavimentada.

Acredito ser indiscutível a importância da rede de transporte para a integração econômica de qualquer município no seu contexto regional. Na Serra isso vem acontecendo desde que os índios começaram a traçar os primeiros caminhos. Posteriormente alguns viraram trilhas para os bandeirantes e alguns hoje, estradas para os moradores e turistas.

Analisando os mapas 7 e 8, é possível tecer algumas previsões para quais áreas o turismo se expandirá nos próximos anos a facilidade de acesso atua nesse sentido como um dos principais direcionadores da demanda turística na região. Isso será mais detalhado na análise individual dos municípios realizado no capítulo seguinte.

Mas a existência dos caminhos, por si só, não é garantia de desenvolvimento econômico. A lógica é outra: eles são feitos, mantidos ou melhorados em função dos interesses econômicos locais e regionais. Os antigos caminhos calçados que cortavam a Serra em Fechados (Santana do Pirapama) ou em Cardeal Mota (conhecido como Caminho dos Escravos, ligando Cardeal Mota e Morro do Pilar) não se transformaram em estradas, mostrando que a lógica de existência dos atuais caminhos na Serra não é tão simples: onde passou o índio, depois passou o bandeirante, e hoje passam os turistas e moradores.

Fato emblemático dos interesses que levam para a construção dos caminhos foi lembrada por GOULART (2008), sobre a pomposa inauguração de uma estrada de rodagem para ligar as duas vertentes da Serra do Cipó em 1927, que teve até a presença do presidente da república da época, Washington Luís. Apesar do discurso que pregava como justificativa para a construção da estrada a promoção do progresso regional, Goulart lembra que:

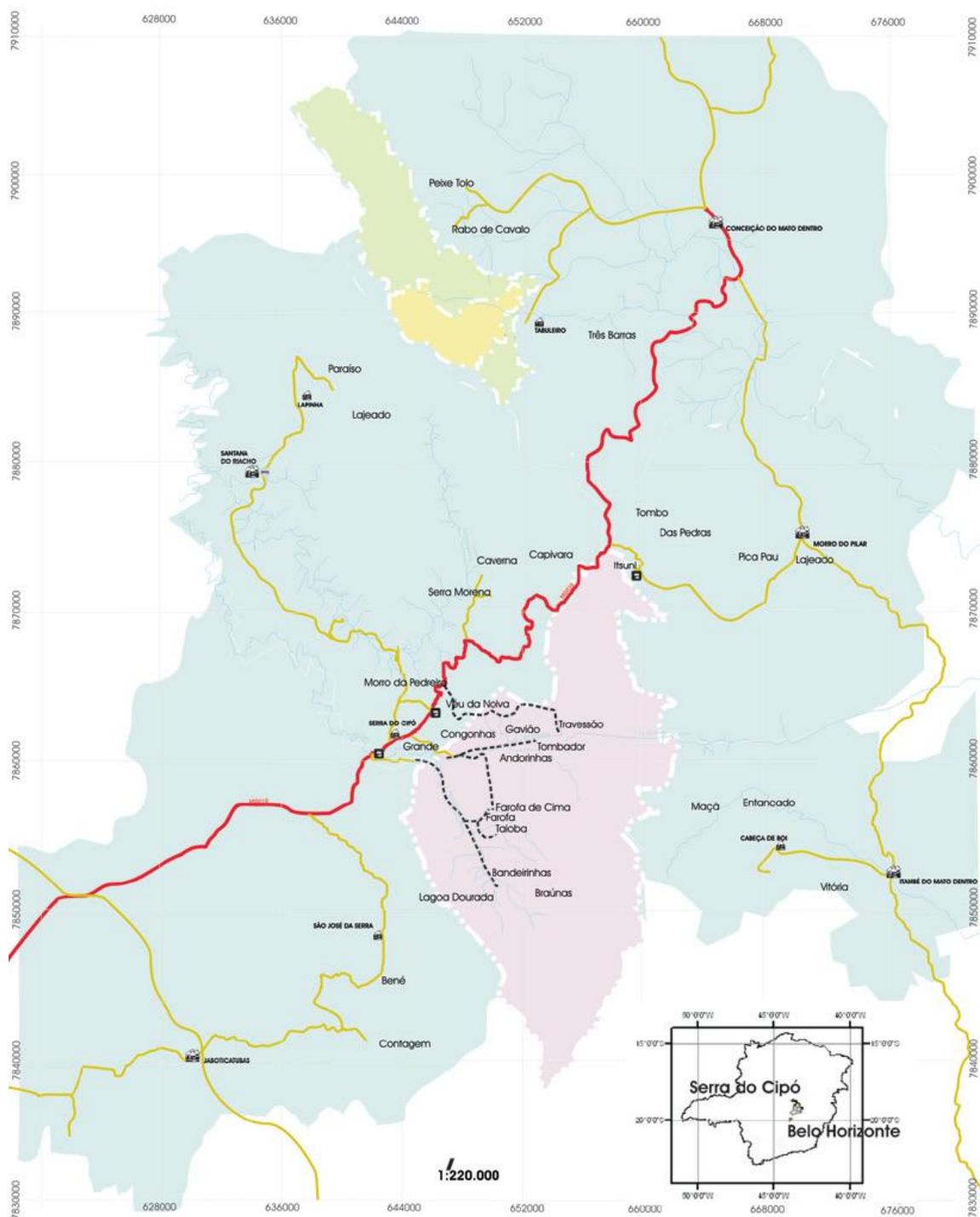
A estrada significava uma nova rota para o Mato Dentro, até então isolado pela montanha. Mas havia também outro motivo para a obra que era, na realidade, muito mais forte.

Exatamente nessa época eclodia uma revolta contra a política do café-com-leite, ou seja, contra o rodízio no poder de oligarquias de São Paulo e Minas Gerais. No Rio Grande do Sul, teve início a rebelião liderada por Luis Carlos Prestes... Várias estradas foram construídas em tempo recorde, com a precípua finalidade de facilitar o deslocamento de tropas para a defesa do governo central. Exatamente no ano da inauguração de estrada para a região do Mato Dentro, a Coluna Prestes se viu derrotada. GOULART (2008: 115)

Para os demais caminhos a história não muda muito o atual asfaltamento para a sede de Santana do Riacho fez parte do Programa Pró-acesso do governo estadual. Fato que ilustra que os demais caminhos no futuro, assim no passado e no presente, ficarão nas mãos dos interesses eleitorais ou privados.

Veremos, no capítulo Organização, algumas projeções sobre a configuração regional provocadas pelos recentes e futuros investimentos nos acessos para a Serra do Cipó. Desde a pressão provocada pelo crescimento da região metropolitana de Belo Horizonte pelo novo rodoanel viário, até uma possível polarização e crescimento radial do turismo pelo eixo da MG10. Como é possível ver nos mapas 7 e 8, após a conclusão do asfaltamento da MG10, o processo segue para as sedes municipais, como ocorreu em Conceição do Mato Dentro e hoje em Santana do Riacho, Morro do Pilar e Congonhas do Norte (sendo que essa última não aparece nos mapas citados).

# Mapa de Acessos - Serra do Cipó



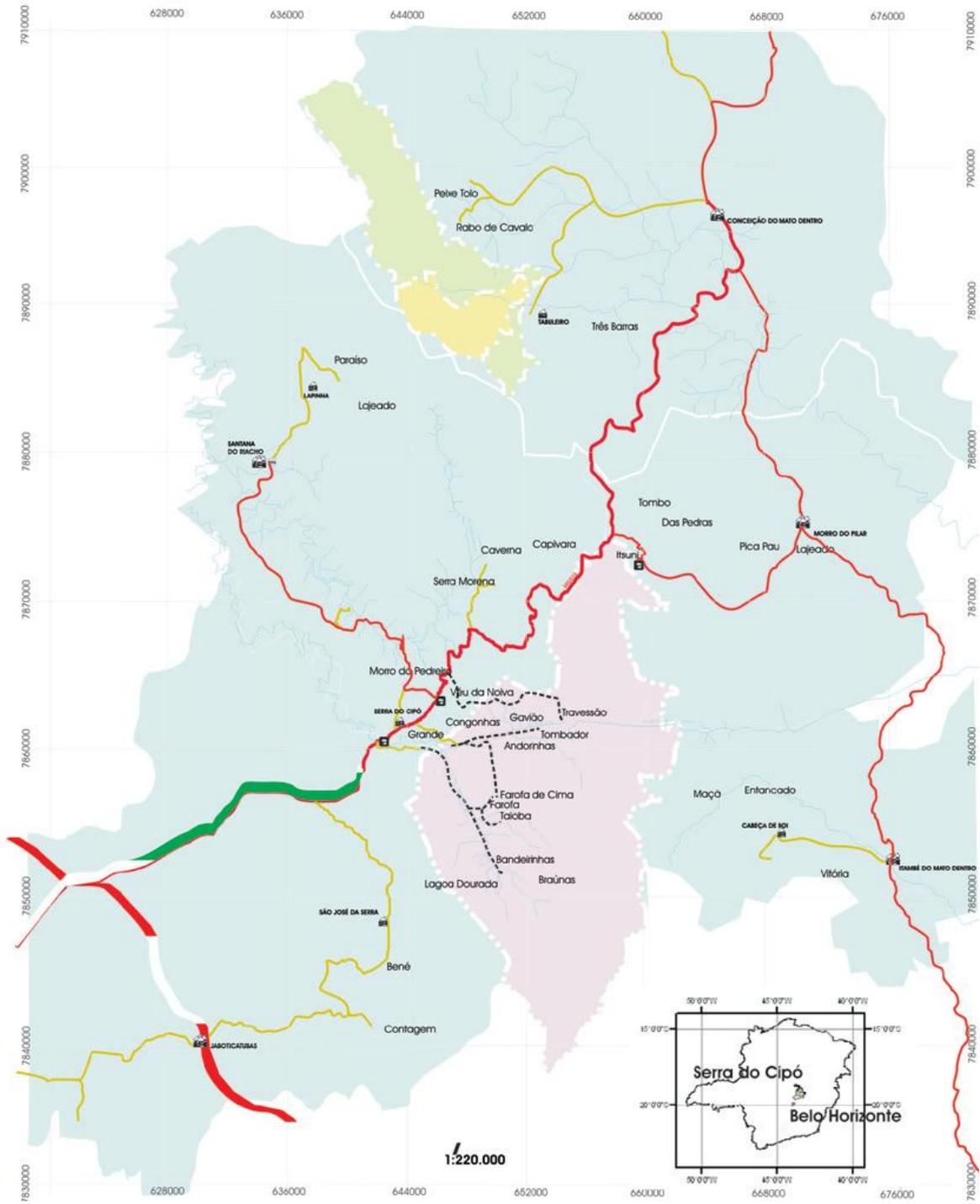
 Empreendimento Turístico	 Estradas Asfaltadas	 APA Municipal Serra do Intendente
 Distritos / Vilarejos	 Estradas Não Pavimentadas	 Parque Nacional da Serra do Cipó
 Sedes de Municípios	 Rodoanel	 Parque Natural Municipal Ribeirão do Campo
	 Linha Verde	 Municípios trabalhados
	 Rios	

MAIO DE 2007  
 Autor: Herbert Pardini  
 Base Cartográfica: Geominas 2000  
 Fonte de Dados: IBAMA, Circuito Turístico Serra do Cipó e coleta feita em campo realizada pelo próprio autor  
 ITMA S/A - Av. Ezequiel 23 S/d



Mapa 7: Mapas de acessos atual.  
Adaptado de: EplerWood, (2007:34)

# Mapa de Acessos Previstos - Serra do Cipó



 Empreendimento Turístico	 Estradas Asfaltadas	 APA Municipal Serra do Intendente
 Distritos / Vilarejos	 Estradas Não Pavimentadas	 Parque Nacional da Serra do Cipó
 Sedes de Municípios	 Rodocanel	 Parque Natural Municipal Ribeirão do Campo
	 Linha Verde	 Municípios trabalhados
	 Rios	

Maio de 2007  
 Autor: Herbert Pardini  
 Base Cartográfica: Geominas 2000  
 Fonte de Dados: IBAMA, Circuito Turístico Serra do Cipó e coleta feita em campo realizada pelo próprio autor  
 ITMA S.A. Av. Ezequiel 23 S/d



Mapa 8: Mapas de acessos previstos.  
Adaptado de: EplerWood (2007:34)

### 3.5 - O turismo na Serra do Cipó

Falar sobre o Turismo na Serra do Cipó é abordar assuntos como a transformação das paisagens em atrativos turísticos, de relações pessoais em prestação de serviços e territorialidades e espaços criados a partir da interação de turistas e moradores. Será possível ver como o turismo contribui para a idéia de região que se faz na Serra, os fatores de atração turística e quais tipos de turismo ocorrem.

A Serra do Cipó não perdeu ao longo de todos estes anos o magnetismo sobre os viajantes, sendo hoje um destino muito conhecido dos turistas e ecoturistas em todo Brasil. Ela apresenta diversas histórias e possui marcas nas paisagens e nas pessoas que ilustram os efeitos do fenômeno turístico em áreas naturais. Através da bandeira do ecoturismo, ou “turismo verde”, a modernidade vem chegando para povoados, vilas e fazendas da região e mudando o ritmo e modo de vida dos moradores da Serra. Esse fato é bem ilustrado por Soares (2005), ao citar palavras do Sr. José Belizário<sup>24</sup> *O lugar passou a ter seu ritmo de vida ditado por quem vem de passagem. E, para estes, a Serra, por mais maravilhosa, não passa de um cenário das férias ou do fim de semana*<sup>25</sup>.

Desde as décadas de 1970 e 1980, o asfaltamento da MG10, a criação do Parque Nacional da Serra do Cipó e, posteriormente, na década de 1990, a Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira<sup>26</sup>, já sinalizavam para um conflito marcante nos dias atuais: Como conciliar a criação de Unidades de Conservação Ambiental com a especulação imobiliária, o lixo, o aumento no consumo de água e luz trazidos pelo turismo?

As palavras do Sr. José Belizário mostram que os turistas que vão até a Serra também mudaram, e já no ano de 1995 ele afirmava que: *os hóspedes de hoje dizem que vem aqui para descansar, mas já chegam com pressa de fazer passeio e ver tudo de uma só vez, perguntando o que tem para fazer à noite*<sup>27</sup>. Encontramos aqui um dilema comum entre os turistas: eles viajam, mas levam consigo os mesmos hábitos dos quais procuram se distanciar. Esse ritmo de vida dos forasteiros, hoje, dita o ritmo da vida em boa parte da Serra: o trabalho, o lazer e os distritos têm uma dinâmica voltada mais para atender bem os visitantes que os moradores.

---

<sup>24</sup> Dono do Cipó Veraneio, primeiro hotel da região da Serra do Cipó e primeiro prefeito de Santana do Riacho.

<sup>25</sup> SOARES (1995:12)

<sup>26</sup> A APAMP só foi instituída oficialmente em 1990.

<sup>27</sup> SOARES (1995:12)

Com exceção de Baldim, hoje apenas no Circuito das Grutas, todos os municípios próximos à Serra do Cipó estão inseridos no eixo definido pelo Instituto Estrada Real<sup>28</sup> (IER). Este eixo está sobreposto, em boa parte, com a Serra do Espinhaço, e se estende do centro e norte do estado do Rio de Janeiro até a cidade de Diamantina em Minas Gerais. Os idealizadores explicam o que consideram como Estrada Real:

Inicialmente, o caminho ligava a antiga Villa Rica, hoje Ouro Preto, ao porto de Paraty, mas pela necessidade de uma via de escoamento mais segura e mais rápida ao porto do Rio de Janeiro e, também por imposição da Coroa foi aberto um "caminho novo". A rota de Paraty passou a ser o "caminho velho", a partir do século XVIII. Com a descoberta das pedras preciosas na região do Serro, a estrada se estendeu até o Arraial do Tejuco (atual Diamantina), deixando Ouro Preto como o centro de convergência da Estrada Real. Assim se formou o complexo da **Estrada Real**, ou seja, mais de 1600 km de patrimônio, cercado de montanhas, natureza, cultura e arte. IER (2010)

Apesar de envolver questões políticas, a Estrada Real apresenta coerência e ajuda a reforçar os contornos da Serra do Cipó. No mapa 9, disponibilizado pela Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço (RBSE), é possível visualizar a sobreposição do traçado e a presença dos municípios nesses limites. Vale ressaltar que todos os municípios também estão inseridos na Reserva da Biosfera que, mesmo com pouco tempo de criação, já atua como elemento de agregação dos mesmos em questões relacionadas à Serra do Espinhaço.

Como está sendo considerado o turismo como um dos fatores para determinar a região da Serra do Cipó, vê-se que, no mapa 10, ela quase coincidiria com o que foi concebido inicialmente pela Associação do Circuito Turístico do Parque Nacional Serra do Cipó, englobando Jaboticatubas, Nova União, Santana do Riacho, Conceição do Mato Dentro, Congonhas do Norte, Morro do Pilar, Baldim, Itabira, Itambé do Mato Dentro e Taquaraçu de Minas. Atualmente o Circuito conta com os seguintes municípios como associados: Nova União, Santana do Riacho, Jaboticatubas, Conceição do Mato Dentro, Congonhas do Norte e Dom Joaquim, sendo o último pouco integrado geográfica e socialmente ao que acontece na Serra do Cipó. Nesse quadro vemos municípios como Itambé do Mato Dentro e Itabira, com grande parte de seus territórios na APA Morro da Pedreira, fora do Circuito Serra do Cipó e, no caso de Itabira, associado ao Circuito do Ouro.

---

<sup>28</sup> O Instituto Estrada Real é uma sociedade civil sem fins lucrativos, criado por iniciativa da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais – FIEMG com o objetivo de desenvolver o turismo na Estrada Real, e criar oportunidades de negócio para a indústria mineira

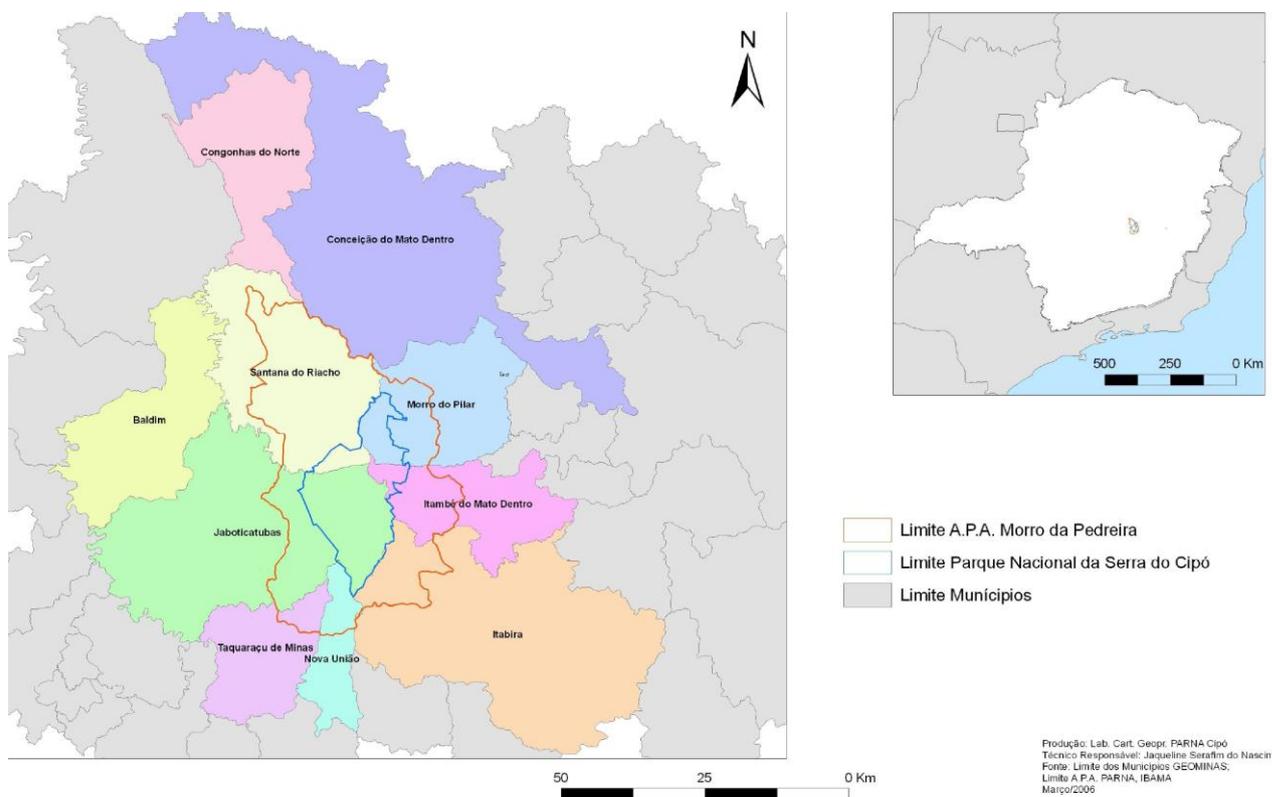
## Estrada Real na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço



Mapa 9: Eixo da Estrada Real sobreposto a RBSE.  
 Fonte: RBSE-UNESCO, em <http://rbse-unesco.blogspot.com>

A permanência e inserção dos municípios nos Circuitos Turísticos é algo muito controverso e dinâmico, já que o número de participantes e os critérios para estabelecer quem pode participar nem sempre são territoriais e históricos. O Circuito Serra do Cipó é cercado pelo

Circuito do Ouro ao sul, pelo Circuito dos Diamantes ao norte, a oeste pelo Circuito das Grutas e a leste pelo Circuito Nascentes do Rio Doce.



Mapa10: Municípios integrantes do Circuito Turístico do Parque Nacional da Serra do Cipó.  
Fonte: ICMBio (2010:36)

Territorialmente essa é uma divisão coerente, mas a facilidade como municípios mudam de um circuito para outro dificulta o planejamento e a visão do turismo regionalmente. Isso ocorre porque, ao invés de aproveitar da unidade regional já existente, os Circuitos acabam tentando estabelecer outros critérios baseados, quando muito, na atratividade turística, desconsiderando os outros tantos fatores de agregação regional como os que foram aqui apresentados para a Serra do Cipó. Nos anos posteriores às eleições municipais observam-se várias mudanças nos contornos dos circuitos, pois se fica a mercê da vontade dos novos prefeitos a permanência ou não do município no circuito.

### 3.6 - A área delimitada para o estudo da Serra do Cipó

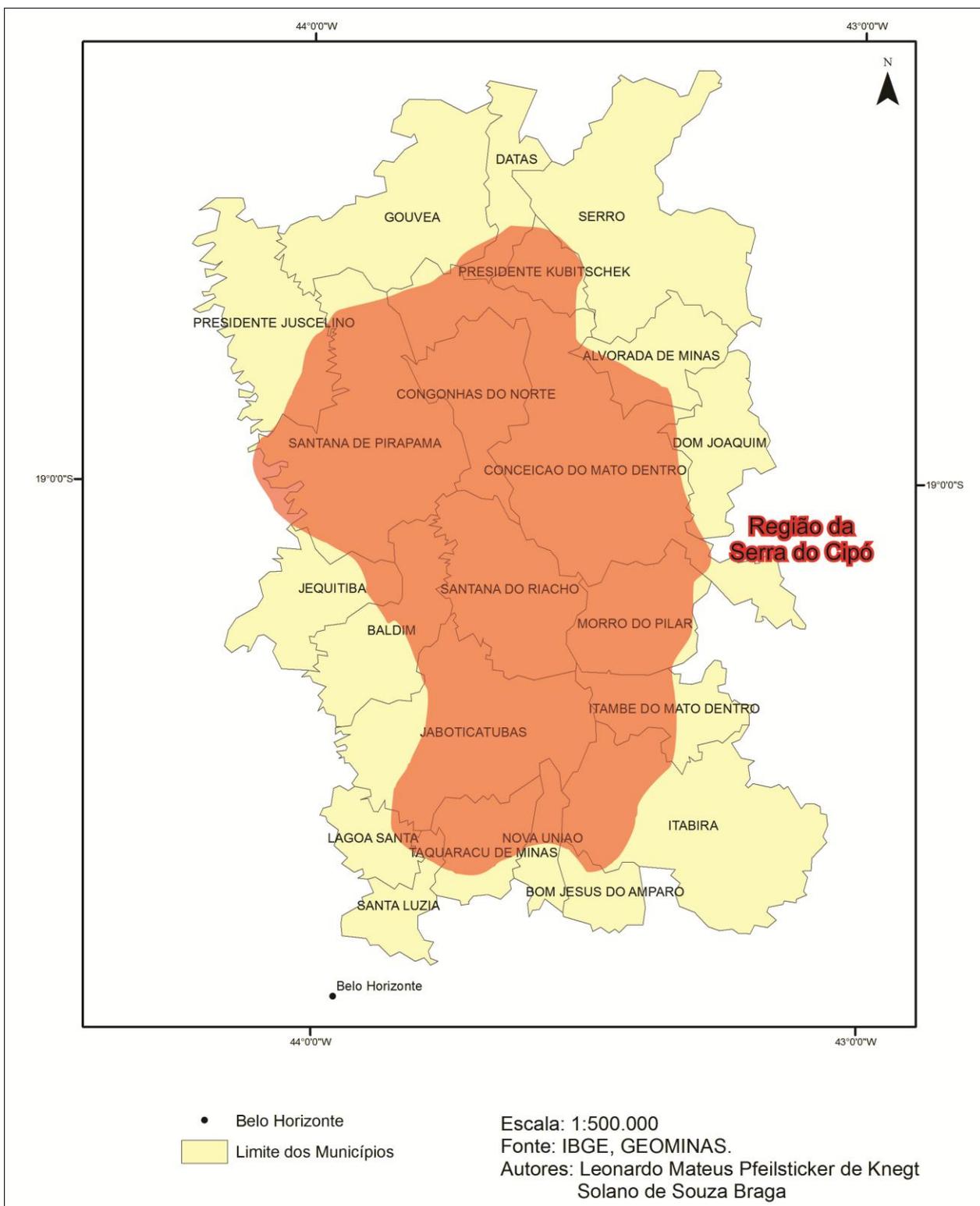
Levando em consideração todos os fatores citados, chegamos a um recorte regional para a Serra do Cipó considerando a seguinte sobreposição: da área da sub-bacia do Rio Cipó; os registros históricos sobre a região; a formação política dos municípios; a geologia e o relevo; as vias de acesso; a vegetação; as UC's (PARNASC, APAMP e a RBSE); as questões turísticas que envolvem a visitação, a pressão e a organização dos municípios em circuitos e o eixo da Estrada Real.

Considerando que a Serra do Cipó é hoje mais que qualquer um desses fatores isolados, ela forma um todo físico, geográfico, histórico e cultural permeado de uma imagem que fez com que as dimensões da Serra fossem aumentando ao longo do tempo. Atualmente, o turismo é o agente que mais contribui para que a imagem da Serra se consolide e se associe à questão ambiental, que se dá por meio das paisagens e atividades que são divulgadas envolvendo quase sempre cachoeiras, serras e alguma vegetação preservada.

Representamos em vermelho, no mapa 11, a área *core* de abrangência e influência da Serra do Cipó, sendo ela, menos presente em municípios onde a visitação turística ainda é incipiente, uma vez que o isolamento provocado pela dificuldade de acesso e a estagnação econômica os deixam ainda em pouco contato com a dinâmica da região. Fatores físicos como a orografia da Serra do Espinhaço e a hidrografia são fortes influências para os limites municipais e as áreas com maior dificuldade de acesso sendo assim elas são coincidentes com as áreas de abrangência da Serra do Cipó.

Após considerar todos os fatores já citados, definimos como região a área composta pelos municípios onde a soma de fatores é mais presente e, logo fortalecem a identidade de "Serra do Cipó": Santana do Riacho, Jaboticatubas, Baldim, Lagoa Santa, a porção norte do município de Santa Luzia, Taquaraçu de Minas, Nova União, Itabira, Bom Jesus do Amparo, Itambé do Mato Dentro, Morro do Pilar, Conceição do Mato Dentro, Serro, Presidente Kubitschek, Congonhas do Norte, Alvorada de Minas, Dom Joaquim, Presidente Juscelino, Jequitibá e Santana de Pirapama. Destes dezesseis municípios, o turismo já ocorre de forma efetiva em dez, e nesses serão concentrados os esforços à partir do capítulo dois. Apesar de centrado nesses dez, o conjunto regional, formado por vinte municípios, constituir-se-á em nosso panorama de fundo analítico.

Tendo como ponto de partida a definição da região da Serra do Cipó, começaremos no próximo capítulo a identificar os fatores que motivam a visitação na Serra e quais razões fazem com que essa visitação ocorra de forma diferenciada a ponto de gerar espacialmente reflexos que culminaram na formação de sub-regiões.



Mapa 11: Região da Serra do Cipó

## 4. DESORDEM

---

Nas pegadas da desordem, segue uma constelação de noções, entre elas, o acaso, o acontecimento, o acidente. O acaso denota a impotência de um observador a operar predicções diante das múltiplas formas de desordem; o acontecimento denota o caráter não-regular, não-repetitivo, singular, inesperado e de um fator físico para um observador. O acidente denota a perturbação que provoca o reencontro eventual entre dois fenômenos organizados. MORIN (100:2008)

A princípio, podemos considerar que todo o processo de transformação provocado pelo turismo ocorreu/ocorre de forma ocasional e aleatória na Serra do Cipó (mesmo considerando que os moldes como o fenômeno turístico que ocorre na Serra acompanha tendências globais e nacionais), afetando em maior ou menor grau municípios dentro dessa região. São as diferentes formas de interação estabelecidas entre os elementos que geram novas formas de organização, pois é esse jogo que; (1) faz com que alguns empreendimentos prosperem em detrimento a outros; (2) que faz com que atrativos dentro de um mesmo município competirem entre si, e alguns serem visitados ao invés de outros; (3) que faz municípios desenvolverem o turismo mais que outros dentro da região da Serra do Cipó e, em um último plano, (4) faz surgir interações entre municípios e sub-regiões. Nesse contexto, retornamos a Morin para conceituar a desordem, passando antes pelo conceito de interação:

A interação torna-se assim uma noção intermediária entre desordem, ordem e organização. Isso significa que esses termos de desordem, ordem, organização são, de agora em diante, ligados via interações, em um circuito solidário, em que nenhum desses termos pode ser concebido além de referencia aos outros e onde eles estão em relações complexas, ou seja, complementares, concorrentes e antagônicas. MORIN (2008:74)

Nesse capítulo discutiremos sobre dois dos três elementos do tetrálogo ainda não discutidos: a interação e a desordem. A partir do todo, formado da soma apresentada no capítulo Ordem, serão apresentadas algumas características dos municípios que a compõem. Fazendo o caminho oposto ao traçado no capítulo anterior, partiremos aqui do “todo” para as “partes”. Realizaremos agora uma visão mais detalhada das partes que compõem a região da Serra do Cipó, os municípios. Como cada um se organiza e quais fatores de desordem e ordem lhes são mais marcantes?

Ao definir a região de estudo foram apresentados os vários fatores de agregação de municípios e/ou parte do território de municípios em torno da idéia “Serra do Cipó”.

Considerando o turismo como um fator tanto de agregação como de desagregação, ele será, dentro os elementos citados no capítulo anterior, o de maior destaque nesse e nos próximos capítulos, pois é ele que representa a “desordem” para a região da Serra do Cipó. O turismo agirá na região conforme a ilustração (figura 12) abaixo:

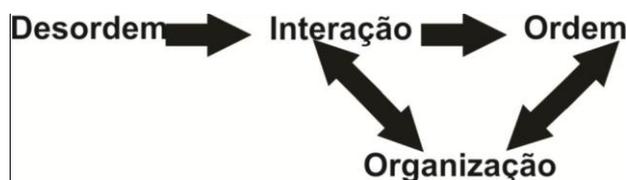


Figura 12: Desordem no triângulo  
Fonte: Adaptado de MORIN (2008:362)

Em vários processos, a desordem foi considerada por Morin como uma das etapas que levam à evolução. Neste encontro provocado pelo turismo, entre a modernidade e os valores tradicionais, tentar prever o resultado deste processo evolutivo é um grande desafio, pois a “desordem, para o espírito humano, traduz-se pela incerteza”. A desordem ainda comporta um pólo objetivo, no qual estão “os desvios que aparecem em um processo que o perturbem e o transformam”, e um pólo subjetivo, marcado pela indeterminabilidade (MORIN, 1999). Esse processo, de complexificação, que Santos destaca como sendo inerente às regiões frente aos processos de modernização em curso na atualidade:

A região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem. Agora, nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e fragmentação, isto é, de individualização e regionalização. SANTOS (1999:16)

Observando as informações sobre cada município, os mapas com a localização dos atrativos e as informações sobre os equipamentos turísticos que cada um possui, começaremos a traçar as primeiras conclusões que fizemos com que o turismo fosse considerado como um elemento desordenador (ou reordenador). Sendo que o turismo atua tanto na agregação, quando constrói em torno de si uma imagem única da Serra, que passa a ser divulgada e compartilhada por todos os municípios que a compõe, como na desagregação, quando se evidenciam no espaço diferentes respostas em determinadas porções da região estudada.

Primeiramente será possível ver de que não é simplesmente a existência de atrativos naturais que faz o turismo acontecer em determinadas localidades. Os rios, as cachoeiras, os cânions já existiam, mas foi a ação do homem construindo vias de acesso, centros de visitantes, ofertando meios de hospedagem, alimentação e os divulgando que proporcionam

ao turista chegar e usufruir destes atrativos. Tanto qualitativa, quanto quantitativamente, não é a existência de atrativos naturais ou culturais nos municípios da Serra do Cipó que os deixam competitivos para os turistas que visitam a região, mas sim a infra-estrutura que é instalada em cada um deles.

É importante partir do princípio que não haveria visitação se não existisse atratividade, mas foi o sistema de ações sobre estes objetos que os levaram a se “transformar” em atrativos turísticos. Santos contribui muito para o entendimento dos fatores espaciais presentes nessa resignificação provocada pelo turismo no espaço, sendo considerado que *o espaço geográfico assim remodelado é, aqui, considerado como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações* SANTOS (1997:267). Nesse sentido, Cabral afirma, com base em Santos, que:

A “ação não se dá sem que haja um objeto; e, quando exercida, acaba por se redefinir como ação e por redefinir o objeto” (SANTOS, 1999, p. 77). De um lado, o sistema de objetos molda ou condiciona a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. SANTOS (2007:146)

O autor propõe que estruturas fixas e fluxos compõem um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e ações que são responsáveis pela forma e dinâmicas que formaram o espaço geográfico, nesse caso resultando na configuração regional proposta. Dentre as estruturas fixas, são destacados e conceituados por Santos os objetos e as coisas. Os objetos foram considerados como estruturas e/ou artefatos feitos pelo homem e com alguma função. Já as coisas seriam as estruturas naturais como as montanhas, rios e nuvens. É ressaltado o fato dos objetos estarem, a cada dia, tomando o lugar das coisas e que eles não funcionam isoladamente (ex.: uma pousada onde não existe visitação ou postos de gasolina onde não passam carros).

O uso dado aos objetos seria uma resposta para as condições sociais e técnicas presentes num dado momento histórico e sempre uma exterioridade. Mas sem as ações, um determinado espaço focado seria apenas uma paisagem são as ações, combinadas com os objetos que formam o espaço geográfico (ou, no caso abordado, espaço turístico), gerado como resposta à demanda de visitação gerada pelos fixos naturais e os construídos.

Os fluxos compreendem as dinâmicas socioculturais que envolvem a relação do homem com os sistemas ecológicos, econômicos e o próprio sistema social, as dinâmicas econômicas compostas por dinâmicas relacionadas à produção, distribuição, consumo e acumulação do capital.

Em resposta ao fluxo de turistas, os fixos ora são criados, ora são ressignificados (restaurantes e pousadas são construídos, fazendas se tornam hospedagens). Alguns fixos se tornam exclusivos dos moradores locais (alguns bares, atrativos em propriedades particulares), mas alguns são compartilhados, como a missa que é ao mesmo tempo uma celebração e um atrativo cultural, as praças, ruas e atrativos turísticos pontos de encontro e interação. O rio que irriga as lavouras e abastece os povoados também é utilizado para a recreação. Santos, explicando sobre a organização espacial, afirma que:

No plano global, as ações, mesmo "desterritorializadas", constituem normas de uso dos sistemas localizados de objetos, enquanto no plano local, o território em si mesmo, constitui uma norma para o exercício das ações; SANTOS (1997: 267)

A "norma" que conduz as ações precisa, em um determinado espaço, abranger os subsistemas de fixos e dos fluxos. Os fixos, no espaço turístico, são entendidos como os elementos naturais, cujas dinâmicas são resultantes de processos ecológicos integrantes do sistema natural, e controlados por dinâmicas não humanas, sendo que os elementos construídos são resultantes das ações humanas sobre os espaços (materializações das produções humanas). Vemos também nesse processo a existência de ordem na desordem por mais aleatório que os processos possam parecer, existem alguns determinantes físicos e, ao mesmo tempo observa-se também desordem na ordem, pois a existência de visitação e estrutura não é distribuída de forma uniforme em função de atrativos turísticos na Serra do Cipó.

O Subsistema de Fixos naturais se compõe de elementos cujas dinâmicas são resultantes de processos ecológicos integrantes do sistema natural, e são controlados por dinâmicas não humanas, nesse caso, os atrativos ecoturísticos e histórico-culturais (que seriam pontos fixos sobre os quais atuam a rede de serviços, informação e acessos da Serra do Cipó). Por fim, consideramos o que Santos definiu como as ordens que moldam o espaço:

A partir dessas duas ordens, se constituem, paralelamente, uma razão global e uma razão local que em cada lugar se superpõem e, num processo dialético, tanto se associam, quanto se contrariam. É nesse sentido que o lugar defronta no Mundo, mas, também, o confronta, graças à sua própria ordem. SANTOS (1997: 267)

São as diferentes formas de interação entre a demanda turística e o modo de vida local que possibilitam diferentes formas de ação do turismo na Serra do Cipó, chegando a refletir nas sub-regiões moldadas a partir da resposta que cada uma deu ao fenômeno estudado. Veremos que a forma como se consolidou a organização espacial frente ao turismo em cada

município não aconteceu de forma desconexa aos municípios do seu entorno. Este fato proporcionou, em um segundo momento, o surgimento de sub-regiões na Serra do Cipó.

#### **4.1 - Elementos determinantes para a fragmentação e agregação na região da Serra do Cipó**

Além de citar alguns fatos históricos marcantes e inserir o município no contexto regional da Serra, será exposto, através de mapas temáticos e infográficos, a disposição dos atrativos territorialmente, o número de meios de hospedagens e de alimentação. O objetivo é analisarmos a disposição das infra-estruturas turísticas, do fluxo de visitação e dos atrativos. Sendo assim possível, em um segundo momento, entender como se deu a transformação de alguns espaços rurais em espaços turísticos. Conforme RODRIGUES apud MAGALHÃES, esse é um dos aspectos que envolvem os reflexos territoriais da atividade turística:

O Turismo na sua enorme complexidade reveste-se de tríplice aspecto com incidências territoriais específicas em cada um deles. É um fenômeno que apresenta áreas de dispersão (emissoras), de deslocamento e da atração (receptoras), sendo aí onde se produz o espaço turístico ou se reformula o que havia anteriormente e onde, também, se dá o consumo do espaço. MAGALHÃES (2002:77/78)

É possível observar que existe uma tendência de expansão das áreas que recebem visitação na Serra, fato que está de acordo com a visão de MORAES e COSTA, apud MAGALHÃES:

O capitalismo é expansionista. A busca incessante dos lucros depende inexoravelmente da ampliação constante do volume de mercadorias produzidas, pois, agora, diferentemente do período mercantil, a acumulação dá-se fundamentalmente no processo de produção e não na circulação. Isso implica o crescimento e a diversificação dos produtos e dos mercados, cujos resultados são a urbanização e a expansão no território da produção e do consumo. MAGALHÃES (2002:83)

Os turistas que buscam áreas mais remotas e com menos movimento, vão a cada dia migrando para as bordas da região da Serra do Cipó e assim forçando sua expansão. Fato incentivado pelos empresários e prefeituras que se aproveitam do apelo cênico trazido pela idéia que se faz da “Serra do Cipó”, para divulgar e comercializar seus produtos, serviços e atrativos turísticos.

Esta análise, que resultará nos reflexos regionais provocados pela visitação, será baseada nos dados do IBGE, do Circuito Serra do Cipó, Circuito do Ouro e Circuito das Grutas por meio de seus Inventários Turísticos - INVTUR (dados de 2006 e 2009), do diagnóstico de

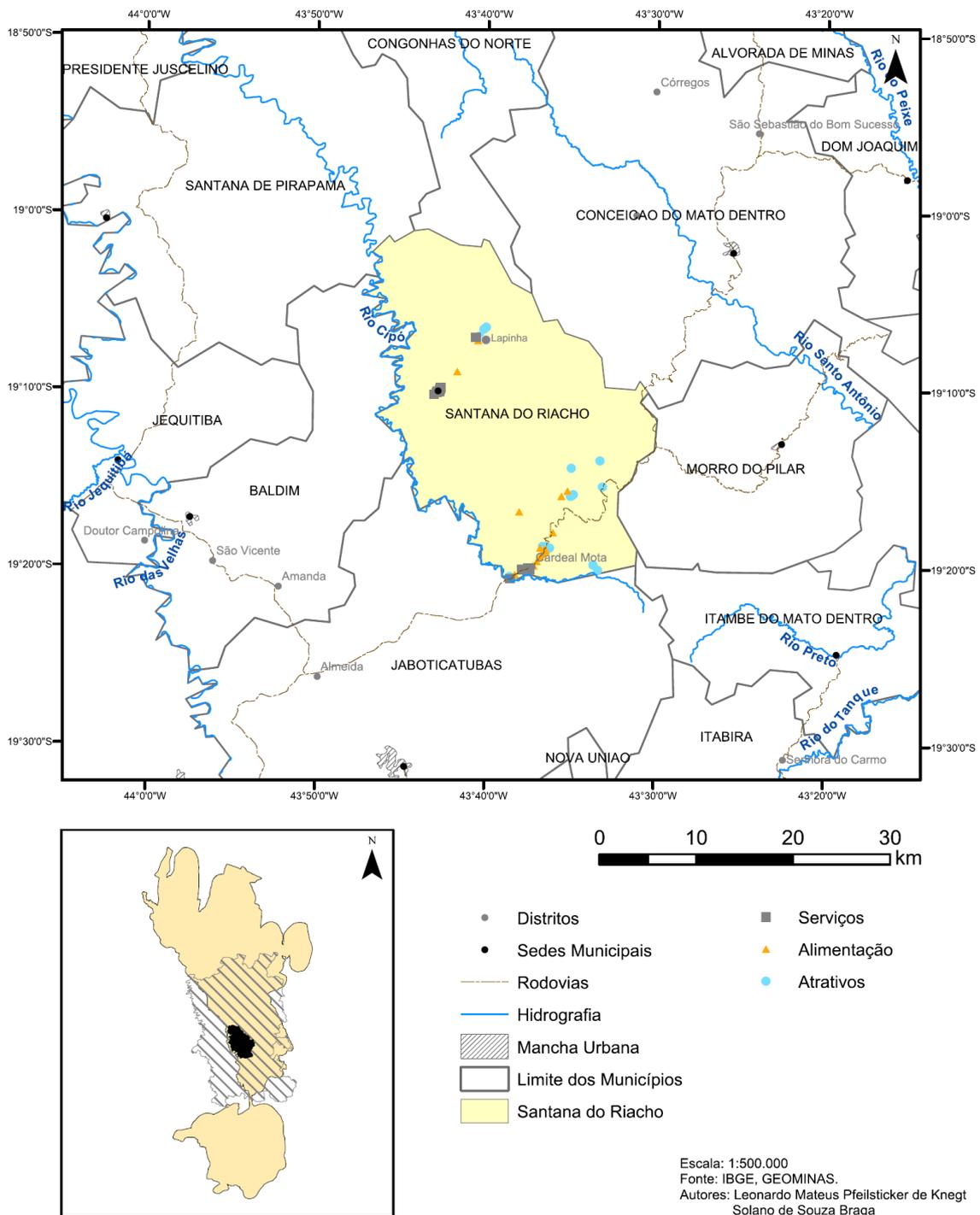
Turismo de Natureza da EplerWood (2007) e informações fornecidas pelas prefeituras municipais. A situação do turismo nos demais municípios será descrita de forma mais geral, antevendo que, quando eles se agregarem de forma mais efetiva no contexto regional, merecerão mais atenção em pesquisas futuras sobre turismo.

Veremos como o turismo acontece em cada município, a existência de alguns fatores relacionados com a localização, história, existência de UC's e como a influência de todos esses elementos dialogam com a presença do turismo nas escalas municipal, regional e sub-regional.

Os mapas utilizados tiveram como base fontes cartográficas como o IBGE, GEOMINAS, o Circuito Serra do Cipó e dados de campo. Neles foram expostas as rodovias pavimentadas, os atrativos naturais, os serviços de alimentação (bares e restaurantes) e de hospedagens (campings, pousadas e hotéis), fato esse que justificou a elaboração de mapas temáticos para apenas 10 municípios.

Os atrativos culturais não foram representados nos mapas por dois motivos, pois muitos são festas e só ocorrem nas sedes ou distritos. O mesmo vale para as edificações históricas: são poucas as que estão fora dos núcleos urbanos.

#### 4.1.1 - Santana do Riacho



Mapa 12: Atrativos e serviços turísticos de Santana do Riacho

O município de Santana do Riacho, emancipado de Jaboticatubas apenas em 1962, é a área central da região da Serra do Cipó, trazendo em si alguns dos elementos simbólicos mais importantes para a imagem que se faz da Serra, quais sejam, o Rio Cipó, a porção de Serra denominada com o mesmo nome, a proximidade com a entrada do PARNA Cipó,

construções históricas representativas do início do povoamento, como a fazenda do Alto Palácio e o “Grande abrigo”, um dos maiores e mais representativos sítios arqueológico do Brasil. Abriga em seu território 8,3% da área do PARNASC e 42,57% APAMP.

Este é, sem dúvida, o município que mais se apropriou da imagem da Serra do Cipó. Existe movimentação no município para que o distrito de Cardeal Mota mude o seu nome para Serra do Cipó. Desde a abertura do primeiro hotel, o Cipó Veraneio em 1948 (situado em Jaboticatubas, mas que pela proximidade com Cardeal Mota é mais associado ao município de Santana do Riacho), até os dias atuais, a relação não só do distrito de Cardeal Mota, como do município, com o turismo só aumentou. Não apenas este distrito tem sua economia baseada no turismo, o povoado de Lapinha da Serra, no extremo norte do município de Santana do Riacho, também se sustenta atendendo o fluxo sazonal de visitantes e prestando serviços em casas de segunda residência. Além das observações de campo, os trabalhos de GONTIJO (2003) e LOPES (2006) concordam com essas afirmações.

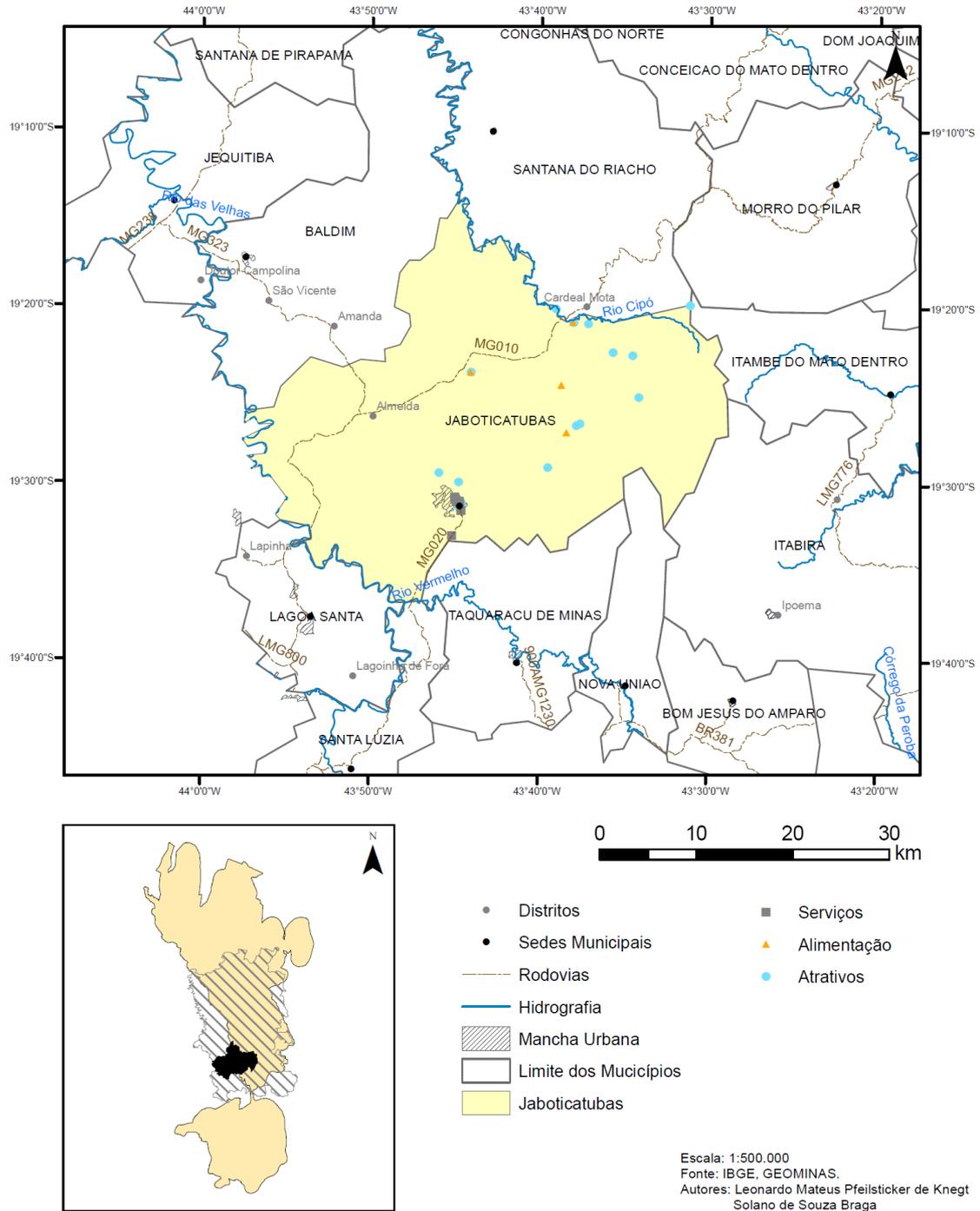
Assim como nas demais partes da Serra, a criação do PARNA Cipó e, principalmente, a chegada do asfalto foram fatores determinantes para o aumento do fluxo de visitantes. Em 1987, o asfalto chegou até a Cachoeira Véu da Noiva, pouco depois da assinatura do decreto de criação do Parque, que ocorreu em 1984, dando início ao processo que culminou, hoje, na existência de 66 meios de hospedagem e 44 equipamentos de alimentação entre bares e restaurantes, representados espacialmente no mapa 12.

Nesse município ocorreram grandes investimentos da iniciativa privada em empreendimentos voltados para atender os visitantes, mais que em qualquer outro da região. A Cachoeira Véu da Noiva, a Serra Morena, a Cachoeira Grande e a Cachoeira da Caverna são exemplos de atrativos naturais em áreas privadas que não só estão abertos para visitação como possuem infra-estrutura específica para este fim. O município participa da política de regionalização do turismo em vigor no Estado de Minas Gerais e integra o Circuito Serra do Cipó e o eixo da Estrada Real.

Santana do Riacho integra-se regionalmente em todos os aspectos levantados e expostos no capítulo Ordem para definição da região da Serra do Cipó. E dentro da visão do tetrólogo, podemos considerar que hoje a ordem estabelecida pelo turismo já se consolidou no município. Elementos como o asfaltamento do trecho Cardeal Mota – sede municipal provavelmente trará algum impacto em Lapinha da Serra e na própria sede, mas a grande transformação e a organização no município para receber os turistas já aconteceu.

Como podemos observar no mapa, existe uma grande concentração da infra-estrutura próxima aos acessos e áreas urbanas. As exceções são a Serra Morena, com alguns campings e pousadas (a esquerda da MG10, na porção sul do mapa), e alguns bares e campings na Ponte Ferro, entre Cardeal Mota e Santana do Riacho.

#### 4.1.2 – Jaboticatubas



Mapa 13: Atrativos e serviços turísticos de Jaboticatubas

Jaboticatubas é o município que abriga a maior parte do PARNASC, 65,6% da área total e 14,38% da APAMP, mas isso não lhe confere proporcionalmente a imagem criada em torno da Serra do Cipó. Em 1938, o território de Jaboticatubas foi desmembrado de Santa Luzia, sendo criado o município que compreendia os distritos da Sede, Baldim e Riacho Fundo (hoje Santana do Riacho), os dois últimos emancipados em 1948 e 1962, respectivamente.

Atualmente Jaboticatubas conta, além da sede, com o distrito de São José do Almeida, que se estende até a margem esquerda do rio Cipó, onde está localizada a sede do Parque Nacional da Serra do Cipó. Neste distrito fica o povoado de São José da Serra e a Serra da Lagoa Dourada, uma das mais belas regiões do entorno do PARNASC e que deve ser anexada ao mesmo. Em São José da Serra, e na distância entre o povoado e a sede do PARNASC, ficam grande parte dos meios de hospedagem e dos atrativos naturais abertos à visitação do município de Jaboticatubas.

Os meios de hospedagem se concentram próximos ao acesso pela rodovia MG10. Foi possível observar que a construção da Linha Verde, projeto do governo estadual que facilitou o acesso entre Belo Horizonte e o aeroporto Internacional Tancredo Neves, mesmo sendo recente (a obra ocorreu entre 2005 e 2009), já trouxe mudanças na circulação de pessoas no município. Isso fez com que o acesso para a Serra do Cipó realizado pela MG20, e que passava por Santa Luzia e pela sede de Jaboticatubas, se tornasse pouco utilizado pelos turistas. A pouca utilização desse acesso fez com que a manutenção diminuísse e hoje as condições são ruins e com vários pontos de erosão próximos a Santa Luzia, na margem do Rio das Velhas.

Em Jaboticatubas, o aumento dos meios de hospedagem e alimentação se deve quase que exclusivamente ao povoado de São José da Serra (figura 13), que se aproveita do fluxo de turistas devido a proximidade com Cardeal Mota e a MG10 (ver localização no mapa 13). As cachoeiras abertas a visitação em campings e balneários são a principal atração deste distrito que recebe a maioria dos turistas que visitam o município, conforme MAURO (2008).

Com a previsão da instalação de condomínios de luxo, o município vive a expectativa de crescimento econômico para os próximos anos. Segundo informações dos moradores, o grupo imobiliário português Design Resorts vai investir mais de R\$ 1 bilhão no projeto que vem sendo chamado de “Quintas do Rio das Velhas” (ver anexo 8.7). Também existe no município a expectativa da implantação de via asfaltada entre a MG20 e a MG10, o que integraria a sede da Jaboticatubas de forma mais efetiva no turismo da região da Serra do Cipó. O município integra o Circuito Serra do Cipó e o eixo da Estrada Real.

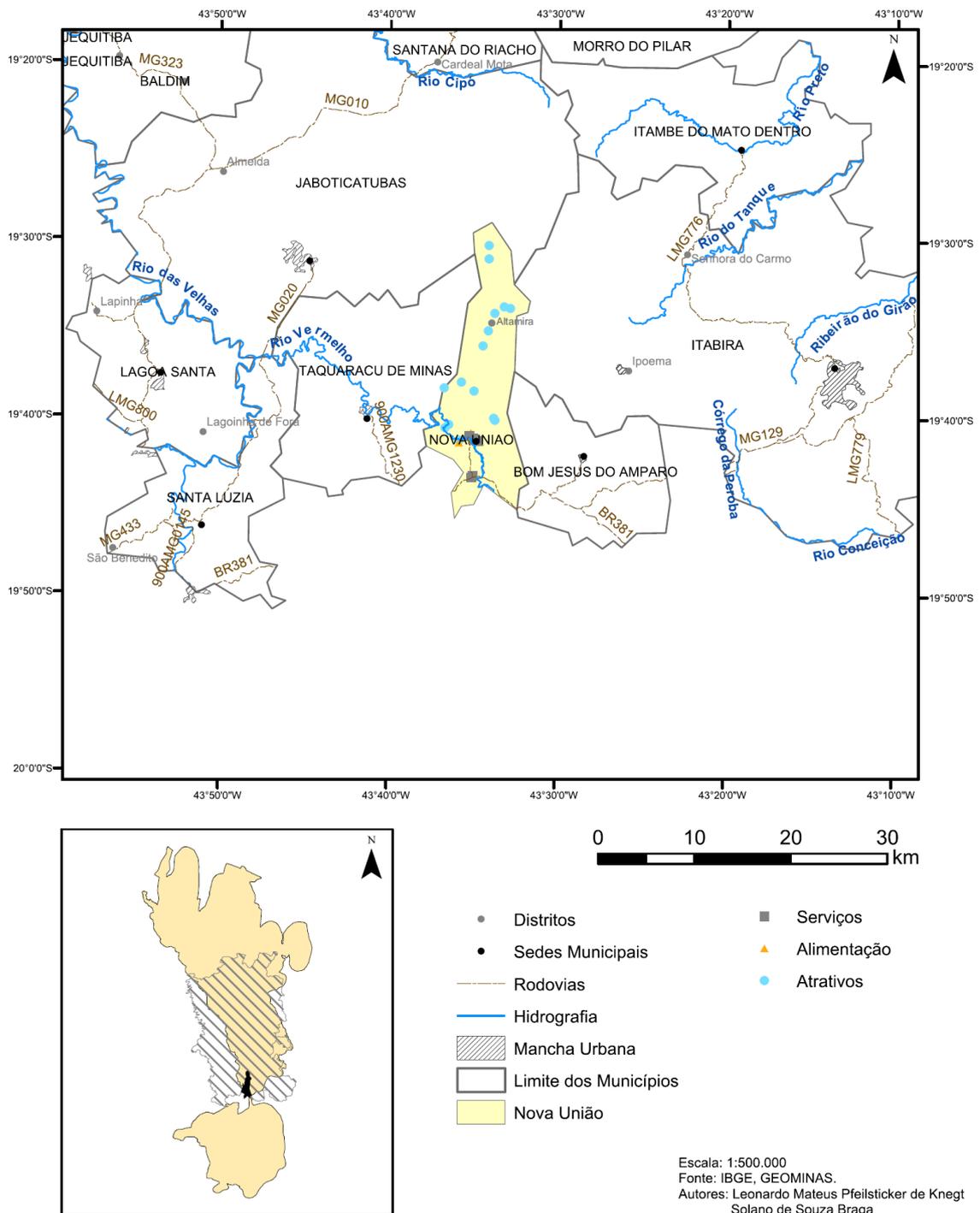
Jaboticatubas compõe com Santana do Riacho a área *core* da região. A falta de investimentos em infra-estrutura, divulgação e de políticas municipais, deixou o município em uma posição marginal que não faz jus ao seu patrimônio natural e potencial turístico.

Existem áreas onde o turismo é a Ordem estabelecida, especialmente em São Jose da Serra, mas isso não se aplica a todo o município, principalmente à sede municipal.



Figura 13: Placa na entrada do povoado de São José da Serra, em Jaboticatubas.

### 4.1.3 – Nova União



Mapa 14: Atrativos e serviços turísticos de Nova União

O município de Nova União se emancipou em 1962 de Caeté, com o nome de José de Melo, em homenagem a um conhecido político caeteense. O município mudou novamente de nome, por meio de plebiscito em 1987, e passou a ter a denominação atual.

Nova União é o menor dos municípios no entorno do Parque Nacional da Serra do Cipó. O ICMBio (2009) afirma que o município está inteiramente direcionado para o “agro-negócio” das bananas e mais voltado para a região metropolitana de Belo Horizonte do que para o Parque. A mesma fonte revela que a população não se percebe como integrante da Serra do Cipó, apesar de possuir 5,64% da área da APAMP.

Segundo relatos de moradores, o município possuía, até a década de 1990, mais visitação que nos dias atuais. Fato que pode explicado pela dificuldade de acesso e a poluição em, praticamente, todas as cachoeiras do município. Os balneários que existiam foram fechados após a morte, por afogamento, de um visitante ter gerado um processo contra o dono da área, que teve que indenizar a família da vítima. Esta estagnação pode ser observada nos números referentes aos meios de hospedagem e de alimentação (o município possui apenas 5 meios de hospedagem, todos localizados entre a sede a BR 262, como podemos observar no mapa 14). O destaque paisagístico no município são as áreas serranas e o grande número de nascentes, especialmente na região denominada de Altamira, área dentro dos limites da APAMP.

A Cachaçaria Germana possui seu alambique no município, que é aberto a visitação, sendo hoje o maior atrativo de Nova União (ver figura e 15). O grupo dono do Alambique está prestes a inaugurar uma pousada na sede municipal e tem projetos para implantar e sinalizar algumas trilhas, além de incentivar a prática do ecoturismo na fazenda onde se localiza o alambique. A cachaça tem forte identidade com Nova União, além da produção já ocorrer a mais de 100 anos, as garrafas são revestidas com palhas de bananeira. A banana é o principal produto agrícola do município.

Entretanto, em função do envolvimento tênue que existia e existe entre a prefeitura, o PARNASC e o Circuito Serra do Cipó, são poucas as expectativas sobre o turismo. O município integra também o eixo da Estrada Real.

Difícilmente Nova União deixará de ocupar uma posição marginal no contexto da Serra do Cipó. Apesar de possuir várias cachoeiras (ver figura 14) e pontos com potencial para o estabelecimento de balneários, é pouco provável que os proprietários que compraram sítios resolvam abrir suas propriedades para a visitação. Mas a retirada dos esgotos das cachoeiras próximas à sede pode amenizar, em parte, a falta de atrativos com possibilidade de uso. Em Nova União os traços da Ordem e da estagnação são muito visíveis e não apontam para o turismo.

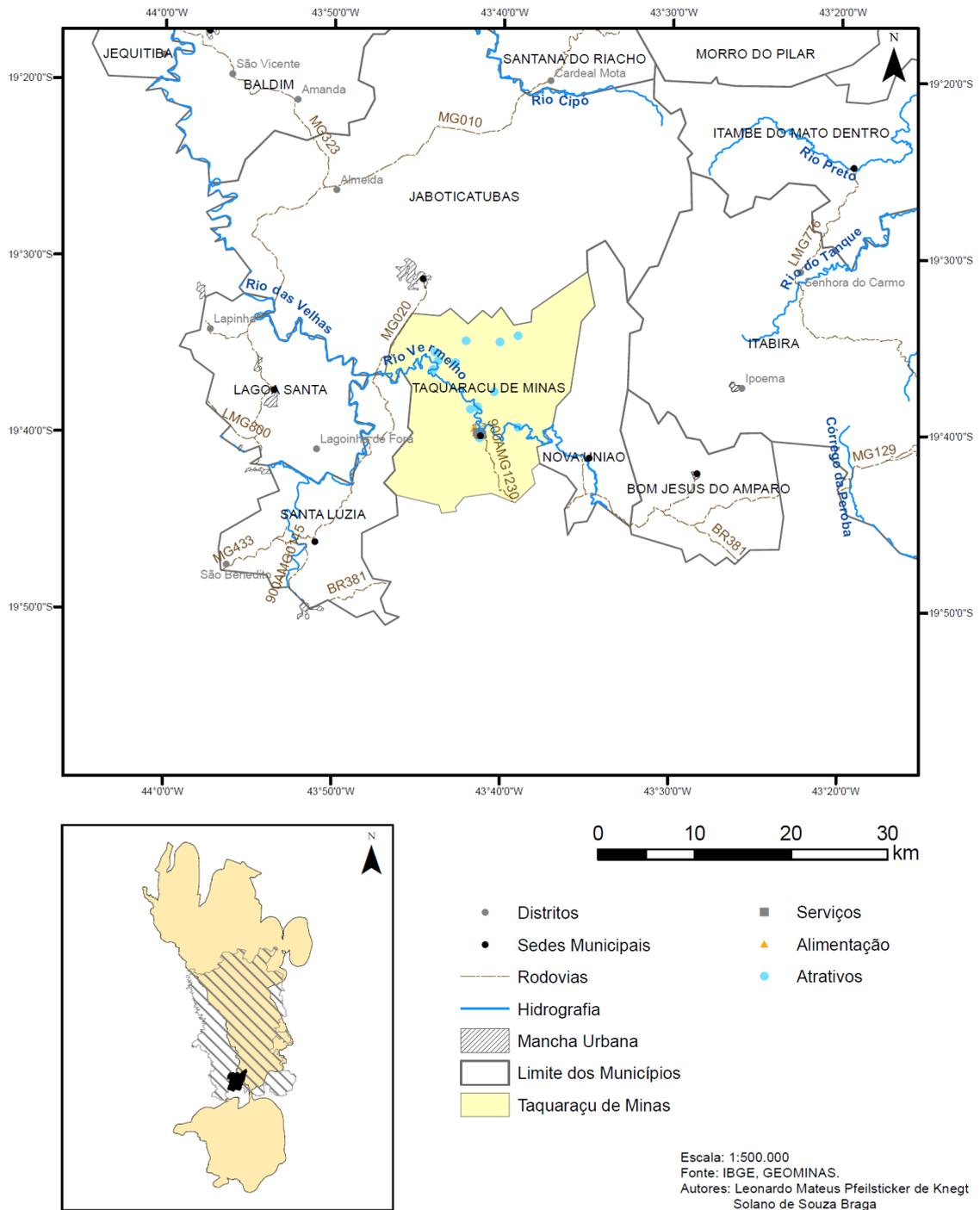


Figura 14: Cachoeira da Fumaça, no povoado de Altamira de Cima



Figura 15: Cachaçaria Germana

#### 4.1.4 – Taquaraçu de Minas



Mapa 15: Atrativos e serviços turísticos de Taquaraçu de Minas

O município de Taquaraçu de Minas se emancipou de Caeté em 1962, após figurar primeiramente como distrito de Sabará e depois de Caeté, já com o nome atual. Com apenas 4,28% da APA Morro da Pedreira de elo com a Serra do Cipó, esse município tem pouca participação no contexto regional, conforme entrevistas de campo e o ICMBio (2009).

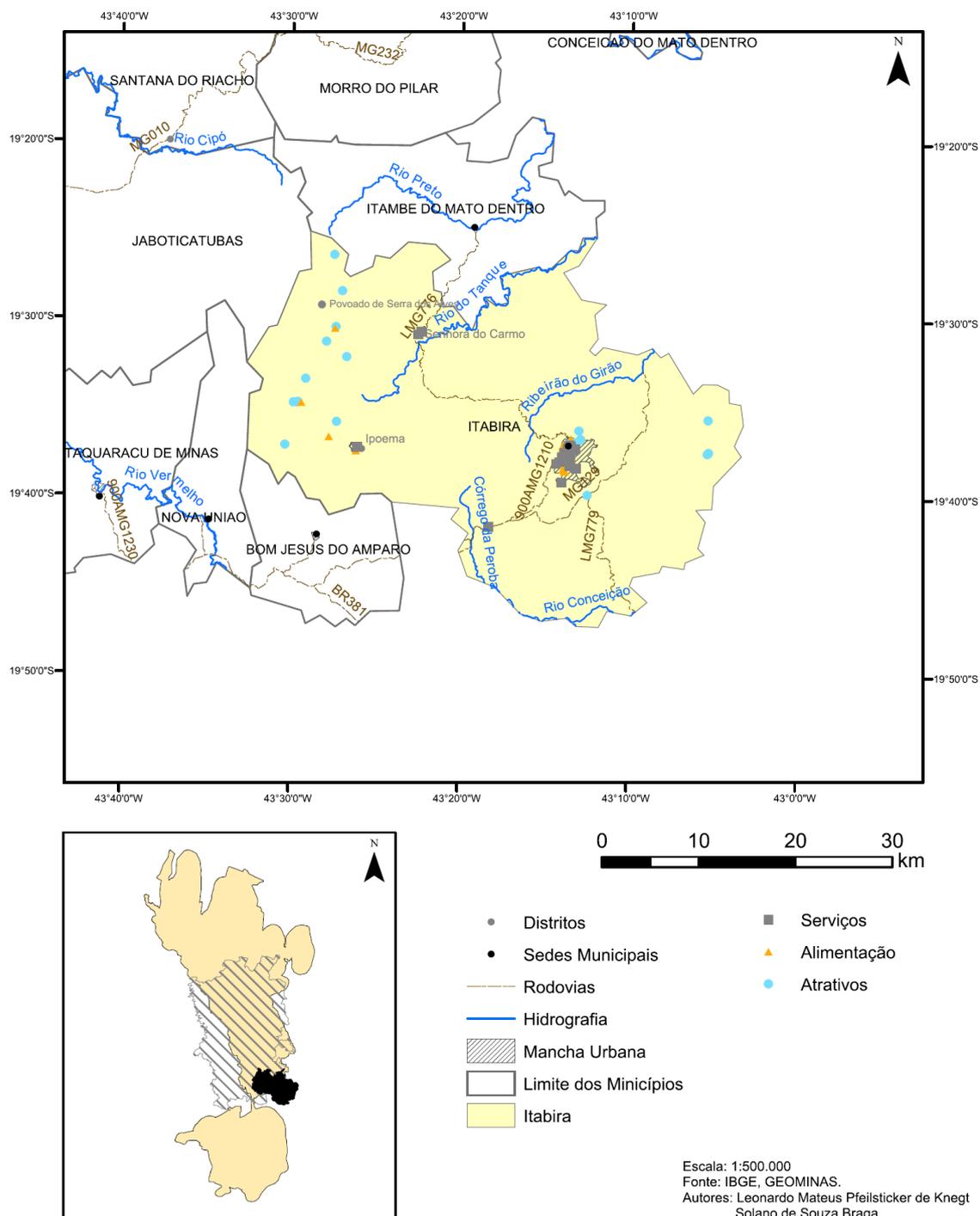
Fato este explicitado pelo ICMBio, quando o mesmo ressalta que:

A população de Taquaraçu de Minas não se sente parte da Serra do Cipó e pouco se interessa pelas questões referentes ao Parque, que é algo distante de sua realidade. Os problemas ambientais que a população percebe são os que se referem ao rio Taquaraçu, que corta a cidade e que se encontra poluído principalmente por esgoto doméstico, proveniente de Nova União e da própria cidade, embora seja, apesar da poluição, o principal atrativo turístico da cidade, que recebe banhistas nos finais de semana, vindos de Belo Horizonte e adjacências. ICMBio (2009: 42)

Ainda em relação ao turismo, completando as informações citadas pelo ICMBio, o município também ocupa uma posição de coadjuvante no Eixo da Estrada Real, de uma forma geral e entre os próprios municípios do entorno.

Apesar de ainda não possuir os dados referentes ao INVTUR do ano de 2009, acreditamos que pouco mudou em Taquaraçu de Minas em relação a sua infra-estrutura turística (em 2006 haviam 5 meios de hospedagem, todos localizados na sede, como podemos observar no mapa 15). Atualmente o município não faz parte de qualquer circuito turístico e não existem muitas informações disponíveis em publicações e websites sobre seus atrativos. Ele está localizado na periferia da região e é pouco expressivo tanto politicamente, como em número de atrativos estruturados. Assim como em Nova União, a Ordem percebida não aponta para o turismo. Ele só se integra regionalmente por causa da APAMP é possível que haja uma maior integração, mas não é provável.

#### 4.1.5 – Itabira



O município de Itabira teve sua origem como distrito de Caeté, com a denominação de Itabira do Mato Dentro, tendo se desmembrado em 1833. Já em 1848 o município passou a se chamar Itabira e hoje possui, além do distrito sede, Ipoema e Senhora do Carmo, sendo localizado o povoado de Serra dos Alves no último.

Com 12,91% da área da APA Morro da Pedreira, Itabira tem forte participação na Região da Serra do Cipó, como destaca o ICMBio:

A região de Itabira que está sob a influência do Parque Nacional da Serra do Cipó e da APA Morro da Pedreira engloba os distritos de Ipoema e Senhora do Carmo, sobretudo este último, que tem parte de seu território (12.540 ha) dentro da APA e contíguos ao Parque. Há uma forte tradição de promoção de cavalgadas, muitas das quais utilizando roteiros no interior do Parque, como cachoeira das Braúnas, serra das Bandeirinhas e casa dos currais. ICMBio (2009:37)

Após o declínio das atividades da mineradora VALE, a partir da década de 90 e de forma mais intensa até o presente momento, Itabira passou a investir na criação de unidades de conservação e no turismo. Conforme atesta LABRUNA e GONTIJO (2005), a criação do Museu do Tropeiro em 2003, no distrito de Ipoema, teve reflexo rápido e vigoroso no aumento do fluxo de visitantes e na abertura de meios de hospedagem e alimentação neste distrito. Em 1999 foi instalada a primeira pousada no distrito, dois anos após a inauguração do Museu do Tropeiro já existiam 12 pousadas em Ipoema. Podemos visualizar essa proporção entre Ipoema e a Sede, no tocante aos serviços turísticos no mapa 16.

Apesar de um identidade territorial muito ligada à Serra do Cipó, o vínculo que também existe com o Circuito do Ouro fez que Itabira saísse do Circuito Serra do Cipó. Tal fato foi motivado após a determinação da Secretaria de Turismo de Minas Gerais de que cada município só poderia fazer parte de um Circuito turístico<sup>29</sup>.

Itabira é um município de destaque tanto na emissão de turistas para a Serra do Cipó, como no receptivo. É do município, segundo conversas informais e entrevistas com moradores, empresário e funcionários das prefeituras municipais, a maioria dos visitantes dos atrativos naturais de Itambé do Mato Dentro, Morro do Pilar e da própria Itabira. Como receptivo, o distrito Sede, Ipoema e o povoado de Serra dos Alves recebem visitantes do entorno e da RMBH.

A expectativa do aumento da área do PARNA, que passaria a abranger parte do território de Itabira, e a possibilidade de abertura de uma portaria (das cinco previstas no plano de

---

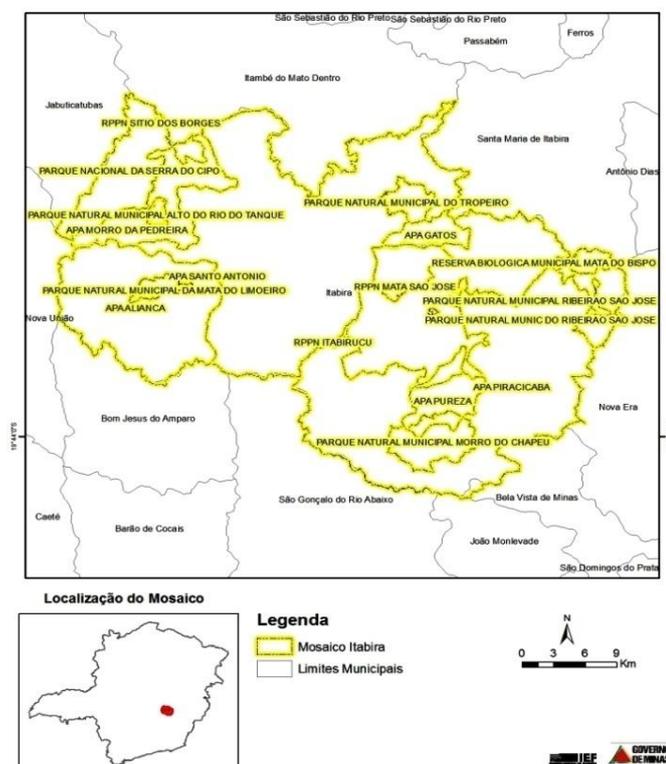
<sup>29</sup> Artigo 3º, Parágrafo 3º: “Um município só poderá fazer parte oficialmente de 01 Circuito, para fins de recebimento dos benefícios das políticas públicas de turismo do Governo do Estado de Minas Gerais e definição do mapa da organização territorial turística de Minas Gerais”.

Artigo 3º, Parágrafo 5º: “Para efeitos da Política Estadual de Turismo, caso o Município faça parte de mais de um Circuito, fica determinado a data de 30/06/2008, para que o mesmo defina sua permanência em apenas um Circuito, de acordo com art.3º § 3º”.

manejo) no povoado de Serra dos Alves, sinalizam para a consolidação do município como destino turístico de destaque na Serra do Cipó e na Estrada Real.

Assim como Santana do Riacho e Jaboticatubas, Itabira tem parte de seu território fortemente ligado à Serra do Cipó, podendo ser considerado uma das portas de entrada para a mesma. Mas, se comparada com a vertente oeste, Itabira e seu entorno convivem com a dificuldade de acesso que acaba refletindo em uma menor oferta de atrativos turísticos. Mesmo integrada, essa porção da Serra é, e deve continuar sendo, a porta dos fundos.

Segundo o “Projeto Mosaico de Itabira - construção da identidade territorial do município de Itabira - MG, a partir da criação de um mosaico entre as suas unidades de conservação” (Silva, 2010)<sup>30</sup>, Itabira hoje possui três Parques Naturais Municipais; uma Reserva Biológica Municipal; outras três UC’s a serem criadas bem como a expectativa de ampliação do PARNA Serra do Cipó para dentro dos seus limites. Além das unidades de proteção integral citadas, o município tem ainda as seguintes unidades de uso sustentável: três RPPN’s; duas APA’s municipais e uma federal, a APAMP e parte do maciço do Espinhaço - RBSE, como podemos visualizar na mapa 17<sup>31</sup>.

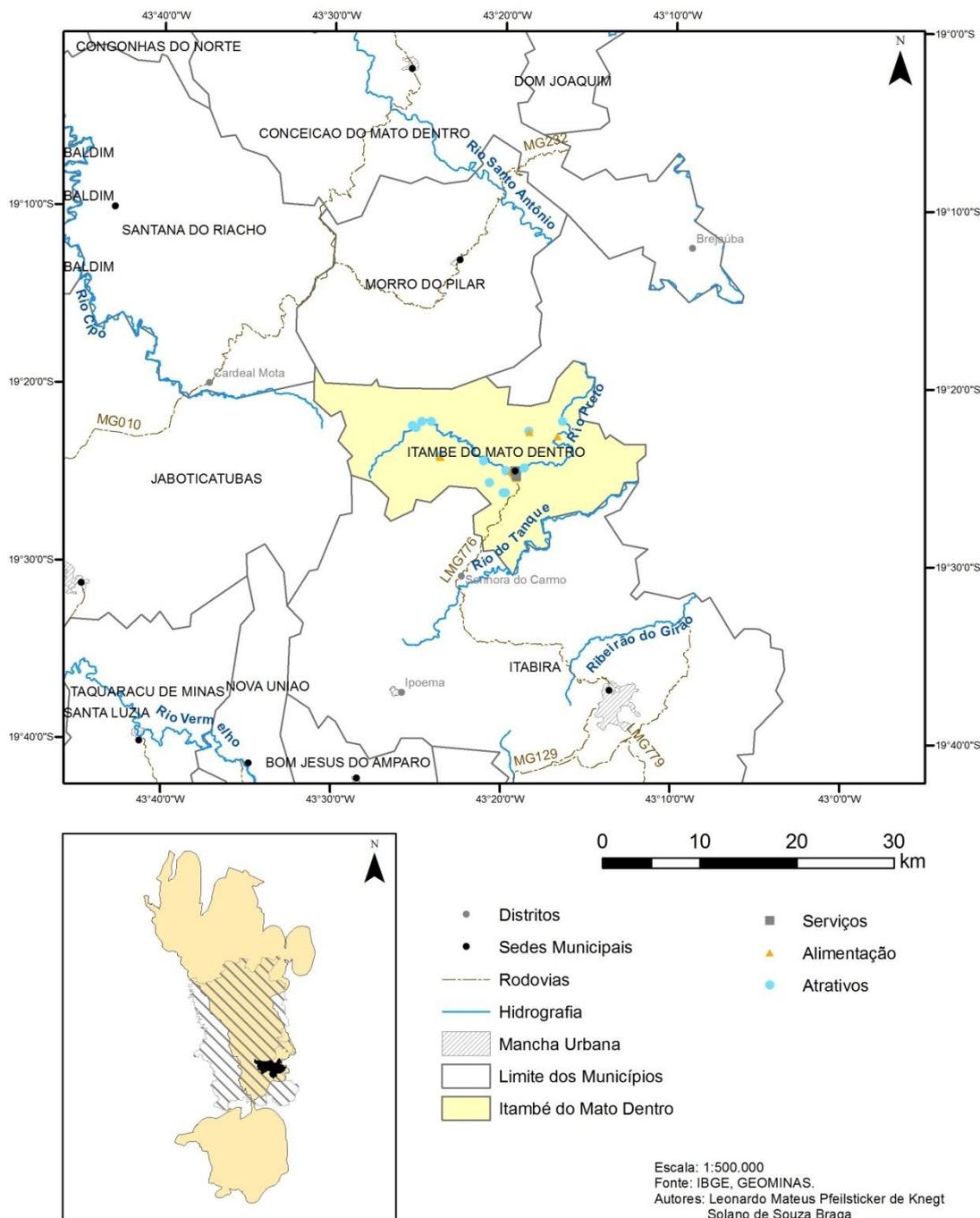


Mapa 17: Mosaico Itabira

<sup>30</sup> Maria Auxiliadora Silva, 1º Encontro de Mosaicos de Minas Gerais - Agosto-2010.

<sup>31</sup> Mapa também apresentado no 1º Encontro de Mosaicos de Minas Gerais - Agosto-2010.

#### 4.1.6 - Itambé do Mato Dentro



Mapa 18: Atrativos e serviços turísticos de Itambé do Mato Dentro

O distrito que deu origem ao município de Itambé do Mato Dentro fez parte primeiramente do município do Serro, posteriormente foi anexado à Conceição do Mato Dentro e, por último, ao município de Itabira, do qual se emancipou em 1962. O município possui 7,3% da área do PARNASC e 12,14% da APAMP. Em Itambé fica o povoado de Cabeça de Boi (Santana do Rio Preto), sendo este muito conhecido na Serra do Cipó, como ressalta o ICMBio:

Já se percebe, principalmente em feriados, problemas relacionados à presença de quantidade de turistas superior à comportada pela pouca estrutura do local. Este crescimento do turismo já demanda uma maior atenção de parte dos órgãos ambientais para que o esperado crescimento, que vem sendo impulsionado pela implantação da Estrada Real e do Circuito Turístico do Parque Nacional da Serra do Cipó. ICMBio (2009:39)

A grande visitação fazia com que o pequeno distrito tivesse, já em 2006, seis dos dezesseis equipamentos de hospedagem do município. A maioria dos visitantes, conforme entrevistas e BARBOSA (2007), são de Itabira. Devido a dificuldade em cruzar a Serra da vertente leste para a oeste, e também a falta de vias pavimentadas, Itambé do Mato Dentro fica um pouco isolado do grande fluxo que passa pela MG10. Em compensação, recebe quase todo o fluxo de turistas vindos de Itabira e que não cruzam a Serra pelos mesmos motivos já citados.

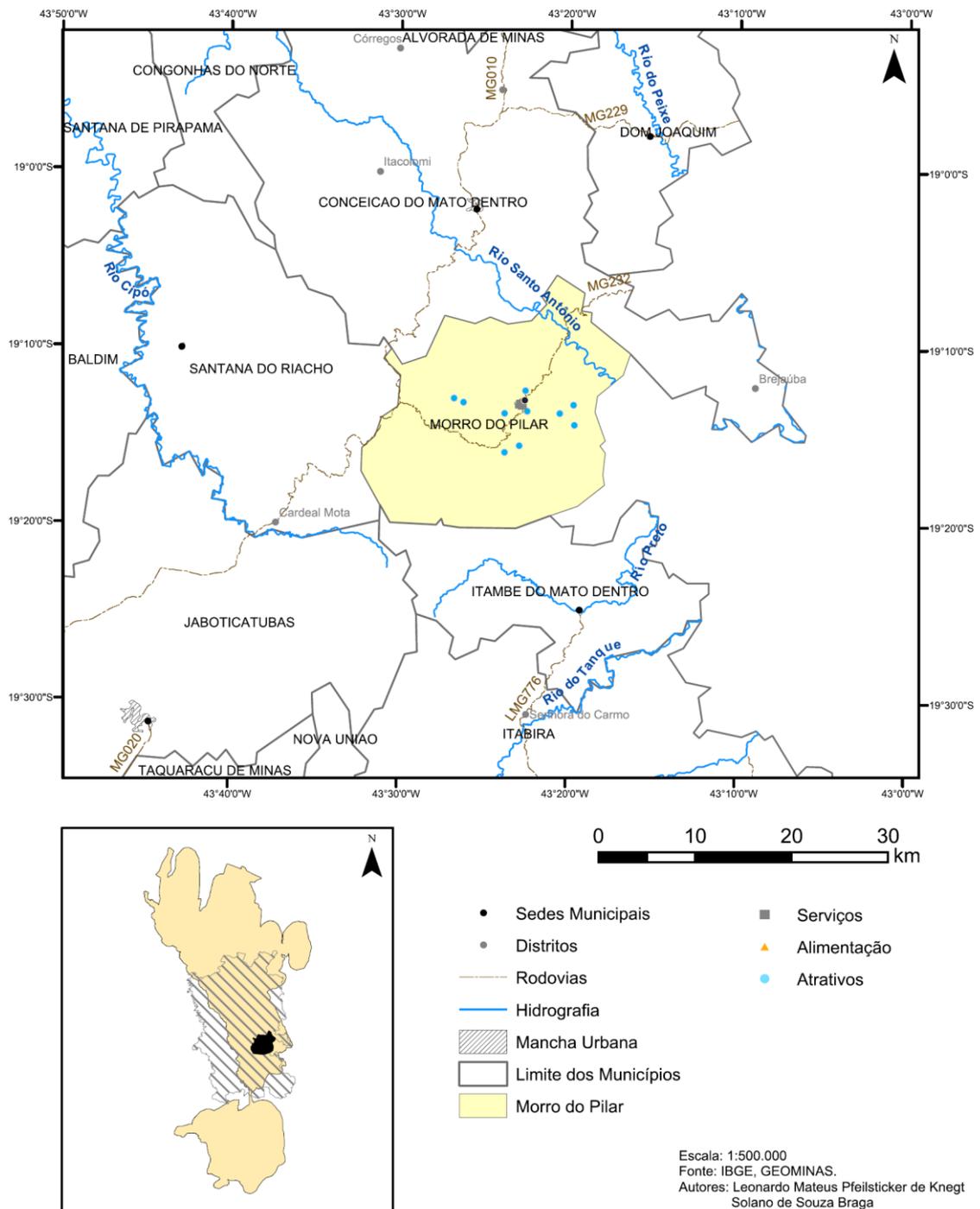
A exemplo de Lapinha da Serra (Santana. Riacho), São José da Serra (Jaboticatubas) e Tabuleiro (Conceição do Mato Dentro), Cabeça de Boi já tem no turismo sua principal atividade econômica.<sup>32</sup>

O município não faz parte de nenhum circuito turístico. Atualmente integra apenas o Eixo da Estrada Real. Itambé, assim com Itabira, tem uma posição periférica no contexto turístico da Serra, provavelmente devido ao isolamento provocado pelos acessos sem pavimentação entre essa porção leste e a oeste da Serra. No anexo “8.6 - Turismo em Itambé do Mato Dentro” existem informações sobre a expectativa dos moradores com a chegada do asfalto até a sede do município e sobre as deficiências de estrutura e mão de obra para receber os turistas. É possível, na reportagem citada, observar um erro comum entre as pessoas que conhecem pouco a região: confundir Itambé do Mato Dentro com Santo Antonio do Itambé, quando é afirmado que Itambé do Mato Dentro integra o Circuito dos Diamantes.

---

<sup>32</sup> Essa afirmação se baseia em observações de campos e nos estudos já realizados nestas localidades e que estão citados no capítulo Ordem.

#### 4.1.7 – Morro do Pilar



Mapa 18: Atrativos e serviços turísticos de Morro do Pilar

O município de Morro do Pilar tem como data de fundação o ano de 1953, quando se desmembrou de Conceição do Mato Dentro. Com 8,13% da área da APA Morro da Pedreira e 18,8% do PARNA Cipó, o município está localizado em uma posição central dentro da região da Serra do Cipó.

Ainda quando era distrito de Conceição do Mato Dentro, o município abrigou a primeira fundição de ferro do Brasil, conforme ICMBio (2009) descreve:

Em 1808, por carta Régia, foi criada a Fábrica de Ferro de Morro do Pilar, ou Fábrica do Rei, como era conhecida a primeira fundição do Brasil, onde o Intendente Câmara, dada a falta de mão de obra qualificada, foi engenheiro, desenhista, mestre de obras, fundidor, carpinteiro e oleiro. Com muita luta conseguiu produzir, pela primeira vez no Brasil, cerca de 300 arrobas de ferro. [...]

Depois de desativada a fundição, a cidade volta a viver período de decadência econômica, que resulta na situação atual, em que a população do município vê como única alternativa econômica a exploração extrativista de madeira nativa, que tem sido feita de forma absolutamente desvinculada de qualquer preocupação com a sustentabilidade da atividade e do meio ambiente. ICMBio (2009:40)

O ICMBio completa suas considerações sobre Morro Pilar destacando alguns fatores que dificultam uma maior participação do turismo na economia municipal:

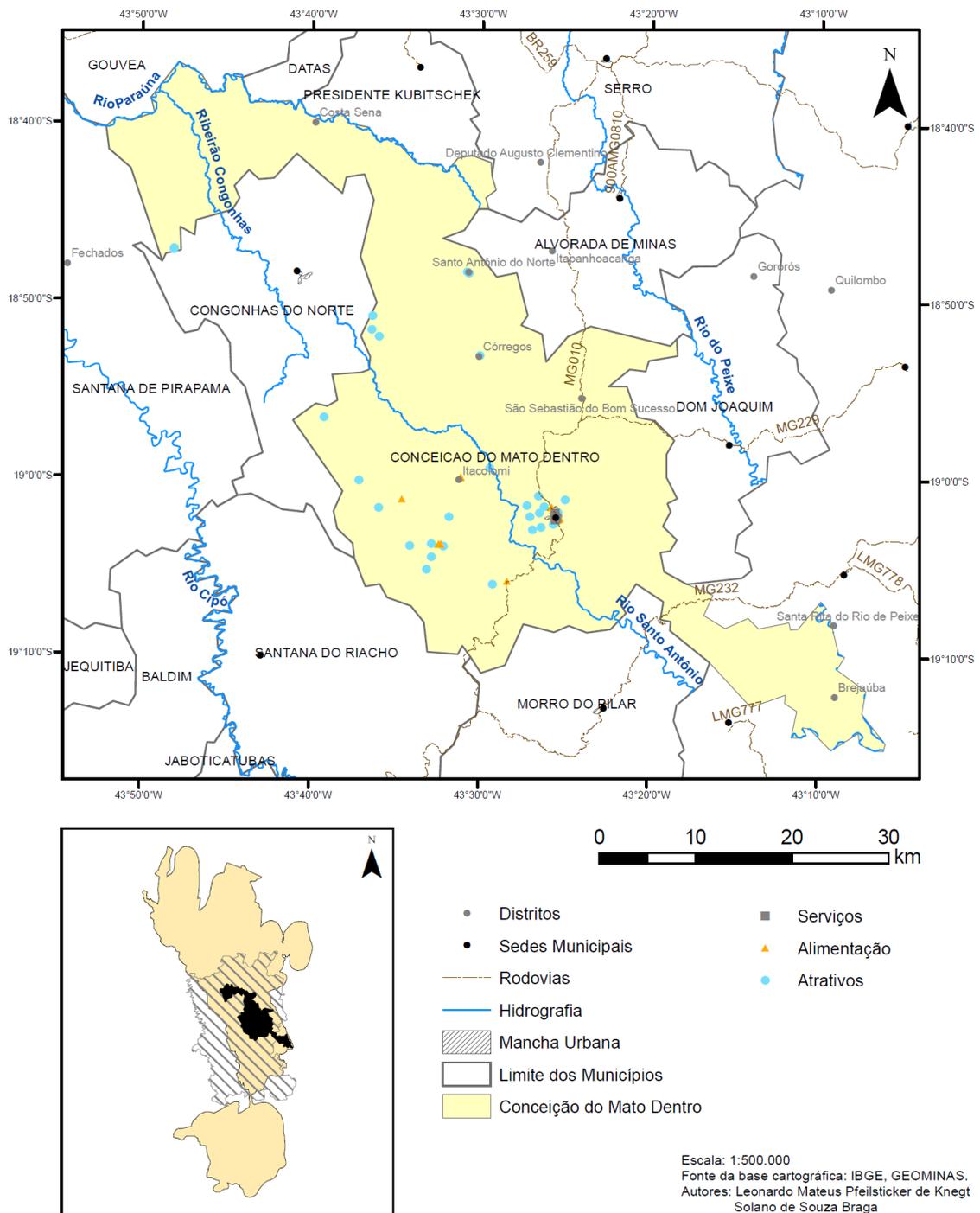
Morro do Pilar é hoje o município cuja população é mais arredia as tentativas de ordenamento que levem a uma exploração mais racional. O IBAMA é visto como um órgão que ameaça a sobrevivência de todos, já que ela tem sido calcada em atividades ilegais. As poucas vezes que se contrapõem a esta postura dominante são extremamente mal vistas na região, o que dificulta a implantação de iniciativas que visem a uma inserção, por exemplo, em atividades turísticas baseadas nas inúmeras belezas que a região ainda possui. ICMBio (2009:40)

O município já fez parte do Circuito Serra do Cipó, mas atualmente não está inserido em nenhum Circuito turístico, talvez um reflexo da pouca importância que a administração local tem dado ao potencial turístico do município. Este município, assim como a maioria dos localizados na região estudada, integra o Eixo da Estrada Real, de acordo com Alencar:

Pela idade do município, fundado em 1701, e a localização num ponto muito visado pelos turistas, como a Serra do Cipó, seria de se esperar que houvesse maior preocupação com a capacitação turística, infra-estrutura e com a implantação de um receptivo, mas a observação local comprovou que ainda falta muito para que a cidade seja considerada um ponto turístico. São precárias as acomodações, o acesso é dificultado pela má conservação das estradas e à falta de sinalização. ALENCAR, *et al* (2009)

A pouca integração com o resto da Serra deixa Morro do Pilar, juntamente com Itabira e Itambé do Mato Dentro, em uma porção periférica dentro do contexto turístico da Serra, porém sua localização e atrativos (como podemos visualizar no mapa 18) indicam que o município deverá ir abrindo suas portas para o turismo nos próximos anos, ainda que lentamente.

#### 4.1.8 – Conceição do Mato Dentro



Mapa 19: Atrativos e serviços turísticos de Conceição do Mato Dentro

Em relação a Conceição do Mato Dentro, apesar de ter sido um município que deu origem a quase todos da vertente leste da Serra, até a década de 1990 era praticamente impossível encontrar alguém que fizesse alguma ligação imediata entre o município e a Serra do Cipó. Com sua história muito ligada ao Serro, era mais comum associar sua imagem e cultura com o Circuito dos Diamantes do que para a região da Serra do Cipó. O IBGE dá uma

dimensão mais precisa desse grande território que fazia parte de Conceição do Mato Dentro:

Conceição do Mato Dentro, outrora um dos maiores municípios da região Central do Estado, abrangia com seu território toda a Serra do Cipó, da cordilheira Espinhaço ou Serra Geral, numa extensão de mais de cem quilômetros em linha reta, do Rio Paraúna ao Tanque, alongando-se ainda para o nascente até o atual município de Guanhães. IBGE (2010:1)

O município ainda é um dos maiores da parte do central de Minas Gerais e possui hoje dez distritos: Conceição do Mato Dentro, Brejaúba, Córregos, Costa Sena, Itacolomi, Ouro Fino do Mato Dentro, Santo Antônio do Norte, São Sebastião do Bonsucesso, Senhora do Socorro e Tabuleiro do Mato Dentro (ver mapa 19).

Com a medição da cachoeira do Tabuleiro, no final dos anos 90, quando ela foi declarada a maior de Minas Gerais e a terceira maior do Brasil, os turistas que visitavam a Serra do Cipó e iam, no máximo, até a Serra Morena, em Santana do Riacho, começaram a subir até Conceição do Mato Dentro. A prefeitura, percebendo uma oportunidade no turismo para movimentar a economia municipal, criou o Parque Municipal Ribeirão do Campo em 1998, bem como a APA municipal Serra do Intendente, que posteriormente teve sua área ampliada, tornando-se o Parque Estadual da Serra do Intendente. Com o aumento da visitação à Cachoeira do Tabuleiro, houve a implantação de pousadas, restaurantes e um acentuado crescimento da população que justificou, em 2003, que o povoado do Tabuleiro fosse elevado a condição de distrito.

A chegada do asfalto até a sede municipal, também no final da década de 1990, veio possibilitar uma maior integração do município com a Serra do Cipó, permitindo que um maior número de visitantes circulasse entre Santana do Riacho e Conceição do Mato Dentro.

Já no início da primeira década dos anos 2000, o município se proclamou a “Capital mineira do ecoturismo” e sinalizava, por meio de políticas públicas municipais, para se consolidar com tal. A visitação ocorre apenas em áreas dos municípios entre a sede e o distrito do Tabuleiro, sendo que grande parte dos atrativos municipais quase não recebe fluxo de visitação, podendo-se, entre eles citar: a Cachoeira Rabo de Cavalo, o Cânion do Peixe Tolo, a Cachoeira das Três Barras e as áreas mais ao norte, como a travessia Cemitério do Peixe - Fechados (Congonhas do Norte).

Todavia, a implantação de um grande projeto de mineração a oeste do município, na Serra do Sapo, situada no distrito de São Sebastião do Bonsucesso, fez com que Conceição do Mato Dentro tivesse sua rota rumo ao ecoturismo mudada, uma vez que os esforços municipais se voltaram para a implantação deste projeto da *Anglo Ferrous*<sup>33</sup> (ver anexo 8.1). Os meios de hospedagem da sede, antes destinados aos turistas que chegavam nos feriados e finais de semana, hoje estão funcionando em função do fluxo constante gerado pelos trabalhadores da mineradora nos dias úteis. Sendo assim, o turismo não responde sozinho pelo aumento no número de meios de hospedagem e de alimentação do município.

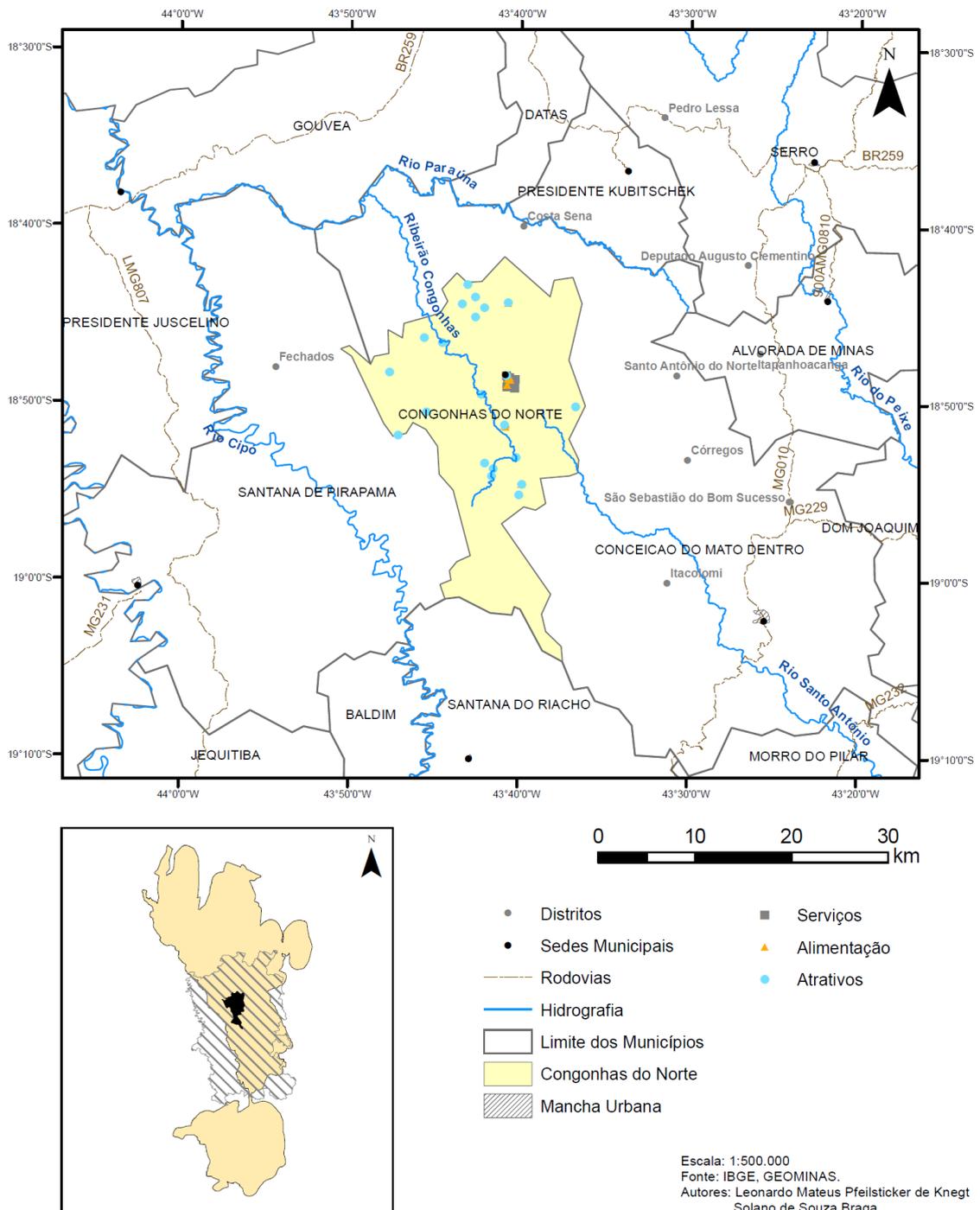
O asfaltamento dos 60 km que ligam as sedes de Conceição do Mato Dentro e de Alvorada de Minas será mais um fator que alterará o fluxo de pessoas na região da Serra do Cipó, pois é previsto que parte do fluxo de pessoas que visitam Diamantina via Curvelo passe a fazer isso pelo Serra do Cipó, onde o caminho fica aproximadamente 100 km mais curto.

Conceição se integra praticamente em todos os aspectos à Serra do Cipó. A mineração tem ditado o ritmo de vida do município que hoje é a Desordem e ela não é em função do turismo, pois as maiores transformações em curso são em decorrência da mineração. Conceição é, certamente, o município mais conturbado nos aspectos ambientais, sociais e políticos de toda a Serra do Cipó. As constantes reviravoltas na política municipal dos últimos anos, com cassação de prefeitos e a realização de eleições extraordinárias, tem dificultado ações do poder público municipal e deixa um grande ponto de interrogação sobre o posicionamento de Conceição do Mato Dentro frente a esse período de grande desordem.

---

<sup>33</sup> A *Anglo Ferrous Metals* atua nos mercados de minério de ferro, manganês e aço carbono. É uma das empresas do bloco da Anglo American, um dos maiores grupos em mineração e recursos naturais do mundo, com atividades em todo o planeta.

#### 4.1.9 – Congonhas do Norte



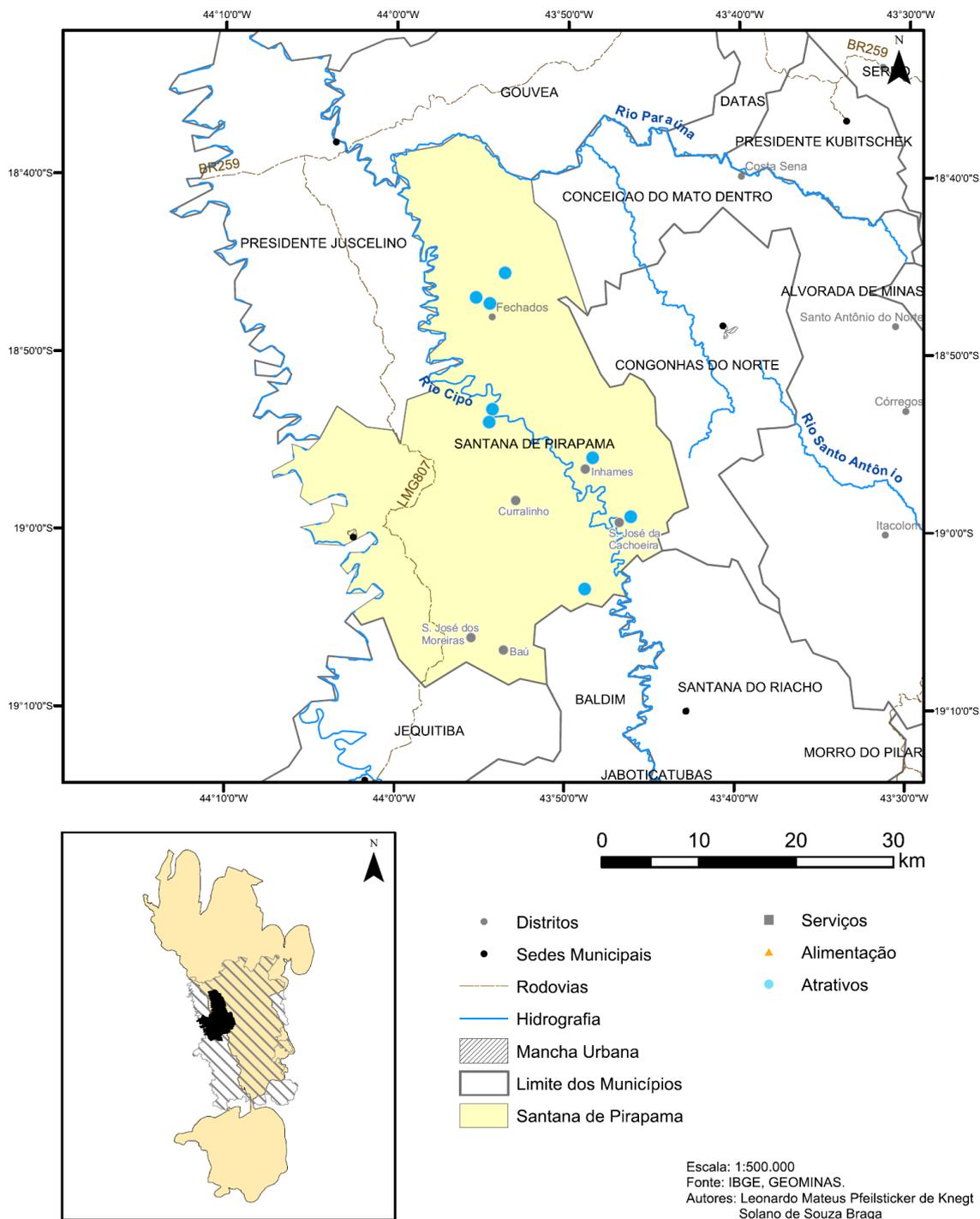
Mapa 21: Atrativos e serviços turísticos de Congonhas do Norte

Primeiramente conhecido como Congonhas de Cima da Serra da Lapa (Serra da Lapa foi a primeira denominação dada à Serra do Cipó), ainda quando pertencia Conceição do Mato Dentro e era parte da Comarca do Serro, o município se desmembrou em 1962, já com a denominação de Congonhas do Norte. Seus principais rios, o Congonhas e o Rio das Pedras, junto com o Rio Cipó, que são importantes cursos d'água da Bacia do Rio das

Velhas e a presença marcante Serra do Espinhaço contribuíram para a paisagem no município ser associada com a Serra do Cipó.

A dificuldade de acesso, (como é possível observar no mapa), é vista como um dos principais motivos para este município receber pouca visitação. Assim como em Santana do Pirapama, não é a falta de atratividade que faz Congonhas do Norte ser pouco visitado.   visível, ao comparar os dados dos inventários de 2006 e 2009, a diminui o dos números de atrativos naturais (de vinte e três atrativos para sete), segundo relato das pesquisadoras que levantaram estes dados para o Circuito Serra do Cipó: *Foram inventariados um número menor de atrativos naturais, pois muitos apresentavam acesso difícil e outros não foram reconhecidos e indicados pela Prefeitura como atrativos.* Mas a queda no número dos meios de hospedagem e de alimenta o é um forte indício que o município não tem acompanhado a tendência da região até o momento. Com a eminência da pavimenta o do acesso entre a sede municipal e Concei o do Mato Dentro, existe a expectativa no município de crescimento no número de visitantes e de empreendimentos para os próximos anos. O município participa do Circuito da Serra do Cipó e da Estrada Real.

#### 4.1.10 – Santana de Pirapama



Mapa 20: Atrativos e serviços turísticos de Santana de Pirapama

Na porção norte da região, Santana do Pirapama, após ter seu território pertencendo aos municípios de Curvelo e, posteriormente, ao de Cordisburgo, foi decretado oficialmente como município em 1949. Não possui áreas do PARNASC ou da APAMP em seu território, mas sua identidade com a Serra do Cipó é forte na porção leste do município, e se formou ao longo do curso do Rio Cipó e da vertente oeste da Serra.

Apesar de ser grande o potencial paisagístico do município, a visitação ainda é incipiente. O distrito de Fechados (desmembrado de Conceição do Mato Dentro em 1962), e os povoados do Rio Preto e Inhames possuem cachoeiras e poços de balneabilidade e beleza similar aos atrativos mais famosos dos destinos já consolidados de Santana do Riacho e Conceição do Mato Dentro (ver imagens 16 e 17). Mas no município acontece algo similar ao ocorrido em Nova União, pois o acesso a algumas cachoeiras está sendo restringido aos proprietários e seus convidados. Das quatro cachoeiras visitadas em campo, em três foi necessário muita conversa para poder visitá-las, sendo que em apenas uma o acesso foi possível sem autorizações prévias.

A chegada do asfalto até a sede de Santana do Riacho, o que deixaria o acesso por estrada de terra até o povoado dos Inhames em apenas 30 km, sinaliza para um futuro aumento no fluxo de visitantes devido ao acesso mais fácil. Mas ainda é incerta a resposta que virá dos proprietários das terras onde estão os atrativos: investirão em pousadas e balneários ou continuarão restringindo o acesso?

Com relação ao turismo, Santana do Pirapama possui como principais atrativos; grutas, cavernas e, principalmente, cachoeiras. O município, apesar de fazer parte do Circuito das Grutas, tem a maior parte de seus atrativos ligados aos recursos hídricos da Serra do Cipó.

Neste contexto, destacam-se os distritos de Fechados, Rio Preto e o povoado dos Inhames. São localidades situadas no sopé da Serra do Cipó, banhadas por rios e córregos que nascem no alto da mesma. O relevo acidentado da região propiciou a formação de belas cachoeiras e inúmeros poços nesses locais. Existem, nessa porção leste do município, vários atrativos naturais ainda não “descobertos” pela maior parte dos turistas, mas que já são responsáveis por alterações, ainda que pequenas, na dinâmica sócio-espacial da região. LOPES (2010:36)

O município atualmente não faz parte de nenhum Circuito turístico, mas era filiado ao Circuito das Grutas até 2009. Tem como maior divulgador dos seus atrativos turísticos o Instituto Estrada Real. A migração dos turistas, conforme entrevistas com freqüentadores da Serra do Cipó que antes visitavam Lapinha (Santana do Riacho), Cabeça de Boi (Itambé do Mato Dentro), Ipoema (Itabira) ou Tabuleiro (Conceição do Mato Dentro) para Fechados, Rio Preto e Inhames já vem ocorrendo lentamente ao longo dos últimos anos. Mas a demanda, proveniente majoritariamente de Sete Lagoas, parece não ter ainda estimulado maiores investimentos em infra-estrutura para receber os turistas. Além de um hotel na sede e outras duas pousadas, existe apenas uma pousada em Fechados para toda a demanda de visitantes de Santana do Pirapama. Os restaurantes também são poucos e, tal qual a hospedagem, é realizada na maioria das vezes em casa de moradores dos povoados e

distritos, sendo destaque apenas o restaurante grande e bem equipado localizado próximo a ponte dos Cristais, entre a sede, Fechados e os povoados dos Inhames e do Rio Preto.



Figura 16: Cachoeira do Rio Preto



Figura 17: Cachoeira em Fechados

## **4.2 – Municípios em posição periférica dentro da Região da Serra do Cipó: áreas de transição**

Um reflexo do fluxo de visitação nos municípios é que existem dados mais completos sobre atrativos turísticos e de infra-estrutura turística disponíveis para dez municípios que correspondem, devido à soma dos fatores expostos no primeiro capítulo, à área *core* da região da Serra do Cipó. A dificuldade de acesso e a falta de infra-estrutura são reflexos da pouca visitação (ou a causa), sinalizando que estas localidades ainda apresentam pouca ou nenhuma transformação sócio-espacial provocada diretamente pelo turismo até o momento. As áreas periféricas da região da Serra do Cipó correspondem também às áreas periféricas das regiões vizinhas.

### **4.2.1 – Borda Oeste**

À oeste, as feições de relevo menos onduladas e a presença do cerrado marcam a paisagem, economia e história dessa porção do território conhecida nas primeiras épocas pelo bandeirantes como Sertão e, posteriormente, de *Geraes*. Conforme Nogueira (2003), boa parte dos municípios dessa vertente tem fortes laços históricos e econômicos com Sete Lagoas e, por isso, integram sua hinterlândia. A pecuária, uma das atividades econômicas principais do Sertão mineiro é citada por Nogueira como um dos principais laços de Sete Lagoas, onde está localizada a sede da cooperativa Itambé, com seu entorno produtor e fornecedor de leite. Em trabalho recente, LOPES (2010) cita um exemplo desse aspecto referente à Santana do Pirapama:

A principal atividade econômica do distrito [de Fechados] está na criação de gado para leite e na comercialização de laticínios com o destaque para o queijo do alto da serra: toda quarta feira 200 queijos “descem” a serra nos lombos dos burros para serem comercializados em Sete Lagoas e Santana do Pirapama. LOPES (2010:54)

Ao analisar a influência de Sete Lagoas, NOGUEIRA percebe um enfraquecimento do seu poderio regional:

A região de influência direta de Sete Lagoas teve uma tendência de diminuir em direção sul, como decorrência do recrudescimento do processo de metropolização de Belo Horizonte. Entretanto, em direção noroeste, essa mesma região tem-se mantido estável durante um longo período e, embora possa ter perdido, em termos relativos, em atuação direta, não se pode afirmar que a influência sete-lagoana deixou de ser presente nessas direções. NOGUEIRA (2003:49)

Mesmo com seu raio de influência sobre a porção leste de sua hinterlândia estar diminuindo, é de Sete Lagoas a maioria dos visitantes do norte da borda oeste da Serra do Cipó. Tal afirmação se baseia em pesquisas de campo e nas informações fornecidas pelas prefeituras de Santana do Pirapama e LOPES:

Segundo os moradores mais antigos, havia dias, durante feriados e fins de semana, em que até três ônibus fretados por turistas (advindos da região de Santana do Pirapama e Sete Lagoas, principalmente) chegavam à sede do distrito [de Fechados]. LOPES (2010:57)

Tanto NOGUEIRA (2003), ao afirmar que os municípios de Baldim, Santana do Pirapama, Jequitibá, Jaboticatubas, Lagoa Santa compõem a periferia da hinterlândia de Sete Lagoas, quanto LOPES (2010), ao adotar e concordar com o modelo regional proposto neste trabalho e já esboçado anteriormente por BRAGA e GONTIJO (2009), sugerem, mesmo que indiretamente, os limites regionais do oeste da Serra do Cipó. O relevo mais plano e os traços culturais fortes ligados ao Rio das Velhas e à pecuária se juntam às cachoeiras e poços nessa borda bucólica e rica em diversidade, assim como é a Serra do Cipó. Sobre a vertente oeste, GONTIJO (2008) chega a afirmar que, em termos *turismológicos*, a bacia do Rio das Velhas estaria inserida em pelo menos três desses Circuitos sendo eles o *do Ouro, Serra do Cipó e das Grutas* e ainda com inserções nos circuitos *dos Diamantes e Serra do Cabral e Cachoeiras*, idéia essa que reforça o que apresentamos como uma das fronteiras para a Serra do Cipó.

Baseamo-nos no fato de que ocorrem vários movimentos, simultâneos, na borda oeste da Serra do Cipó – ao mesmo tempo em que a pecuária leiteira recua no território, o turismo, os acessos asfaltados e as UC's avançam.

#### **4.2.2 – Borda Norte**

Ao norte, mesmo tendo o elemento da Serra do Espinhaço marcando de forma expressiva a paisagem, a identidade com o garimpo de diamantes e a existência do Circuito dos Diamantes envolve essa porção com uma identidade secular e sólida. Identidade essa polarizada nos municípios do Serro e Diamantina e que abrange quase a totalidade dos municípios do Alto Jequitinhonha, sendo exceção o município de Presidente Kubitschek. Os outros municípios que compõem a borda norte são Congonhas do Norte, Presidente Juscelino (mais a oeste), Alvorada de Minas e Dom Joaquim, ambos no encontro dos Circuitos dos Diamantes e Cipó e pouco expressivos nos cenário econômico e turístico. As

cachoeiras e chapadões da parte alta da serra compõem o quadro mais comumente encontrado na porção norte da Serra. FREITAS ressalta, ao descrever o potencial turístico do município de Presidente Kubitschek, (ver anexo 8.8) alguns dos elementos como o histórico de ocupação indígena, as cachoeiras, poços e cânions, que nos levam a relacioná-los com o contexto da Serra do Cipó:

O município não apresenta os atributos arquitetônicos de Diamantina e Serro, entretanto sua atratividade encontra-se na paisagem bucólica e nos costumes típicos do interior mineiro. Pode-se afirmar que o município é privilegiado no que diz respeito ao patrimônio natural. Localizam-se, na zona rural, diversas cachoeiras, grutas, canyons, lajeados e lagoas naturais. FREITAS (2008:247)

E, por fim, o signo mais importante para a borda norte da Serra do Cipó: a região do Vale do Jequitinhonha. Com nascentes já no município do Serro, essa região é uma das mais significativas no contexto cultural e paisagístico de Minas Gerais. Especialmente, no caso desse estudo sobre a Serra do Cipó, o Alto Jequitinhonha, onde os municípios não trazem a visão estigmatizada da seca e da pobreza comum na imagem que grande parte das pessoas atribuem ao médio e baixo Vale do Jequitinhonha.

#### **4.2.3 – Borda Leste**

A borda leste, nascente de vários e importantes rios da Bacia do Rio Doce é a porta para o Vale do Aço, uma das regiões de povoamento mais recentes do estado de Minas Gerais. Com grandes plantações de eucalipto, o clima quente, resquícios de Mata Atlântica e a forte influência de Itabira são marcas do que foi e continua sendo uma das fronteiras da Serra do Cipó.

Ao contrário da borda oeste, onde a identidade com a imagem da Serra do Cipó tem outros ícones além da própria orografia da Serra, na porção leste isso não se repete. As áreas serranas de Itabira, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro, onde existe a presença da maioria das cachoeiras e atrativos naturais, apresentam grande contraste com as áreas menos elevadas onde a presença da agricultura, silvicultura e mineração dominam a paisagem. As UC's são menos presentes nessa borda em relação às outras três.

#### 4.2.4 – Borda Sul

Na porção sul da Serra do Cipó o elemento mais marcante é o encontro com a região metropolitana de Belo Horizonte. São signos da urbanização e intensos fluxos de pessoas, informação, dinheiro e mercadorias que, além de deixar bem marcado esse limite regional da Serra do Cipó, pode ser uma área onde a serra perca espaço para a metropolização que avança em direção aos municípios de Santa Luzia, Jaboticatubas e Lagoa Santa.

Uma imagem bem visível desse fato pode ser observada no município de Santa Luzia, onde o distrito de São Benedito, ao sul, tem sua dinâmica territorial completamente voltada para Belo Horizonte, enquanto a porção norte do município, onde se localizam o convento de Macaúbas e o Hotel Fazenda Canto da Siriema, se confunde com Jaboticatubas e tem no ritmo de vida dos moradores e na paisagem elementos que nos remetem a imagem da Serra do Cipó.

Outro aspecto da “fronteira sul” é o trecho da MG10 localizado entre as áreas rurais de Lagoa Santa e Jaboticatubas, onde já possível ver que a paisagem dominada por fazendas, campos e cerrado já nos traz vários elementos regionais da Serra do Cipó. O mesmo pode ser observado na BR262, no caminho para Ipoema, Nova União e Taquaraçu de Minas, onde as serras e fazendas são presença marcante na paisagem.

É na borda sul da região da Serra do Cipó que a RBSE possui um grande afinilamento causado pela região metropolitana de Belo Horizonte e que marca a transição para o Quadrilátero Ferrífero e a APA Sul. A paisagem observada no mirante da Serra da Piedade, divisa de Belo Horizonte e Caeté, revela esse contraste entre as vastas áreas ocupadas pela formação de Mares de Morros a leste ao norte e mancha urbana da RMBH na porção sul.

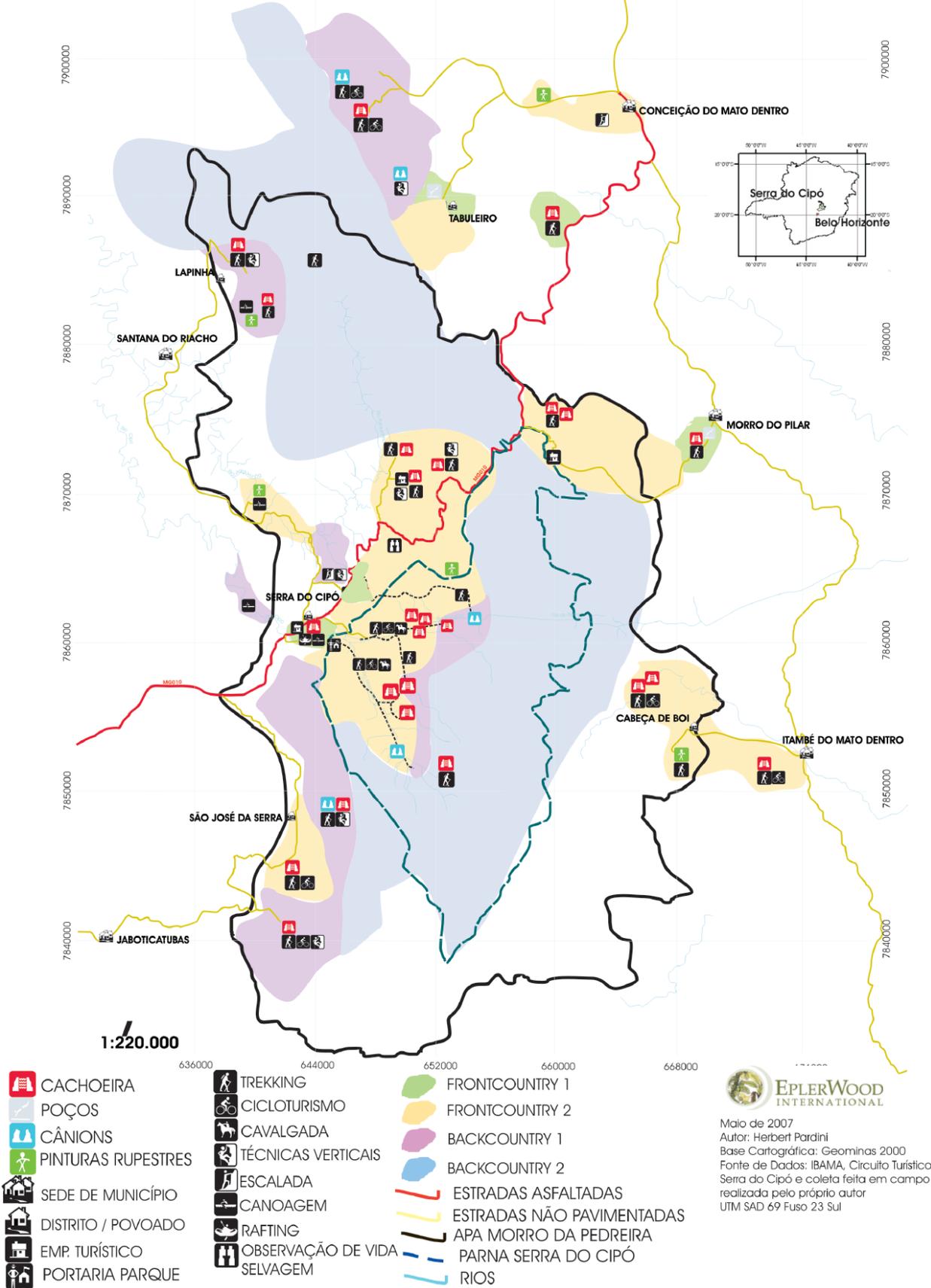
### 4.3 - O turismo nos municípios: analisando os atrativos e a infra-estrutura turística

Realizada uma breve análise sobre cada município, voltemos para a escala regional, dando enfoque para as áreas da Serra que já recebem visitação. Foi realizado, em 2007, um estudo específico nessa área de maior visitação, o *Diagnóstico de Turismo de Natureza – Destino Serra do Cipó – Estrada Real, Minas Gerais, Brasil, EPLERWOOD (2007)* em relação ao qual faremos comparações e análise entre os dados desse estudo e do INVTUR. Apesar de escalas regionais e metodologias diferentes, é possível extrair dados para subsidiar a ação e percepção espacial do turismo da região da Serra do Cipó.

Vale ressaltar que, como a idéia de Serra do Cipó varia muito dependendo do enfoque, neste, em que o Turismo de Natureza é o principal, foi considerado pelo estudo realizado pela EplerWood que a Serra era composta pelos municípios de Jaboticatubas, Santana do Riacho, Conceição do Mato Dentro, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro. O critério utilizado, baseado no uso turístico, ignorou até municípios englobados pela área da APA Morro da Pedreira, como Itabira e Nova União. Este estudo ainda trouxe uma classificação (vista no mapa 23) para as áreas onde ocorre visitação:

1. Áreas de uso intensivo (*Frontcountry 01*): Atende grande número de turistas em áreas cênicas, mas já bastante alteradas pela atividade humana. Está associada a áreas com facilidade de acesso, normalmente possuem alguma infra-estrutura junto ao atrativo, estão próximas aos locais de maior aglomeração urbana e oferta de serviços, têm o atrativo âncora próximo ao local onde o veículo de transporte chega e caracteriza-se pela grande concentração de pessoas. [...]
2. Áreas de uso extensivo (*Frontcountry 02 ou Midcountry*): Oferece oportunidades de recreação para o mercado “intermediário”, numa área de alta qualidade natural, mas não intocada. São áreas com facilidade de acesso (às vezes via estrada de terra), que normalmente não possuem infra-estrutura junto ao atrativo e exigem pequena ou média caminhada até o atrativo âncora (ou uso de cavalos, por exemplo). [...]
3. Áreas de uso restrito (*Backcountry 01*): Áreas com dificuldade de acesso, que normalmente exigem o acompanhamento de um guia ou condutor, não possuem infra-estrutura junto ao atrativo, exigem caminhada média ou longa, tem menor concentração de pessoas e são áreas mais conservadas. [...]
4. Áreas remotas (*Backcountry 02 ou Wilderness*): Áreas prístinas e restritas ao acesso de caminhantes ou cavaleiros. Exigem o acompanhamento de guias ou condutores, ou conhecimento profundo da região, incluindo uso de instrumentos de navegação. Estas áreas, normalmente, exigem caminhadas de longo curso ou travessias [...] EPLERWOOD (2007: 36)

# ÁREAS DE USO TURÍSTICO REGIÃO DA SERRA DO CIPÓ



Mapa 23: Áreas de uso turístico da Região da Serra do Cipó. Fonte: EplerWood (2007: 35)

Outro fator importante para interpretar estes dados é que foram listados só atrativos turísticos que recebem fluxo considerável de visitação, sendo que recursos com potencial para se tornar atrativo não foram listados. Ao comparar-se o mapa 23 “Áreas de uso turístico da Região da Serra do Cipó” com os mapas baseados em inventários, pode-se perceber uma diferença substancial no número de atrativos, ora pela inserção de novas áreas, ora pelo critério utilizado que tentou relacionar todos os atrativos dos municípios, não só os mais visitados. Fica evidente, ao comparar os mapas citados anteriormente como o mapa altimétrico (página 44), que as áreas menos visitadas e com menos estrutura correspondem aos topos de Serra, que são os locais de acesso mais difícil e que estão mais inseridos em UC's.

Este mesmo estudo (EPLERWOOD, 2007) concluiu que o turismo que acontece na Serra do Cipó é basicamente motivado pelas cachoeiras e rios, mas que é a existência e qualidade de infra-estrutura e as formas de acesso que definem quais são os atrativos mais visitados, como pode-se observar nos mapas 23 e 24. Logo, isso se reflete nas áreas que são mais visitadas na Serra do Cipó, processo que está de acordo com o que afirma TELES sobre os efeitos espaciais da atividade turística:

Desse modo pode-se dizer que o crescimento de alguns setores como o de hospedagens, alimentos e bebidas e transportes, junto à consolidação e a formação de uma classe consumidora de produtos turísticos, deu origem a diferentes fluxos, resultando em uma nova ordem no processo de ocupação do espaço, observando que cada vez há menos território sem turistas TELES (2006).

A questão aqui não é se a infra-estrutura foi instalada porque o atrativo recebia visitação, mas sim que é essa mesma infra-estrutura um fator determinante para o atrativo receber poucos ou muitos visitantes. Exemplos como a Cachoeira da Capivara (Santana do Riacho), as cachoeiras dos Inhames e do Rio Preto em Santana de Pirapama e as várias em Nova União podem ser citados como atrativos que recebiam muita visitação e hoje, ou estão fechados, ou permanecem sem infra-estrutura, não tirando proveito da demanda existente.

Outro fato bem ilustrado através da leitura dos mapas 23 e 24 é que a homogeneidade na existência de atrativos naturais em todos os municípios contrasta com a pequena e concentrada região onde a visitação turística é mais intensa. Esse fato pode ser observado nos mapas municipais e nos da EplerWood. Isso nos leva ao mesmo questionamento de GOMES:

É justamente a interpretação dessa lógica do arranjo espacial e de seus sentidos que compõe o campo fundamental das questões geográficas: Porque as coisas estão dispostas no espaço dessa maneira? Qual [é] o significado e as conseqüências de tal ordem espacial? GOMES (2002:172)

Essas questões podem começar a ser respondidas ao observarmos que, nos mapas 23 e 24, a disposição dos atrativos mais visitados e as áreas de uso intensivo estão próximas a vias de acessos pavimentadas ou vias não pavimentadas em bom estado de conservação. Elas também estão localizadas em distritos ou povoados que possuem concentração de atrativos muito próximos entre si.

Outro fato que chama a atenção é que as “Áreas remotas (*Backcountry 02 ou Wilderness*)” estão localizadas em UC’s de proteção integral, onde existe pouca ou nenhuma infraestrutura. O PARNASC e o PESI carecem de sinalização, mais portarias (no caso do PARNASC, apesar do plano de manejo sugerir 5 portarias, atualmente só possui duas), trilhas estruturadas, serviços de alimentação e isso se reflete espacialmente ao se analisar por onde os turistas transitam dentro da região da Serra do Cipó. Percebemos que existe ainda um grande “potencial turístico” em toda a região, destacadamente o interior pouco explorado das UC’s. Neste sentido, vale lembrar o que MAGALHÃES define como potencial turístico:

O conjunto dos diversos bens naturais e artificiais que a localidade possui como base da atividade turística. Podem ser transformados em recursos passíveis de serem utilizados pela atividade turística. MAGALHÃES (2000: 183)

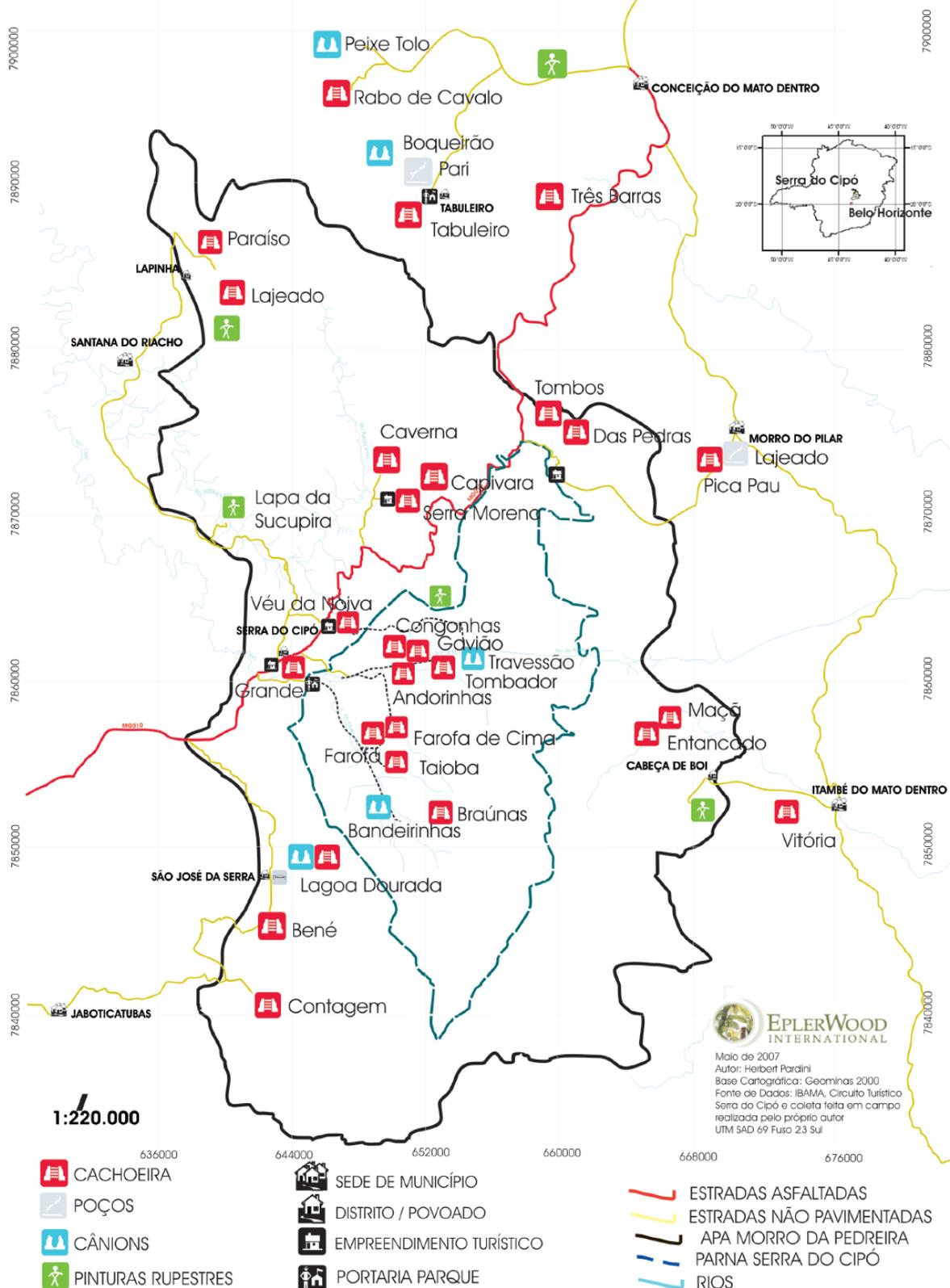
A autora completa afirmando que o potencial turístico pode ser dividido entre *Potencial Natural* e *Potencial Artificial*. Como já foi exposto nos mapas e na caracterização dos municípios, o potencial natural é o grande motivador do turismo na região. Esse potencial foi definido por Magalhães como:

O potencial natural: é a matéria prima da oferta turística e compõe-se daquilo cuja criação não houve interferência humana direta ou indireta. É um dos fatores primordiais para que uma localidade, uma região ou um país seja considerado possuidor da vocação turística. Caracteriza-se pela posse de alguns dos seguintes elementos da natureza: o clima, a configuração geográfica e as paisagens, os elementos silvestres ou de vegetação, a flora e a fauna, a água, a geologia. MAGALHÃES (2000: 183)

Outro fator curioso é que os atrativos do PARNASC são pouco visitados devido, justamente, a falta de infraestrutura e às restrições impostas pelos administradores. Atualmente, dentre as dezenas de atrativos naturais localizados no PARNASC, só é possível visitar a Cachoeira da Farofa sem o auxílio de guias e/ou condutores locais. Mas esse quadro tende a mudar

quando as áreas de visitação previstas no plano de manejo forem estruturadas e abertas ao público.

## DISTRIBUIÇÃO DE ATRATIVOS NA REGIÃO DA SERRA DO CIPÓ



Mapa 24: Distribuição dos atrativos na “Região da Serra do Cipó”. Fonte: EPLERWOOD (2007: 22)

Podemos concluir, considerando que a oferta turística é o conjunto dos atrativos, equipamentos, bens e serviços que interagem para satisfazer as necessidades dos turistas no destino, que a Serra do Cipó possui, quantitativamente, uma boa oferta turística. Mas se lembrarmos, assim como BENI (2001) que a oferta turística se divide entre oferta original ou primária e derivada ou secundária, veremos as distorções que existem na Serra.

Sendo a oferta original relacionada aos recursos turísticos naturais, enquanto a derivada está relacionada à infra-estrutura de apoio e às prestações de serviços turísticos, já vimos que existe uma má distribuição de uma em relação a outra. Nesse aspecto, podemos fazer uma breve análise quantitativa ao comparar os dados INVTUR e da EplerWood, como representado nos quadros 4 e 5. Devidos às diferentes metodologias para levantamentos de atrativos turísticos naturais, vemos variações numéricas impressionantes como em Conceição do Mato Dentro 30 (INVTUR), 03 (EplerWood); Santana do Riacho com 12 (INVTUR), 19 (EplerWood); Morro do Pilar 11 (INVTUR), 4; (EplerWood); Jaboticatubas 11 (INVTUR), 8 (EplerWood) e Itambé do Mato Dentro 14 (INVTUR), 4 (EplerWood). Vemos aqui como é grande a diferença entre o número de atrativos naturais e a porção destes que possuem alguma estrutura de apoio a visitação.

Além desses aspectos sobre a oferta original, no âmbito da oferta secundária existe a distinção entre os equipamentos gerais e os equipamentos turísticos BENI (2001): os equipamentos gerais são os elementos infra-estruturais, tudo aquilo construído pelo homem para atender à procura turística, como vias de acesso, de comunicação, saneamento básico, rede de distribuição, entre outros. E, assim como em boa parte das cidades interioranas brasileiras, os da Serra do Cipó têm serviços públicos precários nessas áreas citadas.

Ao analisarmos os equipamentos turísticos, que são todos aqueles criados especificamente para o turismo, sendo esta sua principal finalidade, vemos se desenhar um quadro que demonstra como o turismo se reflete de formas diferentes nos municípios da Serra do Cipó. Esses equipamentos são os meios de hospedagens, restaurantes, instalações recreativas, agências de viagem, locadoras de veículos, entre outros. Nos mapas expostos neste trabalho, foram considerados apenas os equipamentos turísticos. Nesse sentido, o critério de seleção foi se os estabelecimentos prestam algum tipo de serviço turístico ou vendem para turistas produtos da região. Daí se exclui os estabelecimentos que prestam outros serviços senão os pertencentes aos incluídos no INVTUR<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Ver nos anexos a relação de estabelecimentos e atrativos incluídos no INVTUR. Não entram na relação estabelecimentos comerciais como açougues ou depósitos de construção.

ÁREAS	ATRATIVOS	ATIVIDADES	
<b>1 – Áreas de Uso Intensivo</b> <i>(Frontcountry 1)</i>	Cachoeira Grande	canoagem, <i>rafting</i> , banho	
	Cachoeira Véu da Noiva	cacheirismo, banho	
	Chapéu do Sol	banho	
	Poço Parí	banho	
	Trilha dos Escravos	caminhada	
	Zarela	caminhada, centro de aventuras	
<b>2 – Áreas de Uso Extensivo</b> <i>(Frontcountry 2)</i>	Cachoeira Farofa	caminhada, cavalgada, <i>mountain bike</i>	
	Cânion Bandeirinhas	caminhada, cavalgada, <i>mountain bike</i>	
	Lapinha	caminhada, <i>jeep tour</i>	
	Cachoeira Lajeado	caminhada	
	Lagoa da Lapinha	caminhada, canoagem	
	Pinturas Rupestres Lapinha	canoagem	
	Cachoeira do Tabuleiro por Balxo	caminhada	
	Cachoeira Capivara	caminhada, cacheirismo	
	Cachoeira Caverna	caminhada	
	Cachoeira Cornélio Estátua do Juquinha	caminhada, cacheirismo	
	Cachoeira do Bené	caminhada	
	São José da Serra	caminhada, <i>jeep tour</i> , cacheirismo	
	Cachoeira Gavião	caminhada	
	Cachoeira Andorinhas	caminhada	
	Cachoeira de Baixo	caminhada, canoagem	
	Mirante	<i>jeep tour</i>	
	Pint Rupestres Lapa da Sucupira	caminhada	
	Cachoeira Paradise	caminhada	
	Fazenda Cipó		
	Morro da Pedreira	rapel e escalada	
	Patrimônio Hist. Cultural de CMD	caminhada	
	Cânion do Rio Preto	caminhada	
	<i>(Frontcountry 2)</i>	Cachoeira da Serenata	caminhada
		Cachoeira da Vitória	caminhada, cacheirismo
		Cachoeira da Taioba	caminhada, cavalgada, <i>mountain bike</i>
		Poço do Pedrão	tiroleza
		Cachoeira Rabo de Cavalo	caminhada, canionismo
Lapa Negra		canoagem	
Cachoeira Lagoa Dourada		caminhada, cacheirismo	
Poço Azul		caminhada	
Cachoeira do Tabuleiro			
Por Cima		caminhada, <i>jeep tour</i>	
Cachoeira Boqueirão		caminhada	
Cachoeira Congonhas		caminhada, cacheirismo	
Cachoeira da Contagem	caminhada, cacheirismo		
Cachoeira do S	caminhada		
<b>3 – Áreas de Uso Restrito</b> <i>(Backcountry 1)</i>	Cachoeira do Tombador	caminhada	
	Cachoeira do Zeca Rufino	caminhada	
	Cachoeira Farofa de Cima	caminhada	
	Cachoeira Lapinha	caminhada, cacheirismo	
	Cachoeira Peixe Tolo	caminhada	
	Cânion do Travessão	caminhada	
	Cânion Peixe Tolo	caminhada	
	Corredeiras das Pannels	caminhada	
	Lapa do Morcego	canoagem	
	Lapa do Urubu	canoagem	
	Morro da Pedreira	rapel, escalada	
	Pico do Breu	caminhada	
	Pico do Cruzeiro	caminhada	
Serra da Contagem	caminhada		
<b>4 – Áreas Remotas</b> <i>(Backcountry 2)</i>	Cachoeira Braúnas	Caminhada	

Quadro 4: Atrativos x área de uso turístico.

Fonte: EPLERWOOD (2007:37-38)

\* Existem poucos dados sobre os atrativos nas áreas remotas, mas certamente eles são até mais numerosos do que das áreas mais visitadas.

Com os critérios já explicitados a Serra, segundo esta tabela, teria a seguinte distribuição de atrativos por município:

Jaboticatubas:

- Uso intensivo: 0
- Uso extensivo: 4
- Uso restrito: 4
- Áreas remotas\*

Santana do Riacho:

- Uso intensivo: 4
- Uso extensivo: 15
- Uso restrito: -
- Áreas remotas\*

Conceição do Mato Dentro:

- Uso intensivo: 1
- Uso extensivo: 2
- Uso restrito: -
- Áreas remotas\*

Morro do Pilar:

- Uso intensivo: 1
- Uso extensivo: 3
- Uso restrito: -
- Áreas remotas\*

Itambé do Mato Dentro:

- Uso intensivo - 0
- Uso extensivo - 4
- Uso restrito -
- Áreas remotas\*

Município	Meios de Hospedagens	Alimentação	Circuito turístico	Fonte
Santana de Pirapama	3	8	-	Dados de campo
Presidente Juscelino <sup>35</sup>	-	-	Guimarães Rosa	-
Congonhas do Norte	3	17	Serra do Cipó	INVTUR (2006)
Alvorada de Minas	6	4	Diamantes	Site do Circuito <sup>1</sup>
Serro	18	14	Diamantes	Site do Circuito
Conceição do Mato Dentro	19	21	Serra do Cipó	INVTUR (2006)
Morro do Pilar	5	18	-	INVTUR (2006)
Presidente Kubitschek	4	4	Diamantes	Site do Circuito
Itabira	39	67	Ouro	ACO (2011)
Itambé do Mato Dentro	16	18	Diamantes	INVTUR (2006)
Taquaraçu de Minas	5	9	-	INVTUR (2006)
Nova União	5	14	Serra do Cipó	INVTUR (2006)
Caeté	24	19	Ouro	ACO (2011)
Baldim	4	3	Grutas	Site do Circuito <sup>2</sup>
Santa Luzia	22	45	Ouro	ACO (2011)
Jaboticatubas	21	28	Serra do Cipó	INVTUR (2006)
Santana do Riacho	63	51	Serra do Cipó	INVTUR (2006)

Quadro 5: Infra-estrutura turística regional.

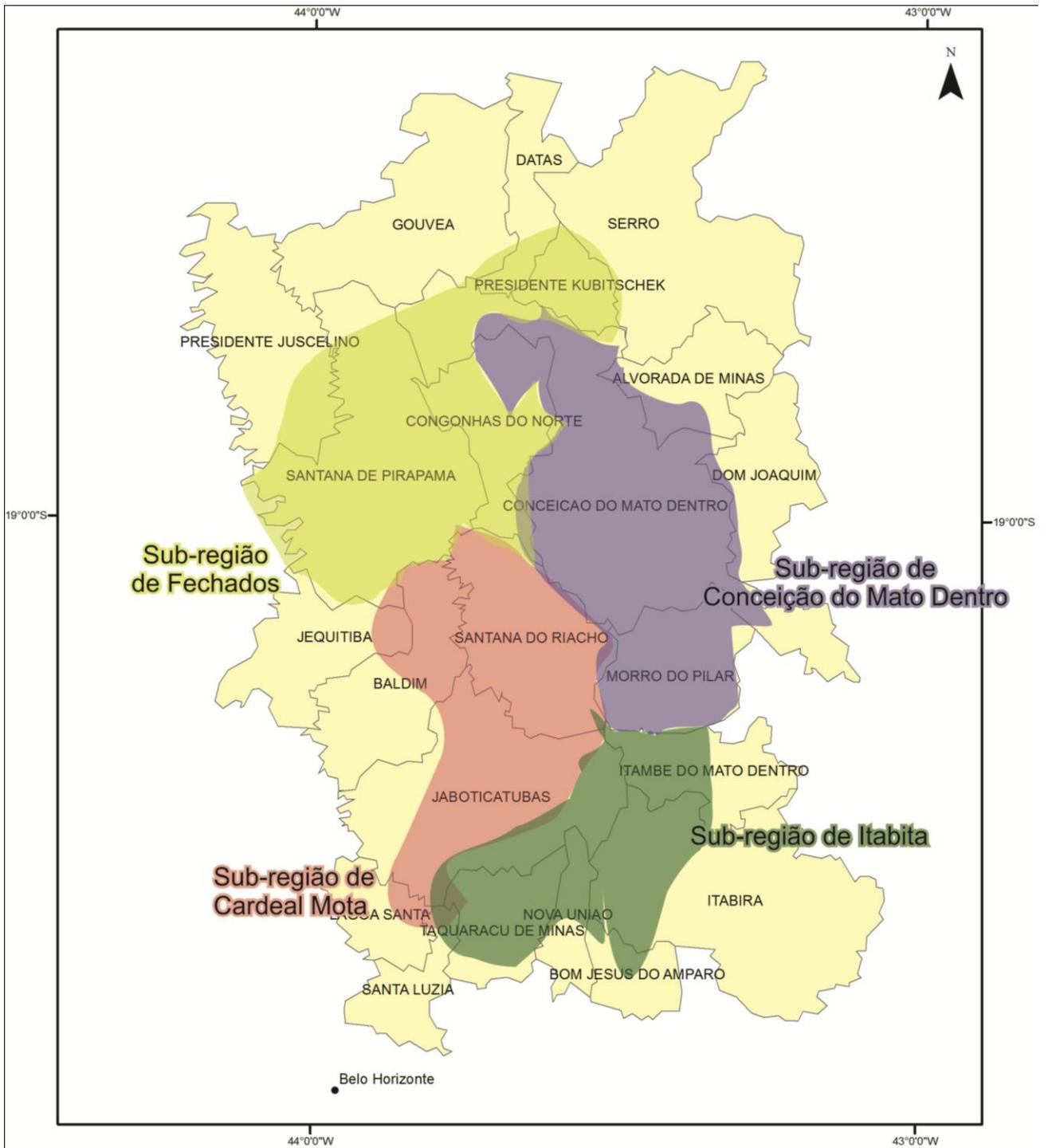
<sup>1</sup> [www.circuitodosdiamantes.com.br](http://www.circuitodosdiamantes.com.br)

<sup>2</sup> [www.circuitodasgrutas.com.br](http://www.circuitodasgrutas.com.br)

Realizadas as análises em escala municipal e algumas comparações entre os dados de campo e do INVTUR dos municípios da região da Serra do Cipó com os dados do *Diagnóstico de Turismo de Natureza – Destino Serra do Cipó – Estrada Real, Minas Gerais, Brasil* (2007), temos embasamento para propor uma possível configuração sub-regional que corresponderia ao reflexo do turismo nos municípios. As sub-regiões, nascidas do processo de organização dos municípios frente ao turismo, podem ser vistas no mapa 24 e serão apresentadas e descritas no capítulo Organização.

A conformação das sub-regiões teve embasamento nas análises regionais e locais e, ao nosso entender, é representativa da realidade encontrada na Serra do Cipó, representada no mapa 25.

<sup>35</sup> Não foram encontrados dados sobre Presidente Juscelino. Isso pode sugerir que não existem meios de hospedagem no município.



- Belo Horizonte
- Limite dos Municípios

Escala: 1:500.000  
 Fonte: IBGE, GEOMINAS.  
 Autores: Leonardo Mateus Pfeilsticker de Knecht  
 Solano de Souza Braga

Mapa 25: Quatro sub-regiões da Serra do Cipó

## 5. ORGANIZAÇÃO

---

Definir o que é a organização em um sistema complexo é quase uma contradição, como afirma ATLAN, 1992 apud GONDOLO (1999:66), *a complexidade pode ser vista como uma desordem aparente, onde temos razões para presumir uma ordem oculta*. Pretendemos entender porque certas formas de organização “funcionaram” nas quatro sub-regiões, em que ponto o turismo condiciona o espaço e até que ponto ele é condicionado por este espaço na Serra do Cipó. Para isso, teremos como base o que Morin considerou como premissa para o estabelecimento de novas propostas de pesquisa, pois também:

Descobri o quanto é vão polemizar apenas contra o erro: este renasce incessantemente de princípios de pensamento que estão totalmente fora de consciência polemica. Compreendi o quanto era vão provar apenas o que diz respeito ao fenômeno: a sua mensagem é logo reabsorvida por mecanismos de esquecimento que dependem de auto-defesa do sistema de idéias ameaçado. Eu compreendi que era inútil apenas contestar: apenas uma nova fundamentação pode arruinar a antiga. É por isso que eu penso que a questão crucial é o do princípio organizador do conhecimento, e que o que é vital hoje em dia não é apenas aprender, não é apenas reaprender, não é apenas desaprender, mas sim *reorganizar o nosso sistema mental para reaprender a aprender*. MORIN (2008:35)

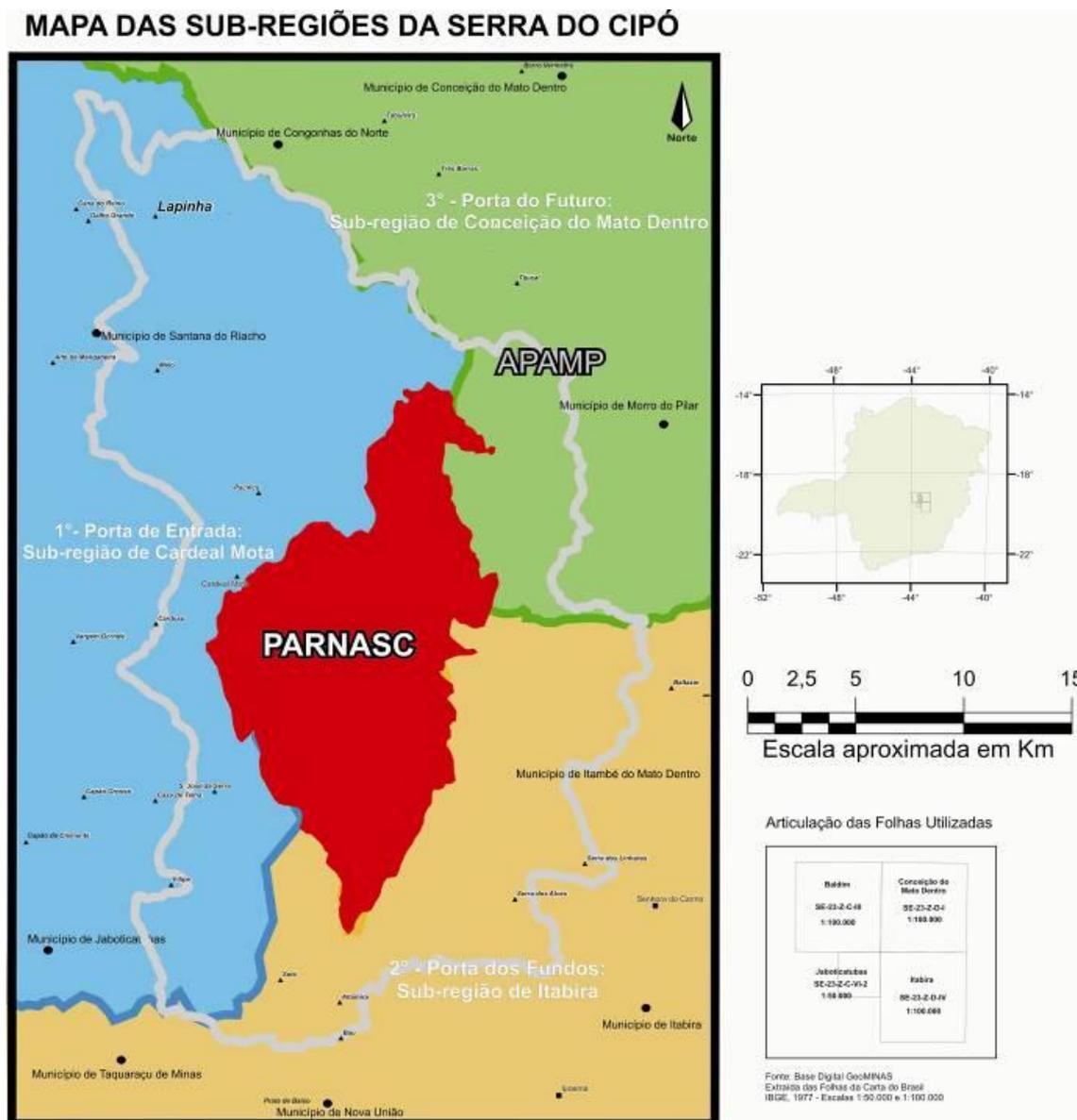
É importante retomar que a atual proposta de regionalização nasceu de outra realizada em 2007, não para contestá-la ou suprir suas deficiências, mas para fazer uma leitura mais adequada ao presente momento. Mesmo existindo um grande número de importantes estudos sobre fragmentos da região, de municípios e até de povoados, a intenção é articular, relacioná-los para a tarefa de delimitar e descrever a região da Serra do Cipó, identificando como e porque o turismo corre de forma diferenciada dentro de seus limites.

Retomamos a visão da Serra do Cipó como um sistema para melhor exemplificar o processo que culminou nas sub-regiões:

A auto-organização pode ser entendida como o surgimento de uma organização estrutural que ocorre dentro de sistemas dinâmicos dissipativos não-lineares. De fato, a auto-organização se apresenta no estudo dos sistemas complexos como a capacidade do sistema fazer face às perturbações aleatórias do ambiente, por desorganizações seguidas de reorganizações internas, absorvendo, tolerando, integrando os erros, ruídos ou flutuações causadas pelas perturbações GONDOLO (2008:74)

Com base no artigo *As portas abertas da serra do Cipó* GONTIJO (2007), quando foram apresentadas, mesmo que indiretamente, três sub-regiões e uma possível configuração para

a Região da Serra do Cipó, nasceu a base para a regionalização proposta por GONTIJO (2007), como podemos ver no mapa 26.



Mapa 26: Três sub-regiões da Serra do Cipó em 2008  
 Fonte: BRAGA e GONTIJO (2008)

Segundo Gontijo, a divisão regional proposta se justificava por considerar que:

Um fenômeno que salta aos olhos quando se faz uma leitura global do que vem acontecendo em termos de pressão turística na serra do Cipó é o padrão e ritmo de transformação espacial observados nos diversos lugares e comunidades da região. Pode-se afirmar que esse padrão vem sendo ditado pelo que primariamente se observou no distrito de Cardeal Mota, uma vez que foi a partir daí que as demais portas da serra foram e permanecerão sendo abertas. GONTIJO (2007:1)

Antevendo a possibilidade de *novas portas continuarem sendo abertas*, concordo com GONTIJO que, mesmo em uma região tão diversa e complexa, existem alguns padrões na forma como o turismo começa e se desenvolve nos municípios da Serra do Cipó. As formas de acesso e a implantação de infra-estrutura, assim como já foi frisado no capítulo Desordem, tem se mostrado como os maiores indutores de fluxos para as localidades na Serra do Cipó.

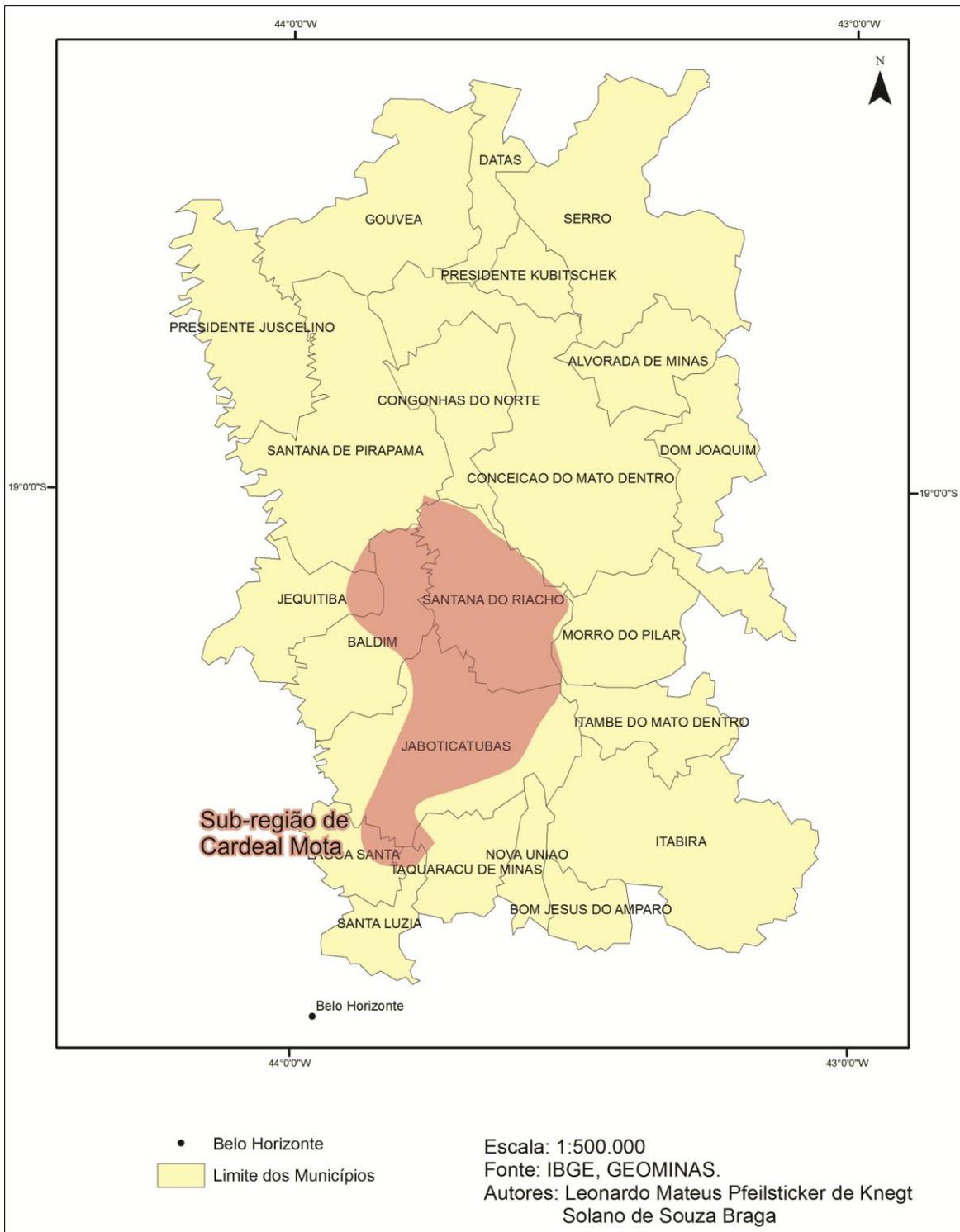
### **5.1 - Sub-regionalização da Serra do Cipó: hoje, amanhã e depois**

Veremos como o processo de auto-organização age na Serra e quais elementos da sub-regionalização proposta se transformaram e/ou se mantiveram na Serra do Cipó. Um desses fatores é que acredito não haver mais uma centralidade da identidade da Serra do Cipó polarizada pelo PARNASC. Foi possível, ao longo desse trabalho ver que a identidade da Região é formada por um conjunto bem maior e mais complexo de fatores e signos, conforme exposto no capítulo Ordem.

Além disso, dos fatores regionais de identidade, cada sub-região tem suas particularidades e conferem aspectos próprios para as dinâmicas territoriais regionais em macro e micro escala como poderemos ver, a seguir, na apresentação das mesmas.

Ao longo dos primeiros capítulos foram realizadas as contextualizações temporais que nos possibilitou enxergar os processos em curso hoje, poder falar um pouco sobre o amanhã – futuro do turismo nas sub-regiões – e o depois.

### 5.1.1 – Sub-região de Cardeal Mota



Mapa 27: Sub-região de Cardeal Mota

Porção da Serra onde a visitação e as transformações são mais intensas e perceptíveis que nas demais sub-regiões. É formada atualmente pelos municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas, Baldim, Lagoa Santa e Santa Luzia (mapa 27). Vejamos o que Gontijo

chamou de “Porta de Entrada”, que corresponde a uma primeira conformação para a sub-região da Cardeal Mota:

São exatos 99 km desde a capital do Estado, o que resultou em uma movimentação turística de massa, fruto de uma mistura explosiva: Beleza cênica + mercado emissor + acesso rápido. Paralelo à facilitação do acesso, o PARNASC foi implantando e teve sua visitação regularizada, o que só fez aumentar o magnetismo da região.

A bem da verdade, muito da visitação de massa que aí se verifica se dá nas vizinhanças do PARNASC, uma vez que o IBAMA tem tentado controlar o acesso ao interior da unidade de conservação. Distante de Cardeal Mota, mas no mesmo Município de Santana do Riacho, Lapinha vem começando a sofrer em seu espaço as mesmas mazelas de um turismo desordenado. [...] GONTIJO (2007:3)

Podemos destacar na fala de Gontijo que, mesmo considerando o PARNA Cipó como um ícone central na Serra do Cipó, em termos turísticos, o mesmo não ocupa outra centralidade além da geográfica. Ainda sobre a porta de entrada, GONTIJO afirma que:

Ao sul de Cardeal Mota, a 12 km da MG-10 e já no município de Jaboticatubas, São José da Serra é outra vila que também sente os efeitos da pressão turística, sendo que a campanha de preservação das nascentes do Rio Jaboticatubas é reveladora do grau de susceptibilidade ambiental a que aquele povoado está exposto. GONTIJO (2007:3)

Sobre a proposta apresentada por Gontijo para a *Porta de entrada*, somaram-se parcelas dos municípios de Lagoa Santa, Santa Luzia e Baldim, devido à forte influência exercida pela Serra do Cipó nas suas dinâmicas de fluxo de pessoas e mercadorias. Outro importante fator de integração dos municípios à Serra do Cipó são as transformações que o turismo gera não apenas nos locais de emissão e de recepção, mas também por onde as pessoas se deslocam.

O turista que parte de Belo Horizonte para a área *core* da Serra do Cipó, pela MG10 em Lagoa Santa já percebe como será o movimento na Serra, um exemplo foi esta imagem feita no dia 31 de dezembro de 2010 (figura 18). O grande engarrafamento, o mesmo encontrado no carnaval, na semana santa e nos outros feriados, nos sinalizava para o movimento que encontraríamos ao longo da Serra.



Figura 18 - Engarrafamento em Lagoa Santa, sentido BH - Serra do Cipó.

Com o asfaltamento do outro trecho da rodovia MG 10 mais ao norte, entre Conceição do Mato Dentro e o início das obras no trecho Serro – Diamantina, é possível observar um aumento dos turistas na região. Eles deixariam de passar nas BR's 135 e 259 com tráfego mais intenso, muitos caminhões pesados, além de serem vias cheias, perigosas e onde se percorre cerca de 100km a mais do que no caminho pela Serra do Cipó. Outra mudança no fluxo de pessoas regional pode acontecer com melhorias na estrada que liga os distritos de Pedro Lessa e Milho Verde. Nesse caminho, a viagem até Milho Verde ficaria cerca de 40 km mais curta, fato que deixaria o distrito mais atrativo para os visitantes, mas que em contrapartida tiraria o fluxo de visitantes da sede municipal do Serro.

Veremos que das previsões para o futuro da Serra do Cipó, um dos cenários projetados já é, praticamente, uma realidade:

*Destino Passivo:* No cenário “*laissez-faire*”, a Serra do Cipó continua como um destino que se deixa visitar, sem selecionar seu mercado e com planejamento de curto prazo. As pressões de turismo espontâneo serão facilitadas pelas melhorias de acesso e agravadas pelo desenvolvimento de atividades econômicas extrativistas, como a mineração. EPLERWOOD (2007: 59)

Ao vermos o avanço das mineradoras em Conceição do Mato Dentro, Morro do Pilar, e termos notícias de sondagens em praticamente toda a borda leste da Serra, concordamos

que essas previsões feitas pelo referido autor já são uma realidade. O mesmo autor, acertadamente, teceu outras previsões para o que, na época, seria o futuro da Serra<sup>36</sup>:

Em Santana de Riacho (distrito Serra do Cipó) se tornará um lugar dominado por condomínios e basicamente uma área urbana. Os donos das pousadas poderão vender suas propriedades para os condomínios ou se transformar para atender grupos maiores. Vilarejos mais afastados como Lapinha da Serra perdem seu ar bucólico e as paisagens acabam visualmente poluídas pelas construções ilegais.

Nos finais de semana o grande movimento de carros aumentará o risco de acidentes graves de trânsito. A falta de rede e tratamento de esgoto fará com que a qualidade da água piore a cada ano. Furtos e invasões de casas de veraneio também tendem a aumentar. . EPLERWOOD (2007: 59)

As afirmações sobre o trânsito, exemplificados na figura 18 e a poluição das águas por esgoto também já são uma fatos consumados. Sobre a poluição, citamos novamente a entrevista contida no anexo 8.5. Continuando as conclusão da EPLERWOOD, concordamos também que:

Ações de promoção continuarão fragmentadas e sem o foco em segmentos específicos, sem retorno. O mercado mais sofisticado aproveita as melhorias de acesso para buscar os destinos mais afastados e mais bem cuidados, entre Conceição do Mato Dentro e Diamantina. Os preços na Serra do Cipó se nivelam para baixo. EPLERWOOD (2007: 59)

O turismo nessa sub-região é uma realidade, sendo que pousadas, bares, placas, estruturas para facilitar o acesso aos atrativos e restaurantes fazem parte da paisagem (figura 19). Boa parte dos atrativos naturais tem seus acessos permitidos via pagamento nos períodos de grande movimento, sendo exemplo disso de uma tendência expansionista nos rumos do asfaltamento da MG10 e a acesso para a sede de Santana do Riacho.



Figura 19: Modificações na paisagem trazidas pelo turismo.

<sup>36</sup> Algumas das afirmações da citação concordam com a entrevista do gestor do PARNA Cipó, anexo podem ser encontradas no anexo 8.5.

Os ecoturistas mais radicais, que buscam um contato mais direto com a natureza, já não freqüentam essa região como antes – seguem para oeste e norte da Serra abrindo novas frentes de visitação. Hoje o turismo mais praticado é o de balneários, sendo que os aventureiros de outrora foram substituídos por casais de namorados e famílias atraídos pelo conforto e facilidades disponíveis.

Esse fenômeno se assemelha com que LUCHIARI (2000) destacou como uma das características territoriais provocadas pelo turismo:

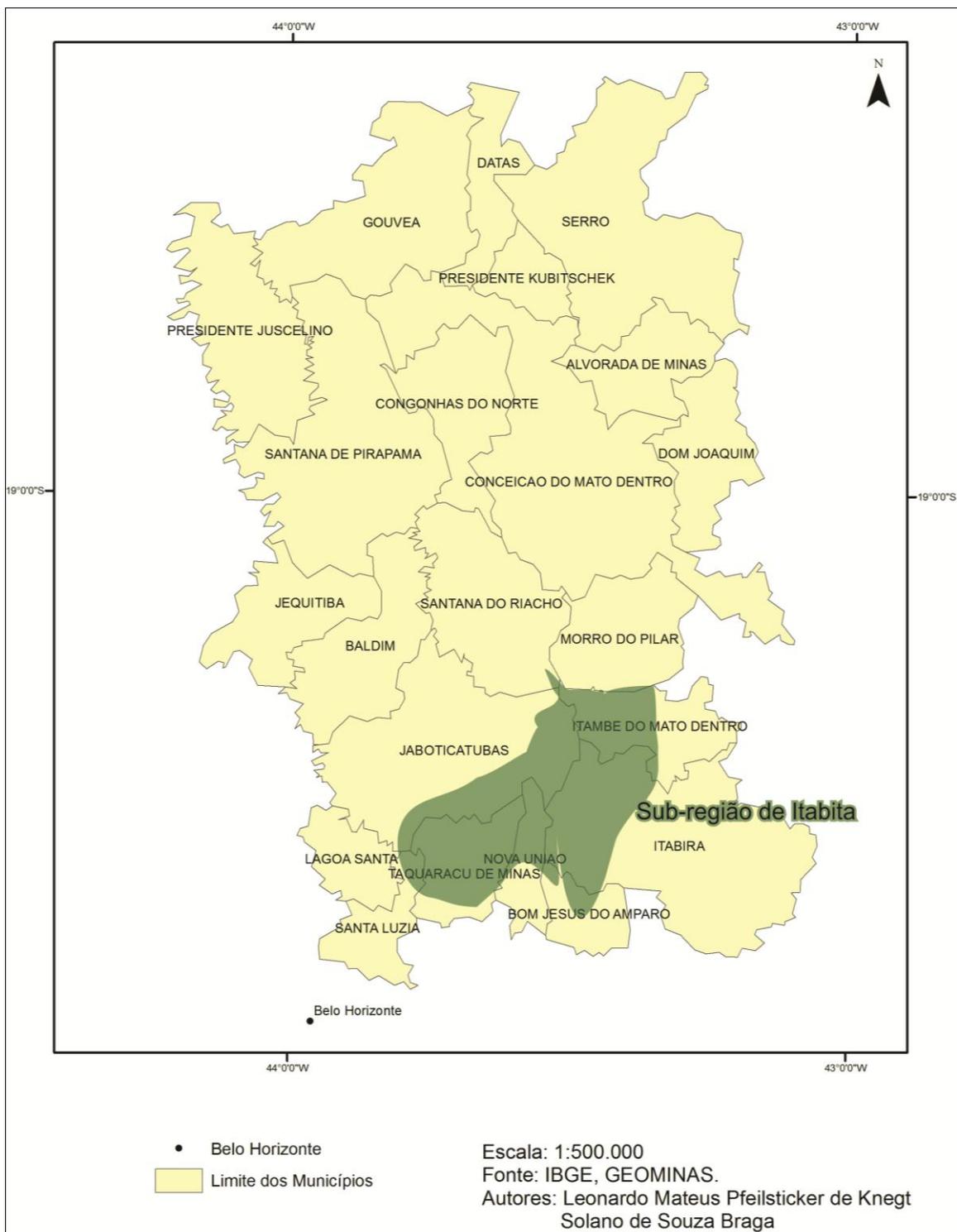
A atratividade dos lugares (paisagens naturais e construídas) precisa ser constantemente vendida: então, ela é constantemente recriada, ou melhor, padronizada em estilo, estética e atendimento. Os próprios serviços relacionados ao turismo produzem um novo fluxo de relações entre os sujeitos envolvidos (turistas, profissionais do setor terciário, administradores), na materialidade oferecida pelo setor (rede de hotéis, restaurantes, redes de *fast-food*, butiques, parques, museus etc.). Em muitos casos, principalmente em relação ao turismo internacional, os atrativos originais da região são suplantados pela própria estrutura oferecida pelo setor. LUCHIARI (2000:122)

Com base no que ocorreu na Serra do Cipó nas últimas décadas, é provável que a porta de entrada da Serra do Cipó se estenda até Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas. E, não só os turistas, mas o parcelamento do solo, a especulação imobiliária e as transformações paisagísticas e sociais tenderão a seguir a mesma trilha, como é possível ver em várias placas e faixas dispostas ao longo dos caminhos que cortam esses municípios (figura 20).



Figura 20: Exemplo do processo de especulação imobiliária que se propaga pela Serra do Cipó.

### 5.1.2 – Sub-região de Itabira



Mapa 28: Sub-região de Itabira

Primeiramente denominada a “Porta dos Fundos”, por Gontijo (2007), a referida sub-região deve os seguintes aspectos destacamos pelo referido autor:

O mercado emissor de turistas de Itabira não se compara ao da Região Metropolitana de Belo Horizonte, mas a serra do Cipó está presente em dois de seus distritos – Ipoema e Senhora do Carmo – e o município tem discutido com seriedade seus rearranjos espaciais levando em conta, agora, o fenômeno turístico como uma alternativa econômica de peso contra o esgotamento iminente de suas jazidas de minério de ferro. Ipoema e Senhora do Carmo possuem parte de seus territórios abrangidos pela Área de Proteção Ambiental do Morro da Pedreira (APAMP). GONTIJO (2007:5)

Destacamos na fala de Gontijo o reconhecimento ao fato de Itabira ser um importante pólo emissor e receptor para a vertente leste da Serra. Outro fato já reconhecido neste trabalho e a questão da identidade da Serra do Cipó estar presente em Itabira apenas na sua área serrana. Ainda sobre essa sub-região, Gontijo afirma:

Uma vez que fazem parte de um trecho da Estrada Real, os dois distritos vêm sofrendo uma movimentação turística crescente, em grande parte induzida pelos projetos desenvolvidos pelo Instituto Estrada Real, que acabam por refletir em todo o eixo Sudeste da serra do Cipó. Trata-se de um eixo que parte de Bom Jesus do Amparo, localizado próximo à rodovia BR-262, segue contornando a encosta Sudeste da serra e passa por Ipoema, Senhora do Carmo, Itambé do Mato Dentro e Morro do Pilar. GONTIJO (2007:5)

O projeto Estrada Real trouxe nas décadas de 1990 e na primeira dos anos 2000 um grande impulso para o turismo em toda a vertente leste, especialmente para os distritos da Cabeça do Boi (Itambé do Mato Dentro), Ipoema e Serra dos Alves (Itabira) onde o turismo, mesmo que recente, já vai ser tornando uma realidade.

A sub-região de Itabira é uma área que já sofre pressão da visitação turística, mas com sua paisagem ainda pouco alterada pelo fenômeno turístico, com os municípios de Taquaraçu de Minas, Nova União, Itabira, Bom Jesus do Amparo e Itambé do Mato Dentro. Em estudo recente sobre a Serra do Cipó, FERREIRA, referindo-se a uma porção do território da Serra do Cipó análoga a sub-região proposta, considerou que:

Na região da Serra do Cipó, o trecho da estrada real contemplado pelo programa está localizado na porção leste do Parque Nacional. O caminho dá-se por estrada de terra, que passa por Ipoema, Senhora do Carmo (distritos de Itabira), Itambé do Mato Dentro e Morro do Pilar, encontrando a MG-010 a caminho de Conceição do Mato Dentro.

O desenvolvimento do turismo nessa região é mais recente do que aquele observado na porção leste do PARNA da Serra do Cipó ao final da década de 1990. Observa-se que as transformações decorrentes do turismo ainda são pequenas, porém se mostram presentes em algumas comunidades localizadas ao longo da estrada e próximas ao Parque Nacional. FERREIRA (2010:30)

Apesar de ter trazido um impulso inédito para o turismo nessa vertente da Serra, os projetos do Instituto Estrada Real ainda não foram suficientes para consolidar a atividade turística. Muito foi investido em divulgação, alguma coisa foi investida em sinalização, mas isso ainda não foi o suficiente para abrir essa porta da Serra para o turismo. Um exemplo disso são os municípios de Nova União e Taquaraçu de Minas – apesar de ambos estarem próximos a RMBH (cerca de 90Km), via BR 262, uma das mais movimentadas de Minas Gerais, o turismo praticamente não acontece nesses dois municípios.

A compra de terrenos para serem usados como segunda residência, fenômeno já destacado e de âmbito regional na Serra do Cipó, trouxe para essa porção da Serra o fechamento de vários atrativos naturais. Historicamente voltada para a mineração e pecuária, não se percebe ainda por parte dos moradores a vontade de mudar essa realidade. As placas que proíbem o acesso aos atrativos, expostas na figura 21, são apenas uma pequena amostragem de tantas outras vistas entre Taquaraçu de Minas e Nova União.



Figura 21: Sinalização encontrada em atrativos naturais em Nova União e Taquaraçu de Minas.

Nesse ponto, notamos uma clara diferença entre o tipo de placas encontradas entre essa sub-região e de Cardeal Mota, pois os dizeres nessas não são convidativos para os turistas.

No artigo citado anteriormente, *As portas abertas da Serra do Cipó*, Gontijo afirmava a possibilidade que Conceição do Mato Dentro polarizasse o turismo na vertente leste, mas acredito que isso ainda não aconteceu nessa amplitude, pois essa vertente ainda sobre grande influencia de Itabira. Veremos que Morro do Pilar, devido a outros alinhamentos com Conceição do Mato Dentro, foi deslocado dessa sub-região para o que seria a “Porta entreaberta”.

No aspecto de integração regional, o PARNA funciona como uma barreira, pois impede a circulação entre uma vertente e outra da Serra. Um reflexo disso é que o público de Belo Horizonte, de onde vem a maioria dos visitantes da região, se concentra nas vertentes sul e oeste, onde o acesso é mais fácil. Na porção leste vemos o predomínio do público de Itabira.

É notório, no tocante ao potencial turístico, que essa sub-região possui um grande potencial para a visitação. Entretanto a falta de interesse do público e dos proprietários de permitir a visitação dos atrativos como a Cachoeira da Colônia em Nova União (figura 22), permite que locais como esse seja destino de parte do esgoto municipal.

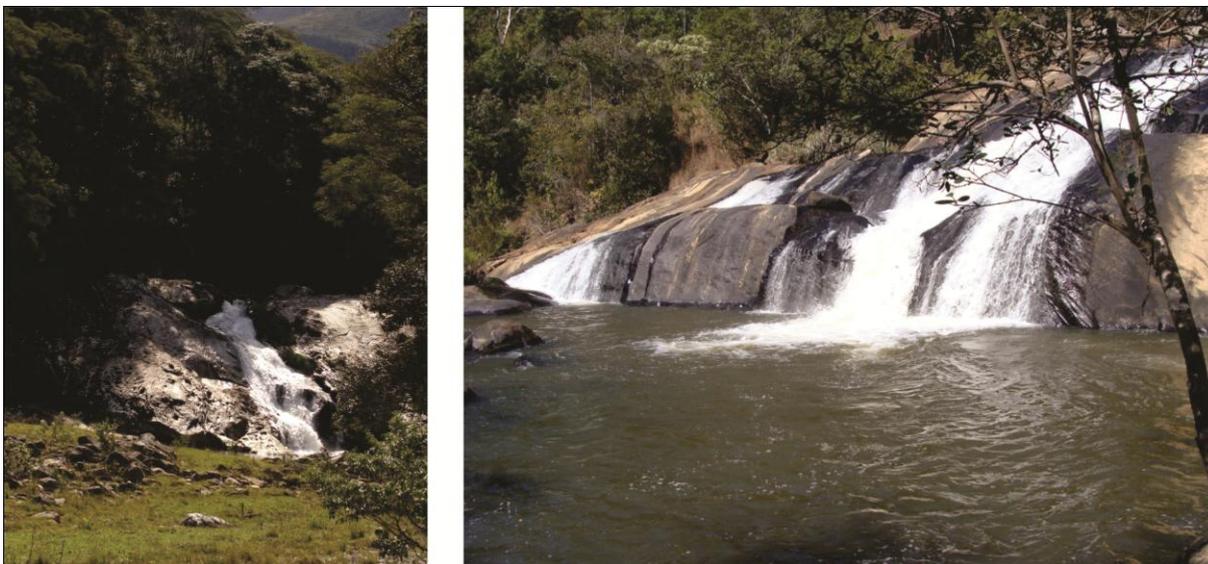
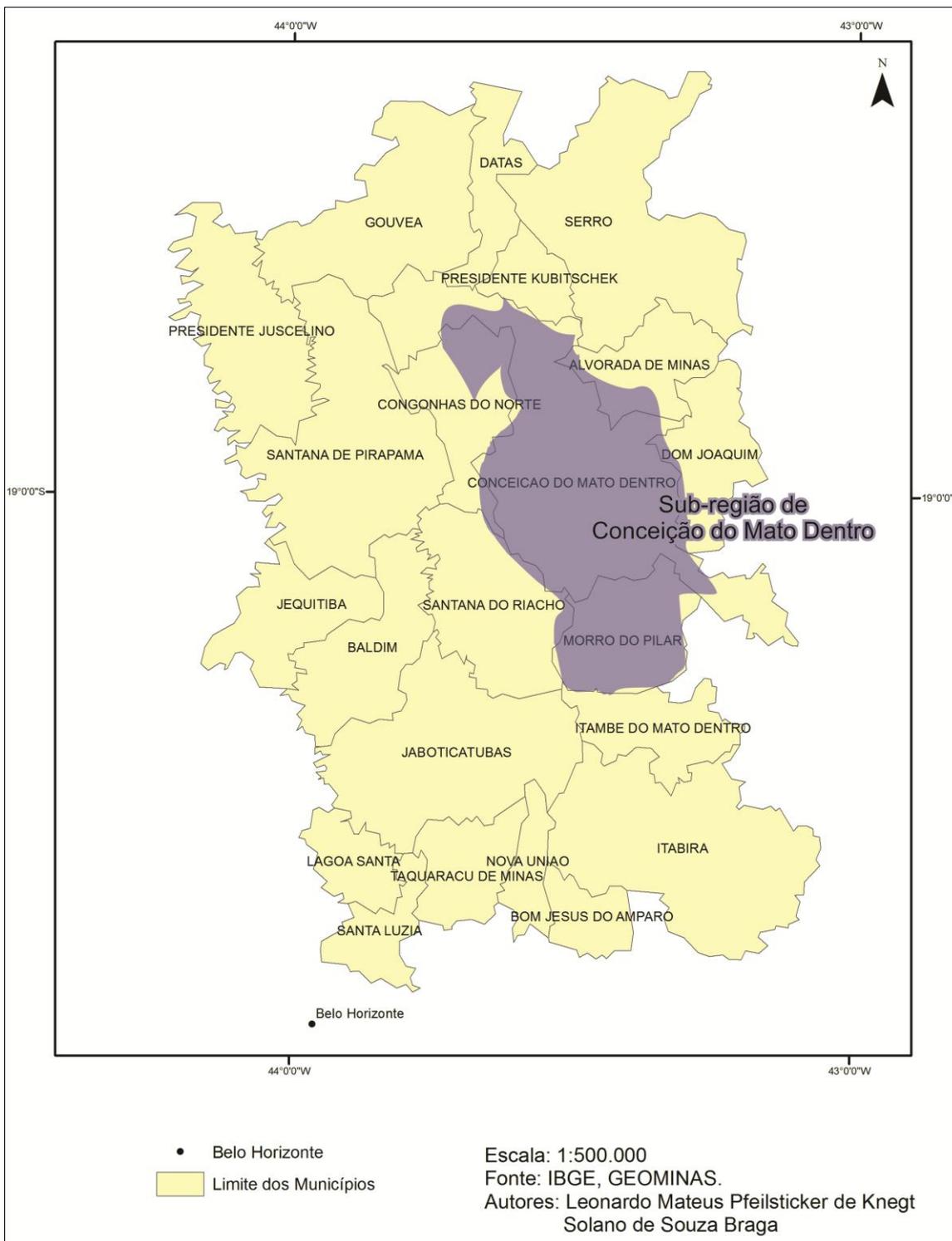


Figura 22: Atrativos de Nova União. O primeiro não possui nome oficial e o segundo, a Cachoeira da Colônia, está poluído pelo esgoto de residências.

O grande potencial de povoados como Serra dos Alves, Cabeça de Boi e Altamira, deixam clara possibilidade de que a realidade local mude quando novas portarias do PARNA forem implantadas, uma vez que já está previsto no Plano de Manejo do PARNASC uma portaria em Serra dos Alves. Além do já praticado ecoturismo, o turismo cultural e rural pode ser melhor aproveitado nessa vertente.

### 5.1.3 – Sub-região de Conceição do Mato Dentro



Mapa 29: Sub-região de Conceição do Mato Dentro

Com base nas citações expostas ao longo da pesquisa realizada, consideramos que a Sub-região de Conceição do Mato Dentro, constituída por municípios localizados a nordeste do PARNASC, engloba os municípios de Morro do Pilar e Conceição do Mato Dentro. Sub-

região essa que foi definida em um primeiro momento por GONTIJO (2007) como a Porta do Futuro:

Tradicional rota de peregrinações, apenas recentemente Conceição do Mato Dentro teve seu acesso pavimentado o que, por si só, é um forte indutor de transformações espaciais. Não bastasse esse fato, Conceição traz consigo sua bagagem e importância histórica e está situada num ponto estratégico no que diz respeito a convergências turístico-espaciais: tem grande extensão territorial; está a meio caminho do trecho da Estrada Real entre Ouro Preto e Diamantina; é atalho para quem chega de Belo Horizonte e quer conhecer o outro lado da serra do Cipó; possui uma série de potencialidades turístico-paisagísticas capitaneadas pela maior cachoeira de Minas, qual seja, a do Tabuleiro. GONTIJO (2007:5)

A única discordância, em relação à fala de Gontijo, é que Conceição do Mato Dentro não se tornou um pólo para o turismo na vertente leste. O turista que visita Conceição do Mato Dentro, em sua maioria, sai de Belo Horizonte pela MG10 e se desloca pela vertente oeste. Conceição do Mato Dentro vem polarizando o turismo para o norte e oeste das bordas da sua própria sub-região.

O município de Conceição do Mato Dentro tende a ser o grande pólo dessa sub-região. Além da travessia mais praticada e famosa da Serra do Cipó, a Lapinha - Tabuleiro, a travessia Cemitério do Peixe<sup>37</sup> - Fechados começa a se popularizar e reflete a pressão do turismo na sub-região, sendo que nesse último exemplo temos uma travessia localizada na interseção de duas sub-regiões, a de Conceição do Mato e a Fechados (figura 23).



Figura 23: Paisagem no povoado de Santo Antonio do Cruzeiro, divisa entre as sub-regiões de Conceição do Mato Dentro e Fechados.

Nesse ponto, concordo com algumas considerações feitas por Gontijo:

<sup>37</sup> Nome popular dado a um cemitério utilizado por escravos localizado no povoado de Santo Antonio do Cruzeiro, extremo norte da Conceição do Mato Dentro, próximo da divisa com Congonhas do Norte.

Conceição surge, então, como a grande porta do futuro de penetração do turista na região – o turista que antes se contentava em chegar até Cardeal Mota, hoje pode andar mais 60 km para conhecer, além das belezas naturais da paisagem do alto da serra do Cipó, Conceição e seus diversos distritos. Como se não bastasse o asfaltamento da MG-10, o governo do Estado, também através do PROCESSO, sinaliza para o asfaltamento da ligação entre Conceição e Congonhas do Norte. Quando (ou se) isso acontecer, estará praticamente fechado o círculo de acesso à combatida Serra do Cipó. GONTIJO (2007:5)

A implantação da sede do PE Serra do Intendente, o asfalto e a abertura de um grande número de pousadas e restaurantes fez que Conceição do Mato Dentro tivesse um aumento gradativo do número de visitantes e revela que, assim como o que observamos na Sub-região de Cardeal Mota:

O fetiche da mercadoria “turismo” ou natureza comercializada é ainda mais acentuado que em outras mercadorias de consumo coletivo. Porque o que parece que é vendido é a natureza, quando o que é vendido é que qualidade do hotel, é a forma de transporte. RODRIGUES (1999:56)

Fenômeno esse que reflete o que OURIQUES apontou como uma nova forma de inserção das áreas periféricas no momento atual do capitalismo mundial que, como já exposto, é expansionista:

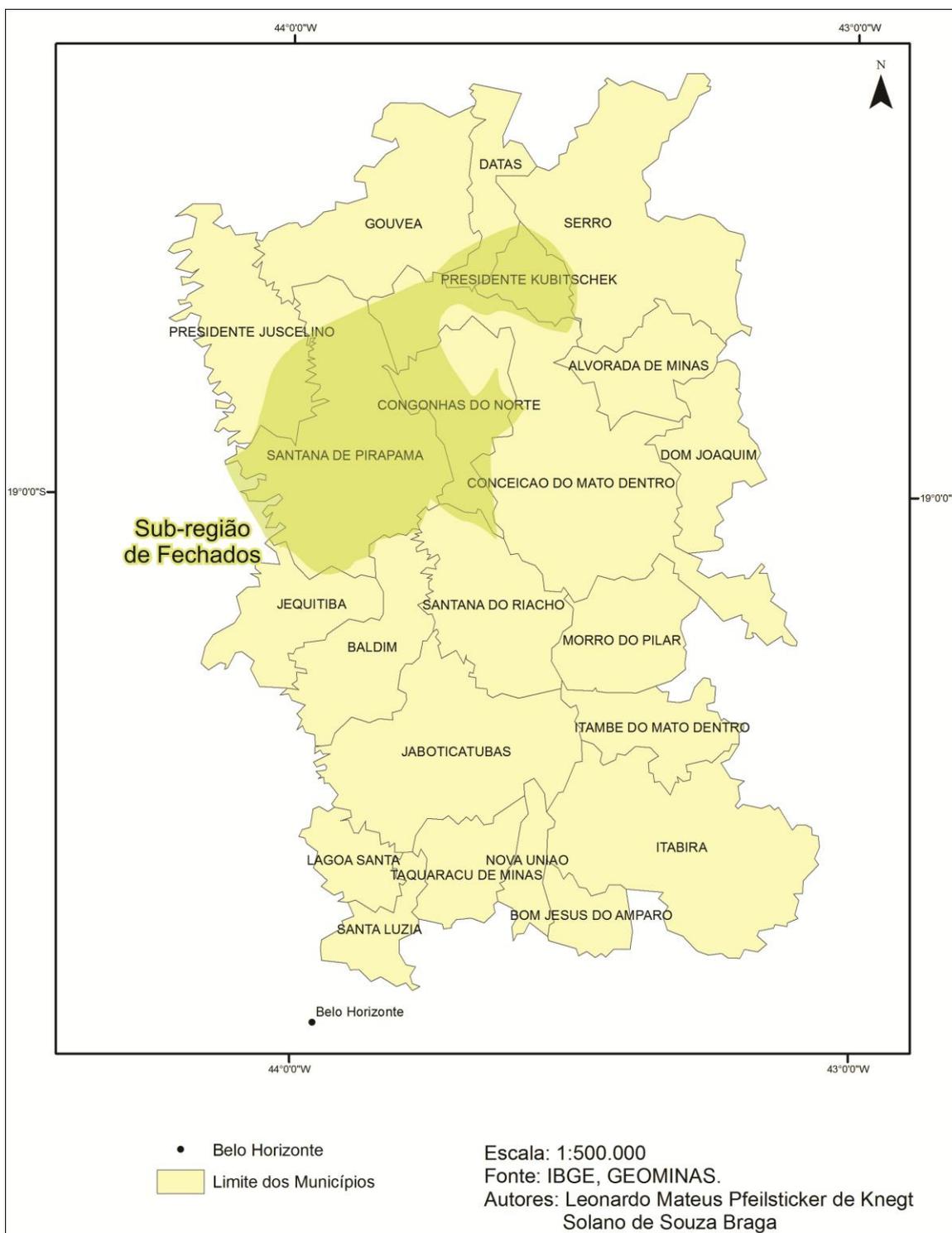
A natureza exuberante e a sociabilidade perversa do mundo periférico em geral e no Brasil em particular encontram uma nova função no capitalismo contemporâneo: O turismo repete, dessa maneira, a mesma e velha história das colonizações, desde Cristovão Colombo, ao representar uma nova forma de pilhagem dos frutos da terra (nesse caso, a própria paisagem), do trabalho e da cultura dos povos da periferia. OURIQUES (2005:144)

Essa sub-região, ao ter suas paisagens modificadas pelo turismo, agregou o município de Morro do Pilar. Outro rearranjo foi o deslocamento de Congonhas do Norte para, o que aqui chamaremos de Sub-região de Fechados, o que corresponderia de forma análoga a uma “Porta do Futuro”, onde o turismo é menos praticado e percebido. Congonhas do Norte ainda não se abriu para o turismo como Morro do Pilar e Conceição do Mato Dentro.

Outro fato importante nessa sub-região é a recente presença de grandes projetos para mineração de ferro. Além do processo de entreabrir-se para o turismo, são nesses dois municípios onde acontecem nos dias atuais os mais acentuados processos de mudanças em aspectos como criação de acessos, mudança na posse da terra e de direcionamento da economia local que mudou da produção agrícola para a prestação de serviços no turismo ou no trabalho em mineradoras.

### 5.1.4 – Sub-região de Fechados

O turismo [...] é a imagem inversa do Rei Midas, por tratar-se de um instrumento destinado à destruição de tudo aquilo que efetivamente tenha uma certa beleza. TURNER e ASH (1991:16-70)



Mapa 30: Sub-região de Fechados

Essa última sub-região é formada pelos municípios de Congonhas do Norte, Santana de Pirapama, Jequitibá, Presidente Juscelino e Presidente Kubitschek, com áreas ainda pouco visitadas e mais distantes da MG10, de Cardeal Mota e da sede do PARNA da Serra do Cipó.

Tal fato se justifica por existir pouca integração com a MG10 e Cardeal Mota, devido à falta de pavimentação das vias de acesso. A maior parte dos visitantes desta sub-região vem de Sete Lagoas, município que não consegue gerar sozinho fluxo de visitantes suficiente para causar grandes impactos. Com o acentuado grau de urbanização que as áreas mais visitadas sofreram, esta borda a Serra começa a despertar o interesse dos viajantes mais aventureiros. Questão que foi abordada por RODRIGUES (1999) e destacada por OURIQUES (2005), quando o autor afirma que o turismo:

Se caracteriza pelo uso efêmero do território, num processo contínuo de desterritorialização e reterritorialização (1999:56). Ainda em relação à natureza, a autora destaca que o turismo valoriza uma determinada paisagem sem que haja uma intervenção para a produção espacial: olhar o céu, o mar, os rios, a paisagem dos Andes, Alpes, etc. Ou seja, trata-se da “vista” da paisagem sem que nenhuma transformação ocorra [...] (idem). Assim, pode não haver nenhuma transformação direta do território, mas há uma apropriação direta e/ou indireta e uma “produção espacial”, simbólica – a beleza “natural”, ou cultural. OURIQUES (2005:85)

Esse processo de valorização já existe na Sub-região de Fechados, pois observamos nela o início de um processo de visitação semelhante ao das outras sub-regiões e que, possivelmente, trará impactos parecidos. Em Fechados, mesmo não existindo áreas de campings, os visitantes já utilizam as margens do Córrego Fechados para esse fim (Figura 24).



Figura 24: área utilizada para acampamento em Fechados

Adotando a regionalização proposta para esse trabalho, LOPES, concorda com o fato de que existe nessa sub-região atratividade comparada com as áreas mais visitadas da Serra do Cipó. Para LOPES, os motivos para a pouca visitação são outros:

... Levando em consideração a quantidade de atrativos reunidos em Congonhas do Norte e Santana do Pirapama - os dois municípios representativos dessa sub-região - julgamos ser uma questão de tempo a chegada do turismo a essas localidades.

As atratividades dessa sub-região, ainda desconhecidas pela maioria dos turistas que visitam a porção sul da Serra do Cipó, estão diretamente relacionadas à abundância dos recursos hídricos da bacia do Rio Cipó, em Santana do Pirapama. LOPES (2010:34)

Podemos citar como exemplo a Cachoeira dos Inhames (figura 25) dentre os vários atrativos existentes em Congonhas do Norte e Santana do Pirapama. Com o recente processo de pavimentação do trecho entre Cardeal Mota e a sede Santana de Riacho, haverá uma grande facilitação para o acesso a essa sub-região sendo que o povoado dos Inhames deverá ser o primeiro a sofrer a pressão exercida pelos visitantes.

Em Congonhas do Norte existem vestígios da Estrada Real, assim como sítios arqueológicos que, juntamente com alguns poços e cachoeiras, reforçam a potencialidade turística da sub-região.

Os impactos relacionados ao turismo nessa sub-região são praticamente inexistentes, mas já ocorrem impactos da ação humana no espaço de um modo geral, como queimadas e poluição dos cursos d'água, que podem futuramente comprometer o aproveitamento do potencial turístico da sub-região. LOPES (2010:34)

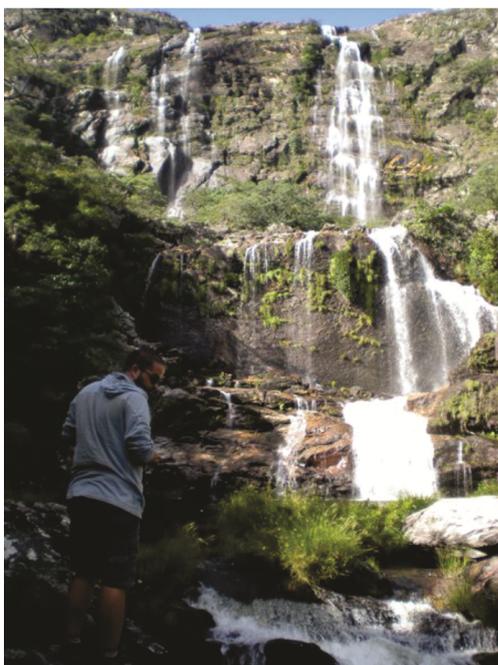


Figura 25: Cachoeira dos Inhames

Como já foi citado, o público de Sete Lagoas não é grande o suficiente para causar grandes mudanças na sub-região, mas a facilitação de acesso possibilitará que os visitantes originados de Belo Horizonte acessem a área mais facilmente.

O mesmo vale para Jequitibá, município onde o turismo praticamente não acontece. Sobre os outros dois municípios da sub-região, a realidade é a mesma, como afirma FREITAS se referindo ao pouco destaque do município de Presidente Kubitschek no Circuito dos Diamantes, fronteira norte da região da Serra do Cipó:

Ao serem questionados se acreditam na existência de um Circuito, a maioria [dos moradores locais] respondeu não. Dois representantes responderam que o Circuito se limita a Diamantina e Serro. Na prefeitura de Presidente Kubitschek acreditam que o Circuito só existe geograficamente. FREITAS (2008:325)

Ao vermos algumas fotos que a prefeitura municipal usa para divulgar o município, é notável a semelhança das paisagens com a Serra do Cipó. Pode-se especular que o tipo de público alvo, para quem o município de Presidente Kubitschek direciona sua divulgação, seja o mesmo que frequenta a área *core* da Serra do Cipó. De maneira geral, concordo com GONTIJO, sobre como se dá o processo deflagrado pela chegada dos primeiros visitantes:

Apenas o fato de chegar a locais antes inacessíveis, ou completamente ermos, já implica numa transformação desses lugares. Inútil tentar “mantê-los em segredo”, o máximo que tem sido feito é criar mecanismos de proteção e/ou controle do acesso. Mas isto só resulta numa restrição ou impedimento a esse acesso ou à elitização do mesmo. A Serra do Cipó está repleta de destinações com diferentes graus de acessibilidade, sugerindo a continuidade de um processo inexorável de assédio turístico. Uma pressão que vem sendo praticada lá e em diversas outras destinações rotuladas de ecoturísticas pelo Brasil, mas cuja forma de inserção do turismo está longe de poder ser considerada ecológica e, muito menos, sustentável. GONTIJO (2003:181)

Com essa expectativa um pouco pessimista, encerramos a apresentação das sub-regiões da Serra do Cipó ao vermos o mesmo ciclo insustentável de transformações provocadas pelo turismo se perpetuar ao longo da Serra.

## **5.2 – Rural, turismo e ausência de políticas públicas: desafios para o desenvolvimento, gestão e integração territorial da Serra do Cipó.**

Um fato chama que a atenção em praticamente todos os mapas apresentados no capítulo Desordem é a concentração de serviços e infra-estrutura nas áreas urbanas municipais, em contraponto aos atrativos turísticos localizados quase na sua totalidade em áreas rurais. Isso nos leva a refletir um pouco sobre as especificidades do turismo no espaço rural, tipologia essa de turismo que é influenciada e exerce influência na maior parte da região estudada.

Como a região tem pequenas áreas urbanas, se levada em conta a proporção dos tamanhos das sedes, distritos e povoados com as áreas dos municípios, nos deparamos com uma grande região formada majoritariamente por UC's e áreas rurais. Como já apresentamos a importância das UC's, faz-se necessário agora falarmos um pouco sobre o Espaço Rural e como turismo acontece nele.

Tendo em vista o exposto anteriormente, a definição objetiva e rígida de um conceito como espaço rural se torna cada vez mais difícil, mas apesar disso continua sendo adotado como base para as políticas públicas. Primeiramente devemos eliminar a visão simplista de oposição e separação entre o rural e o urbano que, infelizmente, é a adotada pelo IBGE e o Ministério do Turismo para pensar, gerir e planejar a atividade turística nessas localidades.

### **5.2.1 – Sobre o espaço rural e o urbano**

Nesse sentido, algumas definições do IBGE (1996) determinariam o universo de onde a maioria dos fenômenos deste trabalho se dá, ao fazer as seguintes considerações sobre o que seria e o que não seria espaço rural (figura 26):

Área urbanizada (meio urbano): a área legalmente definida como urbana é aquela caracterizada por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; afetada por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano e aquela reservada à expansão urbana. Área não-urbanizada: área legalmente definida como urbana, mas caracterizada por ocupação predominantemente de caráter rural. Área urbana isolada: aquela definida por lei municipal e separada da sede municipal ou distrital por área rural ou por um outro limite legal.

Zona Rural: área externa ao perímetro urbano. Zona rural, exclusive aglomerado rural: área externa ao perímetro urbano, exclusive as áreas de aglomerado rural. Aglomerado-rural: toda localidade situada em área

legalmente definida como rural, caracterizada por um conjunto de edificações permanentes e adjacentes, formando área continuamente construída, com arruamentos reconhecíveis ou dispostos ao longo de uma via de comunicação. IBGE (1996)

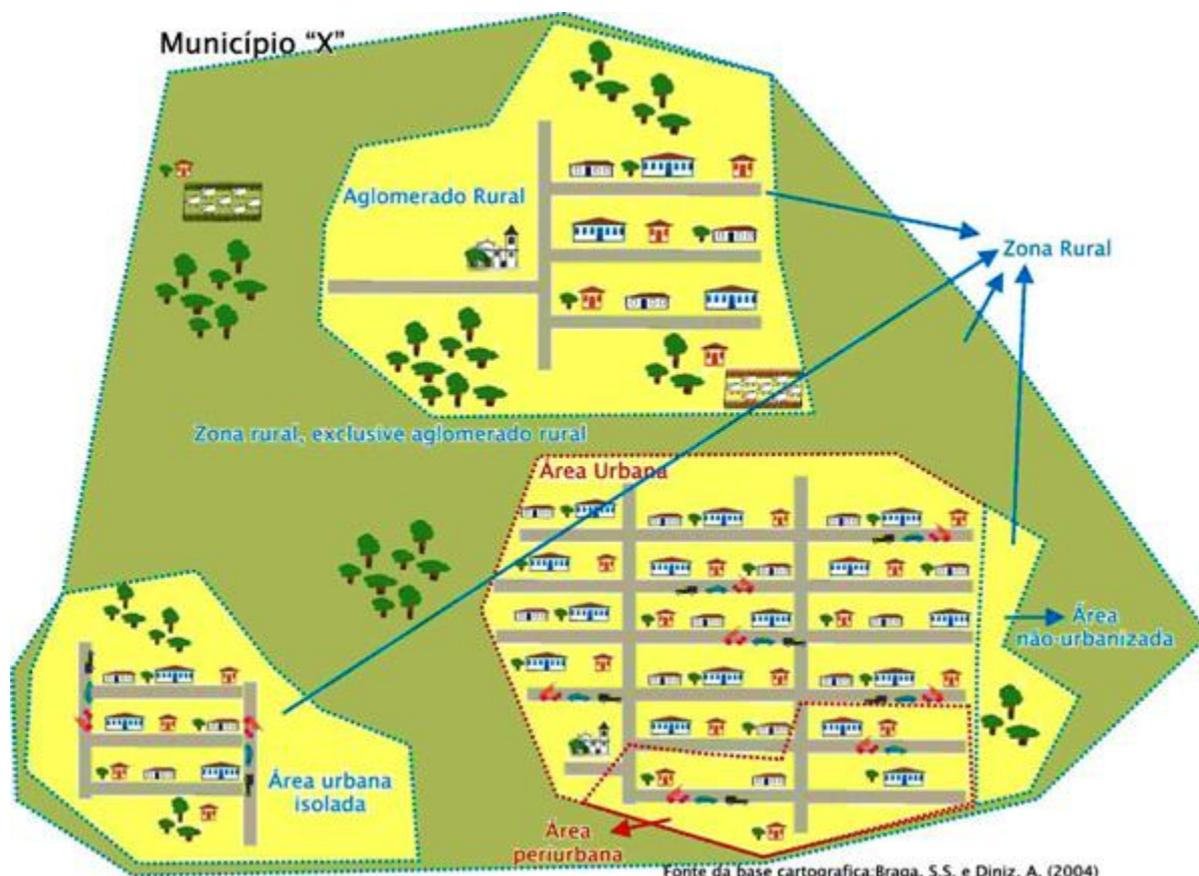


Figura 26: exemplo territorial das definições de área rural e urbana utilizada pelo IBGE e adotada pelo MinTur. Fonte: BRAGA e PINTO (2009:6)

De uma maneira geral, os critérios para definição de espaço rural e urbano são político-administrativos. A prefeitura de cada município delimita o perímetro da cidade, relacionado ao seu interesse sobre Imposto Territorial Urbano (IPTU) e ao Imposto Territorial Rural (ITR). O perímetro urbano pode ser ampliado muitas vezes, com o objetivo de arrecadar outros impostos transformando áreas com funções rurais em áreas com funções urbanas.

O Ministério do Turismo, ao definir as Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural, adotou o seguinte conceito de Espaço Rural:

(...) o espaço não urbano, definido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como rural, abriga diversos empreendimentos que podem caracterizar vários tipos e segmentos de turismo. Os pequenos aglomerados (sedes de municípios, sedes distritais, vilas, povoados) considerados urbanos pelo IBGE têm a economia vinculada direta ou indiretamente à atividade agropecuária, inclusive as do setor secundário e terciário, entre elas a turística. MinTur (2008:18)

Para complementar a visão simplista adotada pelo poder público, o Ministério do Turismo considera como Turismo no Espaço Rural (TER):

Todas as atividades praticadas no meio não urbano, que consiste de atividades de lazer no meio rural em várias modalidades definidas com base na oferta: Turismo Rural, Turismo Ecológico ou Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Negócios, Turismo de Saúde, Turismo Cultural, Turismo Esportivo, atividades estas que se complementam ou não. MinTur (2008:19)

Entretanto discordamos dessa visão do MinTur justamente por ela separar o rural e o urbano, perdendo de vista o reconhecimento da interligação dos aspectos territoriais e simbólicos que envolvem não apenas a atividade turística, mas também a ruralidade e o urbano. A idéia de rural não estaria, no caso da Serra do Cipó, limitada pelo território, por englobar também um conjunto de signos que, por si só, trazem ao turista a imagem do rural. Isso porque um pesque e pague, um prato típico preparado em fogão de lenha, uma horta ou pomar, mesmo estando em áreas urbanas, podem trazer ao turista a sensação e reconhecimento de características da ruralidade. Dessa forma, o rural nem sempre está circunscrito ao espaço classificado como rural. O inverso, também pode ser visto no espaço urbano, através das novas formas de produção industrializadas, adensamentos populacionais e prestação de serviços característicos das cidades, ou seja, processos de urbanização.

Processos esses que são análogos, nas áreas mais visitadas da Serra, com o que LUCHIARI, citada de forma crítica por OURIQUES (2005:134), descreveu para o turismo nas áreas litorâneas, onde o turismo acontece sobre a mesma bandeira de ecológico:

Inscrito no rol das pesquisas críticas à expansão do turismo e sua já conhecida autofagia, a autora constata que, à medida que os recursos naturais se transformaram em mercadoria, a percepção dos homens sobre os recursos também se modificou: a pesca se tornou predatória; a terra, propriedade privada; e a mata, reserva ecológica que protege a si mesma, mas não o homem que dela faz parte. LUCHIARI (2000:71)

Já apresentamos as Uc's nos capítulos anteriores, mas cabe aqui ressaltar o fato de que o avanço das mesmas sobre a Região da Serra do Cipó se faz também no bojo de outras mudanças trazidas pela exploração local da paisagem e da população como mercadoria.

### 5.2.2 – O turismo que acontece na Serra

Apesar das limitações, as atividades turísticas mais presentes na Serra do Cipó, agrupadas conforme segmentações estabelecidas pelo Ministério do Turismo são:

- Turismo Rural<sup>38</sup>: podemos citar grandes hotéis fazenda como o Canto da Siriema (Santa Luzia), a Fazenda das Minhocas (Jaboticatubas) e o Alambique da Cachaçaria Germana (Nova União), mas o potencial para esse tipo de turismo é presente em praticamente toda a Serra.

- Turismo Ecológico ou Ecoturismo<sup>39</sup>: esse segmento é o mais presente e representativo na Serra do Cipó. A observação da natureza, uma das atividades desse segmento é propiciada pelos vários mirantes naturais encontrados ao longo da cadeia rochosa da Serra. Caminhadas, banhos de rio, acampamentos e travessias são outras práticas que possibilitam ao visitante contato com o ambiente da Serra. Atividades de interpretação ambiental por meio de sinalização interpretativa ainda não existem na Serra, nem mesmo dentro do PARNASC, o que gera uma grande perda para os praticantes do ecoturismo.

- Turismo de Aventura<sup>40</sup>: Os *trekings* (caminhada por trilhas), escaladas e travessias (a pé e da bicicleta) são as atividades desse segmento mais comuns na Serra do Cipó. A existência de grupos de escalada em Santana do Riacho é antiga e a regulamentação da prática dentro do PARNASC está em fase final. Na vertente oeste da Serra, de relevo mais suave, começam a aparecer práticas de flutuação nos rios, como o *boiacross*. Em Conceição do Mato Dentro a prática do *bolder* vem crescendo e aproveita áreas como o PNM Salão de Pedras (figura 27). De forma geral, podemos citar como outras práticas de turismo de aventura praticadas na Serra do Cipó: descer canions com técnicas de rapel e outras,

---

<sup>38</sup> Turismo Rural é um conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade. (2008, p.49)

<sup>39</sup> O ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações. MINISTÉRIO DO TURISMO (2006, p.9)

<sup>40</sup> O Ministério do Turismo considera como turismo de aventura as experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvem desafio, riscos avaliados, controláveis e assumidos. A prática de atividades de aventura identifica o segmento e pode ocorrer em quaisquer espaços: natural, construído, rural, urbano, estabelecido como área protegida ou não. BRAGA e PINTO (2009:15)

cavalgadas, passeios em regiões montanhosas, rapel, cachoeirismo, tirolesa, passeios em veículos off-road, acqua-ride (bóia-cross), canoagem ou caiaque, flutuação e rafting.

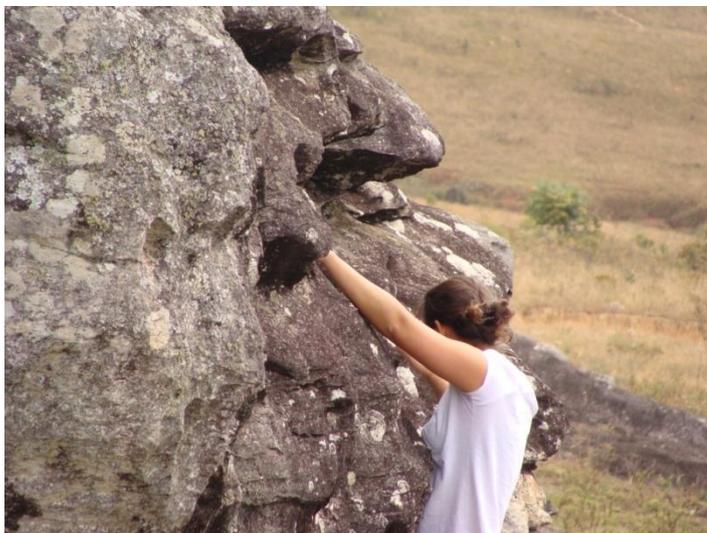


Figura 27: Prática de *boulder* no Salão de Pedras

- Turismo Cultural<sup>41</sup>: Esse segmento encontra na Serra do Cipó possibilidades no vasto patrimônio físico: capelas, sedes de fazenda, ruínas, sítios arqueológicos, trilhas antigas e no patrimônio imaterial: música, danças, festivais e festas típicas. O Turismo Religioso, que é uma tipologia desse segmento, tem na Serra importantes rotas de peregrinação, romaria, procissões, igrejas (como o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Conceição do Mato Dentro, onde ocorre um jubileu que atrai devotos de praticamente toda a região), cemitérios (urnas indígenas e cemitério de escravos são encontrados em grande parte da Serra do Cipó) e túmulos, locais de retiros espirituais, terreiros para trabalhos de macumba, umbanda, e candomblé (comuns nas comunidades de origem quilombola).

- Turismo de Balneário<sup>42</sup>: É a forma mais comum praticada na Serra do Cipó. Muitos visitantes se contentam em ir para a Serra do Cipó e ter como motivação principal o exercício de atividades recreativas nos cursos d'água, poços e cachoeiras. A crescente implantação de infra-estrutura nos atrativos localizados em áreas privadas fortalece essa prática.

---

<sup>41</sup> Compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. MINISTÉRIO DO TURISMO (2006:13)

<sup>42</sup> Sendo conhecido também como “turismo de sol e mar”, “turismo litorâneo”, “turismo de praia”, “turismo de Sol e Praia”, “turismo costeiro”, esse segmento foi conceituado pelo Ministério do Turismo (2008, p.43) como “atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor”. BRAGA e PINTO (2009:18)

Podemos citar como exemplo o Poço Pari (Conceição do Mato Dentro), a ACM e a Serra Morena (Santana do Riacho).

- Turismo Esportivo<sup>43</sup>: o turista que visita a Serra do Cipó pode praticar em qualquer lugar da Serra esse segmento de turismo, pois depende do comportamento do visitante, por meio da a) prática - realização física da modalidade esportiva propriamente dita; b) do envolvimento - atividades e serviços relacionados à organização e operacionalização da prática e/ou apresentação esportiva e da c) observação - participação do turista como espectador, torcendo ou assistindo a apresentação de alguma modalidade esportiva.

- Turismo de Estudos e intercâmbio<sup>44</sup>: A Serra do Cipó teve, destacadamente, como primeiros visitantes foram professores e estudantes de botânica da USP, que desde a década de 1970 já freqüentavam a região. Atualmente a Serra se transformou em um grande campo de pesquisas para diversas outras Universidades e não só a botânica, mas a geologia, hidrografia, antropologia, sociologia e vários outros campos são estudados na região (figura 28).



Figura 28: Curso oferecido durante o Festival de Verão da UFMG de 2009.

---

<sup>43</sup> O Turismo de Esportes “compreende as atividades turísticas decorrentes da prática, envolvimento ou observação de modalidades esportivas”. MINISTÉRIO DO TURISMO (2006:23)

<sup>44</sup> As viagens motivadas por atividades educativas possuem diversas denominações, sendo comumente chamadas de “Turismo Educacional”, “Turismo de Intercâmbio”, “Turismo Educacional-Científico”, “Turismo Universitário”, “Turismo Pedagógico” ou “Turismo Científico”. Conforme o Ministério do Turismo este segmento “constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional.” (2008 p.19).

Todas as modalidades de turismo apresentadas têm suas necessidades de infra-estrutura, público alvo, mão-de-obra e, por isso, marcam de formas diferenciadas os espaços onde acontecem. Sendo, portanto, um importante fator em como o turismo atua na fragmentação da região da Serra do Cipó.

### 5.2.3 – Sobre a ação do Poder público

Sobre as políticas públicas é difícil imaginar um futuro para o turismo que seja menos predatório na Serra do Cipó. Tanto a sociedade, quanto os pesquisadores que planejam e teorizam formas de desenvolvimento, o fazem muito dependentes da ação do Estado. Um exemplo disso pode ser visto no texto *Turismo rural e responsabilidade ambiental e ecológica no espaço rural brasileiro*, quando VEZZANI aponta, de forma superficial, que:

A garantia da sustentabilidade do desenvolvimento turístico necessita que algumas condições sejam cumpridas, tais como: a participação da sociedade local no desenvolvimento da atividade; a limitação das capacidades de carga dos atrativos – naturais e socioculturais; atuação sobre as infra-estruturas e equipamentos, adaptando-as aos recursos turísticos a fim de preservá-los contra possíveis agressões, dentre outros. VEZZANI (2008: 33)

Em quais etapas da implantação de um projeto turístico a população poderia opinar nas questões que realmente importam como a dimensão dos empreendimentos (resorts, pousada, hotel), atividades que serão ofertadas para os turistas, melhorias na estrutura da localidade (água, luz, esgoto, segurança, vias de acesso), capacitação da mão de obra (como impedir que pessoas de fora fiquem com os melhores empregos e oportunidades). A resposta para esta pergunta pode ser vista em praticamente todos os núcleos rurais onde o turismo acontece - é o dinheiro das pessoas que investem em restaurantes e pousadas que ditam o ritmo das transformações sócio espaciais, bem como o fluxo e perfil dos turistas. Outra visão muito comum é a que o turismo vai ajudar a “desenvolver” o município, sendo citados como pontos positivos:

... A melhoria nas condições de vida da população local; contribuição para a reativação econômica de zonas deprimidas; geração de rendas complementares; incorporação do trabalho remunerado da mulher; estabilização da população local ao campo; manutenção das atividades agropecuárias e artesanais; manutenção e recuperação do patrimônio arquitetônico tradicional; conservação do meio ambiente; e enriquecimento cultural da população local. VEZZANI (2008:33)

Percebe-se que, ao afirmar que o turismo induz a uma “melhora nas condições de vida”, ou que o mesmo serviria para manter a população nas áreas rurais, é notável que a autora ignora fenômenos como a especulação imobiliária, de aculturação e a descaracterização do padrão de construções com a inclusão de diferentes elementos trazidos pelos moradores. Novamente a questão ambiental é trazida como benefício, mas sem se explicar o que fazer com o aumento na produção de lixo e esgoto, poluição sonora, já que a maioria das localidades rurais não possui sistema de tratamento de esgoto e de coleta de lixo.

Fica claro que, na conjuntura atual, só o Estado poderia atuar na fiscalização, planejamento e estruturação do turismo em localidades rurais; mas como contar com a participação de um órgão que geralmente é ausente? São raros os casos em que os moradores se organizaram em associações para gerir seu território. Mas isso, como já foi exposto, é em parte, fruto do resultado de anos de abandono do Estado que, ao privar os moradores de educação, estruturas e até mesmo formas para eles administrarem suas propriedades rurais de maneira rentável, os deixou a mercê dos interesses de pessoas com outro modo e ritmo de vida assumisse o controle do território onde vivem.

O que restou para a população foi acompanhar a falta de planejamento e o processo de auto-organização da região, que culminou na distribuição desigual da visitação, infraestrutura e impactos. Fato esse já apontado por OURIQUES (2005:137), quando o autor ressaltou o fato de que a *ação do poder público acaba beneficiando as forças do capital*, como podemos observar nos processos ocorridos na Serra, como a pavimentação de estradas.

Outra autora, CORIOLANDO (1998), revela a estreita ligação entre o turismo e o capital, ao afirmar que o turismo pode servir para *aproveitar a capacidade, muitas vezes ociosas, das comunidades, como elemento iniciador de um processo que pode vitalizar algumas regiões, oferecendo, assim, subsídios concretos para o desenvolvimento regional e local*. Vemos na fala da autora uma visão comum no Brasil, ao considerar o modo de vida das áreas rurais como pobres, ou estagnadas economicamente.

Ainda existe pouco reconhecimento sobre como conciliar alternativas de renda com cultura e modo de vida dessas populações consideradas “pobres”, ou “estagnadas economicamente”. Pois a chegada do turismo, invariavelmente, implica em mudança no modo de vida dessas mesmas populações. Concordo, em parte, com a visão de Rodrigues (2000), que poderá que o turismo:

Produz territórios, da mesma forma como todas as demais atividades do modo industrial de produzir mercadorias e, em sua essência, é insustentável, pois temos que levar em conta que toda a produção é ao mesmo tempo destruição, ou seja, trata-se de chamada produção destrutiva. RODRIGUES (2000:172)

Acredito que o turismo causa transformação e não simplesmente destruição nas localidades onde ele se estabelece como atividade econômica. Temos assim um ciclo de produção e/ou transformação espacial, não simplesmente de destruição. E é retomando a visão de que as transformações em curso na Serra fazem parte de ciclos de reprodução de alguns processos que partiremos para a etapa de conclusão.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar do calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver. (KLINK, 1998)

Acredito que o maior aprendizado que tive foi querer enxergar e entender a Serra simplesmente como Serra do Cipó. Tentei escapar do perigoso caminho de ir para os trabalhos de campo para comprovar conceitos e teorias já estabelecidas, pois isso me faria meramente procurar evidências sobre hipóteses pré-definidas, ao invés de tentar entender o que aconteceu e acontece lá. Até mesmo as poucas verdades sobre a serra que foram motivadoras dos primeiros passos foram revistas depois do início dos trabalhos de campo, principalmente por perceber que existiam quatro sub-regiões na Serra e não as três que deram origem aos trabalhos dessa dissertação.

Ciente das várias armadilhas que adotar a complexidade como base metodológica me impuseram, acredito que ter como pano de fundo a idéia de ciclos apresentada no tetrálogo foi o fio condutor que possibilitou trabalhar em um primeiro momento o que é a Serra do Cipó para depois analisar como o turismo acontece e é percebido. Outro bom recurso oferecido pelo método foram as variações das escalas de análise. Pude trabalhar na escala macro, analisando a totalidade da Serra do Cipó; na escala micro, analisando os municípios que a compõem; e, ao final o entendimento das partes de do todo me possibilitar chegar até o conceito das sub-regiões, uma escala intermediária entre as duas primeiras adotadas.

Apesar de estar inserida em diversos movimentos e tendências globais, os lugarres, de formar geral, mantém e tem em si particularidades que vão além de quaisquer teorias. Lembro que o primeiro mapa regional tinha o PARNASC em destaque, mas ele isolado não é o elemento mais importante para que exista a Região da Serra do Cipó. Até mesmo os municípios Santana do Riacho, Jaboticatubas, Conceição do Mato Dentro ou Santana do Pirapama, que trazem em si microcosmos do que é e acontece na Serra do Cipó, só têm essa imagem quando vistos dentro do conjunto com os outros vinte municípios identificados como a área de influência da Serra do Cipó.

O mesmo vale para os fatos históricos que, por si só, não tecem a rede de acontecimentos suficientes para delimitar uma região. Ver os ciclos históricos nos faz enxergar a área *core* Serra do Cipó novamente como ponto de passagem para a mineração, dessa vez, de ferro: Conceição do Mato Dentro, Serro, Alvorada de Minas e Morro do Pilar mais ao Norte, o pólo de Usinas a leste, no Vale do Aço. A mineração também ressurgiu com força ao sul no território ocupado pelo Circuito do Ouro em Gongonhas, Ouro Branco, Barão de Cocais, Raposos e Caeté.

Mas o que impressiona é a aparente falta de alternativas vistas para a região. Parece que todas as sub-regiões estão fadadas a passar por alguns dos mesmos problemas, ciente que devidos às particularidades de cada uma, eles ocorrerão em intensidades e tempos diferentes. Gostaria de afastar definitivamente a idéia simplista de “desenvolvimento” ou de “evolução”, uma sub-região como a “Sub-região de Fechados” não terá necessariamente que se transformar em um território com as mesmas características da “Sub-região de Cardeal Mota”, apesar das semelhanças nos processos, a idéia central não é a de que uma sub-região simplesmente se igualará às outras.

As sub-regiões não são, e nem serão iguais. Mas os processos a que todas foram, são e serão expostas se assemelham muito. E a falta de alternativas também. Salta aos olhos como as bandeiras do capitalismo praticamente exterminaram as outras possibilidades para a região: preservação, sustentabilidade, novos arranjos produtivos... Parece que nada escapou da batuta do capitalismo.

O avanço da região metropolitana, a criação do novo rodoanel, os mega projetos de condomínios de luxo e resorts, a melhoria de renda da população e as facilidades de acesso à Serra terão reflexos em praticamente toda a região. É provável que o contraste entre as áreas privadas, com grande visitação, oferta de serviços e estrutura para receber os turistas, se contraste cada vez mais com as UC's e distritos/povoados sem acesso pavimentado onde a visitação continuará restrita e sem condições de atender aos visitantes mais exigentes.

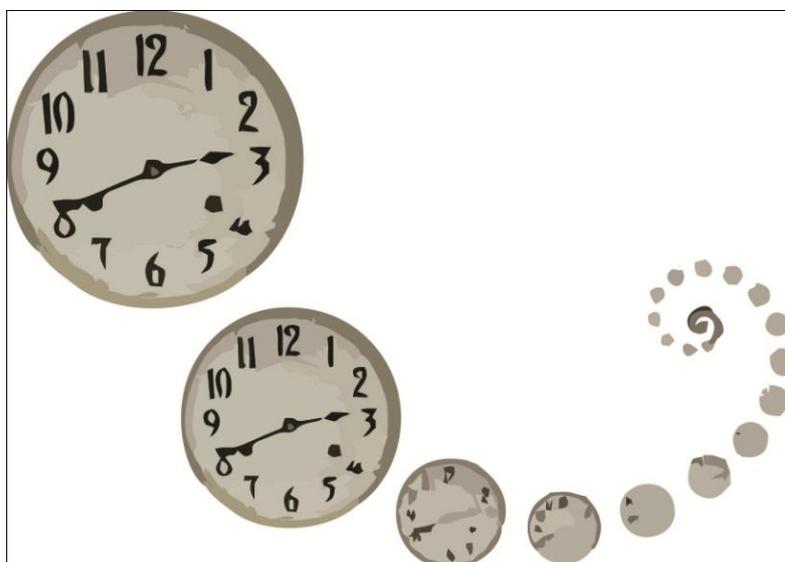
Acredito também que a população continuará a assistir a esse processo passivamente e, em alguns casos, eufórica com o “desenvolvimento” e mudanças trazidas pelos novos empreendimentos, moradores e visitantes. De todos os municípios que eu visitei, nos povoados e distritos, as mudanças são vistas com bons olhos. A população esquecida há anos pelo Estado não vislumbrava um caminho melhor para fugir do duro trabalho no

campo, ou de alguma alternativa para não ver seus filhos mudando para outras cidades em busca de emprego.

O Estado e a sociedade, ou melhor, todos nós, ao invés de possibilitar que os moradores do campo conhecessem a modernidade através de tecnologias e técnicas que facilitassem e melhorassem seu trabalho, conheceram apenas a face voraz mostrada pelo capital.

Apesar de não tratar desse assunto ao longo do trabalho, é difícil imaginar alguma possibilidade para a melhoria de vida dos moradores da Serra do Cipó que não seja a educação. Em todos os processos, problemas e ciclos ou em todos os atores, sejam eles moradores, gestores públicos, turistas, a falta de educação é evidente. Não há outra forma para fortalecer as comunidades, as associações, sensibilizar funcionários dos órgãos públicos, os empresários sem a educação. Dessa forma os elementos do tetrálogo seguem mantendo as velhas estruturas, mesmo que mudem os atores e as áreas onde isso ocorre dentro da região. A Serra do Cipó continua, dessa forma, a repetir ciclos de exploração vistos no Brasil e repete os seus próprios, através do avanço do turismo em suas sub-regiões.

A formatura da primeira turma do curso técnico de Turismo e Meio Ambiente, ofertado em uma escola Estadual em Cardeal Mota, área core da Serra do Cipó, sinaliza que existem também movimentos, mesmo que em fase inicial, na busca por um futuro diferente. O início de um processo de Desordem que vai contra a repetição dos ciclos citados ao longo de todo esse trabalho.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALENCAR, André; LOPES, Ângelo; PRATA, Carolina; KOPKE, Cláudia; TORRES, Izabella A; VELOSO, Jaylhane; ANTONIO, José; BORGES, Júnia; LOPES, Lucas B; ROSA, Liliane; RAMALHO, Olívia; CHAVES, Otávio; MARTINS, Ticiane. **Turismo e Meio Ambiente: Morro do Pilar/MG**. Trabalho final da disciplina Turismo e meio ambiente, do curso de graduação em Turismo da UFMG, 2009.
- ANJOS, F. A e VIANA, L. J. T. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, Paraná; vol. 1, nº. 1, p. 84-102, 2008.
- ALVES, Márcio Resende F., DINIZ José Eustáquio. **D. João VI e o genocídio dos índios botocudos**; XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu- MG, 2008.
- ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes. **A Produção do espaço pelo turismo: Os conflitos e significados das ações do turismo na paisagem de Maria da Fé - MG**, Dissertação de mestrado IGC-UFMG, 2005.
- AVILÉS, P.R; REQUENA, J.c. **Uma oportunidade para as zonas rurais desfavorecidas?** Revista Leader Magazine. Outono, 1993, nº4, p7-9, Lisboa.
- BARBOSA, Maria Flávia P; GONTIJO, Bernardo M; COELHO, Marina F. **A transformação ambiental na vertente oriental da Serra do Cipó/ MG: Análise comparativa da pressão do turismo em Serra dos Alves e Cabeça de Boi**. In: Anais do 10º Encontro Nacional de Turismo com Base Local. João Pessoa: UFPB, 2007.v.1.
- BEDIM, Bruno P. **O processo de intervenção social do turismo na Serra de Ibitipoca (MG): simultâneo e desigual dilema camponês no “paraíso do capital”**. Dissertação de mestrado em geografia. IGC-UFMG, 2008.
- BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2001.
- BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae. Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Homens**. 3a ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- BRAGA, Solano de S.; PINTO, Valéria B. **(Im) Possibilidades para pesquisas sobre Turismo no Espaço Rural**. Anais do 2º Simpósio O rural e O urbano no Brasil/UERJ. 2009. Rio de Janeiro, RJ.
- BRAGA, Solano de Souza; GONTIJO, Bernardo M; ALVES, Carla da Costa; ARRUDA, Heveline O. M.; et al. **Turismo e Meio ambiente – Estudo de caso: Lapinha da Serra**, Anais do 2º EMEHTUR – 2º Encontro Mercocidades de Ensino de Hotelaria e Turismo; Belo Horizonte – MG, 2004.

BRAGA, Solano de Souza; GONTIJO, Bernardo Machado. **O turismo como vetor de transformações sócio-espaciais: uma análise complexa das três sub-regiões da Serra do Cipó - MG**. XIII SBGFA - Simpósio Brasileiro de Geografia física Aplicada, 2009, Viçosa. In: XIII SBGFA - a Geografia física e as dinâmicas de apropriação da natureza, 2009. p. 1-6.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. **Marcos conceituais**. Brasília, 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. **Turismo rural: orientações básicas**. Brasília, 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. **Diretrizes para o desenvolvimento do Turismo rural no Brasil**. Brasília, 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. **Ecoturismo: orientações básicas**. Brasília, 2008.

BURTON, Richard. **Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

CABRAL, Luiz O. **Revisiting the notions of space, place, landscape and territory in a geographic perspective**. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, Abril e Outubro de 2007

CIRCUITO DOS DIAMANTES. Sítio eletrônico: [www.circuitodosdiamantes.com.br](http://www.circuitodosdiamantes.com.br). 15/12/2010

CROSBY, Arturo; Morede, Adela. **Desarrollo y gestión del turismo en áreas rurales y naturales**. Centro Europeo de Formación Ambiental y Turística – Madrid, 1996.

EPLERWOOD INTERNATIONAL. **Diagnóstico de Turismo de Natureza – Destino Serra do Cipó – Estrada Real, Minas Gerais, Brasil** (2007). Disponível em [www.eplerwood.com](http://www.eplerwood.com).

ESCHWEGE, Wilhelm L. von. **Pluto brasiliensis**. Berlin: G. Reimer, 1833. Tradução brasileira de Domício de F. Murta. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979. 2 v.

ESCHWEGE, Wilhelm L. von. **Jornal do Brasil, 1811 – 1817: ou relatos diversos do Brasil colectados durante expedições científicas**. Tradução: Friedrich E. Renger, Tarcísia Lobo Ribeiro e Günter Augustin. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002. Introdução de Friedrich E. Renger e Douglas Cole Libby.

FERREIRA, Raoni A; GONTIJO, Bernardo M; **Trekking: da aventura à possibilidade de desenvolvimento do Ecoturismo: Um olhar sobre duas travessias na Serra do Cipó/MG**. In: Anais do 2º Encontro Interdisciplinar de Ecoturismo em Unidades de Conservação/ Congresso Nacional de Ecoturismo, 2007, Itatiaia RJ.

FREITAS, Cláudia L. **Turismo, política e planejamento - Estudo do Circuito Turístico do Diamante no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais**, 2008, tese de doutorado ICG/UFMG.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem de população. Sistema de recuperação de informação municipal - **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, IBGE, 1996  
GARDNER, George. **Viagem ao Interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra do Cipó, 2009.

IEF/MG – Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais. Sítio eletrônico: [www.ief.mg.gov.br](http://www.ief.mg.gov.br). 10/12/2010

GOMES, P. C. C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

GONDOLO, Graciela Cristina Fernández. **Desafios em um sistema complexo à gestão ambiental – Bacia do Guarapiranga, região metropolitana de São Paulo**. FAPESP e ANNABLUME editora, São Paulo, SP, 1999.

GONTIJO, Bernardo Machado. **A Ilusão do Ecoturismo na Serra do Cipó/MG: O Caso de Lapinha**. Tese de Doutorado. Brasília: CDS/UnB, 2003.

GONTIJO, Bernardo Machado. **As portas abertas da serra do Cipó - Cadernos Manuelzão**, ano 2 – nº 3, Belo Horizonte – MG, 2007.

GONTIJO, Bernardo Machado; CASTRO, Julia. F. **Turismo na Serra do Cipó-MG: Uma análise das relações condicionantes entre turismo e meio ambiente**. In: Anais do 12º Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Natal: UFRN, 2007.v.1.p. 51-58.

GONTIJO, Bernardo Machado; LABRUNA, Márcio B. **Valorização turística e transformação do espaço: Estudo de caso do distrito de Ipoema Itabira/ MG**. In: Anais do 10º Encontro Nacional de Turismo com Base Local. João Pessoa: UFPB, 2007.v.1.p.738-749.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2º ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1997. p. 115-158.

GOULART, Eugênio M. A; **Nos ermos e nas brumas da Serra do Espinhaço**, Editora COOPMED, Belo Horizonte - MG, 2001.

GOULART, Eugênio M. A; **O Caminho dos Currais do Rio das Velhas - a Estrada Real do Sertão**, Editora COOPMED, Belo Horizonte - MG, 2008.

GUSSO, Neiva Tomazel; GONTIJO, Bernardo Machado; **Minas Novas de Velhas Histórias: Contextualização geográfica e sócio-econômica**. Monografia de conclusão de curso, IGC/UFMG, 1996.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Região, diversidade territorial e globalização**. Revista *GEOgraphia* – Ano. 1 – número 1 – 1999.

LABRUNA, Márcio. B.; GONTIJO, B. M. **O espaço turístico do distrito de Ipoema/Itabira – MG e suas transformações** (2005). Monografia de conclusão de curso - Especialização em Turismo Sustentável. IGC/UFMG.

LEONARDOS, Othon Henry; **Geociências no Brasil: a contribuição britânica**. 1º edição, 1970, Fórum Editora; Rio de Janeiro, RJ.

LOPES, Cristiana. G. F; GONTIJO, Bernardo M. **A dinâmica sócio-espacial do povoado de Lapinha: Uma análise espaço-temporal**. In: Anais do 12º Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Natal: UFRN, 2007.v.1.p. 323-342.

LOPES, Lucas B. **Análise da dinâmica sócio-espacial de Fechados, distrito de Santana do Pirapama, sob a ótica do turismo**. Monografia de conclusão do curso de bacharelado em Turismo – UFMG, 2010.

LUCHIARI, Maria T. Turismo e cultura no litoral caçara no litoral Norte paulista. In: Rodrigues, Adyr B. (Org.). **Turismo, modernidade e globalização**. São Paulo, Hucitec, 1997.

LUND, Peter W. Notícias sobre ossadas humanas fósseis achadas numa caverna do Brasil 1844a, in INL, **Memórias da Paleontologia Brasileira**. São Paulo: INL, 1950.

KLINK, Amyr. **Mar sem Fim: 360º ao redor da Antártica**. Ed. Companhia das Letras. 1998

KNIGHT, J. **Competing hospitalities in Japanese Rural Tourism**. In *Annals of Tourism Research*, Londres V.23, Reino Unido, 1996 p 165-180.

MAGALHÃES, João Carlos. **Emancipação político-administrativa de municípios no Brasil**, Departamento de Estudos Regionais e Urbanos (Dirur) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

MAGALHÃES, Cláudia Freitas; **A organização do Espaço turístico de municípios mineiros: Uma proposta metodológica**; dissertação de mestrado, IGC-UFMG 2000.

MAGALHÃES, Cláudia Freitas, **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**, São Paulo: Roca, 2002.

MARQUES, Isadora e COUTINHO, Mateus. **Santuário Ameaçado: importante para a revitalização do Rio das Velhas, o rio Cipó precisa de ajuda** – Cadernos Manuelzão, nº 59, ano 13, outubro de 2010.

MAWE, John, **Viagens ao Interior do Brasil**, Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1809.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 3a Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. 2a Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NAZARETH. **Serra do Cipó**, 2005.

NOGUEIRA, Marly. **Sete Lagoas: a dinâmica funcional de um lugar na rede urbana de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: UFRJ/IGEO, 2003. (Doutorado em Geografia).

OTTONI, Cristiano. **Serra do Cipó - Sempre Viva**. Editora Tavares. 2008.

OURIQUES, Helton R. **A produção do Turismo: fetichismo e Dependência**. Editora Alínea, 2005.

OXINALDE M. del R. **Ecoturismo – Nuevas formas de turismo en el espacio rural**. 1ª edição, 1994. Barcelona

PAULA, Elis Regina de; **Marketing Ecológico: uma nova Perspectiva para a Serra do Cipó**, monografia de conclusão de curso – Gestão estratégica/marketing, FACE-UFMG, 1996.

PEREIRA, Doralice Barros; ANDRÉ, Pierre; BRYANT, Christopher R. **La participation publique dans les unités de conservation, région de la Serra do Cipó au Minas Gerais, Brésil [manuscrito]**. 2002 xv, 206, xciv f. : + 1 mapa, color. Tese (doutorado) - Université de Montréal, Departement de Géographie, 2002.

POHL, Johan E. **Viagem no interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Ed. UnB, 1992.

PROUS, André. **Histórico das pesquisas no abrigo de Santana do Riacho e nos arredores (Serra do Cipó)**, in Arquivos do Museu de História Natural – UFMG. Belo Horizonte, vol. 12, tomo I: 61-66, 1991.

PROUS, André. As primeiras populações do Estado de Minas Gerais, in TENÓRIO, M.C. (Org.), **Pré-História da Terra *Brasilis***. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

PROUS, André. Agricultores de Minas Gerais, in TENÓRIO, M.C. (Org.), **Pré-História da Terra *Brasilis***. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

RODRIGUES, Adyr B. **Turismo: impactos socioambientais**. São Paulo, Hucitec, 1999

RUA, João. **Urbanidades e Novas Ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: Algumas Considerações Teóricas**. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (Org.). **Estudos de geografia fluminense**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Infobook, 2002. p. 27-42.

SAADI, A. **Ensaio sobre a morfotectônica de Minas Gerais**. Belo Horizonte: IGC/UFMG, Tese para admissão a cargo de Professor Titular, 1991.

SAADI, A. **A geomorfologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais e de suas margens**. Geonomos, Revista de Geociências, vol. III, N° 1, 41-63, 1995.

SAINT HILAIRE, Auguste. **Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SHIKIDA, Cláudio Djissey **Economia Política da Emancipação de Municípios em Minas Gerais**, Dissertação de mestrado; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

PAULA, Elis R. **Marketing ecológico: uma nova perspectiva para a Serra do Cipó**. Monografia de conclusão do curso de Gestão Estratégica/Marketing da FACE/UFMG, 1996.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul**; Educs, 2003.

SOARES, Dulce, MACHADO, Angelo B.M., SANTOS, Fábio M.C. e BRAGA, Pedro I. **Serra do Cipó**. 1ª reimpressão. São Paulo: Empresa das Artes Projetos e Edições Artísticas, 1992.

SPIX, J.B.von & MARTIUS, K.F.P.von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820/ Volume 2**. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000.

TELES, R. M. de S. **A importância do território na prática do planejamento turístico - reflexões acerca do Brasil**. In RUSCHMANN, D. V. M. e SOLHA, K. T. (orgs.) Planejamento Turístico. Barueri: Manole, 2006.

TSCHUDI, Johann Jakob von. **Viagens através da América do Sul / Volume 1**. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais. Belo Horizonte, MG, 2006.

VASCONCELLOS, M. José Esteves de. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. Campinas: Papirus, 2002.

VEZZANI, Marco A. **Turismo rural e responsabilidade ambiental e ecológica no espaço rural brasileiro**, Caderno Virtual de Turismo, volume 8, 2008.

WARMING, Eugênio. **Lagoa Santa e a vegetação de cerrados brasileiros**. Belo Horizonte: Itatiaia e São Paulo: EDUSP, 1973.

# 8. ANEXOS

---

8.1 - Reportagem sobre a mineração em Conceição do Mato Dentro.

8.2 - Histórico político administrativo dos municípios: principais decretos.

8.3 - Mosaico Cipó - Intendente; Henri Collet (PARNA Serra do Cipó) e Miguel Andrade (PUC-MG) no 1º Encontro de Mosaicos de Minas Gerais, 2010.

8.4 - Itens levantados no INVTUR que foram citados na dissertação.

8.5 - Ampliação do PARNASC.

8.6 - Turismo em Itambé do Mato Dentro.

8.7 - Projetos imobiliários na Serra do Cipó

8.8 - Folder de divulgação dos atrativos turísticos de Presidente Kubistchek

## 8.1 - Reportagem sobre a mineração em Conceição do Mato

# Disputa entre mineradoras e preservação deixa cidade em pé de guerra

Conceição do Mato Dentro pega literalmente em armas para negociar com mineradora britânica

Zulmira Furbino - Estado de Minas

Publicação: 28/03/2010 08:20 Atualização: 28/03/2010 10:36



Explosão na mina do grupo britânico próxima às casas de moradores da cidade: preços de terreno têm sido decididos na bala

Conceição do Mato Dentro - Conceição do Mato Dentro, a capital mineira do ecoturismo, instalada em meio aos biomas da mata atlântica e do cerrado, pode ser considerada, hoje, uma terra sem lei. Localizada na Região Central de Minas, no caminho da Estrada Real, famosa por festas típicas centenárias e por suas belíssimas cachoeiras, integrante do circuito de produção do queijo Serro - tombado como primeiro Patrimônio Imaterial de Minas Gerais pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha) -, a cidade vive o dilema entre a preservação de sua vocação cultural e turística e a atividade mineradora, trazida primeiro pela MMX, do bilionário Eike Batista, e agora pelo grupo inglês Anglo Ferrours, que comprou o negócio.

De um lado, a mineração promete engordar o caixa do município por meio do aumento da arrecadação de impostos e do pagamento de royalties em mais de R\$ 30 milhões ao ano. De outro, a preocupação com o meio ambiente e com o [crescimento](#) sustentado é crescente, já que a cidade está na Serra do Espinhaço. Os pequenos proprietários de terra reclamam que estão sendo pressionados e acuados para vendê-las. A especulação imobiliária rural no município ganhou contornos irracionais, chegando ao conflito armado.

Foi o que ocorreu na comunidade de Água Santa, localizada ao pé da Serra da Ferrugem. Aécio Lopes Vieira, técnico em agropecuária, conta que há três anos Sebastião Simões Pimenta, 46 anos, conhecido como Tião, e sua família, montaram uma barricada armada para impedir a passagem dos carros da Anglo na propriedade onde vivia com a mãe, de 91 anos. A empresa teria dado o troco proibindo-o de usar uma trilha habitual que cortava caminho para um distrito vizinho, o Sapo, também usando homens armados. Felizmente, nenhum tiro foi trocado.

O resultado da escaramuça é que Tião teria conseguido R\$ 2,4 milhões pela [venda](#) do terreno. O ex-proprietário das terras, porém, fala numa cifra menor: R\$ 1,4 milhão. Acredita, contudo, que vendeu barato. "Eu queria ter vendido por R\$ 6 milhões", garante. A polaridade de posições e a cobiça despertada pelas negociações feitas com vizinhos e parentes são um dos ingredientes que alimentam a tensão vivida na região. Depois de [vender](#) o terreno, Tião alugou uma casinha vizinha - sem banheiro e sem pia na [cozinha](#) - e continua a viver como se não tivesse ganho um tostão. "Ganhei o dinheiro, mas está pior do que antes. Aqui não tem nem banheiro dentro de casa. Não consigo comprar uma terra porque o preço está muito alto", reclama.

De fato, é impossível saber o preço de uma gleba nas imediações do município. "Antes da mineração, o hectare custava entre R\$ 500 a R\$ 1 mil. Hoje, a Anglo colocou o preço da área que é prioridade para ela entre R\$ 12 mil e R\$ 15 mil", diz Aécio Vieira. Exemplo vivo dessa montanha russa é José Santos Pereira, 78 anos, o seu Zezeco. Há três anos, ele se separou, dividiu suas terras ao meio com a ex-mulher e vendeu sua parte - cinco hectares - para a Anglo por R\$ 100 mil. A ex, Maria Soares Pimenta, ficou com sua metade, que vendeu há três meses por nada menos do que R\$ 920 mil. Para sua sorte, seu Zezeco só tinha recebido a metade do dinheiro porque esperava a averbação do divórcio para ter acesso ao restante. Agora, vai receber R\$ 330 mil no lugar dos R\$ 50

mil que tinham ficado para trás.

Enquanto isso, na cidade, a preocupação com o crescimento sustentado causa dor de cabeça até mesmo naqueles que estão ganhando dinheiro com a mudança de foco econômico do município. Em 2008, a reeleição do prefeito, Breno José de Araújo Costa, foi anulada e o mesmo aconteceu com a seguinte, na qual foi eleito o filho do político, Breno Filho. Resultado: a cidade está acéfala. Ocupa o posto interino de chefe do executivo a vereadora e presidente da Câmara, Nelma Lúcia Cirino de Carvalho, que não sabe de cor nem o valor do Produto Interno Bruto (PIB) nem o da arrecadação municipal. Até agora, não há projetos de infraestrutura para preparar Conceição do Mato Dentro para o crescimento que já começou a chegar. "Essa é uma situação nova para mim. Não esperei em nenhum momento assumir a prefeitura. Não foi nada fácil", desabafa.

O vice-presidente da Associação Comercial e Empresarial de Conceição do Mato Dentro, José Antônio Pimenta Filho, reconhece que a chegada de novas empresas à cidade é um ponto positivo, mas afirma que tentou se aproximar da Anglo para obter dados como o número de trabalhadores que já aportaram no município, porém sem sucesso. "Só a RG (construtora) teria trazido 400 homens. Já são 20 prestadoras de serviço na cidade", calcula. Ele também tentou promover um encontro de empresários da cidade que atuam em outros locais do Brasil, mas não houve interlocução. "A única parceria com a empresa é o Plano de Desenvolvimento de Fornecedores, mas ele é para inglês ver. A empresa está aqui há cinco anos e nada fez pela cidade", sustenta. De acordo com ele, a mineração concentra renda, mas beneficia poucos. E ainda traz problemas sociais. "A Anglo está gerando empregos primários, mas nossa periferia tem problemas muito sérios, como alcoolismo e drogas. O índice de violência aqui é muito alto", diz.

No pico da obra, o número de habitantes da cidade terá saltado de 19 mil para 23 mil pessoas. Por enquanto, de acordo com Carlos Gonzales, diretor de operações da mineradora, são apenas 800 pessoas contratadas pelas empresas prestadoras de serviço. Além disso, há cerca de 50 funcionários diretos da própria Anglo Ferrous. "A empresa não vai implantar em Conceição um projeto que não seja sustentável porque não vou aceitar. Eu sou o dono do projeto. Conceição não será como Itabira", afirma.



População teme degradação ambiental e aumento da violência com novas empresas

## **8.2 - Histórico político administrativo dos municípios: principais decretos.**

Todas as informações são baseadas em textos do IBGE e a Enciclopédia Mineira de Municípios. Os municípios estão dispostos em ordem alfabética.

### **Alvorada de Minas**

Distrito criado com a denominação de Santo Antônio do Rio do Peixe, pela lei provincial nº 209, de 07-04-1891, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Serro. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Santo Antônio do Rio do Peixe figura no município de Serro. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Santo Antônio do Rio do Peixe permanece no município de Serro. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Elevado à categoria de município com a denominação de Alvorada de Minas (ex-Santo Antônio do Rio do Peixe), pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, desmembrado de Serro. Sede no atual distrito de Alvorada de Minas (ex-Santo Antônio do Rio do Peixe). Constituído de 3 distritos: Alvorada de Minas, Itapanhoacanga (ex-São José de Itapanhoacanga) e Deputado Augusto Clementino, os dois primeiros desmembrados de Serro o terceiro criado pela esta mesma lei acima citada. Instalado em 01-03-1963.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 3 distritos: Alvorada de Minas, Deputado Augusto Clementino e Itapanhocanga. Por resolução nº 30, de 27-10-1966, o distrito de Deputado Augusto Clementino foi transferido do município de Alvorada de Minas para o de Serro. Em divisão territorial datada de 1-I-1979, o município é constituído de 2 distritos: Alvorada e Itapanhoacanga. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Baldim**

Distrito criado com a denominação de Pau Grosso, pela lei provincial 2002, de 15-11-1873 e por lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Santa Luiza do Rio das velhas. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Pau Grosso, figura no município de Santa Luiza do Rio das Velhas.

Pela lei estadual nº 703, de 17-09-1917, o distrito de Pau Grosso passou a chamar-se de Baldim. Nos quadros de apuração do recenseamento geral I-IX-1920, o distrito de Baldim ex-Pau Grosso, figura no município de Santa Luzia do Rio dos Velhas. Pela lei estadual nº 860, de 09-09-1924, o município de Santa Luzia do Rio das Velhas passou a denominar-se simplesmente Santa Luzia. Em divisão

administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Baldim, figura no município de Santa Luzia do Rio das Velhas.

Assim permanecendo em divisões territoriais datada de 31-XII-1736 e 31-XII-1737. Pelo decreto lei estadual nº 148, de 17-12-1938, o distrito de Baldim deixa de pertencer ao município de Santa Luzia para ser anexado ao município de Jaboticatubas. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Baldim, figura no município de Jaboticatubas.

Elevado á categoria de município com a denominação de Baldim de pela lei estadual nº 336, de 27-12-1948, desmembrado de Jaboticatubas. Sede no antigo distrito de Baldim. Constituído de 2 distritos: Baldim e São Vicente, criado pela lei que criou o município. Instalado em 01-01-1949. Em divisão territorial datada I-VII-1950, o município é constituído de 2 distritos: Baldim e São Vicente.

Pela lei estadual nº 1039, de 12-12-1953, é criado o distrito de Amanda ex-povoado e anexado ao município de Baldim. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Baldim, Amanda e São Vicente. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

## **Caeté**

Distrito criado com a denominação de Vila Nova da Rainha, por carta régia de 16-02-1724, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891. Elevado à categoria de vila com a denominação de Vila Nova da Rainha, em 29-01-1714, pelo governador do D. Braz Balthazar da Silveira. Instala em 14-02-1714. Pela resolução de 30-06-1833, a vila é extinta.

Elevado novamente á categoria de vila com a denominação de Caeté, pela lei provincial nº 171, de 23-03-1840, desmembrado do município de Sabará. Sede na antiga povoação de Vila Nova da Rainha. Constituído do distrito sede. Elevado á condição de cidade com a denominação de Caeté, pela lei provincial nº 1258, de 25-11-1865. Pela lei provincial nº 2709, de 30-11-1880, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Morro Vermelho e anexado ao município de Caeté.

Pela lei estadual nº 113, de 20-06-1890, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de União e anexado ao município de Caeté. Pela lei estadual nº 2, de 14-09-1891, são criados os distritos de Cuiabá e Penha e anexados ao município de Caeté. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 7 distritos: Caeté, Cuiabá, Morro Vermelho, Penha, União, Roças Novas, Taquarassu este dois últimos desmembrados do município de Sabará. Assim permanecendo nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920.

Pela lei estadual nº 843, de 07-09-1923, desmembra do município de Caeté o distrito de Cuiabá transferido para o município de Sabará. Pela referida lei estadual é criado o distrito de Antônio dos Santos com terras desmembradas dos distritos de Penha e Roças Novas e anexado ao município de Caeté. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 7 distritos: Caeté, Antônio dos Santos, Morro Vermelho, Penha, Roças Novas, Taquarassu e União. Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo decreto-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, os distritos de Penha passou a denominar-se Penedia e União a chamar-se União de Caeté. E ainda pelo mesmo decreto o distrito de Taquarassu passou a grafar Taquaraçu. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 7 distritos: Caeté, Antônio dos Santos, Morro Vermelho, Penedia (Penha), Roças Novas, Taquaraçu (ex-Taquarassu) e União de Caeté (ex-União).

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de 7 distritos: Caeté, Antônio dos Santos, Morro Vermelho, Penedia, Roças Novas, Taquaraçu, e União de Caeté. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Pela lei estadual nº 2764, de 31-12-1962, desmembra do município de Caeté os distritos de Taquaraçu. Elevado á categoria de município coma denominação de Taquaraçu de Minas e União de Caeté. Elevado á categoria de município com a denominação José de Melo. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 5 distritos: Caeté, Antônio dos Santos, Morro Vermelho, Penedia e Roças Novas. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Conceição do Mato Dentro**

Distrito criado com a denominação de Conceição do Serro, por alvará, de 16-01-1750 e por lei estadual nº 2, de 14-01-1891. Elevado à categoria vila com denominação de Conceição do Sêrro, pela lei provincial nº 171, de 23-03-1840, desmembrado do município de Sêrro. Sede na antiga povoação de Conceição do Serro. Constituído do distrito sede. Instalada em 12-03-1842. Elevado à condição de cidade com a denominação de Conceição do Sêrro, pela lei provincial nº 533, de 10-10-1851.

Pela lei provincial nº 778, de 30-05-1856, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Nossa Senhora do Porto de Guanhões e anexado ao município de Conceição do Sêrro. Pela lei provincial nº 902, de 08-06-1858, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Tapera e anexado ao município de Conceição do

Sêro . Pela lei provincial nº 1031, de 06-07-1859, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Itambé e anexado ao município de Conceição.

Pela lei provincial nº 1114, de 16-10-1861, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Santana dos Fechados e anexado ao município de Conceição do Sêro. Pela lei provincial nº 1718, de 05-10-1870, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de São Domingos do Rio do Peixe e anexado ao município de Conceição do Sêro. Pela lei provincial nº 1881, de 15-07-1872, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Paraúna e anexado ao município de Conceição do Sêro

Pela lei provincial nº 2103, de 04-01-1875, e lei estadual nº2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Santo Antônio do Rio Abaixo e anexado ao município de Conceição do Sêro. Pela lei provincial nº 2218, de 05-06-1876, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de São Sebastião do Rio do Preto e anexado ao município de Conceição do Sêro. Pela lei provincial nº 2420, de 05-11-1877, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Córregos e anexado ao município de Conceição do Sêro. Pela lei estadual nº 2, de 14-09-1891, foram criados os distritos de Brejaúba, Congonhas do Norte, Morro do Gaspar Soares e anexado ao município de Conceição do Sêro.

Pela lei estadual nº 556, de 30-08 1911, é criado o distrito de Passabém e anexado ao município de Conceição do Sêro. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município Conceição do Sêro e se constituí de 14 distritos: Conceição do Serro, Brejauba, Congonhas do Norte, Córregos, Fechados (ex-Santana dos Fechados), Itambé do Mato Dentro (ex-Itambé), Morro do Gaspar Soares, Paraúna, Passabém, Porto de Guanhões (ex-Nossa senhora do Porto de Guanhões), Santo Antônio do Rio Abaixo, São Domingos do Rio Peixe e São Sebastião do Rio Preto e Tapera.

Nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920, o município aparece constituído de 14 distritos: Conceição do Sêro, Brejauba, Congonhas do Norte, Córregos, Fechados, Itambé do Mato Dentro, Morro do Pilar (ex-Morro do Gaspar Soares), Paraúna, Santo Antônio do Rio Abaixo, Santo Antônio da Tapera ex-tapera, São Domingos (ex-São Domingos do Rio do Peixe), Passabém, São Sebastião do Rio Preto, Nossa Senhora do Porto de Guanhões (ex-Porto de Guanhões).

Pela lei estadual nº 843, de 07-09-1923, o município de Conceição do Sêro passou a denominar-se simplesmente Conceição, o distrito de Brejaúba a denominar-se São José de Brejaúba, Passabém a chamar-se São José do Passa Bem. Pela referida lei o distrito de Nossa Senhora do Porto de Guanhões, foi transferido do município de Conceição (ex-Conceição do Serro) para o município de Guanhões. E,

ainda, é criado o distrito de Viamão, com território desmembrado do distrito sede do município de São Domingos do Rio do Peixe. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 14 distritos: Conceição, Congonhas do Norte, Córregos, Fechados, Itambé (ex-Itambé do Mato Dentro), Morro do Pilar, Paraúna, Passa Bem (ex-São José do Passa Bem), Santo Antônio do Rio do Abaixo, São Domingos do Rio do Rio do Peixe, São José de Brejaúba, São Sebastião do Rio Preto, Tapera e Viamão. Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pela lei estadual nº 88, de 30-03-1938, o distrito de Passa Bem volta a denominar-se São José do Passa Bem e o distrito de Tapera a denominar-se Santo Antônio da Tapera. Pelo decreto-lei estadual nº 148, de 17-12-1938, desmembra-se do município de Conceição os distritos de São Domingos do Rio do Peixe e Viamão, para formar o novo município com a denominação de **Dom Joaquim**. E, ainda, desmembra do município Conceição o distrito de Itacuru, para constituir o novo município com a denominação de **Santa Maria de Itabira**. O distrito de São José de Brejaúba voltou a denominar-se simplesmente Brejaúba o distrito de Paraúna a chamar-se Costa Sena, o distrito de Santo Antônio da Tapera teve sua denominação de alterada para Santo Antônio do Norte. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 12 distritos: Conceição, Brejaúba (ex-São José de Brejaúba), Congonhas do Norte, Córrego, Costa Sena (ex-Paraúna), Fechados, Itambé, Morro do Pilar, Santo Antônio do Rio Abaixo, São José do Passa Bem (ex-Passa Bem), São Sebastião do Rio Preto e Tapera.

Pelo decreto-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, o município de Conceição passou a denominar-se Conceição do Mato Dentro. Pelo mesmo decreto-lei estadual desmembra do município de Conceição do Mato Dentro os distritos de Passabém (ex-São José do Passa Bem) e Itacuru (ex-Itambé), para formar o novo município de Santa Maria de Itabira. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 10 distritos: Conceição do Mato Dentro, Brejaúba, Congonhas do Norte, Córregos, Costa Sena, Fechados, Morro do Pilar, Santo Antônio do Norte (ex-Tapera), Santo Antônio do Rio Abaixo e São Sebastião do Rio Preto.

Pela lei nº 1039, de 12-12-1953, desmembra do município de Conceição do Mato Dentro o distrito de **Morro do Pilar**. Elevado á categoria de município. Pela lei nº 336, de 27-12-1949, é criado o distrito de Itacolomi e anexado ao município de Conceição de Mato Dentro. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 10 distritos: Conceição do Mato Dentro, Brejaúba, Congonhas do Norte, Córregos, Costa Sena, Fechados, Itacolomi, Santo Antônio do Norte, Santo Antônio do Rio Abaixo, São Sebastião do Rio Preto.

Pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, desmembra do município de Conceição do Mato Dentro os distritos de **Congonhas do Norte**, Santo Antônio do Rio Abaixo e São Sebastião do Rio Preto. Elevados à categoria de município. E sob a mesma lei cria o distrito de São Sebastião do Bonsucesso e anexado ao município de Conceição de Mato Dentro. O distrito de Fechados foi transferido do município de Conceição de Mato Dentro para ser anexado ao município de Santana de Pirapama. Em divisão territorial datada de 1-I-1979, o município é constituído de 7 distritos: Conceição de Mato Dentro, Brejaúba, Córregos, Costa Sena, Itacolomi, Santo Antônio do Norte e São Sebastião do Bonsucesso. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2001.

Pela lei nº 1741, de 30-09-2003, é criado o distrito de Tabuleiro do Mato Grande e anexado ao município de Conceição do Mato Grande. Pela lei nº 1742, de 30-09-2003, é criado o distrito de Ouro Fino do Mato Dentro e anexado ao município de Conceição do Mato Grande Mato. Pela lei nº 1757, de 30-09-2003, é criado o distrito de Senhora do Socorro e anexado ao município de Conceição do Mato Grande. Em divisão territorial datada de 2003, o município é constituído de 10 distritos: Conceição do Mato Dentro, Brejaúba, Córregos, Costa Sena, Itacolomi, Ouro Fino do Mato Dentro, Santo Antônio do Norte, São Sebastião do Bonsucesso, Senhora do Socorro e Tabuleiro do Mato Dentro. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Congonhas do Norte**

Distrito criado com a denominação de Congonhas do Norte, pela lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Conceição do Sêro. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Congonha do Norte, figura no município de Conceição do Sêro. Assim permanecendo nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920, Pela lei estadual nº 843, de 07-09-1923, o município de Conceição do Sêro, teve sua denominação simplificada para Conceição.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Congonhas do Norte, figura no município de Conceição (ex-Conceição do Sêro). Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937. Pela lei decret-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, o município de Conceição tomou o nome de Conceição do Mato Dentro. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Congonhas do Norte, figura no município de Conceição do Mato Dentro (ex-Conceição). Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Elevado à categoria de município com a denominação de Congonhas do Norte, pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, desmembrado de Conceição do Mato

Dentro. Sede no antigo distrito de Congonhas do Norte. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-03-1963. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Itabira**

Distrito criado com a denominação de Itabira de Mato Dentro, pelo Alvará de 25-01-1827, e Lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Caeté. Elevado à categoria de vila com a denominação Itabira de Mato Dentro, pela Resolução de 30-06-1833, desmembrado de Caeté. Sede na antiga povoação de Itabira de Mato Dentro. Constituído do distrito sede. Instalado em 07-10-1833. Elevado à condição de cidade com a denominação de Itabira, pela Lei provincial nº 374, de 09-10-1848.

Pela Lei provincial nº 384, de 09-10-1848, e Lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de São José da Lagoa e anexado ao município de Itabira. Pela Lei provincial nº 1635, de 15-09-1870, e Lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Carmo de Itabira e anexado ao município de Itabira. Pela lei provincial nº 1758, de 01-04-1871, e Lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Santa Maria e anexado ao município de Itabira.

Pela Lei municipal nº 26, de 23-05-1894, e Lei municipal nº 214, de 07-09-1901, é criado o distrito de Aliança e anexado ao município de Itabira. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 5 distritos: Itabira, Aliança, Carmo de Itabira, Santa Maria, São José da Lagoa. Nos quadros de apuração do recenseamento geral de I-IX-1920, o município é constituído de 5 distritos: Itabira, Aliança, Nossa Senhora de Itabira (ex-Carmo de Itabira), Santa Maria, São José da Lagoa. Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo Decreto-lei estadual nº 148, de 17-12-1938, desmembra do município de Itabira o distrito de São José da Lagoa. Elevado à categoria de município com a denominação de Presidente Vargas. Ainda pelo mesmo decreto-lei altera os distritos: Santa Maria para Santa Maria de Itabira e Nossa Senhora de Itabira para Senhora do Carmo. No quadro fixado para vigorar no período 1939-1943, o município é constituído de 4 distritos: Itabira, Aliança, Santa Maria de Itabira (ex-Santa Maria) e Senhora do Carmo (ex-Nossa Senhora do Carmo).

Pelo Decreto-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, o município de Itabira passou a denominar-se Presidente Vargas e o distrito de Aliança a chamar-se Ipoema. Ainda pelo mesmo decreto-lei desmembra do município de Itabira o distrito de Santa

Maria do Itabira. Elevado à categoria de município. Pelo Decreto nº 2430, de 05-03-1947, o município de Presidente Vargas voltou a denominar-se Itabira. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Itabira (ex-Presidente Vargas), Ipoema e Senhora do Carmo. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Itambé do Mato Dentro**

Distrito criado com a denominação de Itambé de Mato Dentro, pela Lei provincial nº 1031, de 06-07-1859, e Lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Conceição do Serro. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Itambé de Mato Dentro, figura no município de Conceição do Serro. Assim permanecendo nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920.

Pela Lei estadual nº 843, de 07-09-1923, o distrito de Itambé do Mato Dentro teve sua denominação simplificada para Itambé. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Itambé (ex-Itambé de Mato Dentro), figura no município de Conceição (ex-Conceição do Serro). Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo Decreto-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, o distrito de Itambé teve sua denominação alterada para Itacuru e o município de Conceição passou a chamar-se Conceição do Mato Dentro. E, ainda, pelo mesmo decreto-lei o distrito de Itacuru foi transferido do município de Conceição do Mato Dentro, para formar o novo município de Santa Maria do Itabira. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Itacuru, figura no município de Santa Maria de Itabira.

Pela Lei nº 1039, de 12-12-1953, o distrito de Itacuru, voltou a denominar-se Itambé de Mato Dentro. Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o distrito de Itambé de Dentro, figura no município de Santa Maria de Itabira. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Elevado à categoria de município com a denominação de Itambé do Mato Dentro, pela Lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, desmembrado de Santa Maria de Itabira. Sede no antigo distrito de Itambé do Mato Dentro. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-03-1963. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Jaboticatubas**

Distrito criado com a denominação de Nossa Senhora da Conceição de Jaboticatubas (ex-povoado de Ribeirão do Raposo), pela Lei provincial nº 912, de 04-

06-1858. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito sede Nossa Senhora da Conceição de Jaboticatubas e figura no município Santa Luzia do Rio das Velhas. Nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920, o distrito se denomina Ribeirão de Jaboticatubas e figura no município de Santa Luzia do Rio das Velhas.

Pela Lei estadual nº 843, de 07-09-1923, o distrito de Ribeirão de Jaboticatubas tomou o nome de Jaboticatubas. Pela Lei estadual nº 860, de 09-09-1924, o município de Santa Luzia do Rio das Velhas teve sua denominação reduzida para Santa Luzia. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Jaboticatubas, figura no município de Santa Luzia (ex-Santa Luzia do Rio das Velhas). Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Elevado à categoria de município com a denominação de Jaboticatubas, pelo Decreto-lei estadual nº 148, de 17-12-1938, desmembrado de Santa Luzia. Sede no antigo distrito de Jaboticatubas. Constituído de 3 distritos: **Jaboticatubas, Baldim e Riacho Fundo, todos desmembrados de Santa Luzia**. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 3 distritos: Jaboticatubas, Baldim e Riacho Fundo.

Pela Lei nº 336, de 27-12-1948, é criado o distrito de Almeida (ex-povoado de São José do Almeida) e anexado ao município de Jaboticatubas. Pela mesma lei desmembra do município de Jaboticatubas o distrito de **Baldim**. Elevado à categoria de município, ainda foi extinto o distrito de Riacho Fundo, sendo seu território anexado ao distrito sede do município de Jaboticatubas. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 2 distritos: Jaboticatubas e Almeida. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Morro do Pilar**

Distrito criado com a denominação de Morro do Pilar (ex-povoado de Gaspar Soares), pela resolução régia nº 7, de 13-04-1818, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Conceição do Sêro. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Morro do Pilar, figura no município de Conceição do Sêro. Pela lei estadual nº 843, de 07-09-1923, o município de Conceição do Sêro tomou o nome de Conceição.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Morro do Pilar, figura no município de Conceição (ex-Conceição do Sêro). Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937. Pelo decreto-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, o município de Conceição passou a denominar-se Conceição do Mato Dentro. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de

Morro do Pilar, figura no município de Conceição do Mato Dentro. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1950.

Elevado à categoria de município com a denominação de Morro do Pilar, pela lei nº 1039, de 12-12-1953, desmembrado de Conceição do Mato Dentro. Sede no antigo distrito de Morro do Pilar. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1954. Em divisão territorial datada 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Nova União**

Distrito criado com a denominação de União, pelo decreto estadual nº 113, de 20-06-1890, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Caeté. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de União, figura no município de Caeté. Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937. Pelo decreto-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, o distrito de União tomou a denominação de União de Caeté. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de União de Caeté (ex-União), figura no município de Caeté. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Elevado à categoria de município com a denominação José de Melo, pela lei estadual nº 2764, de 31-12-1962, desmembrado de Caeté. Sede no atual distrito de José de Melo ex-União de Caeté. Constituído do distrito sede. Instalado em 1-03-1963. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1983.

Pela lei estadual nº 9454, de 16-12-1987, o município de José de Melo passou a denominar-se Nova União. Em divisão territorial datada de 1988, o município de Nova União (ex-José de Melo) é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Presidente Juscelino**

Distrito criado com a denominação de São Sebastião do Paraúna, pela lei provincial nº 1881, de 05-07-1872, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Curvelo. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de São Sebastião do Paraúna, figura no município de Curvelo. Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo decreto-lei estadual nº 148, de 17-12-1938, o distrito de São Sebastião do Paraúna tomou o nome de Paraúna. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Paraúna, figura no município de Curvelo. Pelo decreto-lei

estadual nº 1058, de 31-12-1943, o distrito de Paraúna passou a denominar-se Ponte do Paraúna.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Ponte do Paraúna (ex-Paraúna), figura no município de Curvelo. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Elevado à categoria de município com a denominação de Presidente Juscelino, pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, desmembrado de Curvelo. Sede no atual distrito de Presidente de Juscelino. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-03-1963. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Presidente Kubitscheck**

Não se sabe ao certo, quais foram os primeiros habitantes de Presidente Kubitschek, mas sabe-se que na época do Brasil Colônia os escravos Africanos mineravam em nossos rios e campos, sabendo-se também que neste município moravam índios, os quais deram à localidade o nome de Ocapoã e depois Ivituruí.

Nos tempos remotos, os tropeiros faziam suas viagens, vindos da Região da Mata (Serro, Sabinópolis, Guanhões, Rio Vermelho, etc.), transportavam as mercadorias, assim como: toucinho, carne, cereais, indo até Curvelo, Estação do Barão de Guaicuí e demais localidades.

Esses tropeiros mercadores, aqui faziam pouso. Como era mais comum descançar em um lugar alto denominado Capoeira Grande, deram-no o nome de Pouso Alto. Pouso Alto passou a ser distrito de Diamantina por Lei nº 1295 de 30/10/1866 e elevado à Paroquia por Lei nº 442 de 28/12/1887. Mas em Minas Gerais havia uma cidade com esse mesmo nome, e então mudaram para Tijucal por Lei nº 843 de 07/09/1923.

O município foi emancipado pela Lei 2764 de 30 de dezembro de 1962. Juntamente com a idéia de emancipação surgiu também a idéia de mudança de nome de Tijucal para Presidente Kubitschek, em homenagem ao ilustre Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira. Em 1º de março de 1963 foi instalado o município de Presidente Kubitschek.

### **Santa Luzia**

O distrito criado com a denominação de Santa Luzia do Rio das Velhas, pelo alvará de 16-02-1724, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891. Elevado à categoria de vila com a denominação de Santa Luzia do Rio das Velhas, pela lei provincial nº 317, de

18-03-1847. Sede na antiga povoação de Santa Luzia do Rio das Velhas. Constituído de 5 distritos: Santa Luzia do Rio das Velhas, Lagoa Santa, Matozinhos, Sete Lagoas e Santa Quitéria. Instalada em 01-08-1847. Pela lei provincial nº 472, de 31-05-1850, a vila é extinta, sendo seu território anexado ao município de Sabará ou Conceição (ex-Conceição do Serro).

Elevado novamente à categoria de município com a denominação de Santa Luzia do Rio das Velhas, pela lei nº 755, de 30-04-1850, desmembrado de Conceição ou Sabará. Pela lei provincial nº 912, de 04-07-1858, é criado o distrito de Nossa Senhora da Conceição de Jaboticatubas (ex-povoado de Ribeirão Raposo), e anexado a vila de Santa Luzia do Rio das Velhas.

Elevado à condição de cidade com a denominação de Santa Luzia do Rio das Velhas, pela lei provincial nº 860, de 14-05-1858. Pela lei provincial nº 1355, de 06-11-1866, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Riacho Fundo e anexado ao município de Santa Luzia do Rio das Velhas. Pela lei provincial nº 2022, de 15-11-1873, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Pau Grosso e anexado ao município de Santa Luzia do Rio das Velhas.

Pelo decreto estadual nº 184, de 06-09-1890, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Capim Branco e anexado ao município de Santa Luzia do Rio das Velhas. Pela lei municipal nº 1, de 16-09-1892, é criado o distrito de Lapinha e anexado ao município de Santa Luzia do Rio das Velhas. Pela lei municipal de 27-07-1901, é criado o distrito de Pedro Leopoldo e anexado ao município de Santa Luzia.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município se denomina Santa Luzia do Rio das Velhas é constituído de 9 distritos: Santa Luzia do Rio das Velhas, Capim Branco, Nossa Senhora da Conceição de Jaboticatubas, Lagoa Santa, Lapinha, Matozinhos, Pau Grosso, Pedro Leopoldo e Riacho Fundo.

Pela lei estadual nº 663, de 18-09-1915, é criado o distrito de Vespasiano e anexado ao município de Santa Luzia do Rio das Velhas. Pela lei estadual nº 703, de 17-09-1917, o distrito de Pau Grosso tomou o nome de Baldim. Nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920, o município é constituído de 10 distritos: Santa Luzia do Rio das Velhas, Baldim (ex-Pau Grosso), Capim Branco, Nossa Senhora da Conceição de Jaboticatubas, Lagoa Santa, Lapinha, Matozinhos, Pedro Leopoldo, Riacho Fundo e Vespasiano.

Pela lei estadual nº 843, de 07-09-1923, desmembra de Santa Luzia do Rio das Velhas os distritos Pedro Leopoldo, Capim Branco, Matozinhos e Lapinha foram transferidos de Santa Luzia sendo que Lapinha com a denominação de Fidalgo, para constituir o novo município de Pedro Leopoldo. Sob a mesma lei estadual o distrito de Nossa Senhora da Conceição de Jaboticatubas tomou o nome de Jaboticatubas.

Pela lei estadual nº 860, de 09-09-1924, o município de Santa Luzia do Rio das Velhas tomou o nome de Santa Luzia. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de 6 distritos: Santa Luzia (ex-Santa Luzia do Rio das Velhas), Baldim, Jaboticatubas (ex-Nossa Senhora da Conceição de Jaboticatubas), Lagoa Santa, Pau Grosso e Riacho Fundo.

Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937. Pelo decreto-lei estadual nº 148, de 17-12-1938, o município sofreu as seguintes modificações: desmembram-se de Santa Luzia os distritos de Jaboticatubas, Baldim e Riacho Fundo, para constituir o novo município de Jaboticatubas. Ainda é desmembrado de Santa Luzia o distrito de Lagoa Santa, sendo elevado à categoria de município. Sob a mesma lei estadual Santa Luzia adquiriu do município Sabará o distrito de Lapa e o distrito de Venda Nova adquirido do município de Belo Horizonte. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 4 distritos: Santa Luzia, Lapa, Venda Nova e Vespasiano.

Pelo decreto-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, o distrito de Lapa passou a denominar-se Ravena. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 4 distritos: Santa Luzia, Ravena (ex-Lapa) Lapa, Venda Nova e Vespasiano. Pela lei nº 336, de 27-12-1948, desmembra de Santa Luzia o distrito de Vespasiano. Elevado à categoria de município. Sob mesma lei o distrito de Venda Nova, foi transferido de Santa Luzia para Belo Horizonte.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de 2 distritos: Santa Luzia e Ravena. Pela lei nº 1039, de 12-12-1953, o distrito Ravena, foi transferido de Santa Luzia para o de Sabará. Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, é criado o distrito de São Benedito e anexado ao município de Santa Luzia. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Santa Luzia e São Benedito. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Santana de Pirapama**

No dia 1 de janeiro de 1949, foi solenemente instalado o município pelo Juiz de Paz, Sr. João Cândido dos Santos, representando o Juiz de Direito da comarca de Sete Lagoas. Distrito criado com a denominação de Traíras, pela lei provincial nº 471, de 01-06-1850, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Curvelo. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Traíras

figura no município de Curvelo. Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo decreto-lei estadual nº 148, de 17-12-1938, o distrito de Traíras foi transferido do município de Curvelo para o novo município de Cordisburgo. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Traíras figura no município de Cordisburgo. Pelo decreto-lei estadual 1058, de 31-12-1943, o distrito de Traíras passou a denominar-se Pirapama. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o distrito de Pirapama (ex- Traíras) figura no município de Cordisburgo.

Elevado à categoria de município com a denominação de Santana de Pirapama, pela lei estadual nº 336, de 27-12-1948, desmembrado de Cordisburgo. Sede no atual distrito de Santana de Pirapama (ex-Pirapama). Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1949. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1950.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede. Pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, o município de Santana de Pirapama adquiriu de Conceição de Mato Dentro o distrito de Fechados. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Santana de Pirapama e Fechados. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

### **Santana do Riacho**

Distrito criado com denominação de Santo Antônio do Riacho Fundo, pela lei provincial nº 1355, de 06-11-1866, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Conceição. Pela lei estadual nº 319, de 16-09-1901, o distrito de Santo Antônio do **Riacho Fundo foi transferido do município de Conceição para o de Santa Luzia do Rio das Velhas**. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Santo Antônio do Riacho Fundo figura no município de Santa Luzia do Rio das Velhas. Assim permanecendo nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920.

Pela lei estadual nº 843, de 07-09-1923, o distrito de Santo Antônio do Riacho Fundo teve seu topônimo reduzido para Riacho Fundo. Pela lei estadual nº 860, de 09-09-1924, o município de Santa Luzia do Rio das Velhas tomou a denominação de Santa Luzia. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Riacho Fundo (ex-Santo Antônio do Riacho Fundo) figura no município de Santa Luzia (ex-Santa Luzia do Rio das Velhas). Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo decreto-lei estadual nº 148, de 17-12-1938, o distrito de Riacho Fundo foi transferido do município de Santa Luzia para novo município de Jaboticatubas. Em

divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Riacho Fundo figura no município de Jaboticatubas. Assim permanecendo em divisão territorial datada 1-VII-1960

Elevado à categoria de município com a denominação de Santana do Riacho Fundo pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, desmembrado de Jaboticatubas. Sede no atual distrito de Santana do Riacho Fundo (ex-Riacho Fundo). Constituído de 2 distritos: Santana do Riacho Fundo e Cardeal Mota criado pela mesma lei estadual acima citado. Instalado em 01-03-1963. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Santana do Riacho Fundo e Cardeal Mota. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2001.

Em divisão territorial datada de 2005, o município é constituído de 2 distritos: Santana do Riacho Fundo e Serra do Cipó. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

## **Serro**

Elevado à categoria de vila com denominação de Vila do Príncipe em 29-01-1714, desmembrado da antiga Vila de Sabará. Instalada em 06-04-1714. Distrito criado com a denominação de Vila do Príncipe, por alvará de 16-02-1724, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891. Elevado à condição de cidade com a denominação de Serro, pela lei provincial nº 93, de 06-03-1838.

Pela lei provincial nº 184, de 03-04-1840, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de São Sebastião dos Correntes e anexado ao município de Serro (ex-vila do Príncipe). Pela lei provincial nº 209, de 07-04-1841, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, foram criados os distritos de Itambé e Rio do Peixe anexado ao município de Serro.

Pela lei provincial nº 830, de 11-07-1857, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, foram criados os distritos de Milho Verde e Rio das Pedras e anexado ao município de Serro. Pela lei provincial nº 1691, de 03-10-1870, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Mãe dos Homens do Turvo e anexado ao município de Serro. Pela lei provincial nº 2258, de 30-06-1876, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Paulistas e anexado ao município de Serro. Pela lei provincial nº 2848, 25-10-1881, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de São José do Itapanhoacanga e anexado ao município de Serro. Pela lei estadual nº 2, de 14-09-1891, é criado o distrito de Rio Vermelho e anexado ao município de Serro.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 10 distritos: Serro, Itambé, Mãe dos Homens do Turvo, Milho Verde, Paulistas, Rio das Pedras, Rio do Peixe, Rio Vermelho, São José do Itapanhoacanga e São Sebastião dos Correntes. Nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-

1920, o município aparece constituído de 10 distritos: Serro, Nossa Senhora Mãe dos Homens do Turvo (ex-Mãe dos Homens), Nossa Senhora da Penha do Rio Vermelho (ex-Rio Vermelho), Nossa Senhora dos Prazeres do Milho Verde (ex-Milho Verde), Santo Antônio do Itambé (ex-Itambé), Santo Antônio do Rio do Peixe (ex-Rio do Peixe), São Gonçalo do Rio das Pedras (ex-Rio das Pedras), São José do Itapanhoacanga, São José dos Paulistas (ex-Paulistas), São Sebastião dos Correntes, Pela lei estadual nº 843, de 07-09-1923, desmembra do município de Serro os distritos São Sebastião dos Correntes e São José dos Paulistas (ex-Paulistas), para constituir o novo município de Sabinópolis (ex-São Sebastião dos Correntes). Pela mesma lei acima citada o distrito de São José do Itapanhoacanga tomou o nome de Itapanhoacanga.

Em divisão administrativa referente ao ano 1933, o município é constituído de 9 distritos: Serro, Itapanhoacanga (ex-São José do Itapanhoacanga), Nossa Senhora da Penha do Rio Vermelho, Nossa Senhora dos Prazeres do Milho Verde, Nossa Senhora Mães dos Homens do Turvo, Santo Antônio do Itambé, Santo Antônio do Rio do Peixe e São Gonçalo do Rio das Pedras. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município é constituído de 8 distritos: Serro, Itapanhoacanga, Milho Verde (ex-Nossa Senhora dos Prazeres do Milho Verde), Nossa Senhora Mãe dos Homens do Turvo, Rio Vermelho (ex-Nossa Senhora da Penha do Rio Vermelho), Santo Antônio do Itambé, Santo Antônio do Rio do Peixe e São Gonçalo do Rio das Pedras.

Pelo decreto estadual nº 148, de 17-12-1938, desmembra do município de Serro os distritos Rio Vermelho e Mãe dos Homens (ex-Nossa Senhora Mãe dos Homens do Turvo), para constituir o novo município de Rio Vermelho. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 6 distritos: Serro, Itapanhoacanga, Milho Verde, Santo Antônio do Itambé, Santo Antônio do Rio do Peixe e São Gonçalo do Rio das Pedras.

Pelo decreto estadual nº 1058, de 31-12-1943, é criado o distrito de Casa de Telha com território desmembrados dos distritos de Santo Antônio do Itambé e São Gonçalo do Rio das Pedras e anexado ao município de Serro. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de 7 distritos: Serro, Casa de Telha, Itapanhoacanga, Milho Verde, Santo Antônio do Itambé, Santo Antônio do Rio do Peixe e São Gonçalo do Rio das Pedras. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, foram desmembrados de Serro os distritos de Santo Antônio do Rio do Peixe, Itapanhoacanga, para constituir o novo município com a denominação de **Alvorada de Minas**. Esta mesma lei estadual

desmembrou o distrito de Casa de Telhas, para constituir o novo município com a denominação de Serra Azul de Minas (ex-Casa de Telhas). E Ainda desmembrou o distrito de Santo Antônio do Itambé elevando-o à categoria de município. Também criou o distrito de Pedro Lessa anexando ao município de Serro. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 4 distritos: Serro, Milho Verde, Pedro Lessa e São Gonçalo do Rio das Pedras. Pela resolução nº 30, de 27-10-1966, Serro adquiriu do município Alvorada de Minas o distrito de Deputado Augusto Clementino.

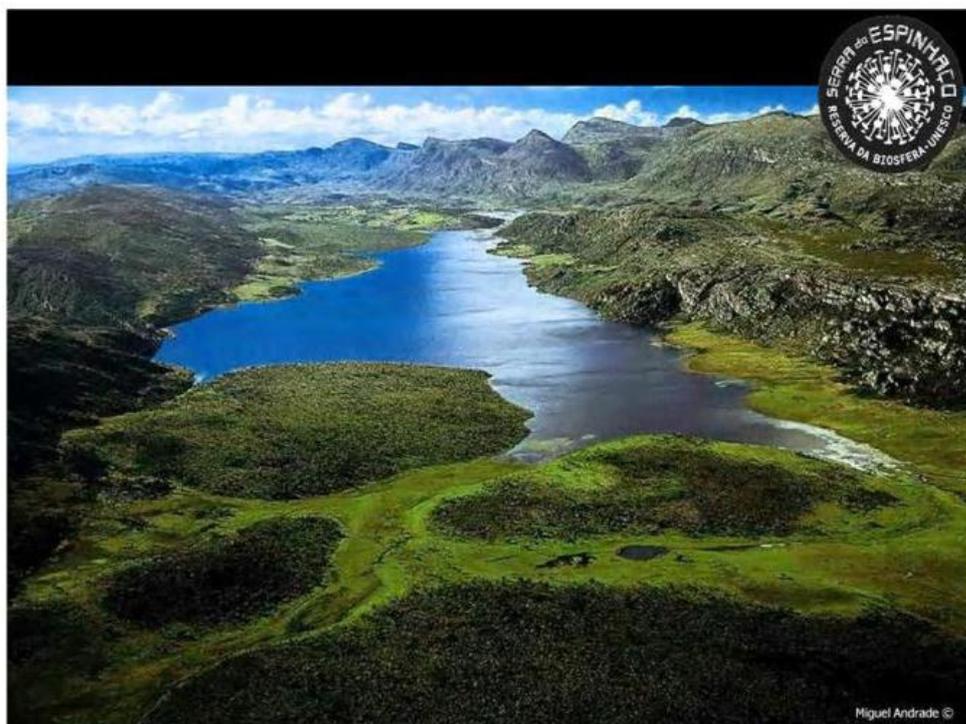
Em divisão territorial datada de 31-XII-1968, o município é constituído de 5 distritos: distritos: Serro, Deputado Augusto Clementino, Milho Verde, Pedro Lessa e São Gonçalo do Rio das Pedras. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. Quando é criado o distrito de Três Barras da Estrada Real e anexado ao município de Serro. Em divisão territorial datada de 2007, o município é constituído de 6 distritos: Serro, Deputado Augusto Clementino, Milho Verde, Pedro Lessa, São Gonçalo do Rio das Pedras e Três Barras da Estrada Real

### **Taquaraçu de Minas**

Distrito criado com a denominação de Taquarassu, pela lei provincial nº 209, 07-04-1841, e lei estadual nº 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de Sabará. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o distrito de Taquarassu figura no município de Caeté. Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937. Pelo decreto-lei estadual nº 1058, de 31-12-1943, o distrito de Taquarassu passou a grafar Taquaraçu.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Taquaraçu (ex-Taquarassu) figura no município de Caeté. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960. Elevado à categoria de município com a denominação de Taquaraçu de Minas, pela lei estadual nº 2764, de 30-12-1962, **desmembrado de Caeté**. Sede no atual distrito de Taquaraçu de Minas (ex-Taquaraçu). Constituído do distrito sede. Instalado em 01-03-1963. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

**8.3 - Mosaico Cipó – Intendente ; Henri Collet (PARNA Serra do Cipó) e Miguel Andrade (PUC-MG) no 1º Encontro de Mosaicos de Minas Gerais, 2010.**



**1º Encontro de Mosaicos de Minas Gerais**  
Parque Estadual do Rio Doce, 11 de Ago. 2010

**CRIAÇÃO DO MOSAICO CIPÓ-INTENDENTE:**  
CONSERVAÇÃO DOS CAMPOS RUPESTRES E AMBIENTES ASSOCIADOS DA SERRA DO ESPINHAÇO



#### Motivações para a criação do mosaico

- O desenvolvimento e aprofundamento de uma cooperação interinstitucional para a conservação e gestão da cultura, das paisagens e da biodiversidade;
- Escudados pela Assembleia Geral das Nações Unidas que declarou o ano de 2010 como Ano Internacional da Biodiversidade, com o propósito de aumentar a consciência sobre a importância da preservação da biodiversidade em todo o mundo.
- A necessidade de executar programas, projetos e atividades específicas de cooperação técnica na área de conservação, com particular ênfase na implantação de mosaicos de unidades de conservação, que possam dar efetiva contribuição à proteção da biodiversidade.
- A fidelidade aos objetivos e ações do Plano de Madrid UNESCO/MaB 2008.
- Os Campos Rupestres representam uma "fitofisionomia" única em todo o mundo e são reconhecidos por sua grande riqueza em espécies e endemismos.





## 1º Encontro de Mosaicos de Minas Gerais

Parque Estadual do Rio Doce, 11 de Ago. 2010

### criação DO MOSAICO CIPÓ-INTENDENTE:

CONSERVAÇÃO DOS CAMPOS RUPESTRIS E AMBIENTES ASSOCIADOS DA SERRA DO ESPINHAÇO



### Motivações para a criação do mosaico

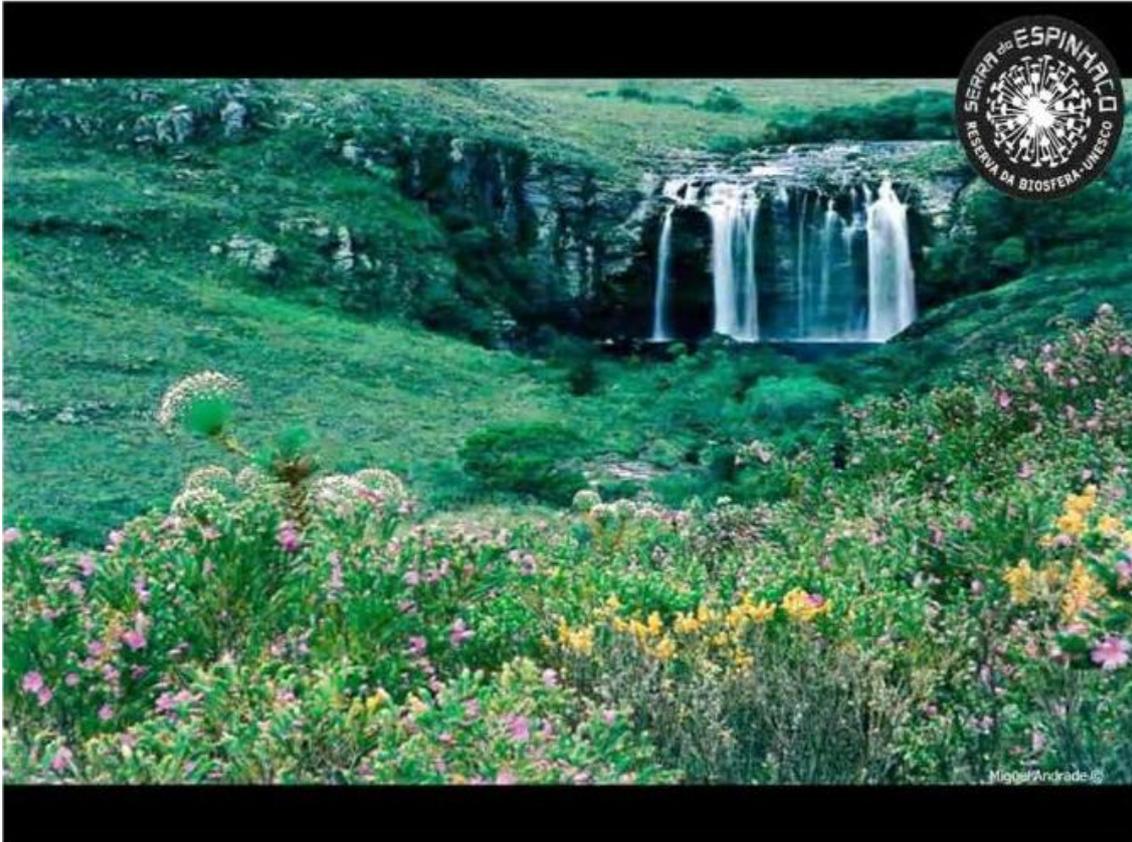
-As ameaças de extinção de espécies, em razão da pequena área que ocupam e da forte ação antrópica que vêm sofrendo devido à extração mineral e vegetal além das queimadas que afetam grandes extensões, e por ser um ecossistema extremamente frágil e de baixa resiliência.

-A implementação de políticas públicas a partir dos estudos de Áreas Prioritárias para Conservação da Biodiversidade e o Zoneamento Ecológico Econômico do estado de Minas Gerais que apontam para a relevância da região.

-Os compromissos internacionais assumidos através do reconhecimento da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, em 2005.

- O fortalecimento do Acordo de Cooperação Técnica, assinado entre o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e o Instituto Estadual de Florestas, com a presença de outros parceiros, em 26 de março de 2008, para a criação, ampliação e implementação de unidades de conservação na região.





## Extinção

Das **538** espécies de plantas ameaçadas em Minas Gerais, 81 espécies estão na Mata Atlântica, 19 na Caatinga, 73 no Cerrado e **67%**, ou seja, **351 espécies** ocorrem nos **Campos Rupestres**.



Miguel Andrade ©



## 1º Encontro de Mosaicos de Minas Gerais

Parque Estadual do Rio Doce, 11 de Ago. 2010

**CRIAÇÃO DO MOSAICO CIPÓ-INTENDENTE:**  
CONSERVAÇÃO DOS CAMPOS RUPESTRES E AMBIENTES ASSOCIADOS DA SERRA DO ESPINHAÇO



### Motivações para a criação do mosaico

- Os processos de mobilização social, considerando as culturas tradicionais, os argumentos técnico-científicos e as lacunas para a gestão compartilhada.
- O potencial instalado, seja pelas unidades de conservação já criadas, seja pelo potencial de conservação já identificados em uma grande gama de estudos realizados e a manutenção de Corredores Ecológicos.
- Os riscos inerentes a especulação imobiliária em função dos novos eixos de desenvolvimento econômico na região, seja pelo Vetor Norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte, seja pela implantação de grandes empreendimentos minerários e suas externalidades.



## 1º Encontro de Mosaicos de Minas Gerais

Parque Estadual do Rio Doce, 11 de Ago. 2010

**CRIAÇÃO DO MOSAICO CIPÓ-INTENDENTE:**  
CONSERVAÇÃO DOS CAMPOS RUPESTRES E AMBIENTES ASSOCIADOS DA SERRA DO ESPINHAÇO



### O Protocolo de Intenções de Ouro Preto

#### PROTOCOLO DE INTENÇÕES PARA A CRIAÇÃO DO MOSAICO "CIPÓ – INTENDENTE": CAMPOS RUPESTRES E ECOSISTEMAS ASSOCIADOS DA SERRA DO ESPINHAÇO.

O Instituto Chico Mendes (ICMBio), o Governo do Estado de Minas Gerais, através da Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD), a UNESCO, através da Divisão de Ciências Ecológicas e da Terra (Programa MaB), a Rede Brasileira de Reservas da Biosfera, o Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço, a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a Fundação France Libertés – Danielle Mitterrand, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e a Rede Povos da Floresta, através do Núcleo de Cultura Indígena, doravante denominados "Partes", .....





**1º Encontro de Mosaicos de Minas Gerais**  
Parque Estadual do Rio Doce, 11 de Ago. 2010

**CRIAÇÃO DO MOSAICO CIPÓ-INTENDENTE:**  
CONSERVAÇÃO DOS CAMPOS ALPESSES E AMBIENTES ASSOCIADOS DA SERRA DO ESPINHAÇO



**Indicativos para o fortalecimento da rede e próximas ações**

- Encaminhamento da Proposta para MMA
- Garantia de recursos humanos e financeiros para estruturação do Plano de trabalho e Gestão
- Manutenção de Rede Mineira de Mosaicos
- Fortalecimento do Território da RBSE com as diversas iniciativas de Mosaicos
- Intercâmbio nacional e internacional
- Identificação de responsabilidades no estado para cooperação contínua junto aos atores do processo
- Assumir/ fortalecer o território da RBSE como laboratório de diversos mosaicos (Quadrilátero, Cipó-Intendente, Jequitinhonha e Itabira), com uma forte identidade regional/geográfica e econômica, análogo ao território da Bacia Mineira, em Nor Pás de Calais



**1º Encontro de Mosaicos de Minas Gerais**  
Parque Estadual do Rio Doce, 11 de Ago. 2010

**CRIAÇÃO DO MOSAICO CIPÓ-INTENDENTE:**  
CONSERVAÇÃO DOS CAMPOS ALPESSES E AMBIENTES ASSOCIADOS DA SERRA DO ESPINHAÇO

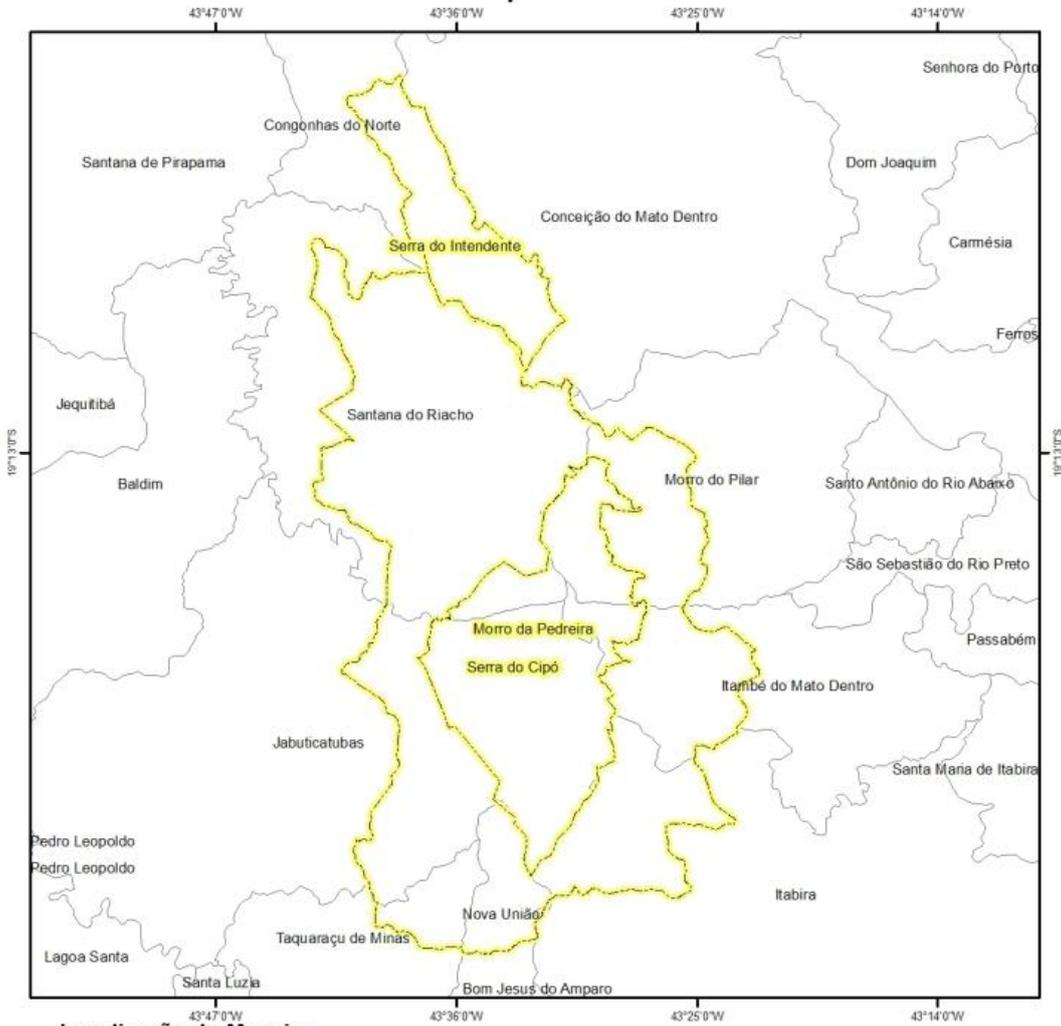


**Indicativos para o fortalecimento da rede e próximas ações**

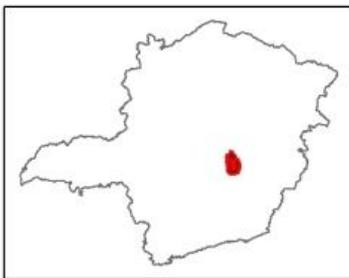
- Criação de uma Rede Mineira de Mosaicos, com participação ampliada
- Redefinir, dentro da Rede Mineira de Mosaicos, os espaços com identidades mais próximas (ex.: Biomas; Biogeografia; Bacia Hidrográfica; Perfil/eixo de desenvolvimento econômico, etc)
- Estabelecer ferramentas para monitoramento da efetividade de gestão compartilhada
- Iniciar processo de publicações sistemáticas sobre o tema (Técnico-científica e para educação ambiental)
- Criar nas UCs um nicho de divulgação (Banners, folders, implementação de sites)
- Estabelecer um programa sistematizado de indicadores para serviços ambientais. A Serra é um corredor, por si só!
- Regularização fundiária e Plano de Manejo do PESI



# Mosaico Cipo Intendente

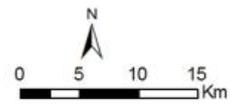


Localização do Mosaico



## Legenda

-  Mosaico Cipo Intendente
-  Limites Municipais



#### 8.4 - itens levantados no INVTUR citados na dissertação

### DIVISÃO DE CATEGORIAS INVTUR

<b>CATEGORIA</b>	<b>TIPO</b>
<b>A1 – Informações Básicas do Município</b>	
<b>A2 – Meios de Acesso ao Município</b>	
<b>A3 – Sistema de Comunicações</b>	A31 - Agências Postais
	A32 - Postos Telefônicos/ Telefonia Celular
	A33 - Radioamadores
	A34 - Emissoras de Rádio / TV
	A35 - Jornais e Revistas Nacionais/ Regional/ Locais
	A36 - Internet
<b>A4 – Sistemas de Segurança</b>	A41 - Delegacia/ Postos de Polícia
	A42 - Postos de Polícia Rodoviária
	A43 - Corpo de Bombeiros
	A44 - Serviços de Busca e Salvamento
	A45 - Serviços de Polícia Marítima/Aérea e de Fronteiras
<b>A5 – Sistema Médico Hospitalar</b>	A51 - Prontos-Socorros
	A52 - Hospitais
	A53 - Clínicas Médicas
	A54 - Maternidades
	A55 - Postos de Saúde
	A56 - Farmácias/ Drogarias
	A57 - Clínicas Odontológicas
<b>A6 – Sistema Educacional</b>	A61 - Ensino Fundamental
	A62 - Ensino Médio
	A63 - Ensino Superior
	A64 - Cursos Técnicos
	A65 - Especializações
<b>A7 – Outros Serviços e Equipamentos de Apoio</b>	A71 - Locadoras de Imóveis
	A72 - Locadoras de Automóveis/Embarcações/Aeronaves
	A73 - Comércio
	A74 - Agências Bancárias/Casas de Câmbio
	A75 - Serviços Mecânicos
	A76 - Postos de Abastecimento
	A77 - Locais/Templos de Manifestações de Fé
	A78 - Representações Diplomáticas

<b>B1 – Serviços e Equipamentos de Hospedagem</b>	B11 - Meios de Hospedagem com Necessidade de Cadastro
	B12 - Meios de Hospedagem sem Necessidade de Cadastro
	B13 - Meios de Hospedagem Extra-Hoteleiros
	B14 - Outros Meios de Hospedagem
<b>B2 – Serviços e Equipamentos para Gastronomia</b>	B21 - Restaurantes
	B22 - Bares/Cafés/ Lanchonetes
	B23 - Casas de Chá/ Confeitarias
	B24 - Cervejarias
	B25 - Quiosques / Barracas
	B26 - Sorveterias
	B27 - Casas de Sucos
	B28 - Outros
<b>B3 – Serviços e Equipamentos para Agenciamento</b>	B31 - Agências de Viagem
	B32 - Agências de Viagem e Turismo
<b>B4 – Serviços e Equipamentos para Transporte</b>	B41 - Transportadoras Turísticas
	B42 - Locadoras
	B43 - Táxis
	B44 - Outros
<b>B5 – Serviços e Equipamentos para Eventos</b>	B51 - Centros de Convenções/Congressos
	B52 - Parques/ Pavilhões de Exposições
	B53 - Auditórios/ Salões de Convenções
	B54 - Empresas Organizadoras/Promotoras de Eventos
	B55 - Outros Serviços/Equipamentos Especializados
<b>B6 – Serviços e Equipamentos para Lazer e Entretenimento</b>	B61 - Parques de Diversões/Temáticos
	B62 - Parques/Jardins/Praças
	B63 - Clubes
	B64 - Pistas de Patinação/ Motocross/Bicicross
	B65 - Estádios/ Ginásios/ Quadras
	B66 - Hipódromos/ Autódromos/ Kartódromos
	B67 - Marinas/ Atracadouros
	B68 - Mirantes/Belvederes
	B69 - Prestadores de Serviços de Lazer e Entretenimento

<b>B7 – Outros Serviços e Equipamentos</b>	B71 - Informações Turísticas
	B72 - Entidades/Associações/ Prestadores de Serviços Turísticos
	B73 - Outros

<b>C1 – Atrativos Naturais</b>	C11 - Montanhas
	C12 - Planaltos e Planícies
	C13 - Costas ou Litoral
	C14 - Terras Insulares
	C15 - Hidrografia
	C16 - Quedas d'água
	C17 - Fontes Hidrominerais e/ou Termais
	C18 - Unidades de Conservação
	C19 - Cavernas / Grutas/ Furnas
	C110 - Áreas de Caça e Pesca
	C111 - Flora
	C112 - Fauna
	C113 - Outros

## 8.5 - Ampliação do PARNASC

### Projeto quer dobrar a área da Serra do Cipó

ICMBio debate proposta para aumentar área de parque nacional, a ser estendido a mais três municípios. Objetivo é proteger riqueza ambiental ameaçada por esgoto e loteamentos

Junia Oliveira -

Publicação: 14/ 11/ 2010 07:16 Atualização: 14/ 11/ 2010 07:58



Segundo Henri Collet, sem a ampliação, em poucos anos o parque estará isolado e rodeado por construções

Para salvar um dos mais belos e exuberantes patrimônios naturais de Minas, ambientalistas se debruçam sobre mapas e elaboram projeto que amplia a área de proteção da Serra do Cipó. A ideia é dobrar o tamanho do parque nacional e preservar o cenário esculpido pela natureza a apenas 100 quilômetros de Belo Horizonte. A proposta tenta pôr fim à ameaça que ronda cachoeiras, rios, nascentes, flora e fauna típicas de campos rupestres, do cerrado e da mata atlântica. A contaminação do lençol freático e dos principais cursos d'água da região, o lançamento de esgotos e a ocupação desordenada dos territórios põem em risco as riquezas de uma das mais importantes áreas verdes das Gerais.

O Parque Nacional da Serra do Cipó abrange, hoje, 33,8 mil hectares em Itambé do Mato Dentro, Jaboticatubas, Morro do Pilar e Santana do Riacho, nas regiões Central e Metropolitana de Belo Horizonte, ao Sul da Serra do Espinhaço. Ele está localizado no coração de uma área de 133 mil hectares, a Área de Proteção Ambiental (APA) Morro da Pedreira. Na proposta inicial do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão ligado ao Ministério do Meio Ambiente, o parque terá mais 33 mil hectares de área, que envolvem também Itabira, Nova União e Taquaraçu de Minas.

O processo está em fase de levantamento no ICMBio. O passo seguinte é a promoção de audiências públicas para discutir as mudanças com a comunidade. Depois de aprovadas, o instituto faz proposta de decreto, a ser enviada à Casa Civil da Presidência da República e, depois, à sanção presidencial. A expectativa é de que tudo seja concluído em, no máximo, dois anos. Quem está à frente dos trabalhos é o chefe do parque, Henri Collet, cuja preocupação é garantir a preservação da serra. "Temos, na verdade, um parque metropolitano, pois 65% do município de Jaboticatubas está dentro dele. O progresso está aí e a expansão de Lagoa Santa e de Jaboticatubas é uma realidade. Se não fizermos a ampliação para proteger essas riquezas da serra, o parque ficará, em poucos anos, isolado e rodeado por construções", afirma.

Loteamentos irregulares e esgotos são as grandes ameaças à Serra do Cipó. Para Collet, falta diálogo entre municípios, estado e União para coibir as irregularidades. "A legislação é muito boa e clara, basta ser cumprida", ressalta. Para a liberação de novos empreendimentos, o primeiro ponto a ser observado é se há reserva legal (20% de mata preservada) averbada no cartório de registro de imóveis e se o vendedor é realmente o dono do terreno, pois ele pode ser um possuidor ou ter área em comum. O segundo é apresentar, no projeto, a área verde que, normalmente, é destinada pela prefeitura para fins sociais: espaço de escola, praça, ruas e centro de saúde, entre outros.

O terceiro é exigir a criação de áreas de proteção particulares (APPs) no entorno dos córregos, para evitar que avenidas passem por cima dos cursos d'água. "Se começar certo, haverá um loteamento ecologicamente correto. Bom seria se os empreendedores nos trouxessem o projeto para avançarmos juntos e definir exigências, como ocorre em alguns casos. Isso evita demora e embargos. Temos processos em andamento no ICMBio há mais de cinco anos", conta. Os problemas envolvem desde a criação de condomínios de luxo até o parcelamento desordenado de fazendas para a formação de bairros.

Um dos condomínios considerados irregulares é o Bosque do Sol, construído aos pés da serra, na área da Mãe D'Água, onde nasce o Ribeirão Soberbo e a Cachoeira Vêu da Noiva. Projetado para 483 lotes, cerca de 300 foram vendidos. Há 10 casas de veraneio no local e, pelo embargo do órgão federal, decretado em 1996, nem mesmo a luz elétrica pode ser instalada. Os proprietários terão direito à desapropriação. Os responsáveis pelo loteamento não foram encontrados para comentar a situação.

#### Contaminação

A expansão —hoje, mais de 250 lotes estão em fase de licenciamento— gera outro agravante: o aumento da emissão irregular de esgoto. Uma das exigências na aprovação do loteamento é a instalação da fossa séptica, mas, por falta de fiscalização, nem sempre a cláusula é obedecida. Segundo Henri Collet, a maioria das casas na Serra do Cipó tem a chamada "fossa negra", que lança os dejetos diretamente na terra. E faz um alerta: "O lençol freático do distrito de Serra do Cipó está contaminado por coliformes fecais, segundo análises da Copasa. Ninguém sabe a dimensão do problema, pois, há 10 anos, estimava-se a existência de 60 fossas. E hoje há quase 800 casas". O problema atinge principalmente o Rio Cipó, um dos principais afluentes do Rio das Velhas.

Para o chefe do ICMBio, o parcelamento do solo e os problemas advindos com ele só serão solucionados quando houver fiscais e equipamentos adequados e uma estrutura firme para fazer cumprir a legislação. "Não estou dizendo que a culpa é da prefeitura, mas do sistema, que não funciona. A área de fora do parque é de responsabilidade da prefeitura e ela não está estruturada. O ponto crucial é o licenciamento

para operação de fossas; senão, continuaremos a ter problemas de contaminação. Ainda temos um pouco de tempo para reverter a situação, mas ele está quase esgotando."

## 8.6 - Turismo em Itambé do Mato Dentro

(o problema de corte nas palavras à direita do texto já existia na fonte utilizada)

ITAMBÉ DO MATO DENTRO

### Cidade das cachoeiras

22/08/2010 09H57

*Chegada do asfalto traz também a expectativa de incremento turístico*

Mais do que transformar o acesso entre cidades e melhorar o escoamento da produção, a chegada do asfalto a Itambé do Mato Dentro marca uma nova realidade também para o turismo. A cidade das cachoeiras, do Festival das Montanhas, das cavalgadas, dos sítios arqueológicos e dos rios livres de poluição espera, com a pavimentação da estrada Itabira-Itambé, transformar definitivamente o potencial turístico em desenvolvimento. Empresários e profissionais locais sempre tiveram a consciência de que o turismo poderia se transformar numa importante opção econômica e trabalharam para esse fim. A hora parece ter chegado.

Itambé, que está dentro do Projeto Turístico Estrada Real e dos Circuitos dos Diamantes, promove todo ano a cavalgada, considerada a festa local mais tradicional e, no mês de julho, quando todas as cidades realizam o festival de inverno, o município apresenta o Festival das Montanhas, deno organizadores como "caldeirão cultural". São as belezas naturais que mais impressionam o visit de cachoeiras – alguns falam em 36 – serras, rios e praias atraem turistas de várias regiões i Brasil. Em épocas de Carnaval, férias, fim de ano, a pequena cidade lota.

Os locais mais procurados são: cachoeiras do Lúcio, da Vitória, do Cantagalo, Serenata, Itancado do Itacolomy. A cidade também tinha o Dominginhos da Pedra, que morava em caver antepassados, mas que hoje, já debilitado, precisou mudar de vida. O personagem já foi, inclu reportagem de capa de **DeFato** e é de reportagem este mês.

Proprietários de pousadas e restaurantes estão esperançosos quanto ao futuro. "Itambé é uma ci um grande potencial turístico e, com o asfalto, vai aumentar ainda mais a demanda", prevê Mirn Machado, proprietária de uma pousada e uma pizzeria. Ela é uma das empresárias do ramo preparando para um *boom* nesse mercado. Antes apenas do ramo de pizzas, Mirna está re pousada cheia de otimismo. "Vim para a cidade quando me aposentei e não conhecia ninguém, local. À medida que fui conhecendo o município, comecei a fazer pizza. Agora estou envolvida também", conta.



Cahoeira da Serenata

Publicidade



Dois sítios arqueológicos, com pinturas rupestres que datam de 5 mil anos, também podem ser Itambé. Um deles, o sítio Serra dos Milagres, está a um quilômetro do centro da cidade. O outro, os Veados, a oito quilômetros da comunidade de Santana do Rio Preto, conhecida como Cabeça de Veado. Os dois sítios serão tema da segunda Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, promovida pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha), da qual o município participará pela segunda vez este ano. O projeto está pronto e à espera da definição da data para ser apresentado à comunidade.

Tamanha riqueza natural e cultural está atraindo empresários de fora que enxergaram oportunidades de negócio. João Ricardo Duarte Dornelas, natural de Santa Bárbara, é um empresário que inaugurou recentemente uma pousada, no centro, com uma estrutura de primeira linha. O investimento foi de cerca de R\$ 1 milhão. À pergunta "por que investir em Itambé?", ele responde: "Sou apaixonado por aqui e vejo aqui um futuro mais promissor do que na Serra do Cipó, por exemplo, pela quantidade de áreas inexploradas", argumenta.

A tranquilidade típica de interior e a necessidade de atendimento também ajudaram João a decidir se mudar para cá. No entanto, será preciso ainda um grande avanço.

### **Deficiências**

Apesar das boas notícias, consultores e os próprios envolvidos com o turismo local reconhecem que os serviços e atendimento ainda é deficitária. Se por um lado, por exemplo, o município (contando com o distrito de Boi, que é mais conhecida que Itambé), tem 12 pousadas, por outro quase não dispõe de restaurantes no centro, apenas um oferece refeições diárias.

Faltam também profissionais que orientem os turistas nas visitas ecológicas. "Muitas vezes já encontramos turistas perdidos à procura de uma ou outra cachoeira", lembra João Ricardo. Um projeto de sinalização foi elaborado pela Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Turismo, mas ainda não foi colocado em prática. Em épocas sazonais, a orientação ainda é improvisada.

A solução seria o desenvolvimento de mais políticas públicas voltadas à área, a criação de um plano de desenvolvimento turístico para que os envolvidos possam se organizar e se fortalecer em busca de soluções para o problema. Além disso, o acesso aos recursos, muitas vezes por escassez de informações, também impede a cidade de se desenvolver.

### **Iniciativa pública**

A Prefeitura afirma estar fazendo a sua parte. Segundo o consultor turístico, Sandro Souza, cerca de 10 projetos nas áreas de atendimento, culinária e serviços diversos foram oferecidas pela iniciativa pública este ano. Ele considera que a cidade evoluiu em diversos aspectos. Nos últimos anos, Itambé ganhou uma unidade avançada de uma agência bancária, duas redes de telefonia celular e o asfaltamento, que melhorou a qualidade de vida. "Turismo precisa de infraestrutura e estamos trabalhando nisso. Sobre a divulgação, estamos criando um site, um folder oficial e estamos elaborando a sinalização", enfatiza o consultor.

O prefeito Wavel Dias Lage acredita que 2010 será um ano diferenciado. "Estamos nos preparando para crescer definitivamente no mercado turístico", avalia, ao reafirmar que a iniciativa privada precisa também fazer a sua parte.

## 8.7 - Projetos imobiliários na Serra do Cipó

Obs.: Existe um blog dedicado a expor projetos de resorts e condomínios para a Serra do Cipó, o <http://cipolandsti.blogspot.com>

SEXTA-FEIRA, 28 DE MAIO DE 2010

### Grupo português vai implantar complexo no Vetor Norte

O secretário Sergio Barroso assinou protocolo de intenções para implantação de complexo - O secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico, Sergio Barroso, assinou nesta quinta-feira (3), com a Viva Empreendimentos Imobiliários Ltda, integrada ao grupo internacional Design Resorts, protocolo de intenções para implantação, no Vetor Norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), de um complexo turístico e imobiliário, no município de Jaboticatubas.

Com investimento estimado de cerca de R\$ 733 milhões, para aquisição do terreno, instalações, ações ligadas à área ambiental e contratação de mão- de- obra, o espaço ocupará um terreno de 11 milhões de metros quadrados e deverá apresentar inovações urbanísticas. O complexo está localizado a 20 quilômetros do Aeroporto Internacional Tancredo Neves (AITN), a 50 quilômetros da capital mineira e a 35 quilômetros da Cidade Administrativa.

O secretário lembrou que o empreendimento vem se somar a outros naquela região, que apresenta franco processo de crescimento e de valorização, puxados pelo AITN, pela Cidade Administrativa, pela construção da Linha Verde e pela implantação do Polo de Aviação Civil. “O Estado está apoiando decisivamente todos os projetos daquela região e vai continuar atuando junto aos investidores para atrair outros negócios que possam beneficiar nossa comunidade”, afirmou.

Para o presidente do grupo Design Resorts, José Miguel Tavares Roque Martins, o Estado tem se mostrado exigente, mas também, atuante para a transformação do Vetor Norte. “O desenvolvimento dessa área é uma estratégia do Governo de Minas, que vai criar novas oportunidades e necessidades locais. Para aproveitar tal crescimento e contribuir com esse processo trouxemos nosso projeto para a região”, afirmou.

Nos três primeiros anos do empreendimento, deverão ser gerados 1.500 empregos diretos e 800 postos de trabalho indiretos, com o recrutamento de profissionais, preferencialmente no município. Caberá à empresa promover o treinamento e a capacitação da mão- de- obra. O faturamento previsto é da ordem de R\$ 980,7 milhões até o término das obras.

#### Conectividade

Intervenções na infra-estrutura viária devem facilitar o acesso ao complexo e articular os municípios de Lagoa Santa e Jaboticatubas, reduzindo a distância entre as suas áreas urbanas e criando uma alternativa de transposição sobre o Rio das Velhas, entre a MG-010 e a MG-020.

O Governo de Minas, por meio da Secretaria de Estado de Transportes e Obras Públicas (Setop), tomará as medidas legais, administrativas e técnicas para viabilizar a execução das obras de acesso à Rodovia MG-010, de acordo com cálculos do

Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais (DER/MG). A intervenção contempla a pavimentação de um trecho de aproximadamente 17,5 quilômetros e a construção de uma ponte sobre o Rio das Velhas.

Os recursos serão disponibilizados pela Sede, limitados a R\$ 12 milhões, por meio do Projeto Estruturador de Promoção e Atração de Investimentos e Desenvolvimento das Cadeias Produtivas das Empresas Âncora.

A empresa

A Viva Empreendimentos Imobiliários Ltda é uma organização brasileira, com capital luso-brasileiro, constituída para executar o empreendimento Reserva Real, em Jaboticatubas. Dedicada à concepção, comercialização e gestão de projetos imobiliários, conta com a experiência do grupo Design Resorts, com mais de 100 anos de atuação. A empresa desenvolve atividades na Europa, América do Sul e África.

Fonte:<http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticias/economia-desenvolvimento/29726-grupo-portugues-vai-implantar-complexo-no-vetor-norte>

### **Quatro fazendas na região da Serra do Cipó foram compradas para abrigar o Quintas do Rio das Velhas, que terá casas e lotes. Investimentos vão passar**

Condomínios paradisíacos com estruturas de verdadeiras cidades estão se espalhando pela Região Metropolitana de Belo Horizonte. Antes concentrados na Região Sul da capital, agora o foco desses empreendimentos foi voltado para o vetor Norte, nas proximidades do Aeroporto Internacional Tancredo Neves (Confins) e do novo Centro Administrativo do governo de Minas, em construção nas margens da Linha Verde. Só o grupo imobiliário português Design Resorts vai investir mais de R\$ 1 bilhão no projeto que até então vem sendo chamado de Quintas do Rio das Velhas, em Jaboticatubas, perto da Serra do Cipó. A expectativa é de que o empreendimento, que ficará a pouco mais de 50 quilômetros de BH e 22 quilômetros do centro administrativo, seja lançado entre novembro e março do ano que vem.

O projeto do Quintas do Rio das Velhas foi feito para ter vida própria e terá opções para diversos públicos, segundo o diretor da Design Resorts no Brasil, Manoel Brancante, que também é o arquiteto do empreendimento. Nos resorts do condomínio haverá desde opções de lotes voltados para uma pista de pouso para aviões de pequeno porte, com hangares individuais, até áreas para casas com áreas de lazer que incluem de ciclovias a campo de golfe. Até então, outros condomínios que oferecem esse tipo de estrutura, mais limitadas, na região da capital são o AlphaVille Lagoa dos Ingleses e o Vale dos Cristais, ambos em Nova Lima.

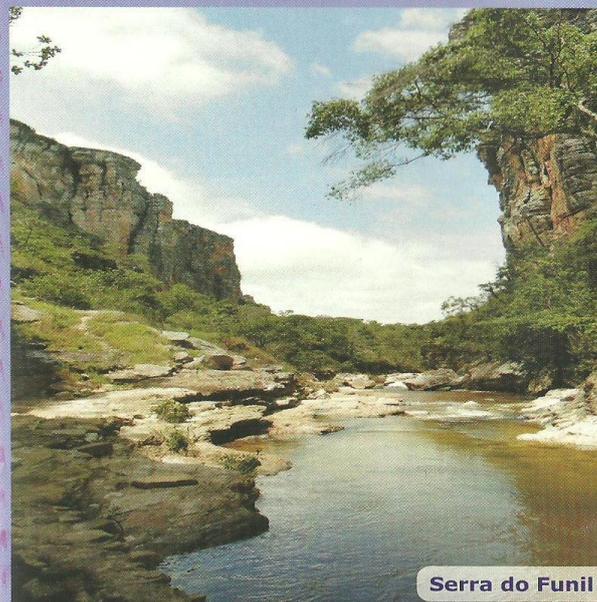
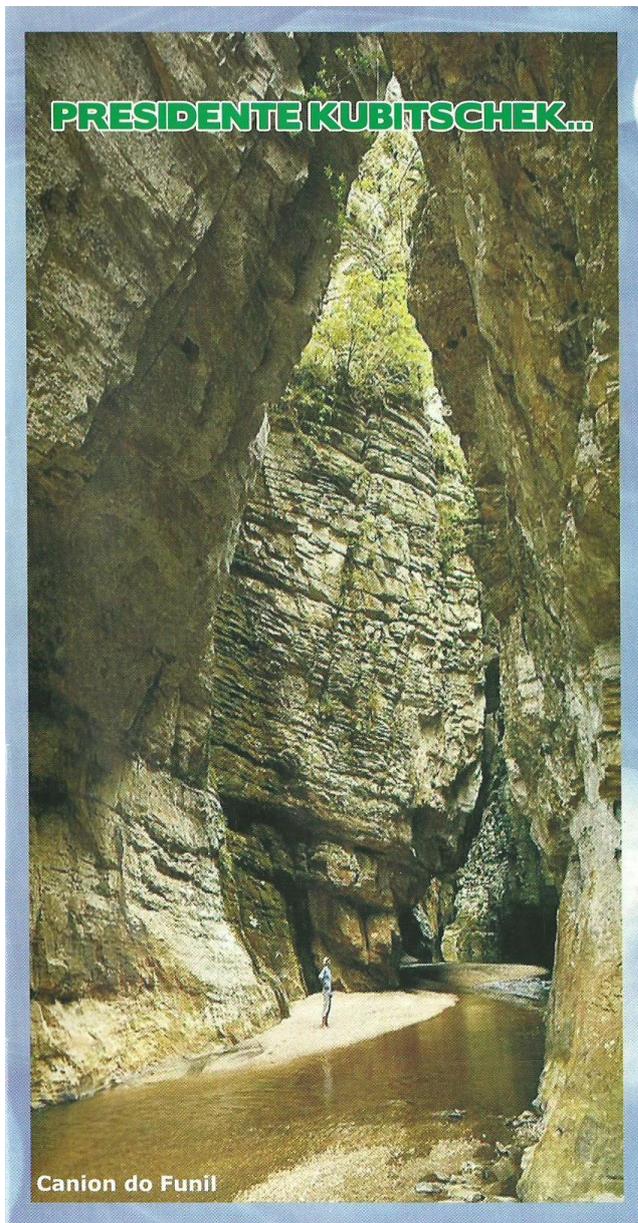
Em um primeiro momento Brancante explica que a intenção é oferecer um local voltado para o lazer, que possa ser usado como segunda moradia. Mas ele acredita que no médio prazo e a consolidação do Centro Administrativo de Minas na região ele possa se tornar um local para as pessoas morarem, com qualidade de vida. Ele calcula que serão cerca de 5,5 mil unidades residenciais no local, que tem, ao todo 10 milhões de metros quadrados, incluindo reservas naturais. No projeto também estão previstos centros de compras, escolas, hospital e espaço para hotelaria. “Este será um piloto para outras regiões do Brasil. A ideia é ser desbravador”, afirma Brancante, que se envolveu nas negociações para a compra das quatro fazendas de Jaboticatubas que vão ser o cenário do condomínio nos últimos 18 meses. Sua expectativa é de que as casas das biovilas, custem a partir de R\$ 250 mil. O metro quadrado dos lotes já deve sair entre R\$ 150 e R\$ 180.

O diretor da Área Imobiliária do Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Estado de Minas Gerais, Bráulio Franco Garcia, explica que a aposta nesse tipo de condomínio é uma tendência. “Mas é algo para o futuro, para longo prazo, algo entre 10 e 20 anos”, observa. Em sua opinião, o mineiro ainda é resistente a distâncias maiores. “Mas o mercado vai se adaptando e essa questão acaba amenizada com o tempo. Acompanha o crescimento das cidades”, pondera.

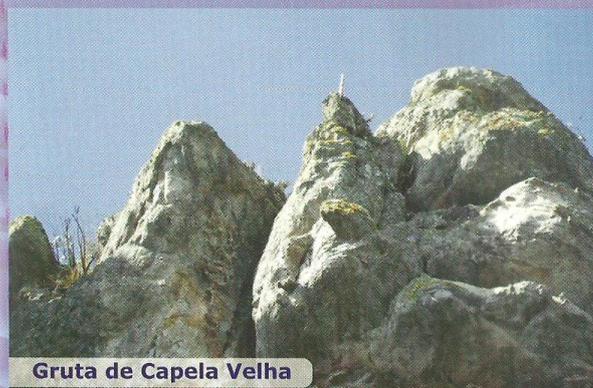
O diretor de incorporação da Odebrecht em Minas, Cláudio Luiz Zafiro, conta que os negócios com o Vale dos Cristais, que fica a quatro minutos do BH Shopping, estão caminhando bem. Tanto que até o fim do ano devem lançar mais uma fase. “Houve uma queda com a crise financeira, mas agora as vendas foram reativadas ”, conta. Para se ter idéia, há apenas 30 lotes dos 577 disponíveis no condomínio Nascentes, para casas. E no Vila Gardner, onde os apartamentos custam, R\$ 1,35 milhão, em média, há apenas quatro das 48 unidades. No AlphaVille Lagoa dos Ingleses, também restam poucas unidades da expansão batizada de Península dos Pássaros. Porém, segundo o presidente da Associação Comercial local, Luiz Alberto de Oliveira Sá, as revendas estão aquecidas.

Fonte: UAI/Estado de Minas

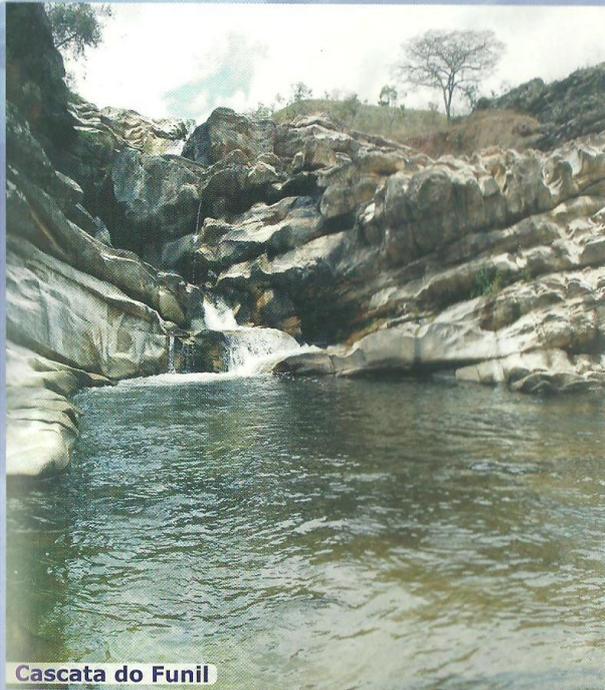
8.8 - Folder de divulgação dos atrativos turísticos de Presidente Kubistchek



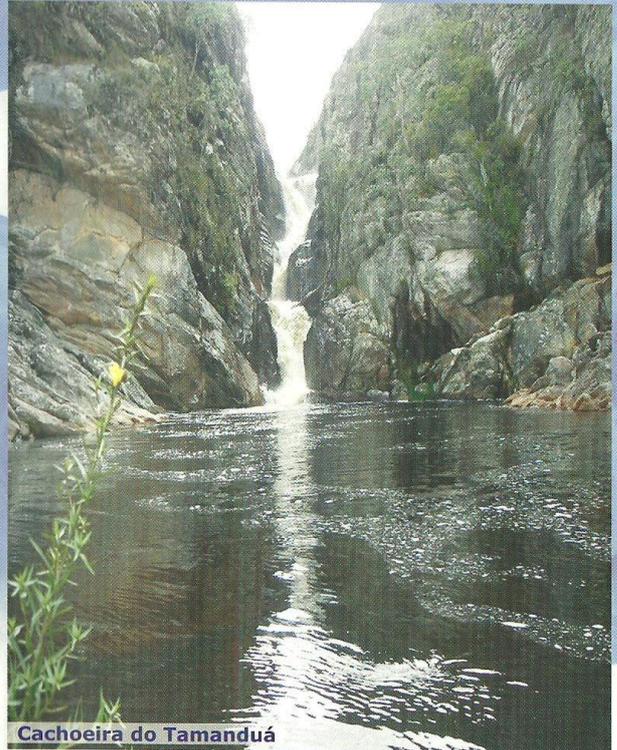
*Localizada a 16,1 Km  
do centro da cidade,  
no povoado de Capela Velha*



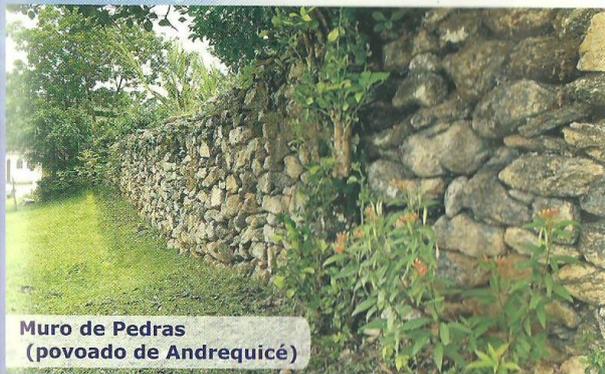
*Localizada a 9,22 Km  
do centro da cidade,  
no povoado de Capela Velha*



**Cascata do Funil**



**Cachoeira do Tamanduá**



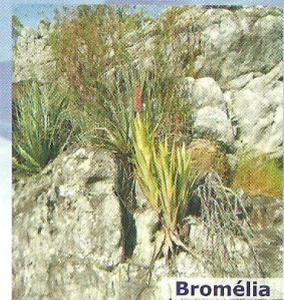
**Muro de Pedras  
(povoado de Andrequicé)**

**Localizado a 18 Km do  
centro da cidade, no  
povoado de Andrequicé**



**Canela do Campo**

**Localizado a 15,36 Km  
do centro da cidade,  
no povoado de Capela Velha**



**Bromélia**



**Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores**  
Edificada no século XVIII



**Capela Nossa Senhora de Fátima**  
Edificada no século XX

Índios, escravos africanos e mineradores foram os fundadores desse lugar. Daí surgiram os primeiros nomes:

- \* Ocapoã e Iviturui: nomes indígenas dados pelos primeiros habitantes daqui;
- \* Pouso Alto: nome dado pelos tropeiros que transportavam mercadorias em tropas e faziam pousos no lugar. Esse nome teve que ser trocado, pois em Minas Gerais já havia uma cidade com esse mesmo nome;
- \* Tijucal: quando aqui recebeu o nome de Tijucal, o lugar passou a ser Distrito de Diamantina. Mas o tempo passou e o distrito começou a evoluir. O povo sentindo vontade de ser independente lutou pela emancipação. Esse nome prevaleceu até 30 de Dezembro de 1.962;
- \* Presidente Kubitschek: em 30 de Dezembro de 1962 foi criado o Município de Presidente Kubitschek, que foi desmembrado do Território de Diamantina. E em 1º de Março de 1.963 instalou-se o Município de Presidente Kubitschek. O nome "Presidente Kubitschek", em homenagem ao ilustre Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, muito contribuiu para a aceitação e aprovação da emancipação.

Presidente Kubitschek está localizada na Serra do Espinhaço, no Centro Norte de Minas Gerais, a uma altitude de 1109 metros, destaca-se uma paisagem peculiar, composta de campos, serras, cascatas e cachoeiras que encantam a todos que delas vêm desfrutar.

A cidade faz parte do Circuito dos Diamantes e está na Rota da Estrada Real.



**Cachoeira da Paca**



**Lajeado da Cachoeira da Paca**

**Localizada a 16,14 Km**  
**do centro da cidade,**  
**no povoado de Pantinha**

